

GANHADOR DO PRÊMIO PULITZER

A crise que abalou a Igreja Católica

SPOTLIGHT

SEGREDOS REVELADOS



A incrível investigação que inspirou o filme

VESTÍGIO



VENCEDOR DE
2 OSCAR®



MELHOR
ROTEIRO
ORIGINAL



MELHOR
FILME

Equipe de jornalismo investigativo do *The Boston Globe*



SPOTLIGHT

SEGREDOS REVELADOS

Pela equipe investigativa do jornal The Boston Globe:

**Matt Carroll
Kevin Cullen
Thomas Farragher
Stephen Kurkjian
Michael Paulson
Sacha Pfeiffer
Michael Rezendes
Walter V. Robinson**

Tradução de Antonio Carlos Vilela

VESTÍGIO

“Hoje a traição paira como uma nuvem pesada sobre a Igreja.”

Cardeal Bernard F. Law
Arcebispo de Boston
Carta da Sexta-feira Santa, 2002

Prefácio

Declaração do diretor Tom McCarthy e do roteirista Josh Singer, do filme *Spotlight: Segredos Revelados*.

Os últimos dez anos foram muito cruéis com o setor dos jornais, principalmente os regionais. Mais de uma dúzia de diários metropolitanos saíram de circulação. A receita dos jornais, em 2014, foi menos da metade do que era dez anos antes, e milhares de jornalistas perderam seus empregos. É claro que houve inovação on-line. Muitos irão ressaltar que temos hoje mais informação disponível do que antes e, por isso, alguns podem argumentar que o tradicional jornalismo investigativo não é mais necessário.

Nós discordamos.

As páginas deste livro contêm as descobertas da Equipe Spotlight do *The Boston Globe* – a dura realidade e as histórias ainda mais duras de padres, advogados e sobreviventes que foram ocultadas por dezenas de anos. Reunidas, essas histórias compõem uma narrativa mais abrangente – de corrupção e dissimulação, de um escândalo no núcleo da Arquidiocese de Boston, uma das instituições mais poderosas da Nova Inglaterra. Foram essas descobertas que levaram a investigações semelhantes em dezenas de cidades nos Estados Unidos e no restante do mundo – e todas serviram para trazer à luz a questão global do abuso sexual cometido por religiosos e o acobertamento institucional que permitiu que o problema persistisse, uma questão com a qual nos debatemos até hoje.

Os relatos das páginas deste livro realmente abalaram o mundo. Nada poderia aumentar a importância disso. Mas contextualizar é uma ferramenta muito útil. A revelação de *como* uma equipe de quatro jornalistas e seus dois editores principais levantou essa história pode

ajudar o mundo a admirar ainda mais o trabalho jornalístico contido nestas páginas – e a entender por que o tradicional jornalismo investigativo ainda é muito necessário.

Foi por isso que nós decidimos contar, em filme, a história da Equipe Spotlight. É claro que você não vai encontrar essa história neste livro. Para chegar a ela nós tivemos que fazer nossa própria pesquisa. Tivemos que investigar a investigação do *Globe*, o que, para nós, deu um novo significado às descobertas originais dos jornalistas. Entender a profundidade e a dificuldade do trabalho deles aumentou ainda mais a força do produto final.

Para desencavar uma história como esta, para realmente expor a amplitude e as profundezas da corrupção detalhada nas páginas deste livro, um jornalista precisa de tempo. Quatro repórteres excelentes e experientes, com dois editores seniores do *Globe* investiram mais de um ano nessa investigação, trabalhando em tempo integral, fazendo horas extras. Um jornalista também precisa de recursos. Além de pagar salários e custos fixos, o *Globe* arcou com os custos legais necessários para demandar documentos lacrados do caso do Padre John Geoghan – documentos que acabariam comprovando, sem qualquer sombra de dúvida, a cumplicidade da Igreja no acobertamento dos abusos. Finalmente, na maioria dos casos, um jornalista precisa do respaldo de uma instituição, uma que tenha a força necessária para cobrar de outras instituições poderosas um comportamento decente, como o *Globe* fez em 2002.

Esperamos que nosso filme, acompanhado do relançamento desta incrível documentação do trabalho da Equipe Spotlight do *Globe*, seja mais um argumento a favor da defesa do tradicional jornalismo investigativo. Da mesma maneira, esperamos que a película também ajude as instituições que permitem que Robinsons e Rezendes, Pfeiffers e Carrolls, Barons e Bradlees do mundo todo continuem fazendo seu trabalho. Como Marty Baron diz, “nós passamos a maior parte do nosso tempo tropeçando no escuro”. Graças a Deus existe Spotlight.

10 de setembro de 2015

Introdução

Em junho de 2001, o Cardeal Bernard F. Law, antigo arcebispo católico romano de Boston, utilizou um procedimento judicial de rotina para fazer uma confissão extraordinária: 17 anos antes, ele tinha dado ao Padre John J. Geoghan um belo emprego de vigário paroquial em um bairro nobre da cidade, apesar de ter sido notificado, menos de dois meses antes, das alegações que Geoghan havia molestado sete garotos.

O jornal *The Boston Globe* já tinha noticiado o caso antes, em fevereiro de 1997, quando, citando entrevistas e registros da Igreja, revelou que o padre havia sido afastado por “licença médica” em 1980, depois que uma mulher contou a funcionários da Igreja que ele estava molestando seus filhos. Mas Geoghan voltou à ativa em 1981, e mais tarde descobriu-se que ele molestou outras crianças em mais duas paróquias antes de ser novamente afastado por licença médica, em 1995.

Para a equipe investigativa do *Globe*, contudo, o procedimento judicial do Cardeal Law em 2001 marcou uma reviravolta: a história de um padre acusado de molestar crianças tinha se transformado na história de um bispo que protegeu aquele padre. Esse documento incitou uma investigação encabeçada pela unidade especial do *Globe*, a Equipe Spotlight, formada por quatro jornalistas dispostos a descobrir se o caso Geoghan era uma anomalia ou fazia parte de um padrão.

Essa investigação teve um resultado perturbador – dezenas de padres de Boston haviam molestado menores, e em muitos casos os bispos tinham conhecimento desse abuso –, revelado em uma série de reportagens publicadas no começo de 2002, o que deu início a um dos mais graves desafios à hegemonia da Igreja Católica na atualidade.

As reportagens do *Globe*, e os eventos que elas desencadearam, resultaram na publicação, em 2002, da primeira edição deste livro, que

denunciava a história dos padres que abusaram de crianças sob seus cuidados, das vítimas cujas vidas foram despedaçadas, dos bispos que não fizeram nada para impedir o abuso e dos leigos que se revoltaram.

Treze anos depois de ser escancarada, a história de abuso sexual por clérigos continua a se desenrolar – e é provável que ainda demore anos para que todos os fatos sejam conhecidos e para que as mudanças que ela provocou estejam em vigor. Este livro, escrito no epicentro do escândalo em Boston, examina as origens da crise e suas causas, o comportamento dos padres abusadores e seu impacto nas vítimas, o papel de figuras-chave, incluindo Geoghan e Law, o declínio do respeito dos fiéis pela Igreja Católica e como ela pode mudar diante disso tudo.

Alguns fatos e entrevistas aqui reproduzidos já foram relatados na extensa reportagem do *Globe*, mas há muito material novo, incluindo casos de abuso sexual até então não revelados, a interação entre promotores e a Arquidiocese de Boston e os esforços cada vez maiores dos católicos leigos em confrontar a hierarquia da Igreja. Entrevistas e pesquisas feitas para o livro também renderam histórias para o jornal.

Esta é a história de um grande número de padres que abusaram tanto da confiança que lhes foi depositada quanto das crianças sob seus cuidados. É a história de bispos e cardeais que ordenaram, promoveram e protegeram esses padres, e apesar das evidências esmagadoras do seu comportamento abusivo, ainda lhes agradeceram pelos serviços prestados. É a história de uma Igreja poderosa e ativa jogada em uma crise provocada pelos malfeitos, pelos erros e pelas decisões equivocadas de seu próprio clero. É a história de vítimas que sofreram em silêncio durante anos até encontrar coragem para confrontar publicamente sua Igreja. É, também, a história de muitos membros fiéis da Igreja que desejam aprender com a crise e lutar por mudanças.

Esta nova edição, publicada originalmente em inglês em 2015, foi atualizada para coincidir com o lançamento de *Spotlight: Segredos Revelados*, o filme que conta a história da investigação feita pelo *The Boston Globe* sobre a crise de abusos sexuais. Dirigido por Tom McCarthy e com roteiro de Josh Singer, *Spotlight* foi ganhador do Oscar 2016 de Melhor Filme e Melhor Roteiro Original.

“Desde meados da década de 1990, mais de 130 pessoas se apresentaram revelando as histórias horrendas de sua infância, alegando que foram estupradas ou molestadas pelo Padre John J. Geoghan durante uma farra de três décadas em meia dúzia de paróquias da Grande Boston.” Assim começa o primeiro artigo da Equipe Spotlight sobre o assunto, publicado em janeiro de 2002. “Quase sempre, as vítimas eram meninos do Ensino Fundamental ou da Educação Infantil. Um deles tinha apenas 4 anos de idade.”

Ao longo do ano, o *Globe* publicou mais de 600 histórias sobre abuso sexual cometido por clérigos. Embora o problema fosse conhecido nacionalmente e noticiado esporadicamente pela imprensa desde meados da década de 1980, a reportagem do *Globe* usou documentos da própria Igreja para demonstrar que autoridades religiosas escondiam havia décadas a abrangência da questão do abuso e, repetidamente, punham o bem-estar dos padres molestadores acima do das crianças.

Os católicos ficaram furiosos e se sentiram traídos. O Cardeal Law pediu desculpas, várias vezes, nos dias e nas semanas seguintes. Ele concordou em revelar o nome de todos os padres – do passado e do presente – acusados de abusar sexualmente de menores, ainda que isso não fosse exigido, àquela altura, pela lei de Massachusetts. Ele anunciou uma política de tolerância zero, jurando expulsar qualquer padre contra o qual fosse levantada uma acusação convincente, e prometeu novos esforços para atender às vítimas.

Mas era tarde demais. Muitos católicos pediram a renúncia de Law e começaram a suspender suas contribuições financeiras à Igreja. A assembleia legislativa estadual aprovou uma lei exigindo que o clero relatasse alegações de abuso sexual às autoridades seculares, isto é, que não estivessem ligadas às instituições religiosas. Os promotores começaram a expedir mandados de prisão para padres.

A história começou com a investigação de um grupo de repórteres. A Equipe Spotlight do *Globe* – o editor Walter V. Robinson e os repórteres Matt Carroll, Sacha Pfeiffer e Michael Rezendes – dedicou-se a desvendar o quanto a Igreja sabia a respeito das três décadas de abusos cometidos pelo Padre Geoghan nas seis paróquias daquela arquidiocese.

Em poucos dias, contudo, os jornalistas descobriram que Geoghan era apenas o exemplo mais conhecido de um problema muito mais profundo. Nos últimos anos, a Arquidiocese de Boston vinha fazendo acordos secretos com pessoas que prestavam queixas de abuso contra vários padres. A maioria das demandas havia sido resolvida confidencialmente, sem registro público. Eram acordos convenientes: a Igreja mantinha a verdade infame debaixo dos panos; as vítimas, envergonhadas e sem saber que havia muitas outras, protegiam sua privacidade; seus advogados recebiam um terço dos acordos financeiros sem ter que levar os casos ao tribunal.

Mesmo nos raros casos em que processos foram abertos, os repórteres descobriram que, geralmente, os registros oficiais estavam “desaparecidos”. Isso ocorria porque os juízes concordavam em lacrar os casos depois que as partes chegavam a um acordo. Os resultados ficavam ocultos do público, assim como qualquer sinal de que os processos haviam sido abertos.

Os repórteres encontraram outro obstáculo no caminho. Nas dezenas de ações cíveis pendentes contra Geoghan, um juiz havia decretado uma ordem de confidencialidade sobre todos os documentos produzidos nos casos, incluindo os depoimentos e a ficha do padre.

Em agosto de 2001, diante da solicitação de Martin Baron, que acabava de se tornar editor do *Globe*, os advogados do jornal protocolaram uma ação para quebrar o sigilo dos documentos do caso Geoghan, argumentando que o interesse público na revelação dos documentos era mais importante que a privacidade dos litigantes.

A juíza Constance M. Sweeney, do Tribunal Superior de Suffolk, decidiu a favor do *Globe* em novembro. A Igreja apelou da decisão, mas, em dezembro, um juiz do Tribunal Estadual de Apelação manteve a decisão de Sweeney. Os documentos seriam liberados em janeiro de 2002.

Em 17 de dezembro de 2001, Wilson D. Rogers Jr., advogado do Cardeal Law, enviou uma carta ao *Globe* ameaçando tomar medidas legais contra o jornal e seus advogados caso alguma matéria baseada nos registros confidenciais fosse publicada. Ele avisou que buscaria sanções judiciais mesmo que os repórteres apenas fizessem perguntas a respeito dos clérigos envolvidos no caso.

Mas àquela altura, a Equipe Spotlight já tinha obtido por outros meios o mais explosivo dos documentos lacrados. E também havia conseguido determinar, através de numerosas entrevistas, que, na década anterior, muitos padres da Arquidiocese de Boston haviam enfrentado acusações de abuso sexual. Acusações convincentes o bastante para que a Igreja fizesse, em segredo, acordos financeiros com as vítimas. Além disso, utilizando os anuários da arquidiocese, os repórteres desenvolveram um banco de dados que revelou que dezenas de padres em atividade foram inexplicavelmente removidos das paróquias onde atuavam na mesma época em que vítimas recebiam indenizações pelos acordos feitos. A abrangência do abuso era muito maior do que se sabia a princípio.

Deixando a matéria sobre acordos secretos de lado por um tempo, a Equipe Spotlight se dedicou ao que foi concebido, a princípio, como um artigo de dez laudas para preparar o terreno para o primeiro julgamento de Geoghan, que aconteceria em janeiro. O *Globe* decidiu publicar o artigo em duas partes, em 6 e 7 de janeiro de 2002. Law, que na época era considerado o prelado católico americano mais influente junto ao Vaticano, recusou-se a conceder uma entrevista para os artigos.

O *Globe* conseguiu os documentos judiciais do caso Geoghan antes mesmo da sua liberação pela juíza Sweeney, e publicou excertos e relatos sobre eles em 24 de janeiro, acrescentando detalhes e contextualizando melhor os primeiros artigos da série.

Em 31 de janeiro, o jornal voltou a trabalhar na matéria mais extensa que tinha começado no verão anterior e a publicou, revelando os acordos secretos da Arquidiocese de Boston que levaram ao arquivamento de casos em que pelo menos setenta padres foram acusados de abuso sexual. A história foi um divisor de águas, pois estabeleceu que o caso Geoghan não era algo isolado: o abuso sexual era uma prática generalizada que vinha acontecendo, sem tentativa de repressão, havia décadas.

Incitadas pelos meios de comunicação locais, outras dioceses em todo o país começaram a vasculhar seus arquivos em busca de denúncias passadas e a discutir com as autoridades sobre o que fazer com os padres acusados. Muitas delas passaram a formular novas políticas para lidar com acusações de abuso sexual, e a Conferência dos Bispos Católicos dos EUA se preparou para adotar, pela primeira vez, uma política nacional.

Enquanto a crise na Igreja crescia, o *Globe* dobrou para oito o número de repórteres designados em tempo integral à cobertura desses casos, acrescentando à equipe os redatores Stephen Kurkjian, Thomas Farragher e Kevin Cullen, além do repórter de religião Michael Paulson. Ao longo do tempo, outros jornalistas contribuíram conforme necessário.

Quando saíram no *Globe* as primeiras reportagens sobre como a Igreja Católica havia lidado com os padres que abusaram sexualmente de crianças, as histórias pareciam horríveis demais para serem verdade. A extensão dessa traição – da inocência das crianças, da confiança dos pais, dos votos dos sacerdotes, das responsabilidades dos bispos, da doutrina básica da Igreja – foi avassaladora. O mais chocante para os católicos, e o mais danoso para a Igreja, foi a evidência incontestável de que o Cardeal Law e outros líderes da arquidiocese estavam envolvidos em uma ação maciça de acobertamento. Em vez de proteger seus membros mais vulneráveis, a Igreja os colocou em perigo.

Jornais de todos os Estados Unidos e do mundo logo começaram a exigir respostas de suas dioceses locais. As vítimas, sentindo-se amparadas, começaram a se pronunciar. Advogados que antes jogavam pelas regras da Igreja vieram a público, declarando que os acordos secretos que fizeram não serviam mais aos interesses de seus clientes nem da comunidade, porque a abrangência do abuso tinha permanecido escondida.

Em seguida, autoridades policiais, que antes receavam ir atrás da Igreja a que muitos deles pertenciam, exigiram acesso aos registros para decidirem se processariam os sacerdotes cujas punições anteriores tinham sido leves, como transferências para novas paróquias, isolamento em capelania de hospitais ou, no caso dos piores criminosos, realocação em serviços burocráticos. Vencidos, os líderes religiosos foram confrontados com evidências esmagadoras de que a Arquidiocese de Boston preferiu proteger a reputação da Igreja em detrimento de suas vítimas.

Por todo o país, e por todo o mundo católico, padres implicados em abusos foram retirados de seus postos – só nos Estados Unidos foram 176 nos primeiros quatro meses de 2002. Bispos renunciaram nos Estados Unidos, na Polônia e na Irlanda. Até mesmo em Roma, onde anteriormente os líderes do Vaticano tinham conseguido se esquivar do escândalo, o Papa

João Paulo II usou sua Carta Anual aos Sacerdotes por ocasião da Quinta-feira Santa para tocar no assunto, embora tenha apenas reconfortado os bons clérigos.

A referência fugaz que o Papa fez ao escândalo – usando uma frase vaga em latim, “*mysterium iniquitatis*”, para descrever um crime que ele chamou de pecado – não mencionou nenhuma vítima e ofereceu pouco ou nenhum consolo àqueles que tiveram a vida devastada pelos padres predadores. Para muitos, a declaração do Papa foi mais uma evidência de uma hierarquia desinteressada, arrogante e intocável, cuja incapacidade de enxergar além das próprias necessidades só jogou sal na ferida aberta.

No dia seguinte, em sua Carta da Sexta-feira Santa, o Cardeal Law abordou o tema da traição. “Hoje a traição paira como uma nuvem pesada sobre a Igreja”, ele escreveu. “Embora não tenhamos a presunção de julgar o relacionamento das pessoas com Deus, não resta dúvida de que a traição de sua confiança está no cerne do mal nesse abuso sexual de crianças por clérigos. Sacerdotes deveriam ser confiáveis sem qualquer sombra de dúvida. Quando alguém trai essa confiança, todos nós sofremos as consequências.”

Pesquisas de opinião pública detectaram um aprofundamento da decepção dos paroquianos com a forma como Law enfrentou o problema. Em meados de abril de 2002, uma pesquisa do *Globe/WBZ-TV* descobriu que 65% dos católicos da Arquidiocese de Boston queriam a renúncia do cardeal.

Muitos católicos já tinham suspenso suas doações à arquidiocese, e agora os fiéis davam as costas também ao Apelo Anual do Cardeal, que financia muitos programas da Igreja. Assim, uma ambiciosa campanha de captação de recursos, que pretendia angariar 15 milhões de dólares, praticamente não saiu do lugar. A discussão quanto à sensatez de um sacerdócio restrito a homens celibatários ganhou fôlego, e surgiram conjecturas sobre a possível ligação entre a alta incidência de abuso sexual de garotos adolescentes e o alto percentual de sacerdotes homossexuais.

Passados três meses de um escândalo que só crescia, o Vaticano pareceu acordar: o Papa convocou com urgência todos os cardeais americanos para uma reunião extraordinária. Nessa ocasião, João Paulo II mudou de discurso e de tom. Ele disse que o abuso sexual de menores por padres era não só um “pecado abominável”, mas também um crime. O

Papa também respondeu às acusações de que a Santa Sé parecia indiferente ao sofrimento das vítimas. “Às vítimas e às suas famílias, sejam quem for, expresso minha mais profunda solidariedade e preocupação”, declarou o frágil pontífice de 81 anos.

Embora a reunião de cardeais em torno da crise tenha sido admirável e sem precedentes, não ficou claro o quão concretas e abrangentes seriam as reformas prometidas. Ainda existiam muitos dentro do Vaticano que encaravam o abuso sexual cometido por clérigos como um fenômeno isolado, caracteristicamente norte-americano.

Essa incapacidade da Igreja de levar o assunto a sério já vinha emergindo, aqui e ali, desde 1985, quando o primeiro grande caso eclodiu em Louisiana. Mas a Igreja deu um jeito de contornar a situação: ela tratou os escândalos como anomalias, fruto do exagero de indivíduos anticatólicos nos meios de comunicação, apoiados por dissidentes da Igreja que desejavam difamar a instituição.

A habilidade da Igreja em atenuar o problema, contudo, começou a desmoronar diante dos documentos internos dos casos de Boston, que comprovavam como o Cardeal Law e seus principais assessores tinham sido alertados, repetidas vezes, a respeito de padres perigosos e, ainda assim, mantiveram os abusadores em circulação, em cargos nos quais podiam continuar atacando crianças.

O caso Geoghan se tornou um potente símbolo da compaixão e da delicadeza que a Igreja dispensou a seus padres pervertidos, em detrimento do bem-estar das vítimas. O Padre Geoghan era um pedófilo incorrigível. Quase 200 pessoas que declararam terem sido estupradas ou abusadas por ele já tinham registrado denúncias contra ele e seus superiores em 2002. O sacerdote explicou calmamente a terapeutas como escolhia suas vítimas, crianças carentes, filhos de mães solteiras e pobres – mulheres que, passando por dificuldades, ficavam contentes com a ideia de ter um homem na vida de seus filhos, principalmente sendo um padre. Às vezes surgiam reclamações, mas os superiores de Geoghan apenas o realocavam para uma nova paróquia, com um rebanho fresquinho de novas vítimas.

E não foi assim só com Geoghan. Law, seus bispos e os antecessores destes também tinham movido sacerdotes abusivos entre paróquias como

peões em um tabuleiro de xadrez. Alguns foram até autorizados a mudar de estado, sendo empurrados para outras dioceses. Nem os paroquianos nem os novos superiores dos abusadores tinham conhecimento sobre os predadores jogados no seio de suas comunidades. Em um caso, no processo de transferência de um padre estuprador de crianças chamado Paul Shanley para uma nova paróquia na Califórnia, o principal assessor do Cardeal Law escreveu uma carta de recomendação para os membros da Igreja em San Bernardino. Nela, ele atestava a integridade de alguém que a Arquidiocese de Boston sabia ter sido acusado de praticar abuso sexual. Mesmo depois de a arquidiocese ter feito acordos financeiros com algumas vítimas de Shanley em troca de seu silêncio, o Cardeal Law escreveu ao sacerdote uma elogiosa carta de aposentadoria, dizendo não fazer objeção à sua indicação para o cargo de diretor de uma casa de apoio da Igreja em Nova York, que tinha jovens entre os frequentadores.

O problema em Boston foi uma pequena amostra de uma ferida purulenta no corpo de toda a Igreja. Se para alguns de seus defensores aquilo não passava de fogo de palha, para outros era o maior incêndio que a Igreja enfrentava em gerações. Ele se alastrou pelo continente norte-americano, alcançou a Europa e escandalizou a Austrália e partes da América Latina.

Desde o caso em Louisiana, a maioria dos implicados eram padres comuns. Mas dessa vez o escândalo rapidamente se espalhou, envolvendo não apenas os padres, mas também os bispos e cardeais que os protegiam. Um bispo na França foi processado por não denunciar padres pedófilos à polícia, e no País de Gales um bispo foi forçado a renunciar por ter protegido padres abusadores. Na primavera de 2002, um arcebispo polonês próximo ao Papa também foi forçado a renunciar após ser acusado de assediar sexualmente seminaristas. Três dias depois, o Bispo Brendan Comiskey, da Irlanda, renunciou após admitir que não tinha feito o suficiente para controlar um padre cujo desenfreado abuso sexual de menores levou ao suicídio de várias vítimas e, enfim, do próprio abusador.

Mas Boston é que foi o epicentro do escândalo – porque a história estourou lá, por causa do grande número de padres envolvidos e pelo caráter católico da cidade. Mais de 2 milhões das 3,8 milhões de pessoas que moravam na região metropolitana de Boston eram católicas. Era a única arquidiocese nos Estados Unidos em que os católicos eram mais da

metade da população. Em nenhuma outra grande cidade americana os católicos eram tão bem representados nas delegacias de polícia, nos tribunais, nas diretorias das empresas. Em nenhum outro lugar sentiu-se com tanta intensidade o impacto do escândalo. E em nenhum outro lugar foi tão dramática a erosão da deferência tradicionalmente devotada à Igreja.

Em 1992, quando irrompeu o escândalo sobre James R. Porter – um padre pedófilo que abusou de mais de 100 crianças no sudeste de Massachusetts, fora da Arquidiocese de Boston –, a maioria dos católicos aceitou a palavra de Law de que as transgressões de Porter não eram culpa de uma Igreja amorosa, mas “um ato anormal” de um homem depravado. Ele também disse que as proporções do caso Porter foram propositalmente exageradas devido às propensões antecatólicas da mídia secular. “Nós certamente”, afirmou o cardeal na época, “invocamos o poder de Deus sobre a mídia, especialmente o *Globe*”.

O jornal, fundado por membros da elite protestante que em certa época dominava Boston, tinha sido acusado anteriormente de assumir uma posição antecatólica. Mas os documentos sobre Geoghan tornados públicos pela juíza Sweeney – que mostravam o esforço do cardeal e seus bispos para esconder do público os habituais abusos – produziram uma radical mudança de atitude entre a maioria dos católicos. Em vez de culpar o mensageiro, eles concentraram sua raiva nos líderes da Igreja. Eles queriam respostas de seu cardeal, e quando ele partiu para a reunião de abril de 2002 em Roma, com o Papa e outros cardeais americanos, nem o próprio Law culpava mais a imprensa. “A crise do abuso sexual de menores pelo clero não é apenas uma questão midiática ou de opinião pública nos Estados Unidos, mas um problema muito sério que está debilitando a missão da Igreja Católica”, declarou o Cardeal Law.

No passado, alguns políticos, policiais, promotores e juízes permitiram a ocultação do mau comportamento sacerdotal, em grande e pequena escala. Mas a revelação da abrangência das ações da arquidiocese em prol dos padres abusadores serviu para encorajar agentes da lei e políticos a deixarem de lado uma cultura de condescendência de mais de um século. O procurador-geral de Massachusetts e cinco dos principais promotores do estado, todos católicos, exigiram, e acabaram conseguindo, os registros da Igreja que mostravam que mais de 90 padres da Arquidiocese de Boston

tinham sido acusados de abuso sexual por centenas de vítimas ao longo de 40 anos. Esse número não incluía padres falecidos. Quase todos os casos já estavam prescritos, o que significava que a maioria não podia mais ser processada, mas tudo que a arquidiocese conseguiu driblar nos tribunais de justiça voltou para assombrá-la no tribunal da opinião pública.

O escândalo logo se revelou muito mais que uma história local. Ele se tornou uma história internacional sobre como os direitos de indivíduos desamparados são negligenciados diante dos interesses de uma instituição poderosa, sobre como mortais conseguem prejudicar uma fé imortal.

Os custos, até aqui, foram altos. Doações à Igreja diminuíram. Muitas pessoas abandonaram sua fé, e ainda mais pessoas abandonaram a instituição. No entanto, o mais difícil é medir quantas vidas foram destruídas. Houve o garoto de 11 anos a quem um padre perguntou, durante a confissão, se ele se masturbava, e então lhe pediu uma demonstração; o garoto de 13 anos que foi seduzido pelo padre e, em uma época de bem menos tolerância com a homossexualidade, ficou em dúvida se era gay; e o garoto que recebeu dinheiro para pagar o metrô das mãos do padre que tinha acabado de estuprá-lo, deixando-o com um sangramento anal.

Se existem heróis nessa história pavorosa, são as vítimas, que encontraram sua voz e sua coragem, depois de anos sofrendo sós e em silêncio, para sair das sombras e dizer, como disse uma delas, “Isso aconteceu comigo, e isso é errado”.

Padre Geoghan

Ele era um homem baixo, magro, com um sorriso que desarmava qualquer um e que, a distância, conferia-lhe o aspecto gentil de um tio bondoso, ou de um comerciante simpático do bairro. Era difícil detectar as trevas por detrás dos brilhantes olhos de John Geoghan. À primeira vista, quase ninguém conseguia.

Frank Leary, o quinto de seis filhos criados por uma mãe solteira que vivia de assistência social, com certeza não conseguiu enxergar essa maldade. Leary tinha 13 anos e ainda não havia aprendido os truques de seus irmãos mais velhos para fugir da missa nas manhãs de domingo quando encontrou o Padre Geoghan pela primeira vez, no fim da primavera de 1974. O rosto sorridente do padre já fazia parte da decoração do altar da Igreja de St. Andrew, no bairro de Jamaica Plain, em Boston. Depois da missa, o padre costumava abraçar as mães, apertar a mão dos pais e dar batidinhas amigáveis nas costas das crianças.

“Ele sempre teve um sorriso enorme – do tamanho do rosto”, lembra-se Leary. “Minha mãe gostava dele. Ele era muito popular. Parecia um gnomo travesso.” Leary cumprimentou o padre, recebeu um tapinha amistoso entre as escápulas e não prestou mais atenção em Geoghan até o verão.

O zelador da casa paroquial era amigo de Leary, e o menino o ajudava algumas vezes por semana, passando o ancinho na grama recém-cortada ou recolhendo as aparas da cerca viva em um carrinho de mão. Era um trabalho cansativo sob o sol de agosto e, certa tarde, Geoghan desceu os degraus da casa paroquial com um grande copo de limonada refrescante. Leary agradeceu ao padre, mas recusou. Não gostava de limonada. O padre, contudo, insistiu e melhorou a oferta. Ele disse que era dono de uma maravilhosa coleção de selos que o garoto certamente iria gostar. Logo, o

padre e o menino estavam no quarto de Geoghan, no andar de cima da casa paroquial.

Leary sentou em uma grande poltrona de couro no meio do aposento, e o padre lhe entregou um livro enorme que continha a coleção de selos. O padre foi para os fundos do quarto e ficou falando de modo constante e tranquilizador. A coleção não chamou a atenção do garoto, mas Geoghan insistiu no assunto. “Ele disse, ‘Espere, eu vou lhe mostrar algumas coisas.’ Então ele me levantou, sentou, e eu sentei no colo dele”, contou Leary. O padre colocou a mão no joelho do menino e começou a virar as páginas, que já não passavam de um borrão para o garoto. Geoghan lhe disse que foi a mãe de Leary que tinha sugerido aquela visita. Ainda assim, falou que deviam manter segredo. Enquanto isso, a mão do padre foi subindo pela perna de Leary até entrar por baixo dos shorts e da cueca dele.

“Ele estava me tocando, acariciando. Eu congelei. Não entendia que diabos estava acontecendo ali. Ele não parava de falar. E disse, ‘Feche o livro. E seus olhos. Vamos rezar a Ave Maria.’ Foi o que eu fiz.” Mas antes de terminar a oração, o garoto saiu correndo do quarto, disparou escada abaixo e, quando se deu conta, estava tremendo atrás da igreja.

Cerca de uma semana depois, aquilo aconteceu de novo. Leary estava varrendo a calçada perto da igreja quando Geoghan se aproximou, pôs o braço ao redor do adolescente e lhe disse o quanto ele era especial. O padre então conduziu o garoto de volta à casa paroquial, onde, Leary depois diria, ele viu uma freira olhando torto para eles ao pé da escada.

Geoghan passou pela freira e levou Leary para a mesma poltrona em que tinha ocorrido o primeiro ataque. As cortinas do quarto estavam fechadas por causa da claridade da tarde de verão. Primeiro, o padre ficou atrás dele e colocou as mãos em seus ombros. Ele pediu que o garoto comesse a recitar as orações mais conhecidas da fé católica: o Pai Nosso e a Ave Maria. “Eu estou rezando, de olhos fechados. E ele vai até a cadeira e puxa minhas calças para baixo. E eu não conseguia me mover. Fiquei petrificado. A essa altura ele estava com o ombro encostado no meu peito. Ele rezava também. E eu fiquei recitando as orações, acompanhando-o. Eu tremia. E me sentia muito, muito estranho. Eu não podia fazer nada.”

Geoghan se abaixou sobre o corpo do garoto e começou a fazer sexo oral nele. “Eu tentei segurar as lágrimas e continuei fazendo minhas orações e mantive meus olhos fechados. Eu não o vi fazer aquilo. Eu lembro de ser empurrado para trás na poltrona.”

O ataque não durou muito. Talvez apenas um minuto, Leary estimou, antes que fosse interrompido por uma comoção repentina. “Geoghan levantou de repente. A porta foi escancarada e um padre de cabelo branco comprido começou a gritar com ele. ‘Jack, nós lhe dissemos para não fazer isso aqui! Que diabos você está fazendo?! Está louco?’ Ele não parava de gritar e eu só lembro de voar para longe daquela cadeira.”

Leary fugiu para um lugar protegido pelas sombras das árvores atrás da escola, onde tentou recuperar a compostura. Ele ficou sentando um tempo no cemitério do bairro, e quando finalmente chegou em casa, foi direto para seu quarto. Muitos anos se passaram antes que ele contasse do abuso para alguém.

Geoghan já era padre católico há doze anos na época em que Leary foi atacado sexualmente por ele. Enquanto mudava de paróquia em paróquia em Boston e redondeza – da periferia da cidade aos bairros nobres –, ele era conhecido como “Padre Jack” pelas pessoas que frequentavam suas igrejas. Ele batizou seus filhos. Ele celebrou seus casamentos. Ele rezou por seus mortos, salpicando água benta nos caixões. Nas tardes de sábado, ele se sentava no escuro do confessionário e ouvia os pecados dos fiéis, administrando-lhes a penitência. Nas manhãs de domingo, ele lhes transmitia a palavra de Deus.

Para as mães católicas fiéis, especialmente as que lutavam para criar sozinhas uma família grande, Geoghan parecia uma dádiva de Deus. Ele surgia à porta oferecendo-se para ajudar. Levava os filhos delas para tomar sorvete. Lia para os garotos na hora de deitar. Geoghan rezava com eles ao lado de suas camas e os colocava para dormir.

Mas, na escuridão, o padre acariciava seus filhos por cima do pijama, colocando um dedo sobre os lábios, fazendo-os prometer segredo.

“Ele parecia um coroinha”, disse Maryetta Dussourd, que ávida e orgulhosamente concedeu a Geoghan acesso a seu pequeno apartamento, onde morava com a filha, os três filhos e mais quatro primos deles em Jamaica Plain. Geoghan era um predador calculista cujo charme enganoso abriu muitas portas.

John J. Geoghan é, talvez, o exemplo mais gritante de predador sexual membro do clero, não só pelo número estarrecedor de vítimas que fez – quase 200 já se apresentaram – mas também pelo modo delicado e decepcionante com que a Igreja lidou com seus pecados. Por mais de duas décadas, mesmo depois que dois cardeais sucessivos e dezenas de funcionários da Igreja na Diocese de Boston souberam que Geoghan não conseguia controlar sua compulsão por atacar crianças, o padre foi extraordinariamente amparado pela cultura de segredo da Igreja.

“A sua vida foi dedicada ao ministério, infelizmente prejudicada pela doença. Em nome daqueles que você serviu tão bem, e em meu próprio nome, eu gostaria de lhe agradecer”, escreveu o Cardeal Bernard F. Law para Geoghan em 1996, muito tempo depois que os ataques do padre já tinham sido detectados. “Eu compreendo que sua situação é dolorosa. A paixão que compartilhamos pode mesmo parecer inexorável e insuportável. Somos o nosso melhor quando respondemos com honestidade e confiança. Deus o abençoe, Jack.”

Geoghan foi um dentre muitos. E embora a abrangência de seus ataques tenha sido imensa, eles talvez não tenham sido tão pavorosos quanto aqueles cometidos por outros padres que, em alguns casos, estupraram com violência suas jovens vítimas e então as enxotaram quando retomaram seu ministério sacerdotal. Se isso era um segredo para os comungantes e as congregações que enchiam os templos nas manhãs de domingo, era de conhecimento comum entre os líderes da Igreja, que ouviam os apelos angustiados de mães e pais das crianças abusadas pelos sacerdotes. Esses líderes prometiam cuidar do problema. Juravam que não deixariam acontecer de novo. Mas deixavam.

Quando Maryetta Dussourd descobriu que Geoghan estava molestado seus meninos – um deles de apenas 4 anos – ela não encontrou conforto nem entre os amigos nem na igreja. As demais paroquianas a evitavam e a acusavam de querer provocar um escândalo. Funcionários da Igreja imploraram que ela mantivesse silêncio. Era pelo bem das crianças, diziam. Não entre na justiça, eles a alertaram. E disseram que ninguém acreditaria nela.

“Tudo que ensinei a meus filhos sobre Deus, segurança e confiança... foi destruído”, queixou-se Maryetta, cujas reivindicações contra a Igreja foram abafadas em 1997 com um acordo confidencial – como dezenas de

outros em que as vítimas receberam dinheiro e a Igreja ficou com seu silêncio.

Até janeiro de 2002, quando esse escândalo eclodiu, padres eram homens cujo hábito lhes conferia a confiança de pais e mães, que consideravam uma honra recebê-los em suas casas. Com certeza foi assim que aconteceu com Geoghan. Nos dias quentes de verão, quando ele aparecia sem avisar e se oferecia para levar os garotinhos para tomar sorvete, as mães ficavam cheias de orgulho e desejavam tudo de bom para o padre durante seu passeio com as crianças. Quando ele aparecia à porta à noite, oferecendo-se para ler histórias de ninar, os pais tinham certeza de que Deus estava sorrindo para seus filhos.

A carreira sacerdotal de John J. Geoghan quase acabou quando estava apenas começando.

Quando o Monsenhor John J. Murray, reitor do Seminário Cardeal O'Connell, em Jamaica Plain, analisou o desempenho de Geoghan no verão de 1954, ele não gostou do que viu. O corpo docente tinha reservas quanto a Geoghan. Eles consideravam o seminarista de 19 anos definitivamente imaturo, característica não tão evidente em um ambiente descontraído. Mas, além disso, achavam que Geoghan era “afeminado em seu modo de falar e no comportamento”.

“Academicamente, ele é um problema”, Murray concluiu em uma carta que enviou a um colega. “Está certo que ele recebeu notas suficientes para ser aprovado na maioria das disciplinas, mas ainda tenho sérias dúvidas quanto à sua capacidade de realizar um trabalho satisfatório em estudos futuros.” Enquanto refletia se devia recomendar Geoghan para os superiores do Seminário St. John, no bairro vizinho de Brighton, o próximo passo em um caminho acadêmico que levaria Geoghan à ordenação, Murray optou por ver o lado bom: “A seu favor, contam as seguintes boas qualidades: uma vida espiritual ardente, dedicação, determinação em ter sucesso, disposição alegre, obediência, docilidade, interesse e consideração pelos outros e respeito por seus pares. Talvez a idade traga para este jovem as qualidades de que ele precisa para ser bem-sucedido em sua busca pelo sacerdócio”.

Talvez. Mas o perturbado Geoghan, em um padrão que se repetiria por mais de trinta anos, precisaria de ajuda vinda de cima. Dessa vez ele a

encontrou em um monsenhor que podia chamar de seu: um tio.

O pai de Geoghan, de quem ele se lembrava como um homem gentil e generoso, morreu quando o filho tinha apenas 5 anos. Embora Geoghan se lembrasse do funeral como espiritualmente inspirador, a morte do pai atingiu com força o garoto: ele molhou a cama por dois anos enquanto sofria com a perda. Geoghan considerava a mãe uma mulher santa, que oferecia à irmã mais velha e a ele uma casa tranquila e religiosa. A infância foi feliz, segundo o próprio Geoghan. E foi no irmão da mãe, Monsenhor Mark H. Keohane, que ele encontrou uma figura paterna, um modelo e um protetor. “O perfeito pai substituto”, foi o que Geoghan disse a respeito do tio, que vestia o sobrinho com o hábito de sacerdote nas procissões religiosas do bairro onde a família tinha uma casa de verão, em Scituate, uma belíssima comunidade litorânea a cerca de 40 quilômetros ao sul de Boston. Conhecida entre os locais como Riviera Irlandesa, a cidade era um refúgio de verão para os irlandeses-americanos ricos e influentes, como o legendário ex-prefeito de Boston, James Michael Curley.

Keohane era uma figura formidável. Autocrático, antiquado, autoritário e – diziam alguns – malvado. Mas Geoghan enxergou apenas os “sacrifícios e o grande trabalho” dele. E quando Geoghan enfrentou problemas de novo no seminário, Keohane estava lá para interferir a favor do sobrinho.

No verão de 1955, Geoghan não compareceu a um acampamento obrigatório de verão do seminário. Seus superiores sabiam que ele sofria de uma “condição nervosa”, mas não a consideraram severa o bastante para que o isentasse de participar. Além disso, regras são regras. E a decisão de Geoghan de faltar ao acampamento sem notificar seus superiores colocou em perigo sua condição de seminarista. “Se eu não receber uma explicação satisfatória para sua ausência até domingo, vou deduzir que você decidiu se retirar do seminário, e assim irei remover seu nome da nossa lista de alunos”, escreveu o Padre Thomas J. Riley, reitor do Seminário St. John, para Geoghan na carta enviada em julho de 1955 para a casa do seminarista no bairro de West Roxbury, em Boston.

Geoghan não respondeu, mas seu tio, usando papel timbrado da paróquia de St. Bartholomew, no subúrbio de Needham, da qual era o fundador desde 1952, saiu em defesa do filho de sua irmã. “Eu telefonei

para você em Brighton, na semana passada, a respeito de John J. Geoghan, um seminarista que não teve condições de frequentar o acampamento”, Keohane escreveu a Riley. “Ele tem se tratado com um médico desde que saiu de Brighton, por causa de um problema de depressão e nervos. Ele tinha escrito uma carta para você explicando sua incapacidade de frequentar o acampamento, mas o médico o aconselhou a não enviá-la por causa de seu estado de depressão. É por isso que estou escrevendo. O médico espera que dentro de algumas semanas ele irá reagir aos medicamentos, de modo que poderá ele mesmo lhe escrever.”

A resposta de Riley, enviada dois dias depois, vinda do acampamento do seminário, foi ácida. Ele aceitou a explicação de Keohane, mas solicitou um atestado médico confirmando a condição de Geoghan. “Eu não preciso lhe explicar que as circunstâncias da ausência de John no acampamento levantam dúvidas consideráveis quanto à sua capacidade de se ajustar ao regime do seminário”, escreveu Riley. “Também não preciso lembrá-lo de como é necessário que nós lidemos com questões como essa com bases absolutamente objetivas, já que concessões não autorizadas feitas a um dos estudantes podem facilmente estabelecer um precedente que levaria os outros a também buscar favores. Vamos fazer todo o possível, dentro do razoável, para ajudar John a superar seu problema, mas acho que deve ser entendido, como questão de princípios, que John está sujeito ao regulamento do seminário e que o caso dele deve ser abordado do mesmo modo que o de qualquer outro estudante.”

Keohane não gostou do tom de Riley. “Ressinto-me da sua sugestão de que eu busco favores ou tratamento preferencial para John”, ele escreveu em sua resposta. Ele também reclamou que Geoghan, depois de três anos no seminário, “agora está doente, infeliz e parece estar com a alma atormentada”.

Geoghan saiu do seminário por alguns anos para frequentar a Santa Cruz, faculdade jesuítica de artes em Worcester, Massachusetts. Então o conflito em sua alma parece ter se resolvido e ele voltou ao seminário. Em 1962, ele fez seus votos e foi ordenado sacerdote da Igreja Católica.

Não ficou claro se a vida tortuosa de Geoghan como seminarista foi consequência de uma disfunção sexual, uma depressão ou apenas imaturidade. Mais tarde ele contaria aos terapeutas que não sofreu agressões físicas, sexuais ou verbais em casa. Ele se considerava um

heterossexual que teve medo dos desejos sexuais que sentiu pela primeira vez aos 11 anos. Quando tinha fantasias sexuais, pensava em meninas. Quando adolescente, participava de encontros em grupo. Ele considerava a masturbação um pecado a ser evitado. Apesar da atração que tinha por garotas durante a adolescência e a juventude, Geoghan garantiu que entrou virgem para o sacerdócio. “O Padre Geoghan disse que, depois da ordenação, reprimia seu desejo pela companhia de mulheres, por rejeitar o conflito com seu desejo pelo celibato”, escreveu um terapeuta. Tragicamente, para centenas de crianças e suas famílias, Geoghan buscava a satisfação de seus desejos sexuais nos garotos aos quais ele teria acesso incontestado.

Posteriormente, Geoghan reconheceu para seu psiquiatra que foi logo depois de ter sido designado para sua primeira paróquia, a do Santíssimo Sacramento, em Saugus, uma comunidade operária ao norte de Boston, que ele começou a ficar sexualmente excitado na companhia de garotos. Os meninos sentavam no seu colo e ele os acariciava por cima da roupa. Não há dúvidas de que Geoghan abusou de crianças na Santíssimo Sacramento. A Arquidiocese de Boston fez acordos com pessoas que o acusaram disso. Os registros da Igreja, por exemplo, apontam que, em 1995, Geoghan admitiu ter molestado quatro garotos da mesma família enquanto estava alocado ali. O padre dava mais atenção aos três garotos mais velhos – com 9, 10 e 11 anos –, e apenas “em raras ocasiões” buscava o de 7 anos. Ele disse, ainda, que tomava “cuidado para não tocar na única garota da família”.

“Não era intenção daqueles jovens inocentes me excitar”, Geoghan disse, em uma análise de suas avaliações psiquiátricas. “Eles apenas ficavam felizes de ter uma figura paterna quando seus próprios pais eram tão bravos e distantes deles... Eu enganava a mim mesmo para acreditar que essas ações íntimas não eram erradas. Olhando para trás, eu deveria ter buscado aconselhamento sobre como lidar com crianças de famílias disfuncionais.”

Ainda não foi esclarecido se os funcionários da igreja souberam desses primeiros ataques na época em que ocorreram. Um ex-padre, Anthony Benzevich, alegou ter visto Geoghan levando com frequência garotos bem novos para seu quarto na casa paroquial. E Benzevich disse que alertou autoridades da Igreja quanto a isso. Mas quando foi interrogado durante

um depoimento pré-julgamento em 2000 – então representado por um advogado da Igreja –, Benzevich disse que tudo estava muito nebuloso em sua memória. Ele não tinha certeza de que Geoghan tinha levado garotos para seu quarto. E também não se lembrava de ter informado autoridades da Igreja a respeito. Questionado mais tarde pelo *The Boston Globe*, Benzevich disse que Geoghan gostava de praticar luta com os garotos e vesti-los com hábitos de sacerdote. Benzevich repetiu seu depoimento à justiça de que não se lembrava de ter notificado seus superiores.

Se os detalhes dos primeiros ataques de Geoghan não passavam de esboços, eles ganharam contornos mais definidos e estarrecedores conforme o padre foi adquirindo experiência e se estabelecendo na vida paroquial. Geoghan mimava seus coroinhas. Ele se dedicava aos que faziam primeira comunhão. “Nós sabíamos que algo não estava certo”, afirmou um professor da Igreja. “Ele simplesmente focava em certos garotos.” Geoghan dedicava atenção especial aos filhos das famílias mais pobres. “As crianças eram tão afetuosas. Eu fui enredado por aquelas demonstrações de afeto”, Geoghan explicou. “Crianças de famílias de classe média nunca agiram assim comigo, então eu nunca fiquei confuso com as ações delas.”

Um padre, antigo colega de Geoghan, contou que nunca teve a chance de iniciar uma amizade com ele porque o presbítero estava sempre fora da casa paroquial enquanto os outros sacerdotes comiam juntos, liam ou desenvolviam outras formas de socialização.

“Eu o achava diferente, devo dizer. Eu simplesmente não sabia como reagir diante dele. Ele era tão diferente”, acrescentou o Padre Thomas W. Moriarty, que foi sacerdote na Igreja St. Paul em Hingham, sul de Boston, onde Geoghan serviu de 1967 a 1974. “Alguma coisa estava errada... algo não estava certo ali, mas não dava para apontar o que era.”

Enquanto servia com Moriarty em Hingham, Geoghan encontrou tempo para fazer amizade com Joanne Mueller, mãe solteira de quatro garotos que vivia em Melrose, a 35 quilômetros de distância. A mãe de Joanne conhecia Geoghan de seu tempo na Santíssimo Sacramento, e apresentou a filha ao padre.

Logo Geoghan se tornou figura constante na casa de Joanne. Como fazia com suas vítimas, ele levava os garotos para tomar sorvete. Lia

historinhas para eles à noite. Ajudava os garotos a entrar e sair do banho. Se Joanne precisava sair para fazer alguma coisa, Geoghan bancava a babá por uma ou duas horas. “Ele era nosso amigo”, disse Joanne. Quando Geoghan subia as escadas e desaparecia no quarto dos meninos, ela não se preocupava nem um pouco.

Certa noite, em 1973, quando Geoghan ligou para combinar uma visita, a reação do terceiro filho de Joanne, um garoto com entre 7 e 8 anos, foi surpreendente para a mãe. Ele não queria Geoghan em sua casa. O menino foi ficando cada vez mais perturbado conforme Joanne questionava o motivo de ele não querer ver o padre que ela considerava um amigo valioso.

“Até que ele começou a chorar...”, Joanne lembra. “Ele ficava repetindo: ‘Não, não, não. Não quero ele aqui.’ Ele ficava insistindo e eu gritei, perguntando, ‘Por quê? O que foi? Qual é o problema?’ E ele disse: ‘Eu não quero que ele toque no meu pipi.’ Detesto ser tão rude, mas foi o que ele disse.”

Joanne ficou chocada. “Eu perguntei: ‘O quê? Como assim? O que você quer dizer?’. Você sabe, eu não estava entendendo. E a próxima coisa que ele conseguiu falar foi ‘Eu não quero que ele faça aquilo com meu pipi’.”

“E disso eu nunca vou esquecer. Porque eu fiquei chocada e horrorizada, sabe, com o que ele estava dizendo. Porque isso não era uma coisa normal para ele dizer, para um garoto dizer. Então eu me dei conta. Digo, do quanto aquilo era horrível. Eu insisti: ‘O quê?’, e ele literalmente se jogou no chão e começou a soluçar. Ficou histérico.”

Logo toda a casa dos Mueller ficou assim. Seu filho de 5 anos se desmanchou em lágrimas. Joanne chamou os outros dois garotos, que estavam no quarto. Quando a mãe lhes perguntou detalhes da conduta do Padre Geoghan, eles ficaram mudos, a princípio. E então começaram a chorar. O mais velho lhe admitiu: “O padre disse que nós não podíamos falar disso, nem contar para você, nunca, porque era como uma confissão”.

Joanne ficou arrasada – Geoghan, naquele exato momento, estava a caminho de sua casa. Chovia e fazia frio. Ela pegou os casacos dos filhos e foi com eles até a paróquia local, St. Mary, em Melrose, onde ela e os garotos se encontraram com o Padre Paul E. Miceli, que conhecia tanto Geoghan quanto a família Mueller.

Joanne disse que Miceli aconselhou seus filhos a “tentar não pensar naquilo; a esquecer tudo. ‘Ainda que seja algo ruim,’ ele disse, ‘tentem. Não fiquem pensando nisso. Nunca mais vai acontecer.’ Miceli ainda disse: ‘Ele nunca mais vai ser um sacerdote. Não vai acontecer de novo, nunca mais’, ele me garantiu.”

Miceli, que até recentemente era membro do gabinete do Cardeal Law, contradisse Joanne em um depoimento no tribunal. Ele declarou que não se lembrava do nome dela e que nunca recebeu uma visita como a que ela descreveu. Mas assumiu ter recebido o telefonema de uma mulher dizendo que Geoghan passava tempo demais com os filhos dela. Miceli testemunhou que essa mulher não disse nada a respeito de abuso sexual. Apesar disso, Miceli declarou que foi até a nova paróquia de Geoghan, em Jamaica Plain, para relatar pessoalmente as preocupações dessa mãe ao padre.

Depois de Hingham, a próxima parada de Geoghan foi St. Andrew, na subdivisão de Forest Hills, em Jamaica Plain, onde ele serviu de 1974 a 1980.

Jamaica Plain era o lugar onde Maryetta Dussourd criava seus quatro filhos – três meninos e uma menina – e também os quatro garotos de sua sobrinha. Naquela vizinhança difícil, ela esperava encontrar um padre que as crianças pudessem ter como modelo. Então ela conheceu Geoghan. Ele supervisionava os coroinhas da paróquia e a tropa de escoteiros. E estava ansioso para ajudá-la. Não demorou e ele começou a visitar o apartamento dela quase todas as noites – por cerca de dois anos. Era comum o padre levar os sete garotos para tomar sorvete e colocá-los para dormir à noite.

Maryetta se esforçava para agradar Geoghan. Este, certa vez, mencionou que seu tio, o monsenhor, tinha lhe tirado seu ursinho de pelúcia quando achou que Geoghan estava velho demais para aquilo. Então, Maryetta comprou um ursinho azul para o aniversário de 40 anos dele. Geoghan ficou encantado com o presente.

Na época, o padre molestava com regularidade os sete garotos em seus quartos. Algumas vezes, ele fazia sexo oral nos meninos. Em outras, acariciava os genitais deles ou os forçava a acariciar o seu – às vezes enquanto rezava. Um memorando da arquidiocese, datado de 30 de dezembro de 1994 e rotulado de “pessoal e confidencial”, registrava que Geoghan ficava na casa de Maryetta mesmo durante seus retiros de três

dias porque sentia muita falta das crianças. Ele “tocava os meninos enquanto estavam dormindo e os acordava brincando com seus pênis”.

Maryetta descobriu o que estava acontecendo depois que as crianças, enfim, contaram para a irmã dela, Margaret Gallant. Quando Maryetta pediu a um dos filhos que confirmasse o abuso, ele contou da vez em que Geoghan pediu ao garoto que passasse a noite na casa da mãe idosa do padre. Foi uma noite da qual o filho nunca falou – e nunca quis falar.

“A mãe do Padre Geoghan colocou meu filho em um quarto de frente para o do padre”, Maryetta contou. “E [ele disse] que três vezes durante a noite o Padre Geoghan entrou em seu quarto, o que o estava deixando muito constrangido, e então ele pediu para ir embora... Ele disse que aí o Padre Geoghan o levou para seu quarto, que ficava do outro lado do corredor... Ele o colocou sentado em sua cama e começou a tocá-lo... Ele estava tocando nos genitais do meu filho. Ele pediu para o padre parar e começou a chorar. Ele estava chorando muito alto... E continuou pedindo para que o padre o levasse para casa, mas o padre não levou, e depois que aquilo acabou, o padre o conduziu de volta para o quarto dele.”

“Meu filho ainda me contou que, na manhã seguinte, quando desceram para o café da manhã, a mãe do padre perguntou tanto a Geoghan quanto ao meu filho por que ele tinha chorado. Ela disse que pensou ter ouvido meu filho chorar várias vezes ao longo da noite.” Quando Maryetta perguntou ao filho por que ele nunca tinha lhe contado do abuso, “ele respondeu que foi porque o Padre Geoghan lhe disse que eu nunca acreditaria nele, que eu amava demais a Igreja, e não acreditaria no meu próprio filho”.

Horrorizada, Maryetta reclamou com o Padre John E. Thomas, sacerdote da S. Tomás de Aquino, uma paróquia próxima. Thomas confrontou Geoghan com as acusações e ficou estarecido quando ele simplesmente admitiu que eram verdadeiras. “Ele disse: ‘Sim, é tudo verdade’.” contou uma autoridade da Igreja que pediu para não ser identificada. “Geoghan respondeu como se tivessem lhe perguntado se ele preferia sorvete de chocolate ou creme.”

Thomas procurou imediatamente a chancelaria, o quartel-general da Arquidiocese em Brighton, para notificar o Bispo Thomas V. Daily, administrador da arquidiocese. Na presença de Thomas, naquela tarde de sábado, 9 de fevereiro de 1980, Daily telefonou para Geoghan na Igreja St.

Andrew e, após uma breve conversa, deu uma ordem curta pelo telefone: “Vá para casa”, disse o superior.

Geoghan protestou, dizendo que não havia mais ninguém para celebrar a missa das 16 horas.

“Eu mesmo vou rezar a missa”, insistiu Daily. “Vá para casa.”

Geoghan desapareceu da paróquia.

Várias semanas depois, um Thomas pesaroso apareceu no apartamento de Maryetta. Ele disse a ela que Geoghan admitiu ter abusado dos garotos, mas teve seu comportamento desculpado ao confessar para o superior que “foram só duas famílias”. Em seguida, Thomas implorou para que Maryetta não cumprisse a ameaça de tornar aquilo público, segundo ela. Ele mencionou os anos que Geoghan passou estudando para o sacerdócio e as consequências que sofreria caso as acusações contra ele se tornassem públicas.

“Você tem ideia do que estaria tirando dele?”, Maryetta conta que Thomas lhe perguntou.

Geoghan passou o ano seguinte – do início de 1980 ao início de 1981 – em licença médica, morando com a mãe em West Roxbury. Em fevereiro de 1981, ele foi mandado para sua quinta paróquia, St. Brendan, em Dorchester, Boston. E, quase imediatamente, Geoghan estava trabalhando com os garotos que iam fazer primeira comunhão, fazendo amizade com as crianças e seus pais, e até mesmo levando alguns meninos para a casa de verão de sua família em Scituate.

Lá, na residência da família Geoghan, junto ao Oceano Atlântico, os pais depois descobririam que os ataques sexuais do padre continuaram.

As autoridades da Igreja sabiam da pedofilia de Geoghan. Ele foi transferido de paróquia em paróquia para evitar um escândalo. Cochichava-se nas casas paroquiais sobre o problema dele. Houve memorandos sobre seu tratamento. Mas os detalhes a respeito do padre predador – bem conhecidos por alguns de seus colegas – foram mantidos em segredo para os paroquianos que o acolhiam em suas casas.

Quando o Padre William C. Francis foi questionado, em 2001, a respeito do que sabia de Geoghan, ele explicou: “Bem, quando ele foi removido de St. Brendan, em Dorchester, houve uma conversa de que ele estaria se divertindo com garotos”.

A resposta simples de Francis não traduzia a essência explosiva da fofoca nas casas paroquiais. De fato, a longa história de tratamento, negação e recaída de Geoghan já tinha começado no fim da década de 1960, ou talvez antes. A. W. Richard Sipe, psicoterapeuta e ex-padre, confirmou que Geoghan recebeu tratamento para abuso sexual no Seton Institute, em Baltimore, onde Sipe então trabalhava. Esse tratamento ocorreu na mesma época em que Leonard Muzzi Jr. flagrou Geoghan dentro de sua casa, em Hingham, ao lado da cama de seu filho, com as mãos debaixo das cobertas. Muzzi pôs Geoghan para fora da sua casa e lhe disse para nunca mais voltar. Mas algumas noites depois, o padre estava de volta, sentado no sofá de Muzzi com os três filhos dele.

Esse tipo de conduta descarada refletia-se com frequência nas discussões de Geoghan com aqueles que o avaliaram e o trataram em uma série de centros de internação. O padre admitia que havia cometido abusos sexuais, mas parecia incapaz de entender por que seus ataques teriam algum efeito grave na sua carreira sacerdotal. Ele dava conselhos a um garoto na véspera de sua Primeira Comunhão, e então o levava para tomar banho em sua casa, e ficava acariciando o menino até ejacular. E Geoghan, que também foi acusado de acariciar um garotinho na arquibancada de Fenway Park enquanto assistia a um jogo de beisebol do Boston Red Sox, tinha uma explicação pronta para a avalanche de acusações que se acumularam contra ele ao longo dos anos: era tudo culpa das crianças.

“Enquanto eu estava em St. Andrew, muitos jovens com quem me envolvi eram de lares problemáticos”, ele disse. “Eu me lembro de dois garotos e da situação que eles viviam em casa. Os dois eram crianças com distúrbios severos, sob tratamento em vários hospitais e clínicas, e os dois diziam que tinham sofrido abusos sexuais de qualquer um: médicos, professores, amigos. Qualquer um! Eu não acredito que eles fossem capazes de distinguir entre normal e anormal, bom e mau, certo ou errado.”

E conforme os anos passavam, o mesmo poderia ser dito dos superiores de Geoghan na Igreja. O homem cujo tio havia ajudado a facilitar seu caminho para o sacerdócio esperava ser ajudado pelos superiores. Ele pegava o telefone ou escrevia uma carta, contando com uma intervenção. Raramente ele se decepcionava.

O Padre Francis H. Delaney, clérigo de uma das igrejas em que Geoghan serviu, desviou as alegações contra seu colega em 1979, questionando a credibilidade do acusador. Geoghan, Delaney sustentava, era um “padre excelente e dedicado, que fazia um trabalho de destaque” e “um homem de Deus fervoroso, totalmente devotado a promover a causa de Cristo”. Esse foi o mesmo Francis Delaney que, enquanto morava na mesma casa paroquial que Geoghan, uma vez perguntou à empregada sobre as vozes infantis que ouviu no andar de cima. “E a empregada, quem quer que fosse, disse que o Padre Geoghan tinha levado uns meninos de rua lá para cima e os deixou usar o chuveiro, então eu o indaguei a respeito disso e falei: ‘Você sabe quais são as regras’. E ele negou com veemência, mas eu não tinha provas”, declarou Delaney.

Ao ser indagado uma vez por que não agiu com mais determinação depois que uma paroquiana acusou Geoghan de abusar de seus filhos e sobrinhos, o Bispo Thomas V. Daily respondeu: “Eu não sou um policial. Sou um sacerdote”.

Nesse clima eclesiástico de fatos nebulosos e regras dribladas, Geoghan resistiu com a ajuda de médicos amigáveis, cujos atestados fizeram seus superiores acreditar que ele tinha exorcizado os demônios sexuais que o levavam a realizar suas práticas predatórias. “Eu me sinto como se fosse um sacerdote recém-ordenado!”, exultou Geoghan em fevereiro de 1981, depois que os médicos o liberaram para retornar aos seus deveres sacerdotais. “Graças a Deus pela medicina moderna e pelos bons médicos.”

Por mais estranho que possa parecer, no verão de 1982, com suspeitas pairando sobre Geoghan novamente, e parentes de suas vítimas exigindo seu afastamento, a Igreja decidiu lhe dar um benefício muito requisitado. Ele foi enviado para um programa de atualização acadêmica em Roma. E seus irmãos religiosos ajudaram a pagar a conta.

“Fico feliz de lhe informar que você receberá uma bolsa de 2 mil dólares para ajudá-lo com suas despesas”, informou o Cardeal Humberto S. Medeiros para Geoghan naquele mês de agosto. “Esse dinheiro será enviado para você assim que estiver disponível, como resultado da generosidade de seus colegas sacerdotes. Minha esperança é que esses três meses sirvam de oportunidade para a renovação de mente, corpo e espírito

que o capacitará a retomar seu trabalho paroquial revigorado e fortalecido no Senhor.”

Mas não funcionou. Quando Geoghan retornou de Roma, seus ataques continuaram, por mais que ele tivesse garantido a um bispo que sua atração sexual por crianças tinha perdido força e que ele permanecia casto há cinco anos.

Cada vez mais, Geoghan se mostrava defensivo e desdenhoso – incomodado, na verdade – quando ouvia alguma sugestão de que precisava procurar ajuda. Sua irmã Catherine, apenas 17 meses mais velha, jogava um pouco de luz no mundo cada vez mais circunscrito de Geoghan. Ninguém nunca foi mais próximo de John Geoghan do que Catherine, uma professora de jardim de infância que o viu crescer e se transformar de garotinho a padre, e continuou a defendê-lo mais tarde, mesmo quando os promotores fecharam o cerco e as algemas foram apertadas nos punhos dele. Quando lhe perguntaram certa vez se o irmão se irritava com as acusações de abuso sexual contra ele, ela respondeu: “É claro que ele se irrita, porque as acusações são todas falsas”. O irmão havia lhe dito que tinha se tornado alvo, injustamente, de famílias “disfuncionais”. E ela acreditou nele. Afinal, segundo Catherine, ela tinha visto com os próprios olhos. No verão de 1998, depois que o abuso de Geoghan ganhou as manchetes de toda a região, algumas de suas vítimas apareceram na casa de verão da família em Scituate. “Essas pessoas apareceram, sentaram no meu pátio e ficaram esperando”, Catherine Geoghan disse. “Eu precisei chamar a polícia para tirá-las dali. Elas apareciam e se sentavam... Elas disseram à polícia que não estavam invadindo, estavam apenas esperando o Padre Geoghan. Então, elas foram para o quebra-mar. Armaram cadeiras, pegaram garrafas de água, bebidas, binóculos e câmeras. Esse é o tipo de gente com que estávamos lidando.”

Entre a década de 1980 e 1990, Geoghan recebeu diversos atestados de saúde que a Arquidiocese de Boston usou para justificar sua nomeação para duas paróquias, apesar de seu extenso histórico de abuso. Em meados da década de 1990, contudo, quando Geoghan começou a ser rodeado por policiais e promotores, autoridades diocesanas finalmente reconheceram que ele era um molestador de crianças incurável – um pedófilo

diagnosticado três vezes. “Pedófilo, mentiroso e manipulador”, foi a definição do Padre Brian M. Flatley, da Arquidiocese de Boston.

Em meio a tudo isso, Geoghan, agora um constrangimento que a Igreja tentava desesperadamente esconder, tentou usar a rede sacerdotal que tinha construído ao longo de 30 anos e na qual se amparava. Quando seu clérigo em Weston anunciou a intenção de se aposentar no início do verão de 1990, ele não perdeu tempo e escreveu ao cardeal na chancelaria, candidatando-se ao cargo. Suas qualificações? “Eu estou há seis anos em Weston. Conheço as pessoas, a paróquia e seus problemas. Tenho confiança de que posso construir uma vibrante comunidade da fé.” Ele não mencionou que, a essa altura, já tinha sido transferido três vezes de outras paróquias por molestar crianças.

A arquidiocese o rejeitou. E quando Geoghan tentou a mesma promoção dois anos depois, o posto foi para um antigo colega de Santa Cruz e do seminário. A Igreja ainda tentou suavizar a rejeição para Geoghan: “É importante que você não interprete essa indicação do cardeal como algo negativo para você”, escreveu um auxiliar de Law.

No início de 1993, a Igreja tirou Geoghan de campo, colocando-o na função de diretor-associado do Escritório para Sacerdotes Seniores em um lar de aposentados do clero no centro de Boston, enquanto se preocupava com seu acesso sem supervisão a crianças. Os superiores não estavam satisfeitos com o desempenho dele ali. Eles consideravam a rotina de trabalho de Geoghan relaxada, seu discernimento fraco e sua conduta “infantil”.

Como era esperado, o alarme soou em 30 de dezembro de 1994. Geoghan foi acusado de molestar garotos em Waltham. “Temos uma crise”, Flatley disse a Edward Messner, psiquiatra do Massachusetts General Hospital. As anotações de Messner naquele dia transmitem a gravidade da situação. “Um padre que admitiu abusar de menores no passado e que atacou de novo recentemente... A polícia e a promotoria estão envolvidos... As alegações refletem o que aconteceu antes.” Seis horas depois, Geoghan estava diante de Messner fazendo terapia, dando início a sessões regulares nas quais o padre admitiu se sentir “atraído por afeto e intimidade com garotos” e “destacou que seu mau comportamento ocorreu durante uma época de descobertas sexuais neste país”.

Por mais espantoso que possa parecer, a paciência das autoridades da Igreja ainda não tinha se esgotado. O Cardeal Law escreveu que sentia muito em saber das novas acusações contra Geoghan, e o colocou em licença administrativa, restringindo suas atividades pastorais à celebração da missa em particular. Ele foi despachado discretamente, outra vez, para internação e avaliação psiquiátrica.

Dessa vez, depois de uma estadia de dez dias no Instituto St. Luke, um hospital psiquiátrico católico em Maryland, o diagnóstico foi muito menos otimista do que as avaliações anteriores. “Constatamos em nossa avaliação clínica que o Padre Geoghan tem um problema antigo e contínuo de atração sexual por meninos impúberes”, dizia o atestado. “Seu reconhecimento e sua percepção do problema são limitados.” Os terapeutas do St. Luke recomendaram que Geoghan não tivesse contato sem supervisão com menores do sexo masculino e que voltasse para fazer tratamento residencial. Geoghan, por sua vez, considerou a equipe do hospital agressiva, mas enquanto esteve em St. Luke ele admitiu ter mantido “atividade sexual imprópria com meninos impúberes no início da década de 1960”, uma confissão que contradizia diretamente seu testemunho anterior aos terapeutas, em que defendia não ter se sentido atraído sexualmente por crianças antes de 1976.

No início de 1995, enquanto se preparava para a tempestade de processos civis que se armava contra ele, Geoghan e sua irmã fecharam um negócio. Poucos meses antes dos promotores começarem uma investigação criminal, e um ano antes dos primeiros processos civis serem iniciados contra ele, Geoghan vendeu sua metade nas duas casas que os irmãos tinham para um fundo de investimento imobiliário controlado pela irmã. As duas propriedades – uma casa grande, colonial, de tijolo e estuque, em West Roxbury, e a casa de frente para o mar em Scituate – já tinham pertencido à mãe dos Geoghan e ao tio deles, o monsenhor.

As casas – na família há meio século e que juntas valiam entre 895 mil e 1,3 milhões de dólares – passaram a ser apenas de Catherine Geoghan. E ficaram legalmente fora do alcance das pessoas que afirmavam ter sido atacadas pelo irmão dela. “Minha mãe disse que achava que nada deveria ficar no nome do meu irmão, porque ele é tão generoso e gentil com todo mundo que acabaria ficando sem nenhum centavo”, explicou Catherine Geoghan. “Nós não teríamos um teto sobre a cabeça porque ele estava

sempre ajudando as pessoas. Então ela achou que seria melhor se tudo ficasse apenas no meu nome.” Agora, com os problemas legais de Geoghan avançando, o desejo de sua mãe se tornou realidade. O preço que Catherine pagou pelas casas foi um dólar cada uma.

Cada vez mais isolado e desesperado, Geoghan foi ficando angustiado e ressentido. Ele ganhou peso e tinha dificuldade para dormir, e quando o sono vinha, era agitado. Em vários aspectos, Geoghan já se considerava “morto”, mas ele garantiu a seu terapeuta que embora estivesse amedrontado, ansioso e com medo, não era suicida.

“Eu fui acusado falsamente e me sinto distante do meu ministério e da camaradagem com meus irmãos sacerdotes”, ele escreveu ao então Monsenhor William F. Murphy, depois que este pediu sua renúncia do cargo de diretor-associado do Escritório para Sacerdotes Seniores no fim de 1995. Geoghan recusou o pedido de Murphy, alegando que sua renúncia seria equivalente a uma admissão de culpa, algo que ele não faria. “Onde está a justiça, ou o devido processo legal?”, ele perguntou.

Geoghan, ainda lamentando a morte de sua “santa” mãe em 1994, expressou sua raiva com Deus pela falta de dignidade que ela teve de suportar em seus últimos dias: sua incontinência, seu desamparo. Ele tentou se animar com uma viagem para a Irlanda acompanhando o Monsenhor Keohane, então com 93 anos. Ele voltou para casa com um presente para seu terapeuta. “Ele me deu uma caixa com três garrafinhas de licor irlandês Bailey’s”, lembra Messner. “Ele voltou entusiasmado da viagem para a Irlanda com o tio, apesar da ameaça que pairava sobre ele.”

“Eu gostei muito: família, amigos, boa comida, boa conversa, mas eu me cansava com facilidade”, disse Geoghan. Ele voltou a jogar golfe. Ajudou a irmã a limpar o sótão. Recolheu plantas perto da casa em Scituate para usar no jardim. Quando amigos vieram da Irlanda para visitá-lo, ele bancou o guia turístico e lhes mostrou as plantações brejeiras de cranberry em Plymouth e o complexo de Porto Hyannis em Cape Cod, que continuava sendo lar de parte da família Kennedy. Ele tentava ocupar o dia cuidando do jardim, cozinhando e até limpando seu quarto na Regina Cleri, a residência para sacerdotes idosos. Geoghan até mesmo acompanhou seu tio na celebração da missa ali. Mas, conforme confidenciou a seu psiquiatra, continuava atraído sexualmente por garotos.

O Cardeal Law, enfim, estava farto. Em janeiro de 1996, ele removeu Geoghan de seu posto na Regina Cleri, e semanas mais tarde ordenou que o sacerdote começasse um tratamento residencial, mas escreveu: “Eu sei que este é um momento difícil para você.” Geoghan resistiu. A Igreja queria que ele frequentasse reuniões dos Dependentes de Amor e Sexo Anônimos. Geoghan recusou. Ele insistiu que não se sentia tentado. A Igreja não se convenceu. “Eu não vejo sinal de que o Padre Geoghan tenha dado os passos que as pessoas dependentes parecem encarar como essenciais para a recuperação”, escreveu Flatley, que cuidava do caso de Geoghan para a arquidiocese. “Ele não procurou um grupo. Ele não frequenta as reuniões. Ele não tem recebido aconselhamento de maneira contínua.”

De fato, Geoghan batia o pé. Ele achava que a internação para terapia era desnecessária e punitiva. “Eu me sinto deprimido, cansado e vencido – no corredor da morte”, ele se queixou. “Eu me sinto condenado.” Ele estudou o Direito Canônico para saber quais eram seus direitos, mas descobriu que os bispos detinham todo o poder. Geoghan estava à mercê deles. Ele considerou se retirar para a casa da família, onde poderia morar com a irmã, mas em julho de 1996 uma mulher de Waltham, Massachusetts, abriu um processo contra ele, alegando que Geoghan tinha abusado sexualmente de seus três filhos depois que ela lhe pediu para aconselhá-los e ser a figura paterna de que os garotos precisavam depois que o pai saiu de casa.

Essa foi a primeira vez, depois de décadas de abuso, que o problema de Geoghan com crianças se tornou público. A resposta foi rápida e veio na forma de uma carta de Law, entregue pessoalmente, com um ultimato: Geoghan podia escolher se iria se submeter à análise com internação em Maryland ou no Instituto Southdown, no Canadá, mas ele iria. Geoghan hesitou de novo, mas seu tio idoso o aconselhou que o sacerdócio valia qualquer preço, e Geoghan concordou em pagá-lo indo se tratar no Canadá. No dia seguinte à sua chegada ele disse que estava bem.

No fim daquele ano, o tratamento de Geoghan no Canadá e o que restava de seu sacerdócio terminariam. A arquidiocese o declarou “permanentemente incapaz” e concordou em financiar sua aposentadoria com o fundo médico clerical. Aos 61 anos, Geoghan planejava fazer cursos de faculdade em escrita criativa e ciências da computação. “Sou grato

pelas permissões que você me concedeu. E também agradeço a cordialidade da sua carta”, Geoghan escreveu para Law, em referência à carta do cardeal que lhe concedia a aposentadoria. “Tenho certeza de que foi tão difícil para você escrevê-la quanto para mim foi ler.”

Quando a Igreja iniciou o Tempo do Advento de 1996 – um momento alegre, de preparativos para a celebração do nascimento de Jesus –, o Cardeal Law deve ter acreditado que era a última vez que tinha ouvido falar de John J. Geoghan e das acusações contra ele.

Mas o que ele ouviu não era nem o começo.

Dissimulação

Ninguém sabe exatamente quando o Arcebispo Bernard F. Law tomou conhecimento do problemático John J. Geoghan – a não ser o próprio arcebispo. O que se sabe é que no início de setembro de 1984, menos de seis meses depois que chegou a Boston, Law recebeu uma carta urgente de Margaret Gallan informando que o Padre Geoghan era um molestatador em série de crianças.

“É com profundo pesar que eu comunico a seguinte informação”, ela escreveu em 6 de setembro.

Existe um padre em St. Brendan, Dorchester, que sabemos ter molestado garotos no passado. O Cardeal [Medeiros] enviou esse padre para tratamentos e, depois de retomar seus deveres paroquiais, ele agiu com discrição por algum tempo. Ultimamente, contudo, ele tem sido visto na companhia de muitos garotos, chegando a deixá-los em suas casas bem tarde, por volta de 21h30.

Escrevendo com a preocupação da católica devota que era, Margaret mencionou sua própria sensação de responsabilidade pelos ataques sexuais de Geoghan e o sigilo que envolvia os crimes dele. “Sinto o coração despedaçado com toda essa situação, que é um peso na minha consciência, pois venho tentando abafar a raiva dos membros das famílias envolvidas”, ela disse. Margaret acrescentou, profética, que também nutria “um medo muito real da desgraça que isso traria à Igreja, a todos os bons padres e, por fim, mas mais importante, a todos os meus irmãos e irmãs nesta Igreja de Cristo, que foram deixados no escuro em relação ao perigo que seus filhos correm, embora eu tenha conhecimento da verdade”.

A resposta de Law, apenas duas semanas mais tarde, foi concisa e isenta de qualquer preocupação pelos sete garotos da família extensa de Margaret que alegavam terem sido molestados repetidas vezes por Geoghan. Também foi bastante vaga. “O assunto que lhe causa preocupação está sendo investigado e as devidas decisões pastorais serão tomadas tanto para o padre em questão quanto para o povo de Deus”, Law escreveu.

Mas a essa altura Law já tinha consultado o Bispo Thomas V. Daily – que havia sido o principal auxiliar de Medeiros e agora era o de Law – e removido o Padre Geoghan de St. Brendan. Law definiu a situação de Geoghan como “em transição”, um termo que a arquidiocese usava com frequência para descrever padres problemáticos. Law também ouviu o Padre James H. Lane, clérigo em St. Brendan, que ficou chocado com as acusações de que Geoghan estava molestando crianças da paróquia.

Antes da chegada de Law, líderes da Igreja tinham tomado medidas que praticamente garantiram a continuidade dos crimes de Geoghan. Por exemplo, as autoridades religiosas nunca contaram a Lane sobre os episódios anteriores de má conduta sexual de Geoghan. Assim, quando ele chegou a St. Brendan, em 1981, Lane e outros da paróquia a princípio admiraram a disposição do novo padre em passar muito tempo com as crianças. Mas, ao longo do tempo, alguns paroquianos começaram a ficar desconfiados.

“Nós sabíamos que alguma coisa não estava certa”, lembra uma professora da paróquia que conversava com frequência com Lane. “Ele simplesmente se concentrava em alguns garotos.” Quando Lane soube que Geoghan estava molestando sexualmente esses meninos, ele ficou tão arrasado que teve um colapso nervoso enquanto tentava contar a notícia para um professor que era seu amigo. “O Padre Lane quase foi destruído por isso”, confirmou o professor ao falar sobre o assunto anos depois, após a aposentadoria de Lane.

Mas a decisão tomada por Law só colocou mais crianças em risco. Apesar das reincidências do padre pedófilo, a atitude de Law foi apenas empurrar Geoghan e seus problemas para outra paróquia, transferindo-o da comunidade operária de St. Brendan, em Boston, para St. Julia, em Weston, um subúrbio nobre ao lado do corredor de alta tecnologia na Rota 128. Dessa vez, o pároco da igreja, Monsenhor Francis S. Rossiter, foi

informado da história de Geoghan, mas os paroquianos continuaram no escuro, embora muitos confiassem seus filhos a Geoghan para ser coroinhas, receber educação religiosa e participar do grupo de jovens da igreja.

Quando chegou a Boston, em março de 1984, o Arcebispo Bernard F. Law parecia a escolha perfeita para liderar os fiéis na metrópole mais católica dos Estados Unidos. Formado em Harvard, carismático, Law encantou os líderes da Igreja e empolgou os leigos durante a semana inaugural de esperança e celebração.

Em uma noite de segunda-feira em Weymouth, subúrbio de Boston, Law foi praticamente sitiado por uma multidão que esperou por várias horas a sua chegada para rezar uma rara missa às 19h30 na Igreja da Imaculada Conceição. Por volta de quatro da tarde, quase dois mil paroquianos já se apertavam em todos os assentos disponíveis, enquanto outros três mil lotavam os corredores e transbordavam para fora, expostos à tarde fria só para esperar o novo arcebispo.

E Law não os decepcionou. Aos 52 anos, ele tinha uma farta cabeleira grisalha e possuía o dom de um político para se dirigir a uma multidão, de modo que cada pessoa sentisse que ele se dirigia diretamente a ela. “Havia um certo magnetismo que eu não tinha testemunhado antes, quase da magnitude do Kennedy”, comentou John Logue, administrador do Hospital Carney, de afiliação católica, que fez uma das leituras do evangelho na missa daquela noite.

Ser comparado ao falecido John F. Kennedy, o filho assassinado da família política mais célebre de Boston, e primeiro presidente católico romano da nação, era um elogio secular da mais alta ordem. Mas Law também foi rapidamente comparado ao finado Cardeal Richard Cushing, o popular prelado que liderou a Arquidiocese de Boston por 26 anos, até 1970, e se tornou uma figura conhecida internacionalmente por seu papel no Concílio Vaticano II e sua associação com a família Kennedy.

Havia, porém, muito subtexto nisso. Ao comparar Law a duas das figuras mais amadas da história da cidade, os católicos de Boston também diziam, implicitamente, que Law não era semelhante a seu predecessor imediato, o finado Cardeal Humberto S. Medeiros. Enquanto Law parecia se comunicar com facilidade tanto com os líderes da Igreja quanto com os

paroquianos, Medeiros havia pecado por excesso de humildade, sendo de natureza tímida e retraída em uma cidade que espera charme, bom humor e uma dose saudável de conhecimento político de seus líderes tribais. Nesse sentido, os católicos de Boston também estavam saudando o novo arcebispo como *um dos seus*. E Law não perdeu tempo para reforçar essa ideia. Apoiador dos direitos civis durante um trabalho no início de carreira como editor de um jornal católico em Natchez, Mississippi, Law fez questão que os católicos de Boston soubessem que ele também era profundamente conservador em outros aspectos, e estava pronto para seguir a linha eclesiástica traçada pelo Papa João Paulo II em uma ampla gama de questões.

Em uma missa de sábado à noite, Law conclamou: “Vou convocar vocês, que comigo são a arquidiocese, para viver em plenitude nossa profissão de fé... Nós não podemos tolerar a falsa noção de que podemos dizer ‘sim’ em alguns aspectos da nossa vida e ‘não’ em outros”. Questionado posteriormente sobre sua posição a respeito de uma emenda constitucional proposta para proibir o aborto, Law disse que não poderia existir dúvida de que “toda as minhas forças serão empenhadas na causa da vida humana”.

Foi essa aparente assertividade que inspirou muitos a comparar Law ao Cardeal Cushing. Ainda assim, o Padre Paul White, editor do jornal arquidiocesano de Boston, *The Pilot*, que conheceu os dois homens, fez ressalvas à comparação. “Os dois são enérgicos”, concordou White, “mas eu vejo no Arcebispo Law charme, personalidade, clareza e abertura que não via no Cardeal Cushing”.

Se White ou quaisquer outros acreditavam que “clareza e abertura” seriam as marcas do mandato de Law, estavam terrivelmente enganados. Na verdade, se Law tivesse escutado um de seus próprios bispos, os crimes de Geoghan teriam terminado logo depois da chegada do padre a St. Julia – apenas oito meses depois da chegada de Law e antes de sua elevação a cardeal. Menos de um mês depois de Geoghan começar a trabalhar em St. Julia, o Bispo John M. D’Arcy escreveu a Law questionando a sabedoria da indicação à luz da “história de envolvimento homossexual de Geoghan com garotinhos”. D’Arcy também ecoou o entendimento comum entre os principais bispos da arquidiocese de que a “recente e abrupta partida de

Geoghan da Igreja de St. Brendan, em Dorchester, poderia estar relacionada a esse problema”.

Na mesma carta, D’Arcy pediu a Law que restringisse as atividades de Geoghan à celebração de missas nos fins de semana durante o tratamento de sua pedofilia. Mas D’Arcy foi promovido a bispo da Diocese de Fort Wayne-South Bend, no estado de Indiana, e Geoghan pôde permanecer em St. Julia, onde ficou à vontade para selecionar novas vítimas dentre o rebanho de garotos que o ajudavam a rezar a missa e a dar a Santa Comunhão.

Ainda assim, os meninos de St. Julia não foram suficientes para saciar o apetite de Geoghan. Com um radar calibrado para os fracos e carentes, Geoghan há muito tinha se dado conta de que as crianças de famílias pobres, especialmente as de lares desfeitos, eram mais vulneráveis que as crianças de famílias mais ricas e com pai e mãe. O padre começou a frequentar o Clube de Meninos & Meninas em Waltham, um bairro de operários a oeste de Boston e não muito longe de St. Julia. Não demorou para que ele arranjasse problemas outra vez.

Em 1989, com mais acusações direcionadas a Geoghan, Law retirou o padre de St. Julia e o enviou para o Instituto St. Luke, em Maryland, que tinha desenvolvido um tratamento para padres com desordens sexuais. Após uma avaliação de três semanas, os médicos diagnosticaram Geoghan como um “pedófilo homossexual de tipo não exclusivo.” E o caracterizaram como de “alto risco”. Na ocasião, o Bispo Robert J. Banks, outro assistente de Law, comunicou a Geoghan que ele não poderia mais continuar trabalhando como padre. Mas depois que Geoghan passou três meses no Institute of Living, em Hartford, Connecticut, que também tratava padres com problemas sexuais, Banks negociou um diagnóstico mais favorável para Geoghan e permitiu que o padre voltasse a St. Julia.

Desde o momento em que Law designou Geoghan para a paróquia de St. Julia em novembro de 1984, até o dia em que finalmente o retirou de lá, em janeiro de 1993, Geoghan molestou sexualmente muitas crianças; mais de 30 delas registrariam acusações contra ele tempos depois.

É claro que o hábito da Igreja de esconder as atividades de Geoghan estava muito bem estabelecido antes de Law chegar a Boston. E Law, em uma coluna publicada no *The Pilot*, em julho de 2001, insistiu que não tentou esconder os crimes de Geoghan ao transferi-lo de uma paróquia

para outra. “Nunca houve um esforço da minha parte para transferir um problema de um lugar para outro”, ele escreveu. “A minha posição sempre foi a de que é melhor conhecer um problema e lidar com ele do que permanecer na ignorância a respeito.”

Na mesma coluna, Law atribuiu as decisões que tomou a respeito de Geoghan à escassez de conhecimento entre as autoridades da Igreja, e na sociedade como um todo, sobre as forças que motivam os molestadores de crianças. “Eu só queria que o conhecimento de que dispomos hoje estivesse disponível para nós antes”, Law afirmou. “É justo dizer, contudo, que a sociedade está em uma curva ascendente de aprendizado em relação ao abuso sexual de menores. A Igreja também está nessa mesma curva.”

No entanto, a curva de aprendizado de Law parecia ser inacreditavelmente plana. Em 1981, quando ele era bispo da Diocese de Springfield-Cape Girardeau, no sul do Missouri, contaram para Law que um padre de 43 anos que ele havia promovido a pároco recentemente tinha molestado sexualmente o filho adolescente de um casal de Springfield. Em uma decisão que mais tarde se mostraria um padrão de comportamento, Law retirou o Leonard R. Chambers de seu ministério, ordenou que fizesse tratamento, e dez meses depois o designou para outra paróquia. Anos após a renúncia de Law, Chambers foi removido do sacerdócio por violar uma ordem de que não ficasse sozinho com crianças.

Depois de chegar a Boston, em 1985, Law foi um dos principais apoiadores de um relatório confidencial sobre abuso sexual de menores pelo clero, elaborado para a Conferência Nacional dos Bispos Católicos (hoje Conferência de Bispos Católicos dos EUA). O relatório estava repleto de alertas claros e assustadores – geralmente em letras maiúsculas – sobre a natureza incorrigível dos padres que molestavam jovens sexualmente, principalmente aqueles, como Geoghan, que preferiam garotos impúberes.

“A taxa de reincidência de pedofilia só é menor que a de exibicionismos, em especial a de pedofilia homossexual”, apontava o relatório. “Independentemente da pessoa ter recebido tratamento psiquiátrico tradicional ou não.” Na verdade, os autores do relatório – um trio de especialistas em psiquiatria, lei e direito canônico – ressaltaram que “a reincidência é tão alta em casos de pedofilia e exibicionismo que todos os estudos controlados mostraram que modelos de terapia

ambulatorial, psiquiátrica ou psicológica, isolada NÃO FUNCIONAM”. No fim, como se para eliminar toda e qualquer dúvida sobre essas desordens sexuais, uma seção sobre cuidados e acompanhamento declarava a pedofilia uma “doença vitalícia, SEM ESPERANÇA DE CURA NESTE MOMENTO”.

O relatório foi escrito pelo Padre Thomas P. Doyle, advogado canônico, na época funcionário da embaixada do Vaticano em Washington; o falecido Michael R. Peterson, então psiquiatra e diretor do Instituto St. Luke; e F. Ray Mouton, advogado de Louisiana que representava o Padre Gilbert Gauthé, que havia sido acusado judicialmente de molestar 11 garotos na Diocese de Lafayette.

Detalhes dos abusos em série cometidos por Gauthé contra as crianças confiadas aos seus cuidados começaram a aparecer em uma noite quente de junho de 1983, quando um coroinha de 9 anos da minúscula cidade de Henry, em Louisiana, contou à sua mãe que “Deus não me ama mais”. Assustada, a mãe do garoto insistiu em saber mais detalhes e, assim, descobriu que o filho tinha sido molestado sexualmente pelo padre que ela e o marido, com frequência, convidavam para visitar sua casa.

Quando a mãe e o pai do garoto descobriram que Gauthé também tinha abusado de seus dois filhos mais velhos, contrataram um advogado, Paul Hebert, que acompanhou o pai dos garotos em uma reunião com as autoridades da Igreja, na qual exigiram que Gauthé fosse removido da paróquia. Conforme descrito no detalhado livro de Jason Berry, publicado em 1992, *Lead Us Not Into Temptation: Catholic Priests and the Sexual Abuse of Children* [Não nos deixeis cair em tentação: padres católicos e o abuso sexual de crianças], eles ficaram estarrecidos com a resposta dos líderes da Igreja: Gauthé tinha abusado de outras crianças, a Igreja sabia disso e permitiu que ele continuasse trabalhando como pároco. “Nós soubemos que o Padre Gauthé teve uma fase problemática, mas pensávamos que isso estava resolvido”, explicou o Monsenhor Henri Alexandre Larroque, alta autoridade da diocese. Na verdade, quando o Bispo Gerard L. Frey depôs, anos mais tarde, ele admitiu que sabia de acusações contra Gauthé que remontavam a 1974.

Quando autoridades da Igreja confrontaram Gauthé com novas acusações, ele confessou e foi discretamente enviado para a Casa da Afirmação, uma instalação em Massachusetts, hoje desativada, para

sacerdotes abusadores sexuais, localizada na Diocese de Worcester. Seu diretor, Padre Thomas Kane, posteriormente firmaria acordo em um processo de mau comportamento sexual, embora não tenha admitido nenhum malfeito.

Na cidade de Henry, paroquianos da Igreja de São João Evangelista foram informados de que Gauthé tinha sido afastado “em virtude de um mau comportamento grave... de natureza imoral.” Apesar da falta de especificidade, os paroquianos adivinharam a verdade quando as famílias de mais vítimas começaram a se manifestar.

Em junho de 1984, um ano depois da confissão do coroinha de 9 anos, a Diocese de Lafayette pagou 4,2 milhões de dólares para nove vítimas de Gauthé. Nessa mesma época, as famílias de mais quatro vítimas abriram processos contra o padre e a diocese. Ainda assim, os crimes de Gauthé e a montanha de acusações contra ele não se tornaram conhecidos e permaneciam, em grande parte, restritos a fofocas de cidade pequena e conversas discretas entre autoridades da Igreja.

Mas em outubro os promotores indiciaram Gauthé criminalmente, com acusações que incluíam estupro e posse de pornografia infantil – fotografias que ele próprio havia tirado das vítimas. Glenn Gastal, pai de um menino de 7 anos molestado pelo padre, ficou tão revoltado com tudo o que o filho sofreu que começou a correr atrás dos repórteres para responder às perguntas sobre o padre. Este, disse Gastal, tinha estuprado seu filho com tanta violência que o garoto precisou ser hospitalizado. Gauthé se declarou inocente.

No fim de 1984, órgãos de imprensa regionais começaram a noticiar o caso Gauthé. E em abril, maio e junho do ano seguinte, Jason Berry, trabalhando para o *Times of Acadiana*, um semanário local, escreveu um artigo definitivo sobre os abusos de Gauthé e as autoridades da Igreja que o transferiram de paróquia em paróquia para esconder seus crimes. Berry deu sequência à história com uma matéria no jornal *National Catholic Reporter*, seguida de artigos no *The New York Times* e no *Washington Post*. Pela primeira vez, a Igreja Católica Romana dos EUA era manchada pelo escândalo do abuso sexual de crianças pelo clero.

Em outubro de 1985, Gauthé mudou sua declaração para culpado pelas acusações criminais e foi sentenciado a 20 anos de prisão. Uma década depois, ele foi solto, mas acabou sendo preso outra vez sob a acusação de

ter molestado um menino no Texas. O escândalo em Lafayette, entretanto, não terminou com a sentença de prisão de Gauthé. Gastal, o pai enfurecido, recusou as ofertas de acordo e decidiu processar a Igreja.

Quando conduzido por seu advogado a testemunhar, em um tribunal lotado, com o Bispo Frey e outros líderes da Igreja na plateia, Gastal disse que o filho estava tão traumatizado que não suportava mais ser tocado nem pelo próprio pai. “Depois de Gauthé, ele só me beija na hora de dormir se eu mandar”, acrescentou. Os jurados, dentre os quais vários choraram durante o testemunho, concederam-lhe 1,2 milhão de dólares de indenização, embora Gastal depois tenha feito acordo de um milhão quando a Igreja recorreu.

Apesar das autoridades da Igreja garantirem que o caso Gauthé era apenas uma ocorrência isolada, bispos de dioceses em todo o país receavam novas acusações contra seus padres. E ficaram ainda mais preocupados com o que parecia ser uma crescente disposição por parte dos paroquianos de se manifestar e levar as acusações ao tribunal.

O Padre Doyle esclareceu que ele e os outros autores do relatório de 1985 sobre abuso sexual pelo clero, escrito por iniciativa dos próprios autores para responder às preocupações dos bispos, tiveram apoio do Cardeal John Krol, então arcebispo da Filadélfia, e, principalmente, de Law. “Eu o conheci [Law] quando ele ainda era bispo no Missouri e nos demos muito bem”, lembrou Doyle. “Eu gostei dele porque me pareceu que era um pensador, e não alguém preocupado em primeiro lugar com a política da Igreja.” Doyle contou que eles conversavam sempre que Law ia à capital para reuniões na nunciatura apostólica (a embaixada do Vaticano), e que lhe pareceu natural procurá-lo quando surgiram alegações de abuso sexual de menores cometidos por sacerdotes em todo o país. “Law com certeza era um apoiador”, Doyle confirmou. “Nós nunca discutimos nada específico sobre sua experiência em Boston, onde ele estava enquanto tudo acontecia, porque a questão era como montaríamos um plano de ação e como poderíamos conseguir que a CNBC – Conferência Nacional dos Bispos Católicos fizesse algo.” Mas quando os autores do relatório tentaram apresentá-lo em uma reunião de bispos em 1985, em Collegeville, Minnesota, Law repentinamente retirou seu apoio. Doyle disse que Law nunca explicou o porquê.

Na reunião, os bispos se recusaram a receber formalmente o relatório de 92 páginas. Mark Chopko, advogado geral da CNBC, diria, anos mais tarde, que leu o relatório e concluiu que se tratava apenas de informação repetida, já do conhecimento dos bispos. Ele disse ainda que tinha objeções a uma proposta no relatório, que pedia a criação de uma equipe nacional de intervenção em crises, com especialistas em medicina, direito e relações públicas, para responder às acusações de abuso sexual pelo clero. “Minha avaliação é que não existe substituto para especialistas locais”, disse Chopko. Mas no início da década de 1990, poucos, se é que algum, dos bispos das quase 200 dioceses do país tinham conhecimento dos alertas do relatório a respeito de padres que eram predadores sexuais. Enquanto isso, Doyle perdeu seu posto na nunciatura. “Eu era muito heterodoxo para eles”, Doyle diria depois. Já Law, com sua habilidade política, foi elevado a cardeal.

Além das recomendações para o tratamento de padres abusadores, o relatório de Doyle abordou as questões legais que começaram a surgir para os bispos que recebiam acusações de mau comportamento sexual do clero. Em especial, o relatório instava os bispos a cuidar muito bem dos registros pessoais do clero, alertando que eles poderiam ser solicitados pelos tribunais. O relatório também desmentia a conversa que circulava entre as autoridades da Igreja de que os arquivos que continham documentos sobre padres abusadores sexuais poderiam ter informações incriminadoras removidas. “A ideia de higienizar ou expurgar arquivos de material potencialmente danoso já foi mencionada.” Mas “isso constituiria desacato ao tribunal e obstrução de justiça caso os arquivos já tenham sido requisitados pelos tribunais”, informava o relatório. “Mesmo que ainda não tenha havido uma intimação, ações como essas poderiam ser entendidas como violação da lei no caso de uma ação coletiva.” Ao mesmo tempo, o relatório também afastava a possibilidade de procurar uma solução mais criativa para os problemas apresentados pelos documentos incriminadores, como tentar enviá-los para a nunciatura apostólica em Washington, que gozava de imunidade diplomática. “É muito provável que, no caso de um processo desses, a imunidade da nunciatura seria limitada ou extinta pelos tribunais civis”, concluía o relatório.

Ainda assim, a ideia de que os bispos poderiam se valer da imunidade diplomática da embaixada do Vaticano para limpar seus arquivos persistiu.

Em um discurso de 1990 sobre pedofilia, na Sociedade de Direito Canônico do Meio-Oeste, uma organização de advogados da Igreja, o Bispo A. James Quinn, ele próprio advogado e bispo auxiliar da Diocese de Cleveland, apresentou o que parecia ser uma recomendação para a proteção dos registros danosos com imunidade diplomática. “Se existe algo neles que vocês não querem que outras pessoas vejam, podem enviá-los para a Delegação Apostólica, porque eles têm imunidade para proteger algo potencialmente perigoso, ou que vocês considerem perigoso”, instruiu Quinn.

A fala de Quinn foi gravada e transcrita em um documento obtido pelo advogado de Minnesota Jeffrey R. Anderson, e pelo advogado de Cleveland William M. Crosby para um processo de 1993 de abuso sexual pelo clero contra a Diocese de Cleveland. Como parte do processo, Anderson e Crosby tomaram um depoimento de Quinn, sob juramento, no qual ele negava que sua orientação de “proteger algo potencialmente perigoso” referia-se a documentos que poderiam ligar um padre a acusações de mau comportamento sexual. “Obviamente não um relato de pedofilia”, respondeu Quinn, quando indagado sobre o que exatamente queria dizer com aquilo. “O uso da palavra ‘perigoso’ pode ser relativo a qualquer coisa. Pode ser assunto de confissão. Pode ser um assunto, como o que conversamos esta manhã, que não cabe em determinado arquivo.” Em uma declaração emitida pela Diocese de Cleveland, Quinn também afirmou que seu comentário “foi uma única frase tirada do contexto formado por uma transcrição que abrangia mais de 20 páginas”. Mas, como Anderson e Crosby comentaram durante o depoimento, o tópico do discurso de Quinn naquele dia de 1990 era “Orientações da CNBC e Outras Considerações sobre Casos de Pedofilia”.

Em 1984, Anderson representou um homem de Minnesota que processou o Padre Thomas Adamson e a Arquidiocese de St. Paul e Minneapolis, afirmando que tinha sido molestado por Adamson quando era garoto. Anderson descobriu que famílias de outras vítimas de abuso já reclamavam de Adamson desde, pelo menos, 1963, quando um garoto de 14 anos contou a dois padres que Adamson o tinha molestado. Documentos entregues por funcionários da Igreja durante o processo mostravam que os padres tinham informado seu bispo a respeito de algumas das acusações, mas que pouco, ou nada, tinha sido feito. Ao

contrário, apesar das reclamações contra ele, Adamson foi nomeado diretor da escola paroquial, onde abusou de pelo menos mais um garoto.

Outras supostas vítimas de Adamson souberam do caso e se apresentaram com novas acusações. Algumas fizeram acordos monetários com a arquidiocese, mas um antigo coroinha foi em frente com o processo. Em 1990, um júri lhe concedeu 3,6 milhões de dólares em danos gerais e morais – a primeira vez que um júri concedeu danos morais contra a Igreja Católica em um caso de abuso sexual pelo clero. Mais tarde, um juiz eliminaria a maioria dos danos morais, mas a vítima ficou com quase um milhão e o precedente foi estabelecido.

Conforme a história dos casos de Gauthé e Adamson começou a se espalhar lentamente por todo o país, as vítimas abusadas por sacerdotes começaram a compreender que o silêncio não era sua única opção. E advogados se concentraram em jogar a responsabilidade pelas ações dos padres nas autoridades da Igreja – tradicionalmente protegidas pela Primeira Emenda da Constituição, que garante liberdade de religião, e também favorecidas por juízes e legisladores estaduais simpáticos à instituição. O advogado Anderson, por exemplo, depois do caso Adamson representou mais de 400 vítimas que alegavam ter sido molestadas por religiosos, ganhando milhões de dólares em julgamentos e acordos com diversas dioceses em todo o país. O resultado: cada vez mais vítimas se apresentavam com acusações de abuso e maior ficava o escândalo para a Igreja.

A Arquidiocese de Santa Fé, no Novo México, foi atingida com especial intensidade. Em 1993, o Arcebispo Robert Sanchez renunciou após admitir que fez sexo com várias mulheres. Mas sua renúncia veio em meio a um escândalo muito maior, envolvendo dezenas de padres acusados de molestar meninos sexualmente, o que deixaria a arquidiocese em dificuldades financeiras. Muitas acusações de mau comportamento sexual eram contra padres que tinham vindo de outros estados para tratar seus distúrbios sexuais. O tratamento era oferecido pelos Servos do Paraclete, uma pequena ordem religiosa católica que havia estabelecido um centro em Jemez Springs, Novo México, para sacerdotes que sofriam de alcoolismo ou que tinham sido acusados de abusar sexualmente de crianças. Mas os padres que ocupavam os 50 leitos do centro frequentavam restaurantes da cidade e socializavam com os moradores,

chegavam até a realizar deveres paroquiais nos fins de semana. Dois antigos residentes do centro – os dois de Massachusetts – tornariam-se famosos. James Porter, da Diocese de Fall River, mais tarde seria sentenciado a 20 anos de reclusão em uma prisão de Massachusetts, e David A. Holley, um padre pervertido da Diocese de Worcester que molestou mais crianças depois de ter sido transferido para uma paróquia do Novo México, que foi sentenciado a 275 anos de reclusão no Novo México.

Enquanto isso, queixas contra padres que receberam tratamento no centro de Jemez Springs foram se acumulando gradativamente. O primeiro processo foi aberto em 1991. Quatro anos depois, as vítimas de abuso tinham aberto cerca de 200 processos, deixando a Arquidiocese de Santa Fé à beira da falência por causa de uma combinação de acordos e julgamentos que atingiram um valor estimado entre 25 e 50 milhões de dólares. No fim, a arquidiocese só conseguiu se manter depois de vender propriedades da Igreja e apelar aos paroquianos por contribuições extras.

A Diocese de Dallas também se viu às portas da falência em 1997, quando um júri desejoso de enviar uma mensagem para a Igreja concedeu 119,6 milhões de dólares para as famílias de 11 jovens molestados sexualmente na Igreja Católica de Todos os Santos, entre 1981 e 1992, pelo Padre Rudolph Kos. Esse foi o maior veredito jamais concedido contra a Igreja Católica nos EUA. Kos foi sentenciado a prisão perpétua. Depois que a Igreja apelou contra a indenização, alegando que poderia falir a diocese, as famílias das vítimas acabaram concordando em aceitar 31 milhões de dólares. Os jurados disseram que foram motivados por saber que as autoridades clericais ignoraram acusações anteriores contra Kos e por acreditar que o abuso cometido levou uma das vítimas ao suicídio. O júri até mesmo tomou a decisão incomum de incluir na sentença uma mensagem para as autoridades da Igreja: “Por favor, admitam sua culpa, permitindo que esses jovens sigam em frente com suas vidas”. Posteriormente, um jurado explicaria a indenização recorde, dizendo: “Nós queríamos dizer que aquilo tinha que parar e que nunca mais permitissem que acontecesse novamente”.

O primeiro escândalo público a deixar o Cardeal Law na defensiva foi o caso do Padre Porter, um molestador em série de crianças da diocese

vizinha de Fall River. Em 1992, mais de 100 pessoas se apresentaram afirmando terem sido molestadas por Porter ao longo de 14 anos em uma série de paróquias no sudeste de Massachusetts.

A essa altura, Porter estava aposentado há 18 anos e vivia em Minnesota com a esposa e quatro filhos. Mas como o tempo de prescrição de um crime fica congelado quando o suposto criminoso sai do estado, ele foi processado e julgado pelos crimes que havia cometido décadas antes. Em menos de 18 meses, Porter se declarou culpado de 41 acusações de agressão sexual e foi sentenciado à prisão. A Diocese de Fall River concordou em pagar mais de 7 milhões de dólares às vítimas.

Enquanto as acusações contra Porter se acumulavam, uma única questão pairava, esmagadora, sobre os familiares e os amigos das vítimas: como Porter conseguiu molestar tantas crianças e nunca foi pego nem punido? Duas respostas vieram das próprias vítimas: o respeito incondicional que as crianças católicas têm pelos clérigos, e uma profunda relutância por parte das autoridades da Igreja em investigar as queixas de alguns paroquianos corajosos o bastante para questionar um sacerdote. “Fomos ensinados que eles eram representantes de Cristo na terra, literalmente”, disse Fred Paine, de Attleboro, uma das vítimas de Porter. “Um padre entrava no recinto e as freiras faziam reverência.”

Roderick MacLeish Jr., um advogado de Boston que representou a maioria das vítimas de Porter, revelou que vários sacerdotes na diocese souberam dos crimes de Porter contra crianças, mas não fizeram nada para detê-lo. Na verdade, segundo o advogado, pelo menos dez indivíduos informaram dois padres da paróquia de St. Mary, em North Attleboro, que Porter, então assistente desses padres, estava molestando crianças. Inclusive, houve ocasiões em que Edward Booth e Armando Annunziato, os dois clérigos em questão, chegaram a testemunhar o abuso. Em um desses casos, Porter levou um menino chamado Paul Merry para o escritório da casa paroquial e começou a molestá-lo quando Booth, o pároco da igreja, entrou de repente. “O Padre Booth olhou para o Padre Porter e depois para mim, e de novo para Porter, que estava fechando o zíper”, relembra Merry. “Então o Padre Booth sacudiu a cabeça e saiu pela porta. Ele não falou uma palavra.” Em outro caso, Porter estava mais uma vez no escritório da casa paroquial de St. Mary, molestando um menino de 11 anos chamado Peter Calderone. Dessa vez, foi Annunziato que entrou.

Assim como Booth, ele simplesmente olhou para Porter e disse: “Está ficando tarde. Já é hora de todos irem para casa”.

Ainda assim, as queixas contra Porter, mesmo nessa época, ou eram muito graves ou numerosas demais para serem ignoradas por completo. Autoridades da Igreja, reagindo às acusações, foram transferindo Porter de paróquia em paróquia, na tentativa de convencer as vítimas de que algo estava sendo feito. Entre essas autoridades estava o então Monsenhor Medeiros, que mais tarde aprovaria transferências semelhantes para o Padre Geoghan, ao se tornar arcebispo de Boston. Até mesmo autoridades do Vaticano abaixo do Papa Paulo VI sabiam da compulsão obsessiva de Porter por crianças. Em 1973, quando optou por abandonar o sacerdócio, Porter foi espantosamente sincero ao entregar sua carta de renúncia. “Eu sei que no passado eu costumava me esconder por trás do hábito sacerdotal, pensando que serviria de escudo para mim”, ele escreveu. “Agora não existe mais escudo. Eu sei que se me aproximar demais de crianças, as pessoas vão desconfiar de imediato... Na vida leiga, eu percebo, por necessidade, que tenho de lidar com o problema ou sofrer as consequências.” Mas o documento foi escondido nos arquivos do Vaticano. E as vítimas de Porter guardaram seu segredo sombrio até 1992, quando Frank Fitzpatrick, uma vítima que se tornou detetive particular, localizou Porter em Minnesota e entrou com uma ação para processá-lo por acusações criminais arquivadas.

Quando as notícias sobre Porter começaram a ser divulgadas, a primeira reação do Cardeal Law foi declarar que o padre aposentado era uma “aberração”, insistindo que os padres que abusavam sexualmente de menores constituíam uma “rara exceção”. Mas para as vítimas, ele parecia demonstrar um excesso de compaixão pelos padres abusadores. Em uma missa para os sacerdotes que celebravam seu vigésimo-quinto aniversário na Arquidiocese de Boston, Law sentenciou: “Nós não seríamos a comunidade de fé e amor que acreditamos ser, contudo, se não tentássemos responder tanto à vítima quanto ao traidor com verdade, amor e reconciliação”.

Por trás das cenas, Law estava a par de muitas evidências – se é que ele precisava de mais alguma – de que Porter podia ser tudo, menos uma exceção. Conforme aconteceu com a divulgação anterior dos casos de abusos sexuais cometidos por sacerdotes em Louisiana e Minnesota, as

notícias sobre os crimes de Porter encorajaram outras vítimas a se apresentarem com mais histórias de abusos sexuais cometidos por ainda mais sacerdotes – e muitas delas estavam aparecendo na Arquidiocese de Boston.

Entre elas estavam Raymond Sinibaldi e Robert Anderton. Sinibaldi e Anderton eram primos e cresceram em Weymouth, ao sul de Boston, onde foram molestados no início da década de 1960 por Ernest E. Tourigney, quando ele era um padre recém-ordenado na Igreja da Imaculada Conceição – a mesma que ofereceria uma recepção entusiasmada a Bernard F. Law em 1984.

Assim como muitas vítimas de abuso sexual, Sinibaldi e Anderton mantiveram suas histórias em segredo por décadas. Mas depois que as notícias sobre Porter ganharam a mídia, eles se deram conta de que Tourigney continuava trabalhando como pároco associado em uma igreja em Revere, a norte de Boston, onde era diretor espiritual do Ensino Fundamental. Preocupados que o clérigo pudesse continuar molestando crianças, os dois decidiram enfrentar o padre e denunciá-lo a Law.

No encontro deles com Tourigney no estacionamento de um hotel da região, Sinibaldi quase perdeu a cabeça. “Você é muito pior do que um fornecedor de pornografia infantil”, ele disse com desprezo. Preocupado que o primo pudesse acabar atacando Tourigney, Sinibaldi escreveu o restante do que desejava falar: “Um homem que se disfarça com o manto de Deus para se inserir no seio de uma família – que passa a conhecê-lo, amá-lo e confiar nele –, com o objetivo de molestar seus filhos, é a encarnação do mal”.

Quando visitaram a chancelaria da Arquidiocese de Boston, alguns dias depois, Sinibaldi e Anderton estavam com os nervos sob controle. Mas deixaram bem claro para o Padre John B. McCormack, o então principal auxiliar de Law para lidar com acusações de abuso sexual no clero, que iriam contar sua história para um repórter da televisão se Law não os escutasse. Dentro de poucos dias, Sinibaldi e Anderton se viram sentados à mesa de mogno comprida e muito bem lustrada da sala de reuniões da residência de Law, relembando os anos de abuso que sofreram nas mãos de Tourigney, quando tinham entre 13 e 16 anos de idade. Law parecia escutar com atenção, mas Sinibaldi e Anderton queriam mais que um ouvinte empático. Eles queriam que Law removesse Tourigney de seu

ministério e formulasse uma política agressiva para livrar a arquidiocese de todos os padres que tivessem recebido acusações confirmadas de abuso contra crianças.

Law, de fato, removeu Tourigney do serviço ativo e, no rastro do caso Porter, já tinha começado a se mexer, com discrição, para pôr em andamento uma política para lidar com acusações de abuso sexual por clérigos. Conforme a primeira versão dessa política era redigida, duas questões críticas emergiram: a Igreja deveria permitir que os sacerdotes acusados que recebessem tratamento para seus distúrbios sexuais voltassem a paróquias da arquidiocese? E as autoridades da Igreja deveriam reportar as acusações de má conduta sexual de religiosos às autoridades do estado?

Sinibaldi, que tinha trabalhado com criminosos sexuais no Hospital Estadual de Bridgewater, uma instituição para criminosos insanos, escreveu a Law recomendando que as autoridades da Igreja reportassem todas as acusações de má conduta sexual dos sacerdotes. “O crime de abuso sexual de menor é hediondo em tal escala que esconder informações sobre um criminoso conhecido por si já constitui um crime”, escreveu Sinibaldi. Mas quando Law promulgou sua nova política, em janeiro de 1993, Sinibaldi e Anderton ficaram profundamente decepcionados. Embora Law dissesse que a arquidiocese se ofereceria para pagar terapia às vítimas e que indicaria um conselho com membros leigos para examinar as acusações de abuso sexual por religiosos, ele também disse que, em alguns casos, poderia permitir o retorno ao trabalho paroquial de padres que tivessem tratado suas desordens sexuais. E também reservou à arquidiocese a responsabilidade primária de receber e investigar todas as acusações de má conduta sexual do clero.

De acordo com a lei de Massachusetts, indivíduos que exercem determinadas profissões, incluindo médicos, assistentes sociais e professores, eram obrigados a relatar acusações de má conduta sexual envolvendo menores ao Departamento de Serviços Sociais do estado, que por sua vez poderia repassar as acusações para as autoridades da lei. Ao liberar a nova política, Law prometeu que as autoridades da Igreja reportariam as acusações de má conduta sexual de acordo com a lei estadual. Mas sacerdotes não estão entre os profissionais abrangidos pelo estatuto, e a Igreja teve sucesso ao impedir que a legislação incluísse

membros do clero na lista de profissionais obrigados a relatar má conduta sexual. Então, a palavra de Law nada mais era que uma promessa insignificante.

Sentindo que foram traídos pela Igreja mais uma vez, Sinibaldi e Anderton contrataram MacLeish, o advogado de Boston, para entrar com um processo contra a arquidiocese e Tourigney. Em 1995, cada um dos primos fez um acordo e recebeu 35 mil dólares. Mas Sinibaldi acabou se arrependendo do desfecho. “No fim, eles nos usaram”, desabafou. “Eles queriam dizer que tinham trabalhado com as vítimas no desenvolvimento da nova política, e foi o que disseram. O problema é que eles não ouviram nada do que dissemos.” O outro problema era que Sinibaldi e Anderton, assim como dezenas de vítimas que procuraram a arquidiocese, assinaram acordos de confidencialidade – chamados de mordças – como condição para receberem seus pagamentos. De fato, praticamente todo mundo que procurou a Igreja com acusações de má conduta sexual contra sacerdotes recebeu uma proposta de acordo antes mesmo de abrir um processo na justiça, medida que não deixava registro público dos crimes cometidos pelos clérigos agressores. E os acordos de confidencialidade assinados pelas vítimas estabeleciam que a Igreja poderia receber de volta os pagamentos do acordo se algum dia fossem divulgados detalhes do abuso – deixando os padres predadores ainda mais protegidos.

Resumindo, esse processo criou uma aliança espúria entre autoridades da Igreja, vítimas e advogados. Como resultado, a arquidiocese foi capaz de esconder os crimes cometidos por seus sacerdotes. De fato, em seu depoimento no caso Geoghan, o Bispo Daily disse que era política da arquidiocese evitar escândalos sempre que possível. Ao mesmo tempo, as vítimas eram poupadas do constrangimento, enquanto os advogados recebiam seus honorários – geralmente um terço do valor das indenizações. Alguns advogados chamam esses pagamentos de “cala-boca”; outros dizem que se trata de um modo legítimo de compensar a vítima ao mesmo tempo em que se preserva sua privacidade. Mas o processo também ajuda a perpetuar o abuso. “Obviamente, acordos de confidencialidade são bons para o criminoso e seus protetores, já que o segredo permite que os atos nocivos continuem”, argumenta Mitchell Garabedian, advogado que representou mais de 100 vítimas do Padre Geoghan.

Por via das dúvidas, os primeiros clientes de Garabedian tinham feito acordo em segredo. Mas ao final de 2001, o advogado já tinha passado cinco anos interrogando supostas vítimas de abuso sexual de John Geoghan, abrindo processos, requisitando registros da Igreja através do processo de descoberta legal e tomando depoimentos sob juramento de autoridades da Igreja. Em meio a isso tudo, ele compilou um corpo de evidências que comprovava que cardeais, bispos e outras autoridades da Igreja acobertaram Geoghan por mais de três décadas. Esses documentos estavam entre os liberados a pedido do *Globe* pela juíza Constance Sweeney em janeiro de 2002, e estiveram no cerne dos processos judiciais que foram o estopim do escândalo que engolfaria a Igreja Católica.

Garabedian e seu sócio, William H. Gordon, adotaram uma nova abordagem quando protocolizaram os novos 84 processos judiciais em nome de 86 reclamantes. Outros advogados, ao abrir processos de abuso sexual por clérigos, acionaram a Arquidiocese de Boston. Mas, assim como todas as organizações sem fins lucrativos do estado, a arquidiocese é protegida por uma doutrina de imunidade caridosa que limita sua responsabilidade a 20 mil dólares. Por causa desse limite, advogados com acusações de má conduta sexual costumavam fazer acordos de valores modestos com a arquidiocese, sem nem mesmo ir ao tribunal, ou logo depois da abertura do processo.

Mas em vez de processar a arquidiocese, Garabedian processou o Cardeal Law, cinco dos seus bispos e várias outras autoridades da Igreja, afirmando que todos sabiam da má conduta sexual de Geoghan e eram, portanto, corresponsáveis. Garabedian entrou até mesmo com um pedido para Law depor.

A estratégia deu resultado – pelo menos a princípio. Em março de 2002, depois que foram publicadas as histórias do *Globe* sobre Geoghan e antes do depoimento de Law, Garabedian e advogados da arquidiocese chegaram a um acordo costurado pelo mediador Paul A. Finn. Pelo acordo, os 84 processos seriam encerrados por um valor total estimado entre 15 e 30 milhões de dólares, com o valor final a ser determinado por Finn e seus associados, que avaliariam cada queixa e atribuiriam um valor individual a cada reclamante.

Mas a avalanche de revelações sobre Geoghan e outros padres que começou a estourar em janeiro produziu uma onda de novas vítimas – com

uma implicação potencialmente enorme para a arquidiocese. Pelo menos 500 pessoas afirmando terem sido molestadas sexualmente por padres contrataram advogados nos quatro primeiros meses de 2002. Em maio, com as doações para a Igreja minguando rapidamente, a arquidiocese renegou o acordo – estarrecendo as vítimas e muitos fiéis católicos.

Que as revelações a respeito de Geoghan produziram uma torrente de novas acusações não deveria ser surpresa para a Igreja. Nos anos imediatamente posteriores ao caso Porter, houve muitas novas queixas. De fato, durante os dez anos que sucederam o aparecimento das vítimas de Porter, a Igreja discretamente fez acordos em casos de acusação de abuso sexual de crianças contra, pelo menos, 70 padres da Arquidiocese de Boston, com MacLeish representando muitas das vítimas. Em alguns casos, relata o advogado, as autoridades da Igreja estavam tão ansiosas para encerrar as reclamações de modo rápido e discreto que chegavam a enviar as vítimas para ele.

Todavia, MacLeish admite que acabou pegando ódio dessas negociações, porque ele sabia que os acordos de confidencialidade ajudavam a manter em segredo o abuso sexual cometido por sacerdotes. “Eu fiquei enojado ao ver tantos desses casos passarem despercebidos”, confessou. Então, depois de um ano aconselhando os clientes a assinarem os acordos, MacLeish conta que ele mesmo disse a um repórter que seus clientes tinham feito acusações de abuso sexual contra vários sacerdotes que continuavam em serviço ativo. Entretanto, Philip Saviano, uma vítima de abuso sexual que contratou MacLeish para representá-lo, criticou-o, bem como a outros advogados, por serem muito dispostos a resolver as queixas por meio de acordos. Somente através da abertura de processos, defendeu Saviano, as vítimas conseguiriam obter os registros da Igreja para esclarecer exatamente quem era responsável pelos padres que abusaram delas. Saviano, por sua vez, entrou com um processo contra a Diocese de Worcester, Massachusetts, no início da década de 1990, afirmando que tinha sido abusado pelo Padre Holley, o clérigo que foi sentenciado à prisão no Novo México, e recebeu documentos da Igreja que mostravam que seis bispos em três estados sabiam do registro de abusos de Holley. Saviano também se recusou a assinar um acordo de confidencialidade, embora tenha pago um preço por essa decisão. Quando foi indenizado, ele recebeu apenas 12.500 dólares da Diocese de

Worcester, enquanto outras duas vítimas que também acusaram Holley de abuso e concordaram em manter silêncio receberam mais.

Uma das declarações públicas mais notáveis, anunciada com o intuito de ajudar a Arquidiocese de Boston a fugir de suas responsabilidades com relação a Geoghan, foi a do advogado de Law, Wilson D. Rogers Jr, na edição de julho de 2001 de *The Pilot*. “Cada nova nomeação de John Geoghan, posterior à primeira queixa de má conduta sexual, foi decorrente de uma avaliação médica independente que afirmava que tal nomeação era segura e adequada”, escreveu Rogers.

O cardeal repetiu tal declaração em janeiro de 2002, quando tentou conter o escândalo desculpando-se por ter nomeado novamente o padre pedófilo para trabalho pastoral mesmo ciente de que Geoghan era um molestador contumaz de crianças. Em um mea-culpa extraordinário, Law assumiu que foi “tragicamente incorreto” de sua parte nomear Geoghan para a paróquia de St. Julia em 1984. Ainda assim, ele também pareceu estar eximindo-se da culpa quando repetiu a declaração anterior de Rogers no *The Pilot* e afirmou que sua decisão foi baseada em “avaliações psiquiátricas e opiniões médicas que garantiam que as nomeações eram seguras e razoáveis”.

À primeira vista, as declarações de Law e seu advogado parecem estar respaldadas por documentos da Igreja. Por exemplo, os documentos mostram que em 1980, após Geoghan ter admitido informalmente a um clérigo de Boston que tinha molestado sexualmente os filhos e os sobrinhos de Maryetta Dussourd, autoridades da Igreja o enviaram ao Dr. Robert W. Mullins para se submeter a psicoterapia, e ao Dr. John H. Brennan para fazer psicanálise. Os registros também mostram que, em 1981, depois que Geoghan foi retirado da paróquia de St. Andrew, no bairro de Jamaica Plain, em Boston, após assumir que tinha molestado os sete garotos Dussourd, Brennan escreveu ao Bispo Daily relatando que tinha se encontrado com o padre e que “houve concordância mútua de que ele estava apto a retomar seus deveres sacerdotais”. Em 1984, depois que Geoghan foi transferido para a paróquia de St. Brendan, em Dorchester, onde molestou ainda mais crianças, as autoridades da Igreja mais uma vez o enviaram para falar com Mullins e Brennan. Mullins, por meio de uma avaliação escrita, descreveu Geoghan como “paciente e amigo de longa

data”, que teve de ser removido de sua paróquia devido a “uma infeliz experiência traumática”. E recomendou que fosse permitido ao clérigo retomar “integralmente suas atividades pastorais sem necessidade de restrições específicas”. Brennan, por sua vez, encontrou-se de novo com Geoghan e, apesar da reincidência do padre, deu-lhe mais uma avaliação favorável. “Nenhuma contraindicação ou restrição psiquiátrica para o trabalho dele”, escreveu Brennan.

Na verdade, nem Mullins nem Brennan tinham qualquer especialidade na avaliação de comportamento sexual depravado. Mullins, vizinho e amigo da família Geoghan no bairro de West Roxbury, em Boston, era um médico da família sem quaisquer credenciais em psicoterapia, psicologia ou psiquiatria. De fato, uma avaliação de Geoghan feita em 1989 pelo Institute of Living referiu-se ao tratamento de Mullins como “conversas amigáveis, paternais, e não psicoterapia real”. Brennan, por sua vez, era um psiquiatra certificado, mas sem especialização no tratamento de distúrbios sexuais. E, em 1977, ele tinha sido acusado, em um processo cível, de molestar sexualmente uma de suas pacientes. Em 1980, mais ou menos na época em que ele começou a tratar Geoghan, o processo foi encerrado com um acordo e a mulher recebeu 100 mil dólares.

Além do mais, seria impossível dizer que Mullins ou Brennan fizeram uma avaliação “independente” de Geoghan - para usar o termo empregado pelo advogado do Cardeal Law. Enquanto a imparcialidade de Mullins estava comprometida por sua amizade com a família Geoghan, a de Brennan estava contaminada por seu relacionamento com a Igreja. À época, Brennan era o diretor de educação psiquiátrica do Hospital St. Elizabeth, uma instituição católica em Brighton, e aceitava em sua clínica particular pacientes indicados por Fulgence Buonanno, um conhecido frade franciscano e psicólogo que trabalhava no Santuário de St. Anthony, no centro de Boston.

Ainda assim, os registros da Igreja mostram que Brennan era capaz de fazer uma crítica severa, embora não por escrito. Em abril de 1989, cinco anos depois de Geoghan ser transferido para St. Julia, e depois de mais acusações de abuso de menores, Brennan deu um recado sombrio ao Bispo Banks, que tomava notas da conversa telefônica entre os dois. “É melhor você cortar as asas dele antes que haja uma explosão”, Brennan alertou. “Você não pode se dar ao luxo de deixá-lo em uma paróquia.” Depois

dessa conversa, Banks pediu que Geoghan abandonasse o sacerdócio, mas depois mudou de ideia. E depois que ele e Law liberaram Geoghan para voltar a St. Julia, Brennan ressuscitou o tom empático que usou em todas as suas avaliações escritas. “Eu conheço o Padre Geoghan desde fevereiro de 1980”, ele escreveu em dezembro de 1990. “Não existe contraindicação psiquiátrica que o impeça de assumir trabalho pastoral neste momento.”

A aversão da Igreja a avaliações negativas de Geoghan – e sua preferência por avaliações positivas por escrito que coincidissem com a designação a novas paróquias – é enfatizada em várias cartas entre o Bispo Banks e os funcionários do Institute of Living, escritas em 1989, depois que Geoghan foi tratado pelo instituto. Em uma avaliação de três páginas, redigida em novembro do mesmo ano, os médicos Robert F. Swords e Vincent J. Stephens informavam que os testes psicológicos de Geoghan “mostram uma natureza imatura e impulsiva” e um indivíduo “disposto a correr altos riscos”. Diagnóstico oficial: “pedófilo atípico em remissão”. Mas Banks respondeu escrevendo que estava “decepcionado e perturbado com o relatório” e insistiu que lhe havia sido “garantido que não haveria problemas em nomear o Padre Geoghan para um ministério pastoral, e que ele não representaria risco aos paroquianos a que serviria”. Enfatizando seu descontentamento, Banks observou que Geoghan já tinha recebido permissão para retornar a St. Julia e pediu outra carta que “expressasse a garantia que recebi oralmente quanto à nomeação do Padre Geoghan”. Duas semanas depois, Banks recebeu o que havia pedido: “nós julgamos que é seguro, clinicamente, que o Padre Geoghan retome seu ministério pastoral após observação, avaliação e tratamento durante três meses nesta instituição”, escreveu Swords. “A probabilidade de que ele volte a se comportar mal sexualmente é muito baixa.” Mesmo assim, poucas semanas após seu retorno a St. Julia, em 1989, Geoghan atraiu um garoto de 13 anos para a casa paroquial e o molestou, de acordo com um processo iniciado em 2002.

Em 1994, os agentes da lei começaram, enfim, a investigar Geoghan. A chegada inesperada deles deixou a arquidiocese em um estado crítico – e a crise estava se espalhando. Desde o fim da década de 1980, Law e seus auxiliares acobertavam os crimes sexuais de um número cada vez maior de sacerdotes. Em 1996, foram abertos os primeiros de dezenas de processos cíveis acusando Geoghan de molestar crianças sexualmente, e

duas investigações criminais estavam em curso. Dois anos depois, em 1998, a Igreja anunciou que firmara acordos em uma dúzia de processos contra Geoghan por uma quantia estimada em 10 milhões de dólares. Então, com ainda mais processos sendo abertos e investigadores das polícias de dois condados fechando o cerco, o Cardeal Law finalmente destituiu Geoghan, retirando-lhe o direito de atuar como sacerdote. Ele o fez com um procedimento tão pouco usado que precisou da aprovação do Papa João Paulo II e deixou Geoghan sem possibilidade de apelação. Em sua primeira declaração pública a respeito do perigo representado por um padre que cometeu ataques sexuais em meia dúzia de paróquias ao longo de três décadas, Law asseverou: “Eu não tenho o poder de encarcerar, mas tenho a responsabilidade pelo exercício público do ministério”.

Mas, a essa altura, era tarde demais.

Os predadores

Para Michael McCabe, um coroinha em treinamento, o toque pareceu bem inocente. Era o início da década de 1960. Ele sabia pouco a respeito de sexo ou sexualidade. Aquilo aconteceu meio por acaso, de um modo casual. O garoto nem chegou a pensar em contar para os pais. Afinal, ele chamava Joseph Birmingham de “Father” – *Father*, na língua inglesa, significa pai, mas também é usado para se referir a padres.

“Ele vinha por trás de você, massageava seus ombros, deixava você bem calmo e então enfiava a mão dentro da sua cueca”, contou McCabe, que hoje tem cinquenta e poucos anos. “O mais esquisito nisso tudo é que não parecia errado.” Se um belo dia o pai de McCabe não tivesse se sentado com o filho para ter a velha conversa que os pais têm com os filhos adolescentes sobre as coisas que homens e mulheres fazem juntos entre quatro paredes, Michael McCabe talvez nunca teria contado a ninguém sobre as mãos bobas do Padre Birmingham. Quando Howard McCabe tocou no delicado assunto da homossexualidade, o jovem Michael informou seu pai de que esse era um aspecto do sexo sobre o qual ele já conhecia alguma coisa. “Meu pai me contou de como alguns garotos tocam outros garotos”, Michael McCabe relembra. “Eu disse: ‘Oh, ei, é isso que o Padre Birmingham faz comigo’.” Os toques, ele contou ao pai, aconteceram na sacristia, ao lado do altar, na paróquia de Nossa Senhora de Fátima, em Sudbury, oeste de Boston. Michael tinha 12 ou 13 anos na época.

Quase 40 anos depois, aquele dia que mudou sua fé continua vivo na memória do pai de Michael. “Lá estava eu, explicando como os papais colocam a sementinha nas mamães para o meu filho, e quando eu terminei, disse: ‘Se você tiver alguma pergunta, pode fazer’”, lembra Howard McCabe, que hoje tem 79 anos. “Então ele disse: ‘Nossa, pai, o Padre

Birmingham brincou com o meu pênis’. E eu disse: ‘Você só pode estar brincando’. Eu não podia acreditar no que ele tinha acabado de me dizer, eu não sabia como lidar com aquilo.” E assim começou a perturbadora e, em última análise, traumática jornada da família McCabe no complicado universo dos padres que abusam sexualmente de crianças.

Por que alguns padres, e por que alguns homens de modo geral, sentem-se sexualmente atraídos por menores ainda é um assunto muito discutido e altamente polêmico, com uma série de questões não respondidas. Mas embora as origens da crise permaneçam incertas, a realidade de que numerosos padres se tornaram abusadores é bem clara.

Nos últimos 15 anos, aproximadamente 1.500 padres americanos enfrentaram acusações de abuso sexual, de acordo com Jason Berry, jornalista que documentou os abusos de Gilbert Gauthé e escreveu o livro *Lead Us Not Into Temptation: Catholic Priests and the Sexual Abuse of Children*, um sólido exame inicial do assunto. Como resultado das revelações do caso Geoghan, em janeiro de 2002, só a Arquidiocese de Boston repassou a agentes da lei de Massachusetts os nomes de mais de 90 padres que teriam abusado sexualmente de menores. E 11 padres em atividade foram abruptamente removidos de seus postos – 8 deles depois que autoridades da Igreja descobriram alegações confiáveis de ataques sexuais em seus registros –, muito embora o Cardeal Law tivesse garantido publicamente, semanas antes, que todos os padres nessas condições já tinham sido retirados de suas funções. Os outros três foram removidos quando novas vítimas se apresentaram pela primeira vez. A decisão de Law de cooperar com a promotoria, tomada sob pressão, incitou autoridades da Igreja em outras grandes cidades americanas, incluindo Filadélfia, Los Angeles e Nova York, a também cooperar, compartilhando os nomes de padres acusados de abusos em suas dioceses com a justiça. Como resultado das repercussões do escândalo de Boston, mais de 170 padres suspeitos de molestar menores renunciaram ou foram tirados da ativa nos primeiros meses de 2002, de acordo com uma pesquisa nacional de dioceses católicas realizada pela *Associated Press*.

Para cada nome repassado aos promotores existia algum tipo de arquivo secreto nos registros da Igreja em praticamente todos os casos. Mas as informações superficiais liberadas pelas dioceses de todo o país enfatizavam uma realidade alarmante: abusadores reincidentes como

Geoghan, Porter, Kos e Gauthé, todos condenados por seus crimes, pareciam não ser as aberrações que algumas autoridades da Igreja afirmavam que eram. Molestadores em série “não são a exceção como as pessoas gostariam de acreditar”, assegurou A. W. Richard Sipe, um ex-padre e psicoterapeuta que se especializou no tratamento de clérigos que abusam de crianças. Os Geoghans e Porters do sacerdócio, ele disse, são “exemplos extremos, de certa forma, porque são os que tiveram notoriedade. Mas existem muitos padres que simplesmente nunca foram denunciados”.

No caso do agressor de McCabe, Joseph E. Birmingham, os abusos foram relatados, mas as denúncias não foram ouvidas. Assim como Geoghan, Birmingham atuou como padre por quase três décadas, desde sua ordenação em 1960 até sua morte em 1989, aos 55 anos. Como Geoghan, ele passou por seis paróquias, apesar do rastro de queixas contra sua compulsão sexual. Como Geoghan, ele acumulou dezenas de vítimas, embora altos membros da Igreja soubessem que ele estava molestando crianças. E, assim como Geoghan, o número de pessoas que se declararam vítimas de Birmingham é grande – pelo menos 25 até seu terceiro cargo na paróquia de St. Michael, em Lowell, norte de Boston, na década de 1970. Mas no caso de Birmingham, a evidência pública de que a Igreja foi passiva e não fez nada para impedi-lo, logo no início de sua carreira, parece ser ainda mais forte.

Que os McCabe tenham denunciado o suposto abuso às autoridades da Igreja já os torna diferentes. Vergonha, constrangimento e, às vezes, ameaças dos molestadores impediam que muitas vítimas revelassem a agressão. Em outros casos, as vítimas confidenciavam os ataques a membros de suas famílias que não acreditavam nelas.

O próprio Howard McCabe, a princípio, duvidou da admissão inocente de seu filho e pretendia seguir o conselho de um vizinho e manter a informação em segredo. Mas mudou de ideia quando Michael lhe contou que um amigo de escola, Peter Taylor, também tinha sido molestado por Birmingham, e o pai do menino, Frank, confirmou que o filho realmente era outra vítima do padre. Passado o choque inicial, a raiva tomou conta deles e os dois pais entraram em ação.

“Ele chegou esmurrando a minha porta, e tinha sangue nos olhos”, descreve Howard McCabe, lembrando daquele momento quase quatro

décadas atrás, quando Frank Taylor tremia de raiva na varanda de sua casa. “Ele era um homem grande e costumava ser tranquilo, mas naquele instante ele queria matar Birmingham.”

Atordoados e desgostosos, os dois entraram em contato com o pároco, que providenciou um encontro entre eles, seus filhos e os administradores da Igreja no quartel-general da arquidiocese em Boston.

A chancelaria da Arquidiocese de Boston, localizada no bairro de Brighton, era um ambiente intimidador: mesas de mogno, funcionários imponentes da Igreja. Dentre os homens reunidos à volta da mesa estava o Monsenhor Francis J. Sexton, vice-chanceler.

“Eu estava morrendo de medo”, lembrou Peter Taylor. “Eu era só um garoto.”

Com Birmingham presente, os dois garotos receberam ordens de repetir com detalhes suas queixas. Depois que eles descreveram para os adultos à mesa o que tinha acontecido com eles, foi a vez de Birmingham falar.

Ele negou qualquer má conduta.

“É terrivelmente constrangedor para um garoto ter que contar uma história como essa em público”, disse Michael McCabe. “Eu não conseguia acreditar que eles estavam nos obrigando a fazer aquilo, a contar tudo na frente dele. Eles fizeram a gente parecer dois mentirosos. Quando saímos, eu disse para o meu pai: ‘Eu contei a verdade, pai. A verdade’.”

A experiência árdua pareceu ter valido a pena. Mais tarde, naquele mesmo dia, o pároco fez uma visita à casa da família Taylor, onde os dois homens e seus filhos se reuniram depois do encontro na chancelaria. Ele trazia boas notícias: Birmingham, garantiu o pároco, seria removido de Sudbury e enviado para Salem, ao norte de Boston, onde se tornaria capelão do Salem Hospital e receberia tratamento psiquiátrico.

De acordo com a palavra do pároco, Birmingham foi transferido para Salem em 1964. Satisfeito e aliviado, Howard McCabe sentiu que sua decisão de notificar as queixas dos garotos à Igreja tinha sido correta. Mas aquela sensação de alívio evaporou cerca de um ano depois, quando seu filho viu Birmingham esquiando em New Hampshire com uma excursão de garotos, no que parecia ser um passeio oficial da escola. A ideia de que suas queixas tinham sido ignoradas pelas autoridades da Igreja foi

devastadora para a fé dos dois pais. “Foi horrível”, desabafa Howard McCabe.

“Eu saí da Igreja”, disse Frank Taylor, hoje com 77 anos. “E nunca mais voltei.”

McCabe e Taylor não seriam os últimos pais a expressar suas preocupações a respeito dos hábitos sexuais de Birmingham para a chancelaria. Ao longo da carreira do sacerdote, pelo menos sete pessoas, de ao menos duas paróquias diferentes, notificaram as autoridades arquidiocesanas de Boston dos supostos abusos cometidos pelo padre. Por volta de 1970, quando Birmingham estava em seu segundo posto, um grupo de cinco mães de Salem também foi até a chancelaria para reclamar que Birmingham tinha molestado seus filhos, às vezes durante a confissão. As queixas delas também foram ignoradas.

Várias semanas após a transferência de Birmingham da paróquia de St. James, em Salem, para St. Michael, em Lowell, Judy Fairbank, Anne McDaid, Mary McGee e Winifred Morton viajaram juntas até a chancelaria para alertar as autoridades da Igreja sobre os abusos. Uma quinta mulher também participou da reunião, mas seu filho insistiu para que ela não fosse identificada. Elas queriam garantir que o novo pároco de Birmingham em Lowell fosse notificado do histórico do padre e que Birmingham recebesse tratamento psiquiátrico.

Somente depois que várias crianças contaram às suas mães que tinham sido molestadas por Birmingham, é que as mulheres entenderam que a transferência do padre para Lowell não tinha sido algo rotineiro; e elas até haviam oferecido uma festa de despedida para ele. Mas durante a reunião com o Monsenhor John Jennings na chancelaria, “nós não conseguimos nada”, lamenta McGee. “Ele ficou sentado lá, todo pomposo, tentando nos acalmar. No fim da reunião, ele disse: ‘Sabem, senhoras, vocês têm que tomar muito cuidado com difamação’.”

Desconcertada, McGee foi visitar o Padre John B. McCormack, que então atuava como diretor regional das Caridades Católicas de Salem, e mais tarde se tornaria bispo de Manchester, New Hampshire. McCormack admite que algumas mães se queixaram para ele de que Birmingham andava molestado crianças, e diz que as encaminhou ao “pároco que era responsável pelo ministério do Padre Birmingham”. Mas ele continuou exercendo o sacerdócio em Lowell e continuou a vitimar garotos novos,

como David Lyko, que disse ter sido acariciado por Birmingham pelo menos uma dúzia de vezes quando tinha entre 9 e 10 anos, e Olan Horne, que afirmou ter levado uma surra do padre, aos 14 ou 15 anos, depois de resistir às investidas dele.

Na primavera de 2002, semanas depois que os abusos de Birmingham foram noticiados nos jornais de Boston, mais de 40 pessoas declarando-se vítimas do padre se apresentaram.

Em março, um antigo morador de Salem, James Hogan, abriu um processo contra a Arquidiocese de Boston e contra o Bispo McCormack, de New Hampshire, alegando que na década de 1960 McCormack – que foi nomeado para St. James, em Salem, na mesma época em que Birmingham – viu Birmingham levá-lo para seu quarto na casa paroquial e não fez nada para impedi-lo. O processo depois foi alterado para incluir mais 39 vítimas. McCormack reconheceu que, por volta de 1970, foi alertado de que Birmingham estava molestando crianças, mas alegou nunca ter visto o clérigo levando garotos para seu quarto na casa paroquial. Separadamente, Thomas Blanchette, ex-morador de Sudbury, afirmou que Birmingham abusou dele e de seus quatro irmãos – em ataques que incluíram tentativa de estupro – na Igreja de Nossa Senhora de Fátima, na década de 1960. E Paul Cultrera, antigo coroinha, que disse que Birmingham começou a molestá-lo em Salem quando estava no primeiro ano do ensino médio, em meados de 1963 ou 1964, revelou que tinha recebido 60 mil dólares em um acordo feito com a arquidiocese em 1996.

Depois da transferência para Lowell, Birmingham foi levado para depor no quartel de polícia da cidade vizinha de Chelmsford no interrogatório de um caso de estupro. Ele foi liberado, mas não sem antes admitir que tinha molestado crianças no passado, de acordo com o chefe de polícia aposentado de Chelmsford, Raymond P. McKeon. Na época, Birmingham insistiu que estava “curado”, recorda McKeon. O padre também lhe disse que nunca tinha feito tratamento por causa dos abusos de crianças e que seu pároco em Lowell não havia sido informado de seu histórico de molestador.

O número total de crianças que Birmingham molestou é desconhecido. Mas durante suas três décadas como padre, ele fez uma turnê pelas paróquias da Arquidiocese de Boston. Depois de servir em Sudbury, Salem e Lowell, ele ainda teve outro posto em St. Columbkille, Brighton – onde

estabeleceu um centro de acolhida de jovens – antes de ser promovido a pároco de St. Ann, em Gloucester, em 1985. Seu último posto, antes de sua morte, foi em St. Brigid, Lexington. Birmingham também serviu como capelão do tribunal juvenil no Tribunal Municipal de Brighton, e com frequência levava consigo paroquianos adolescentes em viagens para fora do estado; em seu processo, Hogan alega que Birmingham abusou dele durante viagens para esquiar em Vermont e em uma viagem no oitavo ano para Arizona, Nevada e Califórnia.

“O que eu sei agora é que eu deveria ter ido à polícia”, disse McGee. “Mas eu pensei que bastava ir à Igreja e a Igreja cuidaria do assunto.”

O ar pinicava de frio naquele fim do outono e o sol mal tinha começado a se levantar quando o Padre Ronald H. Paquin acordou os quatro garotos adolescentes de seu sono embebido em álcool para amontoá-los em seu Lincoln Continental e levá-los para casa.

O padre de 39 anos e seus jovens acompanhantes, com idades entre 13 e 16 anos, ainda estavam sonolentos e podiam sentir os efeitos entorpecentes da noite anterior. Todos os cinco tinham ficado bebendo até uma ou duas da madrugada, de modo que o despertar antes do nascer do sol, naquela manhã fria de 28 de novembro de 1981, foi um choque indesejado em seus organismos. Ainda assim, eles queriam sair cedo para voltar a Haverhill, comunidade operária ao norte de Boston, onde Paquin era o cura em São João Batista, a mesma paróquia em que os quatro adolescentes – James Francis, Joseph Bresnahan, Joseph Vaillancourt e Christopher Hatch – atuavam como coroinhas.

Paquin tinha providenciado a viagem de fim de semana para um chalé particular em Bethlehem, New Hampshire, com a intenção declarada de recompensar os garotos por seu trabalho no lançamento de um grupo de jovens na paróquia. A princípio, eles planejavam passar apenas uma noite no chalé, mas como os garotos estavam gostando muito da viagem, conforme Paquin diria depois a um jornalista, eles decidiram ficar a noite de sexta-feira também. Mais de duas décadas depois, ainda não foi esclarecido o que Paquin tinha em mente quando se enfiou no saco de dormir de Jimmy Francis em uma das noites, o que um dos outros garotos o viu fazer, e como Jimmy reagiu quando descobriu o padre deitado ao seu lado no saco.

Essas são questões que Francis nunca teve oportunidade de responder. Cansado após a noite de bebedeira, Paquin adormeceu ao volante duas vezes na viagem de volta para casa. Na segunda vez em que Paquin cochilou, em um trecho da estrada Interestadual 93, em Tilton, New Hampshire, Francis agarrou o volante em uma tentativa inútil de evitar que o carro saísse da estrada, de acordo com os outros garotos. O carro pesado capotou, jogando Francis para fora e prendendo-o sob as ferragens. Outro dos quatro meninos foi ferido gravemente. Paquin e os dois jovens restantes escaparam com ferimentos leves. Preso debaixo do carro, Francis – aluno exemplar do terceiro ano do ensino médio de Haverhill – morreu de asfixia.

O acidente fatal, que custou a Harold e Sheila Francis seu único filho, não resultou em processo criminal. E 21 anos depois, Paquin insiste que estava sóbrio quando perdeu o controle do carro, apesar do relato de um dos outros garotos, hoje um homem adulto, que descreveu a noite de bebedeira.

Se a arquidiocese tivesse removido Paquin do sacerdócio na primeira vez em que recebeu uma queixa sobre seu comportamento, é improvável que Francis tivesse morrido naquela estrada de New Hampshire.

Três anos antes, Robert P. Bartlett havia reclamado com o pároco da Igreja St. Monica, na vizinha Methuen, onde Paquin estava então alocado, que o padre tinha abusado dele e de outros dois garotos adolescentes. Mas mesmo assim Paquin foi transferido em 1981 para Haverhill, e a Arquidiocese de Boston ainda demorou mais nove anos para tirá-lo de lá, uma decisão que só veio depois que as autoridades da Igreja foram informadas de que ele tinha molestado mais crianças em Haverhill.

Sheila e Harold Francis entraram com um processo de homicídio culposo contra a Arquidiocese de Boston em abril de 2002, após tomarem conhecimento, por meio de notícias de jornal, que a arquidiocese sabia que Paquin tinha sido acusado de molestar crianças antes de transferi-lo para a paróquia em que o padre conheceu o filho deles. No processo, os pais acusavam a arquidiocese de descumprir seu dever para com os fiéis ao permitir que Paquin, “um pedófilo notório que tinha realizado sexo predatório com menores em sua paróquia, permanecesse na vida clerical e continuasse atacando crianças para satisfazer seus desejos sexuais descontrolados”.

Paquin, que admitiu em entrevistas ter molestado crianças, deixou uma marca trágica em cada uma das paróquias por onde passou. Ordenado em 1973, ele começou sua carreira em St. Monica, onde ficou encarregado dos coroinhas, dos escoteiros e da Organização da Juventude Católica, conforme apontam os registros. Ele começou a abusar de garotos quase imediatamente. Quando foi transferido para Haverhill em 1981, autoridades da Igreja já estavam cientes de suas compulsões sexuais.

Com uma característica distinta dos outros padres abusadores, Paquin se destaca da maioria ao reconhecer sua longa história de comportamento sexual depravado. Em entrevista a um jornalista do *Globe*, ele admitiu ter abusado de garotos em Methuen e Haverhill durante 15 anos, até a Arquidiocese de Boston removê-lo do ministério ativo em 1990. Em uma espécie de explicação que forneceu para justificar seu comportamento predador, Paquin disse que foi estuprado por um padre católico quando era menino, em Salem. “Sim, eu me aproveitei de alguns, mas nunca estupro ninguém e nunca senti satisfação”, alega Paquin. Seu próprio psiquiatra o diagnosticou, segundo ele, com “a sexualidade de um jovem de 13 anos”. “Eu fiquei parado nos 13 anos. Sempre que me sentia pressionado, eu passava algum tempo com garotos de 13 anos.” De 1990 a 1998, os registros da Igreja listam Paquin como “sem posto”, “aguardando nomeação” ou em “licença médica”. Ele foi designado para o Hospital Youville em Cambridge, Massachusetts, e lá ficou em 1999 e 2000, mesmo ano em que foi laicizado, o que significa que não poderia mais atuar como sacerdote.

Até hoje, pelo menos sete das vítimas de Paquin receberam compensações financeiras da Arquidiocese de Boston. Uma delas é Bartlett, que disse ter sido molestado por Paquin numerosas vezes ao longo de seis anos durante a década de 1970. Paquin, por sua vez, insiste que parou de abusar de menores depois de ser removido do trabalho paroquial em 1990, afirmação contestada por uma de suas supostas vítimas, hoje com mais de 20 anos, que pediu para não ser identificada. Esse homem, hoje casado, abriu processo contra Paquin em março de 2002 afirmando que o padre começou a abusar sexualmente dele logo depois que se tornou coroinha aos 11 ou 12 anos. O abuso continuou até 1993, 1994, quando o rapaz tinha entre 17 e 18 anos, segundo afirmou.

O abuso começou quando o rapaz era coroinha em St. John, em Haverhill, onde conheceu Paquin, que estava alocado nessa igreja. “Ele quis, logo de cara, fazer amizade comigo”, disse ele a respeito de Paquin, que costumava levá-lo para fazer compras, dava-lhe presentes, dinheiro e o convidava para visitar a igreja para conversarem sobre religião. O pai e a madrastra ficaram encantados com o interesse que o padre demonstrava pelo garoto. A amizade floresceu, e o garoto começou a ver em Paquin uma figura paterna. “Eu realmente me tornei uma parte ativa da igreja e da vida dele”, relata a vítima.

Cerca de sete meses depois, Paquin começou a convidá-lo para excursões a shoppings no Maine e até para passar a noite em um acampamento em Kennebunkport. “Nós bebíamos Corona, preparávamos lagosta e tomávamos sorvete”, ele lembra. Não demorou para que as conversas ao longo das viagens pela Interestadual 95 adquirissem um viés sexual, conforme Paquin encaminhava os tópicos para psicologia, depois Freud e então sexo. Ele já tinha se masturbado? Paquin perguntou. Já teve uma ereção? “Ele começou a fazer disso uma parte da nossa conversa normal”, relembra o rapaz. “No começo foi constrangedor, mas ele disse: ‘Eu sei que pode ser esquisito e embaraçoso, mas é normal falar disso, e é bom para você ficar à vontade com a sua sexualidade’, e eu prestava atenção ao que ele dizia. Ele também falava de coisas boas – sobre religião, fé, moral e como ser uma boa pessoa. Não dava para não gostar dele.”

Durante uma visita ao acampamento, Paquin começou a falar de massagem terapêutica, e então começou a massagear as pernas e costas do garoto. “Quando me dei conta, ele estava me masturbando”, contou. “Ficou me acariciando até eu ejacular. Ele foi muito delicado, o tempo todo, e se percebia que eu estava ficando tenso, ele parava e perguntava: ‘Você está bem? Isto é completamente normal’. Ele disse que era só uma sensação boa. E foi assim que ele vendeu a história: era bom ter uma ejaculação, era bom ficar à vontade com ele.” Foi a primeira experiência sexual do garoto.

Depois de algum tempo, Paquin começou a fazer sexo oral nele com regularidade, geralmente dentro do carro em um cemitério de Haverhill. Os encontros sexuais também ocorreram em numerosas viagens a Vermont, Maine e outros estados, e até para o Canadá. Anos mais tarde,

quando o rapaz visitou Paquin em Baldpate – uma instituição psiquiátrica em Georgetown, uma comunidade rural ao norte de Boston –, o padre tentou acariciá-lo de novo. E a atividade sexual continuou quando Paquin foi enviado para a Casa de Nossa Senhora, uma mansão de alvenaria bem conservada em Milton (um subúrbio rico no sul de Boston), usada pela Arquidiocese de Boston para acolher sacerdotes deprimidos, alcoólatras e abusadores. Ao mesmo tempo em que afirmava oferecer tratamento e reabilitação, a instituição fornecia a Paquin toda a estrutura para continuar o abuso, dando-lhe um lugar privado e sem supervisão em que ele poderia passar tempo com o jovem.

A vítima estimou ter visitado a instituição dezenas de vezes durante os dois ou três anos em que Paquin morou lá, às vezes entrava pela porta da frente, às vezes por uma entrada menos visível na lateral ou pelo porão. Quando estava no quarto de Paquin, este costumava masturbá-lo e fazer sexo oral nele, contou o homem. Em duas ocasiões, ele passou a noite com o padre.

Na manhã seguinte de uma das noites que o jovem passou com Paquin, o padre se ofereceu para preparar café da manhã, mas pediu que ele permanecesse no quarto enquanto preparava comida no andar de baixo. A instituição não exigia que os visitantes se identificassem para entrar ou sair, nem possuía qualquer supervisão, conta o rapaz. E sua presença ali nunca foi questionada pelos outros padres. “Ninguém nunca me questionou, ninguém nunca perguntou: ‘Quem é você?’.” O jovem não tinha consciência, nessa época, de por que Paquin estava vivendo em Baldpate ou na Casa de Nossa Senhora, porque o padre lhe afirmou que só estava morando ali enquanto esperava um novo posto.

Só depois que fez 17 anos e começou a namorar que o rapaz se sentia “cada vez menos à vontade” com o interesse sexual de Paquin por ele. Ele explica que, antes disso, tinha sido “induzido a acreditar que aquilo era normal e natural, então me parecia normal e natural”.

“Eu lembro que certa vez estávamos dirigindo na Interestadual 95, depois de uma viagem para esquiar, quando eu basicamente surtei”, ele contou. “Eu disse: ‘Ou nós paramos de fazer isso ou eu vou sumir daqui.’ Paquin concordou: ‘Você tem razão. Isso vai parar, é só me dar algum tempo.’ Mas um tempo depois, acho que alguns poucos meses mais tarde, ele disse: ‘Vamos viajar de novo.’ E como eu sempre tinha confiado muito

nele, pensei que tivesse acabado, mas aconteceu de novo.” Até que enfim, depois de conhecer a mulher que acabaria se tornando sua esposa, o jovem disse a Paquin que “chega, não posso mais fazer isso”.

Em janeiro de 2002, as matérias no *Globe* e em outros jornais revelaram a longa história de abusos sexuais cometidos por Paquin. “Eu fiquei em choque”, disse a vítima, que afirmou não ter conhecimento de que o padre tinha molestado outros garotos. Ele foi falar com Paquin, e este lhe disse que não conseguiria precisar o número de crianças que havia molestado. “Esse foi o momento de virada para mim”, disse o homem, que contratou um advogado.

O rapaz confessa que é constrangedor e vergonhoso olhar para trás e constatar que lhe faltou maturidade emocional para encerrar o relacionamento antes. Ele se esforça para explicar – para aqueles que se esforçam para entender – por que manteve contato com um padre que iniciou um relacionamento sexual com ele. Paquin, ele explica, encaminhou o relacionamento para um rumo sexual aos poucos e com muito cuidado, cultivando também um relacionamento emocional com ele ao longo do caminho. O garoto era sexualmente inexperiente quando conheceu o padre, e acreditou nas afirmações de Paquin de que o sexo era uma evolução natural do relacionamento entre os dois. E, explicou com simplicidade, Paquin tinha se tornado um companheiro íntimo e confiável. “Ele era meu melhor amigo adulto. Eu posso dizer seguramente que amava aquele cara – sem dúvida. Eu dizia para mim mesmo: ‘Sabe, ele me ensinou muita coisa sobre paciência, bondade, religião e fé’. Mas é necessário comparar o lado bom dele com o ruim, e o ruim é muito pesado. Ele tem esse problema, essa questão psicológica, e é responsabilidade da Igreja.” Em maio de 2002, Paquin foi preso sob a acusação de estupro de vulnerável, relacionada à queixa do garoto. Ele se declarou inocente da acusação e mais tarde foi indiciado por mais três acusações de estupro de vulnerável.

A década de 1960 foi uma era de imensa agitação não só para a sociedade americana, ela também marcou uma época de mudança radical para a Igreja Católica Romana e seu clero. Em Boston, nenhum padre incorporou mais essa mudança do que o Padre Paul R. Shanley.

Ele irradiava confiança e carisma. Alto, atraente, inteligente e autoconfiante, Shanley era caloroso e gregário, sua personalidade cativante atraía admiradores dentre seus colegas de seminário e, mais tarde, dentre seus paroquianos. E ele tinha um apelo especial junto aos jovens.

Em 1960, quando saiu do Seminário de St. John como padre recém-ordenado, Shanley cultivava um visual jovem e bem definido. Fotos tiradas na época de sua ordenação mostram um jovem atraente, de cabelo bem cortado, com um sorriso fácil e amplo. Mas em poucos anos ele apresentaria uma imagem bem diferente, uma que refletia o sentimento de contracultura da época. Ele deixou o cabelo castanho crescer até abaixo de seu colarinho de padre, e começou a cultivar costeletas fartas que escorriam por suas faces. Por fim, ele parou de usar o colarinho, trocando o tradicional hábito sacerdotal por camisa xadrez e calça jeans.

Não era só a roupa nada convencional de Shanley e seu cabelo desgrenhado que faziam com que ele se destacasse. Em meio ao tumulto da década em que ele foi ordenado, Shanley, com frequência, questionava os ensinamentos da Igreja, em particular os que condenavam a homossexualidade, enfrentando aberta e publicamente seus superiores, incluindo o Cardeal Medeiros.

Shanley apoiava as minorias excluídas, como gays, lésbicas e transexuais, e no início dos anos 1970 criou seu “ministério dos jovens marginalizados”, para atender fugitivos, dependentes de drogas, andarilhos e adolescentes em conflito com sua identidade sexual. Seu ministério incomum e sem precedentes lhe valeu os títulos não oficiais de “padre das ruas” e “padre hippie”. Sua franqueza lhe alçou à condição de herói entre os muitos jovens esquecidos de Boston, e o colocava em conflito constante com seus superiores.

Era também o que Shanley dizia em particular que o destacava. E foi o que ele fez por trás de portas fechadas que, quatro décadas após sua ordenação, trouxe-lhe mais notoriedade do que suas roupas rebeldes e seu estilo de pregar.

Nas paróquias e nos locais de aconselhamento em que jovens desesperados e problemáticos buscavam sua ajuda, Shanley era um predador sexual, um manipulador habilidoso que usava seu poder e sua

autoridade para atacar aqueles que procuravam sua orientação e seu apoio. Sessões de terapia tornaram-se o ambiente para abuso e estupro.

A Arquidiocese de Boston pagou pelo menos cinco indenizações para vítimas de Shanley, incluindo um pagamento de 40 mil dólares para um homem que, por volta de 1993, notificou autoridades da Igreja de que tinha sido estuprado repetidas vezes por Shanley em meados de 1972, quando tinha entre 12 e 13 anos. Outro homem recebeu uma indenização de 100 mil dólares em 1998 depois de relatar um relacionamento sexual de quatro anos com Shanley, que teria começado em 1965, quando estava no quinto ano.

Mas a abrangência do comportamento criminoso de Shanley, e a extensão da proteção e do acolhimento que recebeu das autoridades da Igreja, permaneceram ocultos até que o processo aberto em fevereiro de 2002 por Gregory Ford – que alega ter sido estuprado repetidas vezes por Shanley na década de 1980 – forçou a arquidiocese a divulgar os arquivos confidenciais do padre. Mais de 1600 páginas de registros da Igreja, antes secretos, deixaram claro que, por mais de uma década, Law e seus auxiliares não deram atenção a acusações detalhadas de má conduta levantadas contra Shanley em 1967, e reagiram com descaso às repetidas queixas de que ele tinha endossado publicamente relações sexuais entre homens e garotos.

O Cardeal Law e seus subordinados estavam tão despreocupados em relação ao comportamento de Shanley que, em 1988, duas décadas depois que as reclamações sobre a conduta extravagante dele começaram a chegar à arquidiocese, ignoraram uma acusação de que Shanley tinha iniciado uma conversa sexualmente explícita.

O homem que fez a acusação, que só concordou em falar sob condição de anonimato, relata que Shanley o visitou sem avisar no Hospital McLean, uma instalação psiquiátrica a nordeste de Boston, sob o pretexto de oferecer aconselhamento. Mas o que começou como uma “conversa bastante agradável” de repente se tornou “muito, muito, muito sexual”, disse o homem. “Foi tão bizarro. Ele começou a me contar que tinha amigos que gostavam de sadomasoquismo”, lembrou o homem. “A coisa ficou extremamente pornográfica, ao ponto de descrever o que faziam um com o outro, contando que se chicoteavam e que um deles ejaculava sobre outras pessoas.” Mesmo assim, e apesar das evidências nos arquivos da

chancelaria sobre as acusações de 1967 e das opiniões bizarras de Shanley sobre sexo, o Bispo Robert Banks, auxiliar de Law, concluiu em um memorando que nada poderia ser feito porque Shanley negava que o incidente tivesse acontecido.

O arquivo de Shanley revela Medeiros como cúmplice tanto quanto Law. Em uma palestra em Rochester, Nova York, em 1977, Shanley afirmou, em público, que não conseguia pensar em algum ato sexual que causasse danos “psíquicos” a crianças, incluindo incesto e bestialidade, isto é, sexo com animais. E argumentou que a criança geralmente é a sedutora em relacionamentos sexuais entre homens e meninos. Em uma carta para Medeiros, escrita logo depois dessa palestra, uma católica horrorizada comunicou sua consternação frente às afirmações de Shanley. Aparentemente, nenhuma atitude foi tomada.

A defesa pública da homossexualidade por parte de Shanley acabou atraindo a atenção de autoridades do Vaticano, uma das quais escreveu para Medeiros pedindo explicações. Em sua resposta, enviada em fevereiro de 1979, ao Cardeal Franjo Seper, em Roma, Medeiros definiu Shanley como “um padre problemático”. Dois meses depois, Medeiros foi avisado por um advogado de Nova York de que observações semelhantes de Shanley tinham sido citadas em uma entrevista sobre amor entre homens e meninos de uma publicação chamada *Gaysweek*. A única ação tomada pelas autoridades da Igreja foi remover Shanley de seu ministério nas ruas e enviá-lo a uma paróquia do subúrbio.

Documentos da Igreja mostram que Shanley tentou revidar chantageando Medeiros para que ele revertesse a decisão, aparentemente ameaçando revelar para a imprensa informações não específicas sobre St. John, o seminário arquidiocesano. Em vez de ser punido ou retirado definitivamente de posições que o deixavam em contato com jovens, Shanley foi transferido para a Igreja de S. João Evangelista, em Newton, um subúrbio próspero a oeste de Boston. Em uma tentativa bastante moderada de repreensão, a transferência foi acompanhada de uma advertência: “Fica entendido que seu ministério na Paróquia de S. João e em outros lugares desta Arquidiocese de Boston será exercido em total conformidade com os ensinamentos da Igreja, conforme expressos em documentos papais e outros pronunciamentos da Santa Sé, especialmente

aqueles relativos à ética sexual”, escreveu Medeiros em uma carta a Shanley.

A carreira de Shanley floresceu em Newton. Apesar de seus registros problemáticos, seis anos depois, ele foi promovido a pároco pelo Cardeal Law, então o arcebispo recém-chegado, em 1985. Quatro meses depois, a arquidiocese reagiu com indiferença quando uma mulher alertou a chancelaria de que Shanley tinha dado outra palestra, em Rochester, em que mais uma vez endossava relações sexuais entre homens e garotos. Em resposta à segunda carta de Rochester, o Padre McCormack escreveu uma mensagem amistosa a Shanley, que foi seu colega de seminário. Em uma carta assinada “fraternalmente em Cristo” e com um tom nada urgente, McCormack escreveu: “Você poderia comentar as observações que ela fez? Você pode fazer isso por escrito ou podemos nos encontrar um dia desses para falar a respeito.” Os arquivos não continham evidências de que Shanley respondeu àquele pedido.

O arquivo de Shanley também revelou que altos funcionários da Igreja possuíam evidências do comportamento abusivo do padre já no final da década de 1960. Em uma carta manuscrita, um padre do Santuário de Nossa Senhora de La Salette, em Attleboro, perto da fronteira com Rhode Island, notificava a arquidiocese de que um garoto tinha lhe contado que Shanley o havia masturbado em uma cabana de Blue Hills, uma floresta preservada ao sul de Boston. A carta relatava que era rotina Shanley levar adolescentes para a cabana nos fins de semana, e fornecia nomes, números de telefone e endereços de outras possíveis vítimas. Os arquivos da Igreja não contêm quaisquer evidências de que as alegações tenham sido investigadas. Mas com uma arrogância que era marca de sua personalidade, Shanley negou as acusações em cartas provocadoras nas quais fazia avaliações sarcásticas de seus acusadores e se referia ao seu próprio “brilhantismo”. Em outra carta, Shanley usou um provérbio desdenhoso para se referir a uma mulher que o acusava de molestar um garoto: “Vista um poste com um hábito e alguma mulher vai se apaixonar por ele”.

Os diários e ocasionais boletins informativos de Shanley, sem data, mas também presentes em seus arquivos, revelavam que ele contraiu uma doença sexualmente transmissível e ensinou adolescentes a injetar drogas. Ainda assim, apesar do registro condenatório de Shanley, Law prestou-lhe

um tributo entusiástico quando o padre se aposentou em 1996. Em uma carta de 29 de fevereiro, o cardeal declarou: “Sem dúvida, ao longo de todos esses anos de dedicação generosa e fervorosa, muitas vidas e muitos corações foram tocados pelo Espírito do Senhor através de suas obras. Você é realmente admirado por tudo que fez”.

Talvez nunca se saiba o número total de vítimas de Shanley, mas seu envolvimento com crianças é anterior à sua atuação como padre. Antes de sua primeira nomeação para uma paróquia, na Igreja St. Patrick, em Stoneham, norte de Boston, Shanley trabalhou com crianças com necessidades especiais, órfãos, delinquentes juvenis e jovens negros e carentes em várias organizações em Massachusetts e New Hampshire, incluindo o Acampamento Fatima, a Casa para Crianças do Cardeal, Casa para Garotos St. Francis, Centro de Orientação para Garotos Católicos, Casa de Ajuste de Dorchester e o Acampamento Dorchester. Em Stoneham, Shanley fundou um “Clube dos Dez Mais” para a juventude local, no prédio da prefeitura, e nas noites de sexta-feira o local se transformava em discoteca, com música ao vivo e iluminação psicodélica. Em Braintree, ele rezou missas para adolescentes que atraíam dezenas de jovens. Ele também estabeleceu um retiro para jovens trabalhadores em uma fazenda de 38 hectares em Weston, Vermont, e a chamou de “Rivendell”, em homenagem ao vale idílico do livro *O Hobbit*, de J. R. R. Tolkien. Shanley também serviu como capelão na Faculdade Estadual de Boston e teve cargos na Casa Warwick, em Roxbury, e no Centro Êxodo em Milton, logo ao sul de Boston. As duas posições envolviam trabalho com adolescentes. Vítimas de todos esses períodos se apresentaram.

Durante boa parte da década de 1970, enquanto atuava em seu ministério das ruas, Shanley viveu de modo independente em um apartamento particular na Back Bay, em Boston, muito frequentado por garotos adolescentes que ele convidava para as chamadas sessões de aconselhamento que rotineiramente terminavam em encontros sexuais. Foi lá que um adolescente, hoje com 42 anos e que concordou em falar sob condição de anonimato, conheceu Shanley. Era o verão de 1974, e o jovem, então com 15 anos, tinha acabado de terminar seu primeiro ano na Escola de Ensino Médio da Boston College e estava muito confuso quanto à sua identidade sexual. Um conhecido sugeriu que ele se encontrasse com Shanley para falar de suas emoções turbulentas.

Logo nesse primeiro encontro, Shanley sugeriu que o rapaz se esforçasse para se sentir mais à vontade com sua sexualidade. “Ele disse: ‘Você precisa se sentir mais confortável em seu corpo. Você não parece muito à vontade com seu corpo. Já jogou *strip poker*?’”, ele relembra. Shanley então tirou a roupa, ficou nu, e persuadiu o jovem a fazer o mesmo, convidando-o em seguida a compararem seus corpos em frente a um espelho de corpo inteiro. A nudez levou ao sexo, a primeira vez de muitas que aconteceriam ao longo dos anos seguintes. Shanley também providenciou encontros sexuais do garoto com outros homens mais velhos. O homem descreveu seu relacionamento com Shanley como “danoso, porque às vezes eu só queria e precisava conversar, mas aquilo era apenas a hora do sexo. Eu comecei a achar que eu só servia para sexo, porque ele era um homem encantador, atraente e respeitado, e esse era o interesse que ele tinha em mim”. Somente em 1982, sentindo-se “usado e furioso”, que ele cortou o relacionamento em definitivo, quando Shanley estava na paróquia de Newton. Depois que o abuso de Shanley se tornou público pelo *Globe* em janeiro de 2002, o homem contratou um advogado e abriu um processo contra a Igreja por causa do abuso que sofreu.

Ao deixar Newton em 1990 para um período “sabático” na Califórnia, Shanley foi afastado por licença médica e reapareceu na paróquia St. Anne em San Bernardino, com o caminho aberto por uma carta do Bispo Banks que garantia que Shanley era um padre com boa reputação em Boston. Shanley trabalhava em alguns fins de semana em St. Anne e – sem o conhecimento de seus colegas da paróquia – passava os dias da semana administrando o Cabana Club, um motel gay em que “roupas eram opcionais”, na cidade vizinha de Palm Springs, auxiliado por outro padre de Boston que também estava em licença médica na Califórnia, John J. White. Shanley e White eram coproprietários do local, embora continuassem recebendo pagamentos mensais da Arquidiocese de Boston.

Em meados dos anos 1990, com o consentimento da Arquidiocese de Boston, Shanley foi nomeado diretor interino da Leo House, uma instituição de acolhimento da Igreja em Nova York. Isso foi em 1997 – depois que a Arquidiocese de Boston já tinha pagado indenizações a várias vítimas de Shanley –, e Law não fez objeções à sua candidatura ao cargo de diretor efetivo da instituição. Arquivos da Igreja contêm um rascunho da carta escrita por Law recomendando Shanley para a posição de diretor,

embora o Cardeal John O'Connor, de Nova York, tenha vetado a ideia e a carta nunca tenha sido enviada. Então, Shanley voltou para a Califórnia, onde trabalhou como “voluntário civil sênior” para o Departamento de Polícia de San Diego.

Falando em 1969, sobre os perigos que corriam os jovens fugitivos e os garotos de rua, Shanley pareceu estar desafiando o repórter que o entrevistava a ir além das aparências do seu ministério. “Quem você quer que pegue esses garotos primeiro? Conselheiros profissionais ou malandros e psicóticos que atacam os jovens?”, ele perguntou. Na mesma entrevista, Shanley descreveu os adolescentes com que trabalhava como “vítimas de violência, doença, depravados sexuais e drogas”.

Quase 35 anos depois que a primeira denúncia de abuso sexual foi feita contra ele, Shanley finalmente atraiu a atenção da polícia. No início de maio de 2002, enquanto muitas de suas supostas vítimas se apresentavam pela primeira vez, encorajadas pelo rastro de notícias publicadas nos jornais a respeito de seu passado de abusos, Shanley foi preso em San Diego e se declarou inocente de três acusações de estupro de vulnerável nos anos 1980. As acusações foram feitas em nome de Paul Busa, antigo morador de Newton que afirmava que Shanley abusou dele de 1983 a 1990, começando quando ele tinha 6 anos. O padre, então com 71 anos, defrontava-se com a possibilidade de passar o resto de sua vida na prisão.

Assim como Shanley, que tinha sido seu colega de seminário em St. John, o Padre Bernard J. Lane foi alvo de numerosas acusações de abuso sexual; a Arquidiocese de Boston fez pelo menos seis acordos relativos a queixas de abuso contra ele. E, assim como Shanley, Lane buscou cargos, durante toda sua carreira, que o colocavam regularmente em contato com crianças.

Em 1969, ele fundou um centro de tratamento para adolescentes usuários de drogas em Malden, ao norte de Boston, e organizava retiros para jovens nas igrejas em que trabalhou. Ele também foi capelão na Escola Católica de Ensino Médio de Malden. Mas a maioria das acusações contra ele vêm de seu mandato como diretor do Alpha Omega, centro sem fins lucrativos para garotos adolescentes com problemas, localizado em Littleton, Massachusetts, ao norte de Boston, bem como da cabana de

propriedade da família em Barnstead, New Hampshire, descrita por algumas de suas vítimas como um “abatedouro”, com espelhos no teto.

Como no caso de Paquin, parece que muitos dos supostos abusos de Lane poderiam ter sido evitados, mas as autoridades estaduais perderam a chance de dar um fim precoce aos seus delitos. E quando encontraram evidências do comportamento inadequado dele, tanto o estado quanto a Arquidiocese de Boston decidiram que seria melhor transferir Lane para evitar constrangimento público – ainda que, nessa época, o estado pudesse ter iniciado uma investigação mais ampla que talvez resultasse em indiciamento criminal.

No fim dos anos 1970, o centro Alpha Omega tinha dois lares em Littleton, e cada um abrigava 15 garotos com idades entre 14 e 17 anos que apresentavam “sérios problemas de comportamento”, incluindo consumo de drogas ou álcool e roubo de carros. Em 1976 ou 1977, uma equipe de avaliação do Departamento de Serviços da Juventude de Massachusetts fez uma visita ao centro Alpha Omega, no que deveria ser uma inspeção de rotina. Mas Lane se recusou a deixar a equipe entrar, argumentando que era inadequado deixar pessoas de fora observarem a terapia em grupo que acontecia ali. Quando a equipe alertou seu superior, John Isaacson, comissário-assistente do Departamento, ele se recusou a interceder. A decisão de Isaacson, declararam membros da equipe em entrevista ao *Globe*, foi um lapso sério do Departamento. “Se pudéssemos ter feito o trabalho que deveríamos fazer na época, talvez alguns garotos não tivessem sido agredidos”, lamenta Jean Bellow, membro da equipe de avaliação. Isaacson alegou que não se lembra de ter discutido a respeito do centro Alpha Omega com a equipe, mas não contesta o relato de seus membros. Ele também disse que desconsiderou as descobertas da equipe porque não confiava no discernimento dos integrantes. Repelida, a equipe nunca mais voltou. Pouco tempo depois, em 1978, o Departamento de Serviços da Juventude recebeu uma queixa de que Lane tinha molestado um residente do Alpha Omega em sua cabana de New Hampshire.

Detalhes da acusação escancararam uma instituição problemática administrada por um padre ainda mais problemático; de acordo com um dos acusadores de Lane, os garotos do Alpha Omega eram estimulados a rolar nus pelo chão. Questionado sobre o procedimento, Lane o definiu como “terapêutico”, de acordo com Isaacson. A acusação fez com que

autoridades do estado ameaçassem tomar a licença do Alpha Omega por “práticas incomuns de tratamento”, o que incitou as autoridades da Igreja a retirarem Lane da instituição no mesmo ano. Autoridades estaduais envolvidas na controvérsia disseram que o respeito pela Igreja evitou que o estado agisse antes.

Cornelius Coco, psicólogo do Alpha Omega durante os anos 1970, não soube por que Lane saiu do instituto até surgirem as alegações sobre a conduta abusiva dele, mais de 20 anos depois, no início de 2002. Mas ele concorda que, olhando em retrospecto, realmente havia alguns indícios de que nem tudo estava bem no centro Alpha Omega. “Houve ocasiões em que Bernie dizia para a equipe que um dos garotos tinha se enfiado na cama dele, e que, então, ele conversou um pouco com o garoto e o reconduziu ao seu próprio leito”, revela Coco. Mesmo assim, após remover Lane de Littleton, a arquidiocese o nomeou para outras igrejas em Boston, onde ele continuou a ter acesso a crianças: paróquia de St. Peter em Lowell; St. Maria Goretti em Lynnfield; St. Charles em Waltham, onde ele ficou encarregado dos coroinhas e das aulas de catequese; St. Anthony em Cambridge; e Nossa Senhora das Graças em Chelsea.

Assim como Geoghan, cujos abusos foram ignorados enquanto ele era transferido de uma paróquia para outra, Lane continuou a atuar como sacerdote apesar das evidências de seu comportamento destrutivo. Demorou até 1993, ano em que Law anunciou uma nova política arquidiocesana para abuso sexual, que envolvia uma análise da ficha pessoal de todos os padres vivos, para que Lane fosse removido de Chelsea e afastado por licença médica. Após três anos de licença, Lane se tornou, entre 1996 e 1999, diretor-associado do Escritório de Padres Seniores em Regina Cleri, principal lar de padres aposentados da arquidiocese no centro de Boston – o mesmo posto ocupado antes por Geoghan. Embora tenha mantido essa posição até 1999, a essa altura a Igreja já tinha feito seis acordos em casos de acusações contra ele, todos oriundos do centro Alpha Omega. Desde que os supostos abusos no Alpha Omega se tornaram públicos, em janeiro de 2002, mais de uma dúzia de vítimas contrataram advogados.

Lane, que hoje está aposentado e mora em Barnstead, New Hampshire, negou as acusações e encaminhou todas as perguntas para seu advogado e sobrinho, Gerard F. Lane II, que reconheceu que a arquidiocese fez três

acordos em casos de abuso sexual contra seu tio por incidentes que aconteceram durante o mandato dele no centro Alpha Omega. Mas Gerard Lane disse acreditar que as acusações eram desprovidas de mérito; ele afirmou que Wilson Rogers Jr., advogado da arquidiocese, pediu que seu tio fizesse os acordos para que mais reclamantes não “saíssem da toca”.

Um dos aspectos mais marcantes da onda de acusações de abuso sexual contra membros do clero, motivadas pelas revelações de Boston, foi este: as alegações não tinham limites geográficos. Já teria sido bastante perturbador se o abuso fosse limitado à Nova Inglaterra, mas em todo o país existiam outros Shanleys, Birminghams, Lanes. Do Maine à Flórida à Los Angeles, novas vítimas se apresentavam para contar suas histórias, encorajadas por outras vítimas que haviam se pronunciado antes delas. E no Arizona, enquanto o caso Geoghan atraía grande atenção do público, um caso que tinha jogado os holofotes na Diocese de Tucson estava chegando ao fim.

Em janeiro de 2002, processos cíveis abertos contra a diocese por 11 homens que alegavam ter sofrido abuso sexual por quatro padres do Arizona nos anos 1960 foram resolvidos através de acordos confidenciais – por uma quantia que alguns estimam chegar a 16 milhões de dólares. Foi um caso envolvendo a conduta da Igreja que Lynne M. Cadigan, advogada dos reclamantes, chamou de “a prática mais ultrajante de dissimulação criminosa que eu já vi em 19 anos de litigância em abuso sexual”.

Entre as revelações trazidas à luz: vários garotos notificaram uma autoridade da Igreja, ainda em 1976, de que tinham sido acariciados por um dos padres acusados, Monsenhor Robert C. Trupia, mas ainda assim ele permaneceu em serviço ativo até 1992; dois padres foram ignorados no fim da década de 1980 quando reportaram o comportamento abusivo de Trupia para autoridades da Igreja; a diocese sabia que Trupia tinha sido banido em 1988 de um seminário na Califórnia por chegar sem autorização com convidados jovens, mas ainda assim o promoveu duas vezes nos 16 anos que se seguiram à primeira acusação; e Trupia e outro padre identificado nos processos, William T. Byrne, supostamente compartilharam sexualmente coroinhas na paróquia de Yuma, Arizona, em que os dois serviram juntos na década de 1970.

A litania de revelações danosas foi escorrendo de Tucson como um veneno lento, e fez com que autoridades da Igreja no Arizona organizassem uma liturgia de cura para centenas de paroquianos depois que o acordo foi alcançado. Nesse serviço especial, realizado em fevereiro de 2002, o Bispo Manuel D. Moreno pediu desculpas por seu papel no escândalo, o que motivou o jornal *Arizona Daily Star* a exigir que ele renunciasse.

Entre as 11 vítimas estavam Andrew e Arthur Menchaca, que afirmaram terem sido abusados tanto por Trupia quanto por Byrne na década de 1970, quando eram garotos. Andrew Menchaca, agora na casa dos 40 anos, disse que parte dos abusos aconteceu quando Trupia se ofereceu para lhe dar “aulas particulares” na casa paroquial da Igreja St. Francis em Yuma. Com Byrne, que morreu de tumor cerebral em 1991, o abuso também aconteceu na casa paroquial, bem como durante viagens a Phoenix, Tucson, Los Angeles e outras cidades a que o padre viajou em sua função de capelão militar.

Assim como muitas vítimas, Menchaca teve uma infância difícil. Um de cinco irmãos, ele cresceu em Yuma, cidade fronteira de trabalhadores migrantes e pobreza extrema. Seus pais se divorciaram quando ele era muito jovem, e a mãe depois se casou novamente e teve mais um filho. Tanto Trupia quanto Byrne forjaram amizade com ele, segundo Menchaca, e o deixaram vulnerável aos métodos manipulativos de ambos. “Garotos muito jovens e cheios de hormônios pensam no que é o sexo, mas não sabem nada a respeito”, conta Menchaca. “E então isso começa a ser feito com você, e seu corpo reage de um jeito enquanto a mente reage de outro... A essa altura você não entende mais o que está acontecendo com seu corpo e com sua vida. Você sabe que se sente atraído por mulheres, mas está sofrendo uma coisa como essa... tem alguém dizendo que deseja o seu corpo, mas não é uma mulher. E seu corpo reage fisicamente.”

Os outros padres nomeados como réus foram Pedro Lucien Meunier de la Pierre e Michael J. Teta. Poucos fatos foram contestados. Trupia, que hoje mora em Maryland, admitiu que era uma “metralhadora giratória” e “inadequado ao ministério público” quando questionado por seus superiores, em 1992, sobre as alegações de abuso. Tomando a declaração de Trupia como uma admissão de culpa, Moreno o suspendeu de imediato de suas atividades, mas a reação aparentemente ágil de Moreno chegou

com mais de 16 anos de atraso. Autoridades da Igreja souberam pela primeira vez dos abusos de Trupia em 1976, quando o Padre Ted Oswald notificou seus superiores de que vários garotos de St. Francis lhe contaram que tinham sido acariciados por Trupia. O Monsenhor John Anthony Oliver disse que encaminhou o relato de Oswald para o bispo na época, Francis J. Green. Mas Oliver disse que nunca questionou Trupia sobre as acusações. “Não é minha responsabilidade ouvir essas coisas”, testemunhou Oliver, de acordo com registros do tribunal. “Pessoalmente, não gosto de saber dessas coisas, a menos que seja obrigado.”

E, assim, Trupia continuou a subir na escada eclesiástica. Em 1976, mesmo ano das acusações iniciais, ele foi nomeado chefe do tribunal do casamento da Diocese de Tucson e pároco associado da Igreja de Nossa Senhora das Dores, também em Tucson. Em 1982, em seu primeiro ano como bispo, Moreno foi notificado por um arcebispo, em um seminário na Califórnia, de que Trupia tinha sido flagrado dormindo com um jovem. Durante a litigância, anos depois, autoridades da Igreja disseram que não existia evidência de que Trupia e seu convidado noturno “estivessem fazendo qualquer outra coisa além de dormir”.

Em 1988, o mesmo seminário alertou Moreno de que Trupia tinha sido banido da instituição por seu hábito de aparecer com jovens convidados não autorizados. E um padre de Tucson, Joseph Baker, relata que Moreno “mostrou-se hostil” quando Baker o alertou em 1989 para o hábito que Trupia tinha de levar crianças para seu quarto. Outro padre que manifestou preocupações semelhantes ouviu que deveria “cuidar da própria vida”, de acordo com registros do tribunal. Naquele mesmo ano, Trupia ganhou uma bolsa de estudos na Universidade Católica da América, em Washington, D.C, para fazer doutorado em direito canônico católico. Nenhum aviso foi enviado à universidade sobre seu histórico de abuso. Depois que Trupia se descreveu como uma “metralhadora giratória” e Moreno finalmente o suspendeu em 1992, ainda assim, ele escreveu no ano seguinte para a mãe de uma suposta vítima informando-a que Trupia havia negado qualquer delito. E a decisão de Moreno de finalmente investigar e suspender Trupia só veio depois que a mãe de uma das vítimas de abuso notificou Robert Sanchez, o arcebispo de Santa Fé responsável por Trupia, que o clérigo tinha abusado sexualmente de seu filho, um antigo coroinha, em 1977. O

próprio Sanchez renunciou em 1993 depois de admitir que manteve relações sexuais com várias mulheres nos anos 1970.

Seja como for, as autoridades da Igreja nunca reportaram as acusações contra Trupia a agentes da lei. Mesmo assim, o padre problemático finalmente atraiu a atenção de investigadores de polícia em 1988 e novamente em 1997. Em ambas as ocorrências, as autoridades eclesiásticas não cooperaram, recusando-se a revelar o paradeiro do clérigo para os investigadores, em 1997, embora ele estivesse suspenso e a Igreja lhe enviasse cheques. Em 2001, Trupia foi preso em Yuma por sete acusações de abuso criminal de menor em 1973. Mas as acusações foram retiradas porque os crimes estavam prescritos.

Quantos Trupias estavam à solta por aí? Enquanto as dioceses por todo o país continuavam a manter as acusações de abuso confidenciais, o verdadeiro número de padres predadores permaneceria desconhecido. Na falta de uma política de transparência por parte das autoridades eclesiásticas, que abrangesse desde as paróquias de cidadezinhas até o Vaticano, o público tinha que adivinhar se a explosão na divulgação de padres sexualmente pervertidos se concentrava em uma pequena minoria de clérigos ou se era apenas um arranhão na superfície de um problema muito maior. Enquanto isso, outra questão se levantava: quantas vítimas ainda existiam – amedrontadas, silenciosas e envergonhadas?

As vítimas

Para Peter Pollard, aquele momento de 1967 ficará gravado para sempre em sua memória. O coroinha de 16 anos e o Padre George Rosenkranz estavam sozinhos no porão da igreja, pouco depois da meia-noite na madrugada do Domingo de Páscoa, nos primeiros estágios óbvios de um encontro sexual, quando foram surpreendidos pelo pároco.

Da mesma forma que seus colegas estavam acostumados a fazer, o Monsenhor William McCarthy fingiu não notar Pollard e Rosenkranz. E da mesma forma que os bispos e os cardeais que há muito sabiam dos anseios sexuais descontrolados de alguns dos seus padres, McCarthy deixou passar a oportunidade de pôr um fim naquilo. Assim como a Igreja Católica vinha fazendo há tanto tempo, McCarthy deu as costas à vítima. “Vocês podem apagar a luz quando terminarem?”, o Monsenhor McCarthy perguntou, indiferente, enquanto se virava e se afastava de Rosenkranz e sua presa.

Pouco depois que a luz foi apagada, Pollard caiu na escuridão. Ele era um estudante exemplar em sua escola em Marblehead, norte de Boston, antes de Rosenkranz o persuadir a ter suas primeiras experiências sexuais. Mas após essa traição, suas notas despencaram, suas ambições evaporaram.

“Eu beijei uma garota pela primeira vez no inverno de 1967. Mas o meu *primeiro* beijo foi com Rosenkranz alguns meses antes”, lembrou Pollard.

Pollard começou a faculdade, mas ficou menos de dois meses. Ele vagou pelo país, segundo sua própria descrição, como um hippie itinerante que fazia bicos para se alimentar. Depois do abuso sexual nas mãos de um padre em quem ele confiava, Pollard decidiu levar uma vida celibatária e ascética durante vários anos. Seu isolamento do mundo ao redor foi tão

completo que, até quando encontrava estranhos em um ponto de ônibus, preferia ficar bem distante deles. Passaram-se quase duas décadas até que Pollard conseguisse recuperar sua vida, completar os estudos que há tanto tempo tinha adiado, começar uma família e se lançar na vocação de sua vida – trabalhar com crianças abusadas.

Quando procurou a Arquidiocese de Boston em 1988 para denunciar Rosenkranz, o Monsenhor McCarthy já estava morto há muito tempo. Mas, sentado no lugar de McCarthy, com a mesma medida de indiferença, estava o auxiliar do Cardeal Law, o Padre John B. McCormack.

McCormack disse que Rosenkranz tinha alguns “problemas sexuais”, mas que não eram motivo para removê-lo do trabalho paroquial. Embora tenha sido informado de que Rosenkranz, depois de o beijar e acariciar, pediu que Pollard se masturbasse para ele ver, McCormack tinha uma resposta pronta para defender o colega padre. “Ele disse que alguns indivíduos em fase de amadurecimento, estreitaram relações com George Rosenkranz nas quais [Rosenkranz] pode ter expressado afeto, e que esses indivíduos devem ter interpretado esses atos como um envolvimento sexual”, relembra Pollard. Além disso, ressaltou McCormack, Rosenkranz tinha negado as acusações. “A minha experiência diz que, quando os padres são culpados, eles admitem a culpa”, disse o futuro bispo para um Pollard estarecido. McCormack ainda acrescentou que se Pollard estava dizendo a verdade, a atividade sexual tinha sido, na opinião de McCormack, consensual.

Somente depois que outras reclamações contra Rosenkranz apareceram, três anos mais tarde, foi que a arquidiocese discretamente removeu o padre de sua paróquia e mandou uma freira para informar Pollard de que sua reclamação inicial tinha sido tratada de modo “inadequado”. “No meu ponto de vista”, desabafa Pollard, “McCormack simplesmente abusou de mim também. Para mim, as cicatrizes emocionais e espirituais vêm da traição, e a traição de Law e McCormack foram tão danosas quanto o que Rosenkranz fez.”

Enfim, em abril de 2002, Pollard contratou um advogado e processou a arquidiocese e Rosenkranz. Mas a essa altura, o padre tinha saído de Massachusetts e as tentativas de localizá-lo foram inúteis.

Pollard não está sozinho, mas, por pensar que estava, assim como muitos outros, ele sofreu em segredo durante anos. Quando finalmente denunciou Rosenkranz, Pollard sabia que existiam centenas de pessoas como ele em todo o país, que aos poucos começaram a sair das trevas quando os escândalos envolvendo padres se tornaram públicos a partir de meados dos anos 1980.

A essa altura, as vítimas já chegavam aos milhares. Apenas na Arquidiocese de Boston, mais de 500 pessoas contrataram advogados nos primeiros quatro meses de 2002 com denúncias de que tinham sido molestadas por padres durante a infância e a adolescência.

A maioria das vítimas, acreditam os especialistas, nunca irá se apresentar, mas em todo o país esse escândalo fez com que um número sem precedentes delas emergisse de anos de sofrimento solitário. Conforme o número de vítimas cresce, o estigma ligado à suas experiências diminui. Nos primeiros meses de 2002, encorajadas depois de saber que a Igreja tinha escondido as proporções do abuso, mais de 200 vítimas de padres da área de Boston entraram em contato com o *Globe*, a maioria em sigilo, para relatar suas histórias. Hesitantes no começo, e geralmente em lágrimas, muitas disseram que se arrependiam de ter mantido o abuso em segredo. Elas nunca nem sonharam – ou ousaram – contar para seus pais devotos. Algumas vítimas admitiram que sofreram em silêncio tão profundo que não foram capazes de se abrir com amigos íntimos, irmãos ou cônjuges.

Para algumas vítimas, homens e mulheres que hoje estão na meia-idade, as primeiras pessoas a ouvir suas experiências – e saber da vergonha e da culpa que carregaram durante anos – foram repórteres anônimos que por acaso atenderam seus telefonemas. Outras que procuraram o *Globe* queriam que o mundo soubesse o que tinha acontecido com elas e também falar de seu trauma de infância.

“Ele me tirou tudo. Tirou minha inocência. Tirou minha espiritualidade. Tirou minha pureza”, disse Timothy J. Lambert sobre o padre que o molestou – e também ao seu irmão, conforme ele descobriu anos mais tarde – em uma paróquia no Queens, Nova York, quando ele estava no sexto ano da escola. “O que poderia ser pior do que uma primeira experiência sexual que acontece contra a sua vontade, quando

você é menor de idade, e é um encontro homossexual nas mãos de um padre?” Lambert começou a beber poucos dias depois do primeiro abuso. “Foi o remédio que eu encontrei para aliviar a minha dor”, ele diz hoje.

Lambert, vítima declarada de um padre, é ele mesmo um padre.

Mas ele é um sacerdote amargurado – com raiva da diocese do Brooklyn, que ele acusa de proteger o padre que supostamente o molestou, Joseph P. Byrns, hoje sacerdote no Brooklyn, e decepcionado com sua própria Diocese de Nova Jersey, que, segundo ele, o jogou no ostracismo por não ficar quieto. Byrns e a diocese do Brooklyn negam que Lambert foi abusado.

Em Boston, os conselheiros do cardeal receiam que as indenizações financeiras que não param de aumentar possam falir a arquidiocese. Mas para a maioria das vítimas, a questão não é o dinheiro, é a necessidade de ter seu sofrimento reconhecido, dizem elas, de fazer com que as pessoas saibam o que a Igreja fez com elas. Algumas vítimas, como Patricia Dolan de Ipswich, na Costa Norte de Boston, resolveram abrir seus corações porque, assim como Pollard, acreditam que a Igreja as tratou com frieza.

Nos anos 1960, a vida de Dolan era a Igreja. O pai dela trabalhava em três empregos para conseguir bancar a educação das quatro filhas na escola paroquial. Enquanto cursava o ensino médio, Patricia Dolan trabalhava sete dias por semana na casa paroquial da sua cidade – atendendo telefones, fazendo ramalhetes espirituais e ajudando os dois padres da paróquia. Um desses padres a molestou repetidas vezes, revelou Dolan, o que lhe desencadeou uma série de ataques de pânico sofridos durante anos. Desde então, por causa do trauma, ela tem muita dificuldade em estabelecer relacionamentos significativos, devido à sua incapacidade de confiar nas pessoas.

Em 1995, ela finalmente procurou a arquidiocese, que concordou em pagar psicoterapia “pelo tempo que [ela] precisasse”. Mas Dolan conta que a arquidiocese foi desnecessariamente insensível com ela. No fim de 2001, depois que um funcionário da chancelaria tentou, sem sucesso, convencer a terapeuta de Dolan a revelar os resultados confidenciais das sessões de terapia, Dolan foi notificada de que os pagamentos seriam interrompidos.

Não foi a primeira vez em que ela se sentiu humilhada pela arquidiocese. Dolan disse que a Irmã Rita V. McCarthy, antigamente o primeiro contato da chancelaria para vítimas de abuso, uma vez telefonou

para ela e disse que ficou surpresa ao saber que o padre que abusou dela já tinha passado da meia-idade quando o abuso aconteceu. “Ele não pode ter feito muita coisa com você”, concluiu McCarthy, de acordo com Dolan.

Em testemunhos como os de Dolan, nas alegações que agora são feitas nas dezenas de novos processos judiciais, e nas milhares de páginas de documentos da Igreja que foram colocados à disposição do público desde janeiro de 2002, há muita informação para os católicos digerirem. Em meio a todos os padres que se dedicaram a curar almas e acalmar corações, apenas alguns realmente pretendiam fazer isso. A má conduta sexual deles causou um dano imenso às vítimas e a seus entes queridos, e na Igreja: almas atormentadas, corações partidos, vidas despedaçadas, famílias desiludidas, fé perdida e a Igreja exposta a reivindicações potencialmente catastróficas.

Anos após sofrerem o abuso, muitas vítimas dizem que ainda não se recuperaram do trauma. Como Dolan, elas têm dificuldade para estabelecer ou desenvolver relacionamentos íntimos. Ou acabaram se entregando ao álcool, às drogas ou à depressão – ou a uma combinação potencialmente fatal das três coisas.

Uma dessas vítimas é Patrick McSorley. Ele continua lutando para se livrar dos efeitos da experiência que teve em 1986 com o então padre John J. Geoghan, cuja pedofilia em série, bem conhecida pelo Cardeal Law e outros bispos na época, foi o estopim do que hoje é um escândalo que contaminou toda a Igreja.

Seguindo seu *modus operandi* habitual, o afável Geoghan fazia amizade com mães católicas, incluindo a de McSorley, que tinham uma vida difícil. Suas ofertas de ajuda, geralmente levando as crianças para tomar sorvete ou rezando com elas na hora de dormir, eram aceitas sem desconfiança. Para muitas famílias em apuros, a ajuda de um padre parecia uma bênção de Deus.

Foi assim que McSorley, um menino de 12 anos que vivia em um conjunto habitacional de Boston, tornou-se uma vítima de Geoghan. Ele foi abusado dois anos depois que o Cardeal Law, sabendo da atração sexual que Geoghan sentia por meninos, decidiu transferi-lo para uma paróquia rica no subúrbio de Weston. Instalado nessa base, com suas famílias intactas e instruídas – e talvez mais vigilantes –, o padre visitava os bairros pobres de Boston à procura dos mais vulneráveis.

Geoghan, que conhecia a família McSorley desde a época de St. Andrew, na vizinha Jamaica Plain, soube do suicídio do pai alcoólatra e apareceu no apartamento da família para oferecer seus pêsames e convidou Patrick para tomar sorvete.

“Eu estranhei um pouco tudo aquilo”, lembrou McSorley. “Eu tinha 12 anos e ele era um velho.” Durante o caminho de volta para casa, depois de comprar sorvete para o garoto que estava sob seus cuidados, Geoghan veio consolando McSorley no carro. Mas então ele tocou a coxa do menino e deslizou a mão na direção da virilha. “Eu congelei”, relata McSorley. “Eu não sabia o que pensar. Então ele colocou a mão nos meus genitais e começou a me masturbar. Eu fiquei petrificado.”

“O tempo todo eu fiquei olhando pela janela, mas com o canto do olho eu vi que ele tirou sua parte privada para fora e mexia nela para cima e para baixo.” Aos poucos, o sorvete foi derretendo na mão do garoto e escorrendo por seu braço, enquanto o padre continuava a se masturbar, até que finalmente estacionou o carro junto à calçada. “Ele gemeu, como se tivesse ejaculado”, lembra McSorley. Então Geoghan deixou o garoto em casa, mas não sem antes avisar: “Nós somos muito bons para guardar segredos”.

Quando McSorley entrou, sua mãe percebeu que algo estava errado e perguntou o que era. Mas o garoto não disse nada. “Eu não consegui responder. Lembro que meu braço estava todo grudado de sorvete. Eu nem sabia como contar uma coisa daquelas para alguém.” Olhando para o passado, McSorley acredita que se o molestador fosse outra pessoa que não um padre, ele talvez tivesse feito algo para resistir, e talvez estivesse mais disposto a contar para sua mãe. “Eu estava naquela idade pré-adolescente em que a gente sabe a diferença entre o certo e o errado, mas como foi um padre que fez aquilo, criou um monte de confusão na minha cabeça”, explicou.

McSorley disse que reprimiu a memória do encontro com Geoghan por causa do trauma que isso lhe causou, que foi o catalisador do alcoolismo e da depressão que enfrenta desde então. “Eu fui a muitos médicos, sempre com a mesma pergunta, ‘Por que eu sou tão deprimido?’”, ele conta.

A vítima só estabeleceu a relação entre sua depressão e a experiência com Geoghan durante um jantar em 1999 com a namorada, a irmã e o marido dela. Durante o jantar, sua irmã mencionou que um padre que ela

tinha conhecido na escola paroquial estava sendo processado por molestar garotos. “As coisas começaram a se encaixar quando ela mencionou o Padre Geoghan”, afirma McSorley. “Acho que eu levantei por um minuto e tive que sair para respirar ar fresco.” Quando voltou à mesa, contou para os outros o que Geoghan tinha feito com ele.

“Descobrir que a Igreja Católica tinha conhecimento de que ele era um molestador de crianças... a cada dia isso me incomoda mais e mais”, confessa McSorley.

Assim como outras pessoas que foram molestadas na infância, McSorley superprotege os próprios filhos, principalmente o menino de três anos. “Eu nunca deixo que ele fique longe de mim. Nunca deixo que saia do meu lado”, disse McSorley. “Eu não confio em ninguém. Se um padre pode molestar um garotinho, qualquer coisa pode acontecer.”

Thomas P. Fulchino sempre se preocupou muito com os filhos, pois nunca esqueceu aquela noite em 1960, quando tinha 12 anos e foi a última criança a permanecer na escola paroquial depois de uma atividade noturna. O Padre James R. Porter, recém-ordenado, ofereceu-lhe uma carona para casa.

Mas Porter começou a tocá-lo. Assustado, Fulchino correu. “Eu corri para o segundo andar, mas aquele desgraçado conseguiu me alcançar, e então ele me jogou no chão e começou a agir que nem um louco... ele começou... agora eu entendo o que ele fazia: estava se esfregando em mim como um cachorro”, disse Fulchino.

Tom Fulchino conseguiu se soltar, correu e se escondeu debaixo de uma carteira em uma sala de aula escura até Porter desistir de encontrá-lo. Então, ele fugiu da escola e foi correndo para casa. Na maior parte do tempo, desde então, ele foge dessa lembrança.

Em dezembro de 1992, Fulchino foi uma das mais de 100 pessoas molestadas por Porter que receberam indenização da Diocese de Fall River, no sudeste de Massachusetts. A essa altura, Fulchino era um homem de negócios bem-sucedido com cinco filhos e uma esposa que compartilhava de seu cuidado em nunca deixar os filhos sem supervisão com adultos que não conheciam e em quem não confiavam.

O cuidado deles se estendeu até a Igreja St. Julia, em Weston, paróquia que frequentavam e onde seus filhos fizeram catequese durante os anos

1980. Essa é a mesma paróquia para onde o Cardeal Law decidiu transferir John Geoghan em 1984, e a mesma paróquia da qual Geoghan foi removido por seis meses em 1989, quando foi hospitalizado para tratar de sua “condição”, conforme descrito em um documento da Igreja, e a mesma paróquia para a qual Geoghan retornou depois do diagnóstico de que sua pedofilia estava “em remissão”.

Foi uma remissão breve.

Certa manhã de domingo, semanas depois, Geoghan estava em sua ronda pelas salas de catequese, fazendo perguntas. Christopher T. Fulchino, um garoto tímido de 13 anos, recebeu uma dessas perguntas e, para seu arrependimento eterno, acertou a resposta. Geoghan costumava distribuir moedas e doces para quem acertava a resposta. Mas, como Chris Fulchino lembrou com voz trêmula, as moedas e os doces de Geoghan tinham acabado, então o padre disse, de acordo com Chris: “Se você for [até a casa paroquial] durante o intervalo, eu preparo leite com biscoitos para a gente, e nós também podemos rezar o Pai Nosso. E na hora eu só pensei, ‘Ei, isso é demais!’”.

Em uma sala escura na casa paroquial, Geoghan estava sentado em uma poltrona de veludo vermelho, com dois copos de leite e cookies com gotas de chocolate em um prato de plástico. Ele puxou o convidado ingênuo para seu colo e eles rezaram o Pai Nosso. Foi então que Geoghan começou a acariciar o garoto.

Pai e filho lembram da força bruta de seus agressores. “Eu pensei que ia morrer. Não conseguia respirar”, disse Tom Fulchino de sua luta contra Porter, tanto tempo atrás. Chris quase ecoou essas palavras: “Ele me apertou o máximo que pôde. Eu senti que não conseguia respirar, estava sufocando”.

Assim como seu pai, quase três décadas antes, Chris se debateu, conseguiu se soltar e fugiu. Seu pai tinha se escondido debaixo de uma carteira; Chris se escondeu atrás da igreja até que seu pai, sem desconfiar de nada, apareceu para buscá-lo. E assim como Tom Fulchino em 1960, Chris Fulchino não disse nada para seus pais em 1989.

Desde 1997, quando Chris Fulchino contou aos pais o que tinha acontecido, ninguém mais da família Fulchino colocou o pé dentro de St. Julia. Quando Chris volta para casa de seu trabalho no Maine, ele muda de caminho ao chegar em Weston para evitar passar diante da igreja. Aliás,

ele se recusa a entrar em qualquer igreja. Com frequência, ele tem pesadelos com Geoghan e acorda no meio da noite. Sempre que isso acontece, ele toma um banho.

Como Chris Fulchino, poucas vítimas de abuso relatam a agressão para seus pais, pelo menos no início. Armand Landry, que hoje tem 86 anos, conta que foi molestado pelo padre de sua paróquia em Laconia, New Hampshire, em 1927, quando tinha 12 anos. Três quartos de século depois, Landry ainda lembra da carona no carro do padre, o lugar em que aconteceu, e até do dia – um sábado. “Eu nunca contei para os meus pais; eles teriam me dado um tapa na cara”, disse Landry. “Eu tinha cerca de 12 anos. Ninguém acreditaria em mim naquela época. Os padres eram tudo.”

Mesmo recentemente – mas talvez não mais – muitos católicos reagiam com descrença diante da ideia de um padre molestar uma criança. Uma mulher foi estuprada por um padre no armário da casa paroquial em Lynn, ao norte de Boston, nos anos 1960, quando tinha apenas 9 anos. Mas ela disse que somente cinco anos depois conseguiu reunir coragem para contar à sua mãe o que tinha ocorrido. “Minha própria mãe não acreditou em mim. O nome do meio dela é ‘negação’”, lamenta a vítima. A freira arquidiocesana que cuidou do caso dela lhe informou que seu molestar tinha deixado o sacerdócio para se casar no fim dos anos 1960, e agora tinha uma família com três filhos. “Você não vai querer denunciá-lo e estragar a vida dele”, foi o que ela disse ter ouvido da freira. A arquidiocese paga sua terapia, mas o estupro ainda a afeta. Como um exemplo, ela revelou que “eu só uso calcinha feia”. E o motivo, ela explica, é porque no dia em que foi estuprada, o padre “elogiou a calcinha bonita que eu usava”.

Até recentemente, a montanha construída com esses pequenos segredos ajudou dioceses de todo o país a esconder o tamanho do problema. Crianças sentiam vergonha demais para contar a seus pais. Quando contavam, pais dominados pelo sentimento de culpa normalmente não faziam nada. Para piorar, os que procuravam os párocos eram aconselhados a rezar pelo agressor e não dizer nada – tudo pelo bem da Igreja.

Mesmo aqueles que iam até a chancelaria para insistir que algo devia ser feito em relação ao padre molestar, conseguiam pouco resultado com seus esforços. Na melhor das hipóteses, o padre era afastado – e então

rapidamente transferido para uma nova paróquia. Nesse aspecto, Geoghan não foi nenhuma anomalia entre as dezenas de padres da Arquidiocese de Boston conhecidos por abusar de crianças.

Mas é preciso lembrar que não devemos nos concentrar apenas no sofrimento das vítimas e esquecer que existe um universo maior de pessoas que também padecem: os pais das vítimas. Muitos se culpam por confiar seus filhos aos padres, por não perceber os sinais, que em perspectiva parecem óbvios, de que algo estava errado.

Outros pais sentem um ônus extra: eles descobriram na época o que estava acontecendo, e hoje sentem que deveriam ter se esforçado mais para encerrar a carreira dos padres que abusaram de seus filhos e depois atacaram outras vítimas. Entre esses pais está Kenneth A. MacDonald. Hoje com 72 anos e uma doença de coração grave, ele e a esposa, Eileen, criaram nove filhos na paróquia St. Gerard Majella, em Canton, um subúrbio de Boston. Ambos ensinaram catequese na Confraria de Doutrina Cristã, ou CDC. Ken MacDonald era leitor na missa e membro do Conselho da Paróquia.

Em 1979, Peter R. Frost era um dos padres de St. Gerard quando Bryan MacDonald, o quinto dos nove filhos dos MacDonald, conseguiu um emprego de meio-período na casa paroquial. Ele tinha 14 anos. O padre tinha 39. Uma noite, Frost embebedou Bryan e o molestou.

“Eu fiquei muito abalado e contei para o meu primo. Ele contou para os meus tios, que contaram para o meu pai”, disse Bryan. Ken MacDonald lembra de levar o filho para fora de casa e arrancar a verdade dele. “Assim que eu descobri, tive vontade de atirar em Frost”, ele desabafa. Ken MacDonald não recorreu à violência, mas fez algo que os outros pais raramente faziam – confrontou o padre.

“Ele estava na casa paroquial. Eu fui até o escritório dele. Eu estava muito nervoso e falei: ‘Não posso acreditar que isso aconteceu’. Ele não negou. Ele admitiu e ainda disse, ‘fui pego’. Eu perguntei para ele como podia ter feito aquilo, mas não tive resposta”, recorda MacDonald. Frost lhe contou que estava recebendo ajuda psiquiátrica e o fez acreditar que seus superiores o estavam ajudando. MacDonald lembra que de tempos em tempos falava com o Padre Frost a respeito. “Eu perguntava para ele, ‘Como está seu problema?’ Ele dizia que estava bem.”

Vários anos depois, os pais de outro adolescente de Canton reclamaram ao pároco de St. Gerard quando seu filho também foi molestado por Frost. De acordo com a vítima, o pároco lhes garantiu que o padre faria terapia. Mas em vez de ser retirado do serviço ativo, Frost foi transferido para St. Elizabeth, na vizinha Milton, em 1988. Demorou até 1992 para que a Arquidiocese de Boston o retirasse do ministério ativo. Frost, hoje com 72 anos, está em “licença médica” desde então. No dia em que Bryan MacDonald abriu um processo contra Frost, a arquidiocese admitiu que o padre havia molestado menores.

“Isso tem me incomodado muito. Eu o deixei escapar. Acabei escondendo o problema”, disse Ken MacDonald. “Nós tínhamos tanto respeito pelos padres.” A esposa, Eileen, interveio: “Agora é fácil falar que estávamos errados. Foi a Igreja que o escondeu”.

* * *

Questionar a si mesmo, ainda que injusto, é um denominador comum entre pais de vítimas. Para a maioria, os filhos já estão crescidos e o padre há muito desaparecido quando ficam sabendo do abuso. Entre os que descobrem logo o que aconteceu, poucos estão dispostos a confrontar o abusador, como fez MacDonald.

Para outros pais, a culpa se mistura a sentimentos de profunda traição. Sem conhecimento, eles acolheram os predadores de batina em suas famílias e lhe deram acesso às crianças, geralmente estimulados por uma convicção católica de que não poderia existir um modelo melhor para os filhos, principalmente para os meninos. Em muitos lares católicos, as crianças eram criadas para idolatrar os padres. “Homens de Deus na Terra”, os pais lhes ensinavam.

Em fevereiro de 2002, um dia antes de o Cardeal Law remover o Padre Joseph L. Welsh devido a alegações de que ele teria molestado crianças, membros de uma família católica devota e unida disseram ao *Globe* que Welsh era como um membro da família há três décadas. O padre jantava com eles todas as semanas, saía de férias com eles e raramente não passava um feriado com a família. Os pais até mesmo batizaram o filho mais novo com o nome dele. No fim de 2002, a família descobriu que cada

filho, inclusive o xará de Joseph Welsh, ao atingir a puberdade, foi abusado sexualmente pelo padre.

Praticamente a mesma sina recaiu sobre uma família do Maine com raízes tão profundas na Igreja que os pais, Frank e Virginia Doherty, com frequência recorriam aos padres que conheciam em busca de ajuda para lidar com o estresse que criar três garotos e uma menina podia gerar em um casamento.

Frank Doherty também era um dedicado ex-aluno da Escola de Ensino Médio Cheverus, em Portland. Ele era amigo de muitos dos jesuítas dessa conceituada escola católica, e ele e Virginia eram muito devotados em suas práticas e crenças. Com orgulho, eles enviaram os três filhos para a Cheverus.

Não é de surpreender, portanto, que quando a ordem jesuíta transferiu o Padre James R. Talbot da Escola de Ensino Médio da Boston College, em Boston, para a Cheverus, em 1980, a família logo tenha criado laços com o homem que se tornou técnico de futebol dos seus filhos e, como lembra Michael Doherty, “o melhor professor da Cheverus”. A casa deles se tornou o segundo lar de Talbot. Eles até reservaram um quarto, com um armário cheio de roupas, para as ocasiões frequentes em que o padre passava a noite. “Minha mulher comprou roupas para ele, para que pudesse tirar o hábito quando viesse”, disse Frank Doherty. “Ela até colocou cartões explicativos nos bolsos dos paletós dizendo que cor combinava com aquela peça.” Talbot mandou entregar sua correspondência na casa deles. Até a mãe do padre era hóspede eventual na casa dos Doherty.

Talbot passava a maioria dos feriados com a família, e celebrava seus aniversários com eles. Quando Frank e Virginia Doherty tinham dificuldades, eles buscavam auxílio em Talbot. “Quando nós tínhamos problemas com as crianças, recorriamos a ele, fosse questão de notas ou sexualidade... Nós discutíamos essas coisas com ele como se fosse um membro mais velho da nossa família”, relata Frank. “Eu sentia que ele estava de fato ajudando a criar meus filhos... Era assim nossa intimidade com ele. Talbot era quase um irmão mais velho para mim.”

Mas eles não sabiam que Talbot tinha abusado de inúmeros garotos durante uma década na Escola de Ensino Médio da Boston College, de acordo com acusações contra o padre que chegaram aos montes depois que

algumas de suas vítimas descreveram, em artigos na imprensa, como tinham sido molestadas. O pior é que documentos obtidos pelo *Globe* contêm fortes indícios de que ele foi transferido para Cheverus exatamente porque seus superiores em Boston sabiam de seu comportamento.

As consequências da decisão de enviar Talbot para o Maine foram catastróficas para os Doherty. Entre 1984 e 1985, o padre molestou várias vezes Michael, o filho mais novo, quando ele tinha entre 15 e 16 anos. Durante vários anos, Michael não falou nada, mas no começo dos anos 1990 ele contou alguns detalhes do abuso para seus irmãos.

Então sua irmã, Courtney Oland, decidiu pôr um fim naquilo. Preocupada que Michael estivesse severamente afetado pelo abuso, e sem contar para ninguém, ela começou a agir. Quando enviou os convites de seu casamento, em 1995, ela incluiu uma nota manuscrita no convite de Talbot dizendo-lhe para não ousar mostrar a cara na cerimônia. Ela também lhe advertiu para que nunca mais voltasse à casa de sua família. Quando a correspondência do padre chegava à sua casa, como era frequente, ela jogava fora para que seus pais pensassem que Talbot tinha passado por lá para pegar as cartas enquanto eles estavam fora. Até que um dia, um dos irmãos mais velhos de Michael, Ryan, procurou o padre para perguntar por que ele não frequentava mais a casa da família. “Pergunte à sua irmã”, respondeu Talbot.

Em 1998, Courtney escreveu uma carta para a Diocese de Portland notificando as autoridades da Igreja do abuso. Talbot foi rapidamente retirado do Maine e enviado a Maryland, onde ficou por dois anos em um centro de tratamento para padres que abusaram sexualmente de menores. Courtney explica que decidiu agir, porque “nós estávamos perdendo [Michael]. Eu disse: ‘Esse segredo tem que acabar ou nós iremos perdê-lo, ou ele vai fazer algo contra si mesmo’”.

Desde 2000, os jesuítas têm mantido Talbot em seu lar de aposentadoria em Weston, Massachusetts. Em 2001, o processo judicial de Michael Doherty foi encerrado com um acordo proposto pela Igreja. Hoje, Michael diz acreditar que as ações de sua irmã foram corretas. “Creio que vou conseguir me recuperar por causa dela”, ele afirma.

Frank e Virginia Doherty não vão mais à missa. E a comunidade de Cheverus lhes deu as costas, eles alegam, pelo constrangimento que as acusações de Michael causaram à escola.

“Eu não quero ter nenhuma outra religião”, disse Frank Doherty. “Eu só não consigo ir à igreja.” Essa provação “destruiu não só nossa noção de catolicismo, mas nossa experiência de fé”. Agora, lastima Frank, ele não tem a quem recorrer quando precisa de ajuda. “Quando todo o resto dava errado, eu me voltava para a Igreja. E agora, o que eu faço?”

Como outros pais, os Doherty analisam o ocorrido e ainda se culpam por não terem suspeitado de nada. “Eu me sinto tão idiota, é horrível”, revolta-se Frank Doherty. “Os efeitos colaterais do que esses homens fizeram e do que essa Igreja fez... é inacreditável. Eles destruíram vidas que nem estavam estabelecidas quando fizeram o que fizeram.”

A família continua decepcionada com a frieza com que a comunidade da Cheverus os tratou, embora tenham recebido várias cartas e telefonemas afetuosos depois que as denúncias dos abusos de Talbot foram veiculadas pela imprensa. A Cheverus, disse amargamente Virginia Doherty, excluiu a família dela por dizer a verdade. “Eles falam de Deus, mas eu não sei quem é o Deus deles.”

Apesar dos pesares, a atenção pública que o caso deles contra Talbot atraiu ajudou a romper as barreiras de segredo que há muito têm protegido, e até mesmo possibilitado, a ação dos predadores sexuais da Igreja.

“Eu acho que manter silêncio é um pecado”, disse Virginia Doherty. “A cura nunca será possível se todos ficarem em silêncio.”

* * *

Vai demorar para que algum molestador em série de crianças consiga superar James Porter e John Geoghan na consciência do público. Mais de 300 vítimas já se apresentaram desde 1991 para acusar os dois homens de abuso sexual, e especialistas acreditam que esse número é apenas uma fração do total de crianças que eles molestaram. Mas Joseph Birmingham – o padre que abusou de Michael McCabe, dentre outros – não fica muito longe. No fim de março de 2002, quando a imprensa divulgou os detalhes da compulsão crônica de Birmingham para molestar garotos, mais de 40 vítimas contrataram advogados. E existem evidências de que Birmingham molestou muitas outras crianças nas seis paróquias em que serviu depois de sua ordenação em 1960.

Uma dessas crianças foi Tom Blanchette. Em sua casa simples em Martha's Vineyard, Blanchette olha fixamente para uma fotografia preta e branca amassada, e é transportado 40 anos no passado, para uma infância em Sudbury, uma bonita cidade a oeste de Boston. Ele se lembra de como o lugar era idílico – até ele completar 11 anos e começar a ser molestado por Birmingham.

O homem, cuja imagem alegre domina a fotografia que Blanchette guardou por décadas, projeta uma sombra escura nas suas memórias de infância. Nessa foto, Birmingham, com cerca de 30 anos, está ao lado de um altar secundário na Igreja de Nossa Senhora de Fátima, em Sudbury. No fundo, há uma estátua da Virgem Maria. Ele está ladeado por membros da Organização Juventude Católica; um deles é o jovem Tommy Blanchette.

“Ele era gregário, articulado. Muito extrovertido. Ele sempre cumprimentava as pessoas com um sonoro ‘Oi! Como vai?’. A essa altura eu estava fazendo sexo com esse cara há dois anos – três ou quatro vezes por semana”, revela Blanchette. “Quando um professor é pedófilo, ele é o melhor professor. Quando um técnico da Liga Infantil de Beisebol é pedófilo, ele é o melhor técnico. Se o líder dos Escoteiros é pedófilo, ele é o melhor líder de tropa. E foi assim com o Padre Birmingham.”

Logo depois que o padre chegou a Sudbury, ele se tornou um convidado frequente na casa dos Blanchette. Pais de sete garotos e duas meninas, a mãe e o pai de Tommy ficaram felizes de receber o padre em sua vida. Que melhor modelo poderiam ter para seus filhos? Ele até frequentava o chalé da família em Harwich Port, Cape Cod, durante o verão. “Era como Bing Crosby em *Os Sinos de Santa Maria*”, lembrou Blanchette.

Uma noite, quando Blanchette tinha cerca de 11 anos, ele estava doente em uma das ocasiões em que Birmingham apareceu para o jantar. O padre pediu permissão aos pais para ver o pequeno Tommy, que estava em seu quarto no térreo, no fim do corredor, debaixo das cobertas. “Ele entrou e perguntou: ‘O que você tem?’ Eu respondi que estava gripado. E ele se ofereceu para massagear minha barriga. Eu só me lembro que de repente ele estava com as mãos dentro da calça do meu pijama.”

Seu emprego de meio-período lavando o chão e cortando a grama da paróquia o mantinha ao alcance de Birmingham. Em pouco tempo, ele

contou, estava sendo atacado repetidamente pelo padre, que ainda era um convidado frequente dos jantares em sua casa. Tom disse que Birmingham tentou estuprá-lo, mas com 11 ou 12 anos “seu ânus não consegue acomodar aquilo.” Então, o padre tentou forçar o garoto a fazer sexo oral nele. “Mas de jeito nenhum eu iria fazer isso”, disse Blanchette. Mas em breve, durante um encontro sexual que, ele estima, repetiu-se cerca de 300 vezes, ele se viu nu na cama de Birmingham. Houve masturbação mútua. Houve beijo de língua forçado. “Ele afastava minhas coxas e inseria o pênis no meio [delas]”, recorda Blanchette.

Ele conta que até memorizou o padrão do papel de parede do quarto de Birmingham. E ainda consegue visualizar o jogo de cama Martha Washington na cama de mogno com quatro postes. A escrivaninha grande de carvalho encostada na parede, a cômoda e o ar-condicionado embaixo de uma janela.

E sempre havia um dos sapatos de Birmingham enfiado sob a porta do quarto – uma proteção extra que, Birmingham acreditava, poderia garantir a privacidade deles. “Depois nós conversávamos, mas não sobre sexo”, relata Blanchette. “É muito parecido com o *modus operandi* de um sujeito que estupra a própria esposa. Quando acaba, você não conversa a respeito. Eu costumava pensar que aquilo era doentio, e não falar a respeito também. Eu tinha os pensamentos mais estranhos. Ele sempre falava de vocações, e dizia que sexo era bom, mas masturbação era ruim. Eu ficava me perguntando: ‘Será que isso é algum tipo de iniciação bizarra para o sacerdócio?’”

Os ataques também ocorriam em outros lugares. Eles ocorriam com tanta frequência no carro de Birmingham que Blanchette lembra vivamente de detalhes do automóvel – um Ford Galaxy preto 1963. Ele tinha interior vermelho e era conversível, o máximo há 40 anos.

Em 1964, Birmingham foi embora de Sudbury – transferido para sua próxima paróquia, em Salem, depois que os pais de algumas de suas vítimas foram reclamar na arquidiocese. Blanchette foi para uma escola católica em Framingham, outro subúrbio de Boston, e fez faculdade antes de ingressar no exército em 1967.

Em meio a tudo isso, Tom nunca falou dos ataques de Birmingham. Mas em 1971, em casa durante uma licença do exército, ele estava tomando cerveja com alguns velhos amigos quando o nome de

Birmingham entrou na conversa. “Ele me estragou”, confessou um dos amigos de infância de Blanchette. Tom ficou estarelecido. Ele contou para os amigos que também tinha sido atacado por Birmingham. Então, um por um, todos os jovens à mesa descreveram os abusos que sofreram nas mãos do antigo padre de sua paróquia. Quando Blanchette chegou à sua casa naquela noite, ele convocou o que correspondia a um conselho familiar de emergência e revelou o abuso de Birmingham. Quatro de seus irmãos disseram que também foram atacados. A mãe de Blanchette correu para o telefone para denunciar os ataques, mas o pai a deteve. “Acho que ele receava que, se fosse envolvido, teria pegado sua calibre 22 e matado o vagabundo”, comenta Blanchette.

Tom Blanchette seguiu com sua vida. Ele escalou o Matterhorn, na Suíça. Em 1975, ele fez parte da tripulação de um veleiro de corrida entre Newport e Bermuda. Ele saltou de paraquedas, buscou a emoção do *rafting* em corredeiras e desceu de esqui montanhas íngremes e geladas. Em 1986, ele foi o melhor vendedor dos amortecedores Monroe no país. Depois de uma longa ausência da igreja, ele reencontrou a religião, dessa vez como membro da Igreja Episcopal. Ainda assim, ele divaga sobre os efeitos dos anos de abuso no quarto do Padre Birmingham.

“Uma das coisas que eu descobri foi que eu tinha o pavio curto. Eu estava sempre 95% cheio de raiva”, Blanchette explicou. Quando alguma pessoa em posição de autoridade – incluindo um patrulheiro rodoviário de Nova Jersey que uma vez o fez encostar o carro – usava seu poder de um modo que ele considerava excessivo, Blanchette explodia. E assim como três de seus quatro irmãos que também foram vítimas de Birmingham, Blanchette, hoje com 54 anos, nunca se casou. Ele está em um relacionamento com uma mulher e diz que está feliz. Ele conta que não se sente mais assombrado por lembranças do Padre Birmingham. Como fizeram poucas das vítimas, Blanchette confrontou seu agressor.

Em 1988, um ano antes de o padre morrer, Blanchette fez uma visita não anunciada à casa paroquial da Igreja St. Brigid, em Lexington, onde encontrou Birmingham saindo de seu carro. Enquanto se perguntava se o padre não se preocupava em ser socado, esfaqueado ou baleado por uma de suas vítimas, ele se viu apertando a mão de Birmingham. O padre – mais gordo e com o cabelo grisalho – reagiu com frieza.

“Ele não era mais fisicamente intimidador. Eu só me aproximei dele e disse: ‘Oi, sou Tom Blanchette de Sudbury.’ Ele disse: ‘Oi! Como você está?’ E eu respondi: ‘Estive pensando em você. Eu estou com alguns problemas, e percebi que alguns desses problemas são resultado do meu relacionamento com você e gostaria de conversar a respeito’.”

O padre se esquivou de Blanchette. Disse que estava de saída para outro compromisso e pediu que ele marcasse um encontro, e Blanchette prometeu ligar depois. Mas não ligou. Seis meses depois, Blanchette bateu na porta da casa paroquial em St. Brigid. Birmingham atendeu e logo os dois homens estavam sentados em cadeiras estofadas em uma sala de reuniões no térreo da casa paroquial. Blanchette se lembra de um pastor alemão dormindo ao lado sobre o carpete.

“Eu disse: ‘Sabe, percebi que eu sou responsável pela raiva que sinto, mas acho que isso tem a ver com o abuso que sofri de você. Você abusou sexualmente de mim, dos meus quatro irmãos e de uma série de outros rapazes’.” O padre, então com mais de 50 anos, respondeu que a vida dele também tinha sido difícil. Falou que seus pais tinham morrido, e que ele estava muito mal, com uma doença misteriosa que os médicos não conseguiam diagnosticar. Mas Blanchette insistiu. “Com um senso genuíno de justiça, eu disse: ‘O que você fez conosco – e especificamente comigo – foi errado. Você não tinha nenhum direito de fazer aquilo’”. O padre ficou encarando os olhos de Blanchette, sem piscar, despreparado para o que viria a seguir.

“Tendo dito isso, eu chego à verdadeira razão que me trouxe até aqui. A verdadeira razão da minha visita é lhe pedir que me perdoe pelo ódio e ressentimento que senti por você ao longo dos últimos 25 anos.’ Quando eu disse isso, ele se levantou e, no que eu descreveria como uma voz demoníaca, disse: ‘Por que você está me pedindo para perdoar você?’. E entre lágrimas eu respondi: ‘Porque a Bíblia me diz para amar meus inimigos e rezar por aqueles que me perseguem’.”

Blanchette conta que Birmingham desmoronou como se tivesse levado um soco no peito. O padre se acabou em lágrimas, e logo Blanchette também estava chorando. Depois, quando estava indo embora, perguntou a Birmingham se poderia visitá-lo de novo. O padre explicou que vivia sob restrições na casa paroquial. Disse que esteve em um centro de tratamento ambulatorial em Connecticut, e que voltava lá uma vez por mês. Ele não

tinha permissão de sair da casa paroquial a não ser na companhia de um adulto.

Blanchette não veria o padre outra vez até 18 de abril de 1989, uma terça-feira, horas antes de Birmingham morrer. Blanchette encontrou seu molestador no Hospital Symmes, em Arlington, e descobriu que o sacerdote – que já tinha sido robusto e pesado 100 quilos – havia se transformado em um esqueleto recoberto de pele que pesava 40 quilos. Morfina pingava em um acesso intravenoso em seu braço. Oxigênio era administrado através de um tubo que entrava em sua narina. O cabelo tinha sido levado pela quimioterapia. O padre estava sentado em uma poltrona estofada junto à cama. Sua respiração era difícil.

“Eu me ajoelhei ao lado dele, segurei sua mão e comecei a rezar. Nisso, ele abriu os olhos. Eu disse: ‘Padre Birmingham, é Tommy Blanchette, de Sudbury’.”

Ele cumprimentou Blanchette com um arrastado e quase inaudível “Oi. Como está?”.

“Eu perguntei: ‘Tudo bem se eu rezar por você?’ E ele disse ‘sim.’ Então eu comecei a rezar: ‘Pai Nosso, em nome de Jesus Cristo, eu lhe peço para curar o corpo, a mente e a alma do Padre Birmingham.’ Eu pus minha mão sobre o coração dele e pedi: ‘Pai, perdoe-o de todos os seus pecados’”. Blanchette ajudou Birmingham a voltar para cama. Era cerca de dez da noite. O padre morreu na manhã seguinte.

Na segunda-feira, o Cardeal Law rezou a missa funeral de Birmingham. Blanchette sentou-se em um banco no meio da igreja, do lado direito. Ele ouviu um jovem de outra das paróquias de Birmingham falar dele com carinho no elogio fúnebre.

Foi na recepção, no subsolo de St. Brigid, logo depois do funeral, que Blanchette viu o cardeal sozinho, comendo um sanduíche minúsculo e segurando um copo de papel com café quente. “Ele estava de costas para mim, e eu fui até ele e disse que conhecia o Padre Birmingham. Ele comentou: ‘Muito bom, muito bom. E você manteve a amizade com ele todos esses anos?’. Eu respondi que ‘não, mas alguns meses atrás eu o procurei e nós conversamos um bom tempo’. O cardeal disse ‘excelente, excelente’. Eu contei que rezei por ele na noite anterior à sua morte, e ele repetiu: ‘Excelente, excelente’. E então eu disse: ‘Existem muitos jovens

na diocese que vão precisar de aconselhamento por causa da relação deles com o Padre Birmingham’.”

“Aonde você quer chegar?”, Law perguntou, de acordo com Blanchette.

Blanchette disse que tentou ser discreto porque havia pessoas de luto por perto. “Eu falei que o Padre Birmingham tinha me molestado sexualmente, e também meus quatro irmãos, e muitos, muitos garotos da paróquia. A cara dele caiu no chão. Ele me pegou pelo braço e disse, ‘venha comigo’. E nós andamos até o meio do salão, de modo que não havia ninguém em um raio de cinco metros.”

Quando Blanchette terminou de descrever o abuso e seu reencontro recente com Birmingham, Law teria lhe dito: “Nós precisamos de homens como você na Igreja, e você deveria voltar para a Igreja”. “Ele disse: ‘O Bispo Banks está cuidando disso, e eu quero que você marque uma reunião com ele’.”

Blanchette contou que, a certa altura, Law pediu permissão para rezar por ele. “O cardeal colocou as mãos na minha cabeça por dois ou três minutos. E então ele disse: ‘Eu o vinculo pelo poder da confissão a nunca falar disto com mais ninguém’. E aquilo fez meu sangue ferver de um jeito... Eu não fui pedir para ele ouvir minha confissão. Eu fui lá para informá-lo.”

Quando o *Globe* perguntou, em 2002, a respeito da conversa entre o cardeal e Blanchette, Law disse por meio de uma porta-voz que lembrava vagamente daquilo, e não poderia fornecer detalhes precisos. De qualquer modo, o Cardeal Law disse em seu depoimento ao *Globe* que gostaria de se encontrar com Blanchette. Quando este leu a matéria no jornal, foi à chancelaria no dia seguinte, 25 de março.

Blanchette conta que foi levado de um lado para outro até conseguir, enfim, falar brevemente com o Padre John J. Connolly Jr., secretário-chefe do cardeal. “Ele me perguntou: ‘O que eu posso fazer por você?’, e eu respondi que tinha lido no jornal que o cardeal gostaria de se encontrar comigo, e que eu gostaria de me encontrar com ele.” Connolly disse que ligaria para Tom em sua casa em Martha’s Vineyard naquela noite, mas não ligou. E, um mês mais tarde, ainda não tinha ligado. Durante esse tempo, a arquidiocese anunciou em várias ocasiões que o cardeal “continuava a se encontrar” com as vítimas. Mas não com Blanchette.

Explosão

Por mais de uma década, a Igreja Católica Romana argumentou que predadores em série como John Geoghan e James Porter – ambos destituídos e presos – eram maçãs podres, iguais às que poderiam ser encontradas, se procurassem bem, entre contadores, carteiros, advogados ou médicos.

Essa foi a argumentação da Igreja.

E mesmo quando *The Boston Globe* noticiou, no início de janeiro de 2002, o conhecimento detalhado que a Igreja tinha dos ataques horrendos e persistentes de Geoghan, e como líderes da Arquidiocese de Boston trabalharam com empenho para escondê-los, autoridades eclesiásticas insistiram que a conduta de Geoghan era uma aberração. Aquilo, elas disseram, estava restrito a uma minoria ínfima de homens de hábito. Mas em 31 de janeiro de 2002, o jornal colocou essa argumentação em cheque ao noticiar que a Arquidiocese de Boston tinha feito acordos secretos em casos de acusação de abuso sexual contra, pelo menos, outros 70 padres ao longo da década anterior. A dimensão do problema foi se tornando, assustadora e publicamente, evidente. Nos dois meses seguintes, a arquidiocese daria aos promotores os nomes de mais de 90 padres acusados de abuso.

Conforme as dioceses de todo país começaram a reexaminar suas políticas relativas a má conduta sexual do clero, novas fissuras foram expostas. Um abismo começou a se abrir entre os fiéis e aqueles em quem tinham depositado confiança para conduzir a Igreja.

Conforme o escândalo se espalhava e ganhava força, o Cardeal Law se viu na capa da *Newsweek*, e a Igreja se tornou matéria-prima de programas de rádio e canais de notícias na TV a cabo. A imagem de repórteres de TV fazendo transmissões ao vivo do lado de fora de igrejas e casas paroquiais

iluminadas por holofotes se tornou comum nos noticiários noturnos. Acordos de confidencialidade, redigidos para abafar o escândalo da Igreja e manter a privacidade das vítimas constrangidas, começaram a evaporar quando estas souberam que os padres que as atacaram tinham sido colocados em postos onde poderiam cometer novos abusos. Histórias de abuso sexual cometido por religiosos começaram a pipocar em praticamente todos os estados norte-americanos. O escândalo alcançou países como Irlanda, Áustria, França, Chile, Austrália e Polônia, terra natal do Papa João Paulo II.

Uma pesquisa feita para *The Washington Post*, *ABC News*, e *Beliefnet.com* mostrou que um número crescente de católicos tinha críticas à maneira com que a Igreja conduzia a crise. Sete em cada dez disseram que era um problema muito sério que exigia atenção imediata.

Escondido por tanto tempo, o custo financeiro da negligência da Igreja era estarrecedor. Pelo menos duas dioceses informaram que estavam à beira da falência após suas companhias de seguro as abandonarem. Ao longo dos 20 anos anteriores, de acordo com estimativas, o custo das indenizações pagas às vítimas do clero chegava a 1,3 bilhões de dólares. Mas o taxímetro estava correndo mais rápido. Centenas de pessoas com novas acusações começaram a procurar advogados.

Em abril de 2002, o cerco se fechou para o Cardeal Law, isolado em sua mansão em Boston, atacado por manifestantes, satirizado por cartunistas, debochado por comediantes de TV e marginalizado pela maioria esmagadora de sua congregação, que simplesmente queria sua saída. Em meados de abril, Law viajou em segredo para Roma, onde discutiu sua renúncia com o Papa.

Alguns líderes da Igreja disseram que o escrutínio minucioso das práticas de uma instituição secreta demais chegava como um bálsamo bem-vindo. “Uma pústula foi lancetada, e eu sinto fortemente que este é um momento de graça para nós, ainda que seja doloroso e difícil”, declarou o Bispo William S. Skylstad, de Spokane, Washington, vice-presidente da Conferência de Bispos Católicos dos EUA. “O fato é que a dor e a mágoa estavam lá, sob a superfície, naqueles que as carregavam há anos, e abrir essa ferida irá nos ajudar a tratar dessa situação da melhor forma que pudermos, e começar o processo de cura e reconciliação.”

No fim de abril, 176 padres de 28 estados e do Distrito de Colúmbia tinham renunciado ou sido removidos por causa de acusações em casos de abuso sexual, de acordo com um levantamento feito pela Associated Press. O Vaticano, que a princípio pareceu minimizar a crise como um problema restrito aos Estados Unidos, resolveu agir. Em uma atitude histórica, o Papa João Paulo II convocou todos os cardeais americanos ao Vaticano para discutir a crise que tinha abalado a Igreja de dois mil anos. O escândalo que começou em Boston tinha se espalhado tanto, e tão rápido, que até o frágil Papa, que havia abordado os acontecimentos em referências oblíquas perdidas em extensas mensagens papais, foi forçado a torná-lo o foco de sua atenção.

A edição do *The Boston Globe* de 31 de janeiro de 2002 foi um divisor de águas.

Ela expôs a dimensão do escândalo. Destruiu impiedosamente a teoria das maçãs podres. E acelerou a onda de histórias que se formava em todo país e que arrebentaria com violência contra as antigas fundações da Igreja.

“Sob um extraordinário manto de segredos, a Arquidiocese de Boston, ao longo dos últimos dez anos, firmou acordos sigilosos de indenização em acusações de abuso sexual de crianças contra, pelo menos, 70 padres”, começava a história. “Apenas na arena pública, o *Globe* encontrou registros judiciais e outros documentos que identificam 19 padres, tanto em exercício quanto afastados, acusados de pedofilia. Quatro foram condenados por crimes de abuso sexual, incluindo o ex-padre John J. Geoghan. Dois outros enfrentam processos criminais. Mas esses casos públicos representam apenas uma fração dos padres cujas acusações foram tratadas em negociações privadas, nas quais as partes nunca chegaram ao tribunal, de acordo com entrevistas cedidas por muitos dos advogados envolvidos.”

A matéria era o auge de seis meses de um trabalho, que começou no verão de 2001. Os registros mostravam que, um semestre depois de sua chegada a Boston, em 1984, o Cardeal Law estava a par das alegações de que Geoghan tinha atacado garotos.

Os esforços da Igreja para conter o escândalo foram intensos e extensos. Até mesmo um dos padres envolvidos – que teve sua acusação

de abuso de crianças resolvida com um acordo confidencial – disse que se sentia incomodado com uma Igreja que escondia com sucesso seu problema e os de muitos outros padres. “O que eles tentavam proteger era a noção de que a Igreja é uma sociedade perfeita”, esclareceu o padre. “Se a arquidiocese realmente quisesse proteger seus outros padres do escândalo, deveria ter se livrado muito antes daqueles, dentre nós, que abusaram de crianças.”

No início de fevereiro, Law anunciou publicamente, duas vezes, que a arquidiocese tinha removido de seus postos todos os padres que tinham molestado menores sexualmente. “Nenhum padre que nós saibamos ser culpado de abuso sexual de menor continua ocupando algum posto desta arquidiocese”, Law assegurou. Questionado por repórteres, Law repetiu essa afirmação três vezes. Então, para encerrar o assunto, com um tom de irritação, ele garantiu: “Não existe nenhum padre, ou ex-padre, trabalhando em qualquer que seja a posição nesta arquidiocese, que nós saibamos ter sido responsável por abuso sexual. Espero que isso esteja bem claro”.

A garantia de Law não durou muito. Oito dias depois dessa declaração, paroquianos de duas igrejas nos subúrbios de Boston ficaram estarecidos quando seus padres foram exonerados depois que a arquidiocese encontrou evidências de que os dois homens tinham sido acusados de abusar sexualmente de crianças no passado. Cinco dias depois disso, mais seis padres foram afastados após a arquidiocese vasculhar registros pessoais dos 40 anos anteriores. Fiéis atônitos entravam em suas igrejas e recebiam as notícias em meio a lágrimas e incredulidade.

“É um choque ver a foto do padre da sua paróquia estampada no jornal com uma história dessas”, comentou um paroquiano, um proeminente empresário de Boston. “Quer dizer, eu recebia a comunhão desse sujeito.” Em maio, mais 11 padres foram retirados de suas posições depois de o Cardeal Law ter dado sua palavra de que a Igreja tinha se livrado dos clérigos problemáticos. Em março, um antigo vice-chanceler da arquidiocese foi exonerado sob acusações semelhantes. A essa altura, o escândalo que tomava conta de Boston era o assunto do país.

Gaitas de fole escocesas uivavam. Uma harpa irlandesa ecoava seu lirismo. E mais de 200 diáconos e padres desfilavam atrás de bandeiras

coloridas para receber um bispo novo em Palm Beach, em janeiro de 1999.

Anthony J. O'Connell, um nativo do condado de Clare na Costa Oeste da Irlanda, havia chegado para substituir o Bispo Keith Symons, removido após admitir má conduta sexual com garotos no início de seu sacerdócio de 40 anos. Era um tempo de esperança, alegria e oração na Flórida, um tempo de renovação. “É uma responsabilidade impressionante ser digno da confiança de Deus para receber a missão de Jesus Cristo”, disse um animado O'Connell para os fiéis durante sua posse na Catedral de St. Ignatius. Mas o bispo recém-chegado que falava diante de uma congregação de 1.200 católicos, observando a fumaça do incenso adocicado ocupar a igreja lotada, guardava um segredo tenebroso.

“Isso sempre me assombrou”, O'Connell confessaria mais tarde. O que a congregação de Palm Beach não sabia, naquele dia de inverno de 1999, era que seu novo sacerdote, que prometeu consertar os estragos, era ele mesmo culpado de abuso sexual.

Nos anos 1970, quando O'Connell era reitor do seminário de S. Tomás de Aquino, em Hannibal, Missouri, um aluno chamado Christopher Dixon o procurou em busca de aconselhamento. Dixon, que é gay, confidenciou que se debatia com sua orientação sexual, que sentia culpa e vergonha. Ele contou a O'Connell, que era seu orientador no seminário, de um abuso que sofreu quando garoto nas mãos de um padre.

“Nós conversamos durante horas sobre a aceitação de quem eu sou, do meu corpo”, Dixon disse. “Ele foi criando um clima de muita confiança. Com intenção declarada de [me ajudar a] aceitar meu corpo, ele me levou para a cama dele, nu, e começou a esfregar o corpo dele no meu. Eu pensei: ‘Bem, este é um homem de Deus, como ele pode estar errado?’. Mas eu sabia que alguma coisa estava, sim, errada, pois do contrário não estaria me sentindo nauseado e nervoso.” Segundo Dixon, O'Connell o acariciou três ou quatro vezes ao longo de dois anos.

Cerca de 20 anos depois daquele contato sexual, Dixon escreveu para O'Connell, que então estava no Tennessee. No vigésimo-quinto ano de sacerdócio de O'Connell, o Papa o elevou a bispo de Knoxville. Dixon queria que O'Connell recebesse tratamento e fizesse reparações. A carta de 1995 fez soar o alarme, e autoridades da Igreja buscaram a solução em um remédio que já era conhecido, embora secreto, na Igreja de Boston: fizeram um acordo secreto. A Diocese de Jefferson City não admitiu a

acusação de Dixon, mas lhe pagou 125 mil dólares em 1996, e ele prometeu desistir de futuras reivindicações contra a diocese.

Dixon decidiu romper o acordo de confidencialidade e procurar o jornal *St. Louis Post-Dispatch* depois de ler sobre outras vítimas que se apresentaram após a deflagração do escândalo de Boston; ele se sentia mais seguro em meio à multidão de vítimas. “Eu não quero esses homens em posições que lhes permitam continuar fazendo o que fizeram”, disse Dixon. Algumas horas depois que o jornal de St. Louis publicou a matéria no Missouri, O’Connell, aos 63 anos, um bispo viajado e popular na Flórida, anunciou sua renúncia. Em sua saída, ele foi acompanhado por muitos padres e diáconos que três anos antes tinham festejado sua chegada como líder dos 350 mil católicos de cinco condados da Flórida. Um dia antes, O’Connell havia se unido a outros nove bispos da Flórida para promulgar uma declaração que reconhecia abuso sexual como “crime e pecado”. Agora ele mesmo se declarava culpado de abuso e fazia sua confissão na mesma catedral em que seu ministério na Flórida havia começado.

“Eu quero me desculpar com toda sinceridade e humildade possível”, iniciou O’Connell, com o distintivo sotaque do condado de Clare ainda firme na voz. “Estou verdadeira e profundamente arrependido pelo sofrimento e pela dor, raiva e confusão que resultarão disso tudo. Eu fui amado desde que cheguei a esta diocese, mais amado do que qualquer ser humano pode merecer ser amado. Com certeza eu trabalhei pesado aqui. A única forma de trabalho que eu conheço é o trabalho pesado. Deus me concedeu muitas habilidades e grandes dons, e posso dizer, com honestidade, que utilizei plenamente esses dons.”

“Meu coração chora por Chris Dixon. Eu não soube mais dele desde que o acordo foi feito... Tudo que soube é que ele fez um acordo com a diocese, que ele concordou e assinou. Foi ele que pediu a confidencialidade, por seus próprios motivos. E eu pensei que isso tivesse resolvido a questão. Mas foi algo que sempre me assombrou. Creio que nunca consegui pregar sem ter consciência do que aconteceu, especialmente nestes últimos dias.” O’Connell definiu seu comportamento como estúpido e insensato, resultado da tentativa de ajudar Dixon a resolver seus problemas pessoais. Mas ele ainda parecia tentar diminuir a seriedade de sua conduta ao se deitar nu com um seminarista jovem. “Não

houve nada nesse relacionamento além de alguns toques”, explicou O’Connell. “Não houve nada além disso. Nada de qualquer natureza sexual além disso. Então, no que se entende comumente como atividade sexual – não, não existiu –, e eu, com certeza, quero que meu povo saiba disso. Ainda assim, isso não muda a ingenuidade, a estupidez e a desorientação. Eu faria algo diferente, se possível? Eu teria feito tudo diferente, pelo bem dele e pelo meu.”

A queda rápida de O’Connell aturdiu e constrangeu a congregação que ele liderava. O Padre Brian King, de St. Juliana’s, em West Palm Beach, que trabalhou como motorista do antecessor de O’Connell quando era seminarista, concorda que era compreensível que existissem suspeitas de que o abafamento do abuso de O’Connell não havia sido um evento isolado. “Dado que isso aconteceu com o bispo desta diocese – o segundo bispo, outro bispo desta diocese –, todos vão começar a imaginar: o que está acontecendo que as pessoas estão querendo esconder? O que está havendo?”, King declarou ao *Palm Beach Post*.

Ordenado em maio de 1990, Dixon já abandonou o sacerdócio. Ele relembra que considerava O’Connell uma das pessoas mais brilhantes que já tinha conhecido. “Eu não me sinto uma vítima agora, mas isso tudo é bem amargo. Se ele tivesse lidado com a situação corretamente anos atrás, nós não estaríamos passando por isso agora.”

Em poucas semanas, Dixon não estava mais sozinho. Outros três homens se pronunciaram e acusaram O’Connell de também ter abusado sexualmente deles.

O’Connell foi o terceiro bispo de Palm Beach. O segundo foi Symons, o clérigo exonerado em junho de 1999 depois de admitir sua má conduta sexual. O bispo fundador foi um homem chamado Thomas Vose Daily – o mesmo acusado de ser um dos principais arquitetos da ocultação dos ataques sexuais de John Geoghan contra as crianças de Boston.

O Bispo Daily hoje prega em Nova York como líder da diocese do Brooklyn, a quinta maior da nação. De seu púlpito, ele expressou arrependimento pela maneira como conduziu o caso Geoghan, em Boston, enquanto enfrenta novas acusações de ter ignorado abusos sexuais como líder de 1,6 milhão de católicos no Brooklyn e no Queens.

Daily, nativo de Belmont, Massachusetts, foi ordenado em 1952. No início dos anos 1960, ele trabalhou cinco anos em missões no Peru como membro da Sociedade de São Tiago Apóstolo. Ao retornar a Boston, foi trabalhando aos poucos para subir na hierarquia da arquidiocese. Quando o Cardeal Medeiros morreu, em 1983, Daily administrou a diocese até Law ser indicado como sucessor de Medeiros. Daily foi o guardião dos arquivos pessoais secretos da arquidiocese que eram guardados a sete chaves na chancelaria.

Em 1979, foi Daily quem, ao ser alertado de um dos ataques de Geoghan, assumiu o caso. Ele conduziu uma investigação apressada e desinteressada. Sem questionar a mãe que relatou o abuso de seu filho, Daily escreveu a Geoghan para dizer ao padre pedófilo que ele tinha sido inocentado. Daily afirmou que um capelão da polícia tinha investigado e descoberto que as acusações eram “irresponsáveis, totalmente falsas [e] feitas por uma mulher bem conhecida, sem credibilidade na comunidade”.

O bispo mais tarde diria que, na época, acreditava erroneamente que padres tinham imunidade em processos cíveis e criminais por abuso sexual. Para Daily, Geoghan não era criminoso nem estuprador – ele era uma ovelha perdida. “Eu sou um pastor que tem que ir atrás das ovelhas do Senhor, encontrá-las e trazê-las de volta ao rebanho, dando-lhes orientação e disciplina para que voltem”, argumentou Daily. “Eu não sou um detetive.”

Aos 74 anos, enquanto rezava uma missa celebrando o quinquagésimo aniversário de seu sacerdócio, Daily era assombrado em Nova York pelas notícias de Boston. “Ele é um sujeito tão bom. É difícil ver isso acontecer, ainda mais agora, em uma data tão importante”, disse o porta-voz do bispo. Mas enquanto se esquivava de perguntas a respeito de seu tempo em Massachusetts, Daily enfrentou novas acusações levantadas por um artigo do *Globe*, segundo as quais ele tinha ignorado denúncias de abuso sexual em Nova York, quatro anos antes.

O Padre Timothy J. Lambert, um sacerdote licenciado de 44 anos, fez as acusações durante uma reunião, em 1998, com líderes diocesanos. Seu advogado as repetiu um ano mais tarde em uma carta de oito páginas endereçada a Daily. A carta descrevia as acusações de Lambert contra um padre que tinha se tornado uma figura querida em sua casa, onde a mãe de Lambert lutava para criar sozinha quatro filhos e uma filha. Seu marido,

um alcoólatra, tinha abandonado a família. Lambert, um adolescente problemático, ansiava pela atenção de uma figura paterna. “Isso estabelecia a situação perfeita para um predador”, alegava a carta, que identificava o padre acusado como Padre Joseph P. Byrns, clérigo na Igreja Santa Rosa de Lima, no Brooklyn. “O Padre Byrns sabia que muitas de suas necessidades sexuais seriam satisfeitas pelo garoto, desde que ele tivesse sucesso em mimá-lo com pseudoafeto e presentes, que representavam para essa criança o amor que nenhuma outra figura masculina, em especial seu pai, tinha lhe dado.”

Byrns admitiu que conhecia a família Lambert desde 1969, mas negou as acusações. “Essa história não tem nada de real”, esquivou-se. E o bispo de Byrns, Daily, o apoiou até o fim. O bispo disse que analisou as acusações. Ele atestou que a reputação de Byrns era sólida, concluiu que o padre era inocente e decidiu encerrar o caso.

Lambert chamou a “investigação” de fraude. Ele duvidava que algum investigador da diocese tivesse entrevistado qualquer um dos advogados que ele tinha consultado sobre o abuso sofrido, ou qualquer membro de sua família. “Eles não investigaram nada”, sentenciou Lambert.

A aversão de Daily a investigações rigorosas significava que, nos primeiros dias da crise, Brooklyn não estava entre as várias dioceses da nação que examinaram arquivos pessoais empoeirados e entregaram às autoridades os nomes de padres acusados de abuso sexual. E isso mesmo com o pedido do promotor do Brooklyn: “Se existirem quaisquer alegações, nós queremos que as enviem para nós”. Além da posição do recém-eleito prefeito de Nova York, Michael Bloomberg, que, ao ser questionado em uma coletiva de imprensa na prefeitura se a Igreja deveria liberar informações sobre abuso sexual, não hesitou ao declarar: “Não existe qualquer motivo, baseado na profissão, pelo qual um grupo não tenha que obedecer à lei. Ponto final”.

Daily defendeu o modo como conduziu as queixas contra Byrns, mas disse que se arrependia da maneira como tinha lidado com o caso Geoghan em Boston. Ele insistiu que a maioria das vítimas preferia segredo à divulgação das alegações de abuso sexual. “Nós somos sensíveis ao fato de que temos uma política... e consideramos que agimos com responsabilidade. E vamos manter essa política.” (Quando o bispo convidou as vítimas a procurar sua equipe, Lambert respondeu com

acidez: “Essas seriam as últimas pessoas que eu procuraria”.) Em meio a tudo isso, Daily manteve sua posição. Ele disse que não divulgaria os nomes dos abusadores sexuais. “Alguns desses homens estão mortos”, ele justificou. “Um homem tem direito à sua reputação mesmo quando está morto.”

No início de abril, contudo, a resistência de Daily começou a desmoronar. Seus assessores começaram a se encontrar com promotores do Queens e do Brooklyn, e dali a poucos dias Daily seria acusado de ignorar avisos repetidos a respeito das festas que um padre fazia depois do expediente com garotos adolescentes em uma casa paroquial do Queens no início dos anos 1990. Em junho de 2000, esse padre foi preso sob acusações de sodomia. O jornal *Newsday* noticiou que o Padre John McVernon notificou Daily em quatro ocasiões diferentes a respeito de sua preocupação com a conduta do padre. “Eu disse para Daily: ‘Estão acontecendo algumas coisas na casa paroquial que me deixam assustado’. Ele escutou com atenção, mas nada mudou depois dessa primeira visita”, confirma McVernon. As acusações depois foram retiradas e os registros do caso foram lacrados.

Após a primeira reunião de McVernon com Daily, no início dos anos 1990, ele disse ter falado para o bispo a respeito da conduta do padre mais três vezes. “Todo ano eu contava a mesma história para ele”, recorda McVernon. “Nada aconteceu.” O porta-voz de Daily disse que o padre foi colocado em licença administrativa depois de sua prisão. E ele continua assim.

O *The New York Times* forneceu ainda mais detalhes sobre a falta de atenção de Daily às alegações de abuso sexual cometido por religiosos. O jornal noticiou que em 1991 Daily forneceu a um bispo da Venezuela recomendações entusiásticas sobre o Padre Enrique Diaz Jimenez, mesmo que um indiciamento com 60 acusações contra Diaz estivesse pendente no Queens por abuso de crianças. Daily escreveu que Diaz estava passando “por uma situação muito difícil” em Nova York por causa de um caso criminal contra ele, mas minimizou os problemas do padre relativos a abuso sexual. Um porta-voz de Daily disse que o bispo elogiou corretamente o trabalho de Diaz como padre em seus três anos de serviço em Nova York, e acrescentou que não era justo estabelecer uma relação entre a recomendação e “acusações que surgiram sobre seu

comportamento anos depois”. Mais tarde, naquele mesmo ano, após se declarar culpado de três acusações de abuso sexual do caso em questão, o Padre Diaz foi deportado para a Venezuela. Lá, ele foi acusado posteriormente de molestar sexualmente 18 meninos que se preparavam para a Primeira Comunhão.

Quando a primavera chegou, Daily não conseguiu mais resistir aos promotores. A Diocese do Brooklyn anunciou em meados de abril que daria à promotoria o nome dos padres acusados de abuso sexual nos últimos 20 anos, e também relataria futuras acusações às autoridades. “Como no passado, vamos cooperar com eles em quaisquer investigações que queiram realizar”, afirmou Daily. Esse era o tipo de jogada que o homem de Belmont tinha aprendido na Arquidiocese de Boston – o tipo de habilidade que era apreciada pelas pessoas que ele tinha deixado lá. Quando rodou uma edição especial comemorativa dos 25 anos de Daily como bispo, no início de 2000, o *The Tablet*, jornal oficial da diocese do Brooklyn, pediu um comentário de Boston. O Cardeal Law, ex-chefe de Daily, tinha palavras elogiosas para seu antigo assessor. “Como nativo de Boston, ele foi inestimável para mim. Ele não apenas conhecia o território como a palma de sua mão, mas, o mais importante, ele sabia com quem estava lidando”, escreveu Law.

Thomas Daily não era o único prelado de Nova York assombrado por seu trabalho nas paróquias da Nova Inglaterra.

Instalado como décimo segundo líder da Arquidiocese de Nova York em 2000, o Cardeal Edward M. Egan sucedeu o Cardeal John J. O’Connor, que havia morrido de câncer no cérebro após 16 anos como prelado mais conhecido da nação. Quando Egan saiu de Connecticut a caminho de seu novo lar na Madison Avenue, onde é líder espiritual de 2,4 milhões de católicos romanos – a terceira maior diocese da nação –, ele tinha adquirido uma reputação de bispo conservador que seguia de perto os ensinamentos da Igreja a respeito de aborto e controle de natalidade.

O religioso, nativo de Chicago, parecia perfeitamente adequado ao novo cargo em Nova York. Como advogado canônico, ele tinha passado duas décadas no Vaticano aconselhando os Papas Paulo VI e João Paulo II. E passou dois anos como bispo auxiliar supervisionando as escolas católicas de Nova York. Como O’Connor, que chegou a Nova York vindo

de Scranton, Pensilvânia, Egan tinha ganhado o grosso de sua experiência em uma Sé relativamente pequena e obscura. “Eu não me sinto um chefe”, ele declarou na véspera de sua instalação na Catedral de St. Patrick. “Mas me deem algum tempo e eu me sentirei.”

Em 17 de março de 2002, Egan foi atingido por uma matéria do *Hartford Courant* que o denunciava de ter permitido, quando serviu como bispo em Bridgeport, Connecticut, que padres acusados de molestar crianças continuassem em seus postos durante anos. Um desses padres admitiu que uma vez mordeu sua vítima adolescente enquanto fazia sexo oral nele para evitar a ejaculação. Egan a princípio recebeu as alegações com silêncio pétreo. Alguns dias depois, denunciou a ação de padres pedófilos como uma “abominação” e exortou as vítimas a reportar os ataques às autoridades. Ele insistiu ter agido adequadamente. Mas o cardeal ainda resistiu a fazer qualquer promessa de que a Igreja relataria todos os novos casos de abuso sexual.

Assim como o Cardeal Law, seu colega em Boston, Egan enfrentou críticas contundentes de quem dizia que ele sacrificou a segurança de crianças para satisfazer o desejo desesperado da Igreja de evitar um escândalo. “Egan, que está entre os cardeais mais importantes dos Estados Unidos, não agiu decisivamente nos casos da Diocese de Bridgeport”, escreveu o *Connecticut Post* em um editorial. “Esses foram crimes que deveriam ter sido levados à atenção de agentes da lei e promotores.” O jornal exigia a renúncia de Egan, ao mesmo tempo que a Diocese de Bridgeport começava um exame dos arquivos pessoais de padres que remontava à fundação da arquidiocese, quase meio século atrás.

A matéria corrosiva do *Hartford Courant* foi baseada em registros judiciais lacrados, transcrições de depoimentos pré-julgamento, arquivos pessoais e memorandos internos da Igreja que retratavam Egan como um administrador permissivo, lento para investigar acusações de abuso e rápido para repudiar aqueles que acusavam os padres de agressão. Em um depoimento de 1999, antes não revelado, por exemplo, Egan sugeriu que 12 antigos coroinhas e paroquianos que alegavam ter sido molestados, estuprados ou espancados pelo mesmo padre, poderiam estar inventando a história. “Alegações são alegações”, Egan menosprezou. E a respeito das queixas contra padres, ele concluiu: “Poucos chegaram perto de conseguir que alguém provasse alguma coisa”.

Em seu depoimento, obtido pelo *Courant*, Egan se mostra destemido e desdenhoso quanto às acusações contra padres da diocese. Em um debate com um advogado, relativo ao abuso sexual cometido por Laurence Brett, padre de Bridgeport que admitiu atacar crianças em todo o país nos anos 1960, Egan mostrou pouca simpatia pelas vítimas de abuso. Em 1991, após verificar a história do padre, Egan decidiu que Brett, então um capelão escolar em Baltimore, poderia continuar sob os auspícios da Diocese de Bridgeport. Egan disse que o padre tinha “causado uma boa impressão”.

Os advogados perguntaram como Egan tinha conduzido o caso de Brett. Egan discutiu com cuidado as palavras empregadas pelos advogados:

Advogado: “[Brett] ao que tudo indica, admite que fez sexo oral nesse menino, e que, de fato, mordeu o pênis dele e recomendou que ele fosse se confessar em outro lugar?”

Egan: “Bem, eu creio que o que você diz não está muito correto... Parece-me que o cavalheiro em questão era um estudante de 18 anos da Universidade do Sagrado Coração.”

Advogado: “O senhor tem ciência de que em dezembro de 1964 um indivíduo com menos de 21 anos era considerado menor de idade no estado de Connecticut?”

Egan: “Meu problema, meu esclarecimento, diz respeito à expressão ‘um menino’ usada para se referir a um jovem de 18 anos.”

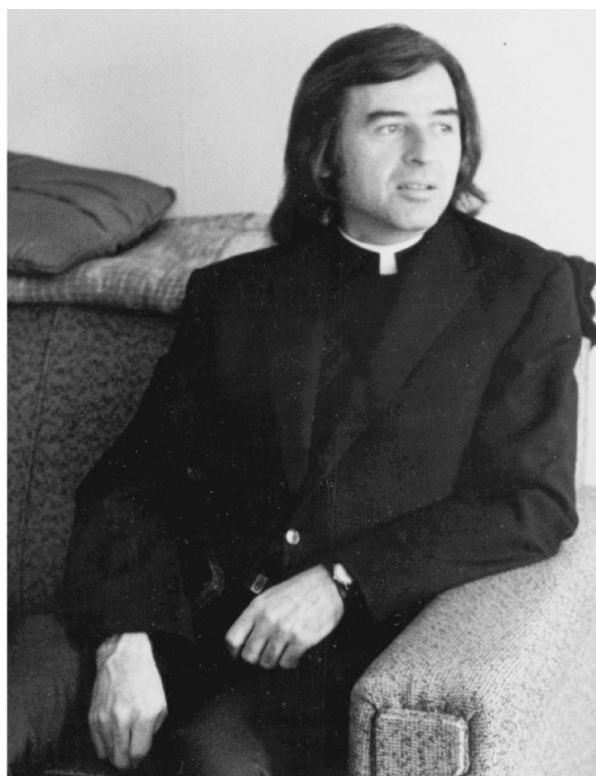
Advogado: “Um meni... muito bem, um menor, fica melhor assim?”

Egan: “Ótimo.”

Poucos dias depois da matéria no *Courant*, Egan defendeu que suas ações em Connecticut foram adequadas. Ele disse que era sua rotina encaminhar padres acusados de abuso para tratamento psiquiátrico. “Se as conclusões fossem favoráveis, ele retornava ao ministério, em alguns casos com restrições, pois agíamos com cuidado redobrado. Se as conclusões não fossem favoráveis, não permitíamos que ele voltasse a atuar como padre”, explicou Egan.

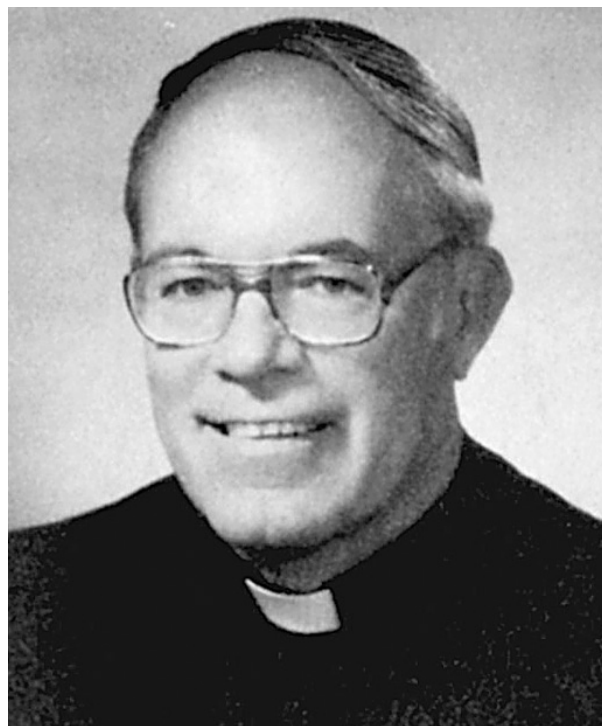
Seguindo a prática consagrada em todos os outros lugares, a Igreja lutou com sucesso para manter longe dos olhos do público os registros dos maiores escândalos de abuso sexual cometidos por religiosos da história

de Connecticut. Mas depois de expostos, os detalhes de Bridgeport se tornaram leitura essencial para paroquianos a apenas uma hora da cidade de Nova York. Por exemplo, um memorando de 1990 mostrava que uma autoridade diocesana estava preocupada quanto “ao desenvolvimento de um padrão de acusações” contra um padre de Norwalk que supostamente acariciava garotos, mas Egan não suspendeu nem dispensou o padre, Charles Carr. Cinco anos depois, um processo foi aberto e Egan, finalmente, agiu e afastou Carr, apenas para reintegrá-lo, em 1999, como capelão em meio-período de uma casa de repouso em Danbury. (Carr seria depois destituído pelo sucessor de Egan em Connecticut, o Bispo William E. Lori.)



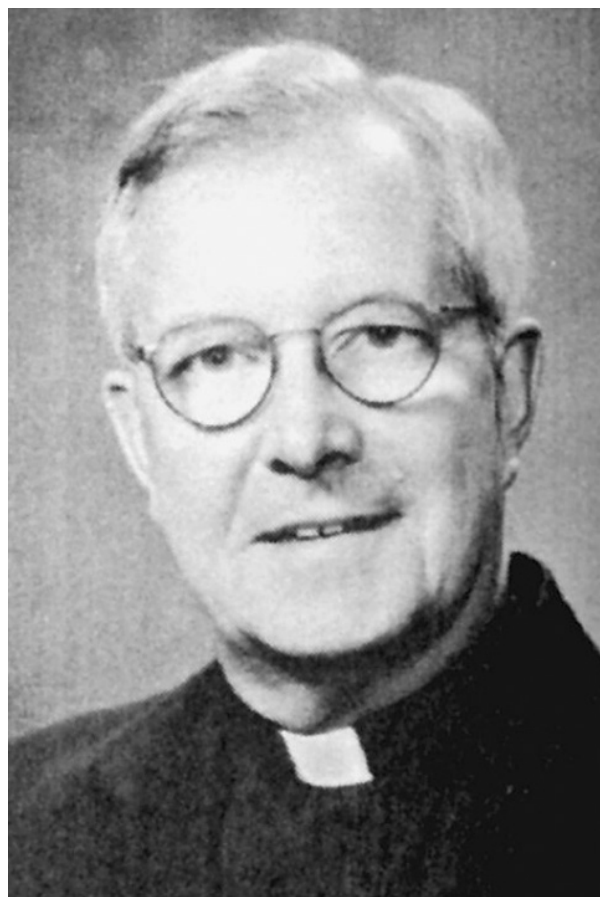
Paul R. Shanley pregava publicamente os benefícios do amor entre homens e garotos. Em particular, ele supostamente molestava meninos vulneráveis.

FOTO: *THE BOSTON GLOBE*



O falecido Joseph Birmingham supostamente molestou dezenas de jovens, e os líderes da Igreja não fizeram muito para detê-lo em sua carreira de quase 30 anos.

FOTO: ARQUIDIOCESE DE BOSTON



O acidente automobilístico do Padre Ronald H. Paquin levou à morte de um jovem de 16 anos, de quem ele teria abusado na noite anterior. Antes do acidente, a arquidiocese teria sido alertada de outros abusos sexuais cometidos por Paquin.

FOTO: ARQUIDIOCESE DE BOSTON



John J. Geoghan (à esquerda), ex-padre, foi acusado de molestar cerca de 200 crianças na região de Boston. Dois cardeais o transferiram de paróquia em paróquia, mesmo cientes das acusações.

Em janeiro de 2002, ele e seu advogado, Geoffrey Packard, ouviram a sentença de Geoghan, condenado a uma pena de 9 a 10 anos de prisão por abusar de um garoto. Contudo, em agosto de 2003, Geoghan foi assassinado na penitenciária por Joseph Druce, que invadiu sua cela e o espancou e estrangulou.

FOTO: KEVIN WISNIEWSKI PARA *THE BOSTON GLOBE*



Catherine Geoghan, irmã mais velha de John J. Geoghan, permaneceu lealmente ao lado do irmão durante o julgamento. O Padre John Casey, amigo de John Geoghan, aparece com eles no Tribunal Superior de Middlesex durante um intervalo na seleção de júri para o julgamento de Geoghan.

FOTO: JOHN BLANDING PARA *THE BOSTON GLOBE*



O Bispo Anthony J. O'Connell apresentou sua renúncia depois de admitir ter acariciado um jovem seminarista um quarto de século antes.

FOTO: LANNIS WATERS/ *PALM BEACH POST*



O Bispo Brendan Comiskey, de Wexford, Irlanda, anunciou sua renúncia em abril de 2002 após ser acusado de proteger um padre que cometeu abusos sexuais.

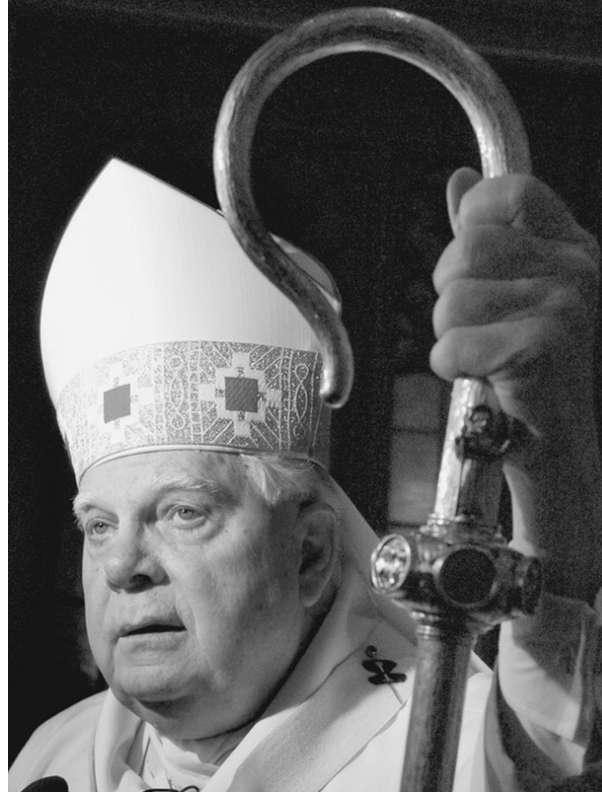
FOTO: DAVID SLEATOR/

THE IRISH TIMES



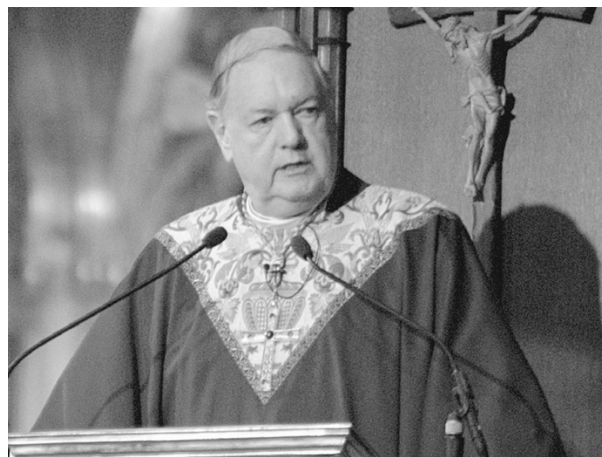
O Cardeal Bernard Francis Law, de Boston, não soube administrar seus padres, incluindo John J. Geoghan, que abusaram sexualmente de crianças. O resultado foi a indignação geral e um escândalo internacional para a Igreja Católica Romana. Em janeiro de 2002, ele se dirigiu à imprensa em sua residência, em uma coletiva especial a respeito do escândalo sexual.

FOTO: DAVID L. RYAN PARA *THE BOSTON GLOBE*



O Cardeal Law depois da missa na Catedral da Santa Cruz, em Boston.

FOTO: MATTHEW J. LEE PARA *THE BOSTON GLOBE*



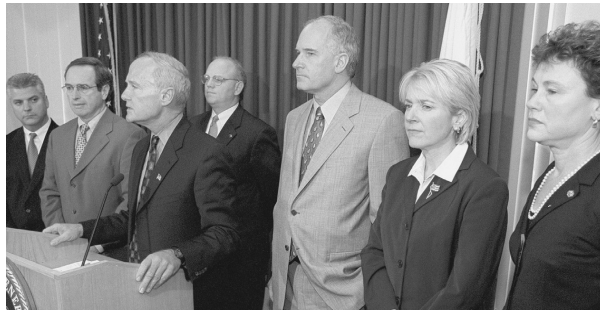
O Cardeal Edward Egan, de Nova York, que segundo o *Hartford Courant*, permitiu que vários padres que cometiam abusos sexuais permanecessem em seus postos enquanto ele comandava a Diocese de Bridgeport, Connecticut.

FOTO: AP/WIDE WORLD PHOTOS



O Papa João Paulo II, em sua Carta da Páscoa de 2002, denunciou “os pecados de alguns dos nossos irmãos”. Em abril, ele convocou os cardeais dos Estados Unidos para uma reunião de emergência, na qual definiu como “crime” o abuso sexual de crianças cometido por padres.

FOTO: AFP PHOTO/ALESSANDRO BIANCHI



O promotor-geral de Massachusetts, Tom Reilly, falando no púlpito, deu uma entrevista coletiva após se encontrar com advogados da Arquidiocese de Boston. Promotores distritais, da esquerda para a direita: Dan Conley, Kevin Burke, Tim Cruz, Bill Keating, Martha Coakley e Geline Williams, diretora-executiva da associação dos promotores de Massachusetts.

FOTO: JONATHAN WIGGS PARA *THE BOSTON GLOBE*.



Enquanto o Cardeal Law celebrava a missa da Sexta-Feira Santa, em 29 de março de 2002, na Catedral da Santa Cruz, manifestantes exigiam sua renúncia do lado de fora.

FOTO: REUTERS/BRIAN SNYDER



Católicos leigos se reúnem no subsolo da Igreja São João Evangelista, em Wellesley, Massachusetts, em abril de 2002, para discutir a crise que abalava sua Igreja.

FOTO: JUSTINE ELLEMENT PARA *THE BOSTON GLOBE*



Tom Blanchette (à frente, à esquerda), com outros membros da Organização da Juventude Católica, e o Padre Joseph Birmingham, na igreja de Nossa Senhora de Fátima no início dos anos 1960.

FOTO: CORTESIA DE TOM BLANCHETTE



Patrick McSorley contou que foi molestado pelo Padre Geoghan depois que seu pai cometeu suicídio.

FOTO: SARAH BREZINSKY PARA *THE BOSTON GLOBE*



Maryetta Dussourd alega que seus três filhos e quatro sobrinhos foram molestados na hora de dormir por Geoghan, às vezes enquanto rezava com eles.

FOTO: PAT GREENHOUSE PARA *THE BOSTON GLOBE*



Margaret Gallant, irmã de Maryetta Dussourd e católica devota, escreveu para o Cardeal Medeiros em 1982 expressando toda sua revolta quando Geoghan, que supostamente havia molestado sete de seus familiares menores de idade, não foi removido do trabalho paroquial.

FOTO: CORTESIA DE MARYETTA DUSSOURD



James Hogan estava entre os homens que se apresentaram para acusar de abuso sexual o falecido Padre Joseph Birmingham. O Cardeal Law e outras autoridades da Igreja foram acusados, no processo, de acobertar as ações de Birmingham.

FOTO: AP/WIDE WORLD PHOTOS



O Papa João Paulo II em discurso sobre abuso sexual para os líderes da Igreja Católica Americana em sua biblioteca particular no Vaticano, em abril de 2002. O Cardeal Law é o quinto a partir da esquerda.

FOTO: AP/WIDE WORLD PHOTOS



O Cardeal Law beija o anel de João Paulo II durante a reunião extraordinária convocada pelo sumo pontífice no Vaticano, em abril de 2002.

A posição de Egan, que deveria ser da competência da Igreja determinar quais alegações de abuso deveriam ser encaminhadas às autoridades, não foi bem recebida pelo promotor distrital de Manhattan, Robert M. Morgenthau. “Autoridades responsáveis em todas as instituições religiosas que tenham informações sobre abuso de crianças devem garantir que essas informações sejam levadas à atenção dos agentes da lei”, afirmou o promotor. “Eu espero que a Arquidiocese de Nova York encaminhe para o meu escritório todas as alegações de abuso de crianças, incluindo alegações do passado.”

Conforme aumentava a pressão sobre Egan, o cardeal foi obrigado a agir. Poucas semanas depois, ele entregou a Morgenthau uma lista de casos envolvendo padres acusados de má conduta sexual ao longo dos últimos 35 anos, e o cardeal depois exonerou seis padres de sua diocese por causa de acusações de abuso no passado. Ainda assim, apareceram novos relatos de agressões sexuais cometidas por padres em Connecticut, todas durante o mandato de Egan. O cardeal de 70 anos – um homem que desconfiava da imprensa e que não exibia o mesmo carisma de seu predecessor – contentou-se, durante algum tempo, em apenas falar de seu púlpito. “Com a guerra, o terrorismo e o abuso sexual nos atormentando, nós todos sabemos que somos pecadores e que Deus espera que façamos nossa penitência”, ele disse em seu sermão do Domingo de Ramos de 2002. “Atos foram cometidos contra nossas crianças por aqueles que escolhemos e ordenamos para cuidar de todos com total abnegação e o máximo respeito. O grito que vem do coração de todos nós afirma que nunca mais queremos sequer pensar que tal horror possa acontecer com qualquer um de nossos jovens, seus pais, seus entes queridos, através do corpo de Jesus Cristo e sua Igreja. Esse grito vem também do meu coração.”

Mas em 20 de abril, um dia antes de viajar para a reunião com o Papa João Paulo II, em Roma, para discutir a crise de abuso sexual com os outros cardeais americanos, Egan fez um pedido de desculpas que era, sem dúvida, condicional. “Ao longo dos últimos 15 anos, tanto em Bridgeport quanto em Nova York, eu busquei incansavelmente o melhor aconselhamento independente que havia à minha disposição com

especialistas médicos e cientistas comportamentais – e agi de acordo com ele”, escreveu o cardeal em uma carta lida na arquidiocese. “Está claro que hoje temos uma compreensão mais ampla desse problema. Se, em retrospecto, nós também descobrirmos que erros foram cometidos no que diz respeito à destituição de padres e auxílio às vítimas, eu sinto muito.” Egan prometeu “fazer tudo o que estiver em meu poder para garantir, dentro do que for humanamente possível, que tal abuso cometido por religiosos nunca mais aconteça. Vocês não devem esperar outra coisa de mim e dos outros líderes da nossa Igreja.”

Mesmo antes de o Papa João Paulo II convocar os cardeais americanos ao Vaticano, na primavera de 2002, para uma reunião de emergência sobre o escândalo sexual, a crise já tinha se espalhado por todos os Estados Unidos e pelo exterior. É digno de nota que as críticas que a crise provocou estavam isentas de difamação dos católicos.

“Nós passamos nosso tempo monitorando e combatendo o anticatolicismo onde quer que ele existisse na sociedade americana, mas sempre tive desprezo pela desonestidade intelectual, e se eu ficasse à margem dessa discussão, teria que acusar a mim mesmo disso”, declarou William Donohue, presidente da Liga Católica para Direitos Religiosos e Civis. “Eu não conheço um único padre ou leigo católico que não esteja furioso com o escândalo de abuso sexual diante da tolerância que eles [a hierarquia] tiveram com esse comportamento intolerável, e a forma como brincaram de dança das cadeiras com esses padres depravados. Eu nunca vi tanta raiva.” Essa raiva, ao que parece, estava em toda parte. Uma cidade atrás da outra, enquanto as autoridades analisavam arquivos pessoais e reescreviam políticas a respeito de abuso sexual cometido por religiosos, tinham mais padres acusados. Dezenas foram exonerados.

Aconteceu primeiro na Filadélfia, onde, em fevereiro, a sétima maior arquidiocese da nação, com 1,4 milhão de católicos, disse ter encontrado “evidências confiáveis” de que 35 padres abusaram sexualmente de 50 crianças desde 1950. Vários padres ainda em seus cargos foram exonerados depois que líderes da Igreja examinaram seus arquivos pessoais. “À luz do que aconteceu em Boston, nós analisamos nossos arquivos e as acusações do passado. Nós queremos melhorar”, declarou um porta-voz da arquidiocese. Em poucos dias, alguns promotores

convenceram líderes da Igreja da Filadélfia a entregar os nomes dos padres que agrediram as crianças. A arquidiocese hesitou, argumentando que os crimes referentes a todos os abusos alegados já teriam prescrito e, portanto, não divulgaria os nomes. Ao final de abril, a promotora distrital Lynne M. Abraham anunciou que convocaria um grande júri para investigar. Ela disse que a Filadélfia examinaria “todas as alegações envolvendo padres, quer estivessem mortos, exonerados ou aposentados”.

Em Cleveland, quando o Padre Donald Rooney foi convocado por seus superiores, no começo de abril, para discutir acusações de que ele tinha abusado sexualmente de uma garota em 1980, ele não compareceu à reunião. Em vez disso, as autoridades informaram que o padre de 48 anos dirigiu até o estacionamento de uma drogaria e se matou com um tiro de calibre 9 mm na cabeça. Rooney deixou um bilhete com uma única sentença. Era uma instrução, para quem achasse seu corpo, de como localizar sua irmã.

Em Long Island, bem ao lado da cidade de Nova York, Thomas J. Spota, promotor distrital do condado de Suffolk, anunciou em meados de abril que iria convocar um grande júri especial para examinar acusações de abuso. Spota insinuou que a Igreja estava acobertando casos.

Em Cincinnati, o Arcebispo Daniel Pilarczyk se tornou o primeiro prelado americano a receber uma intimação do grande júri em uma batalha por registros da Igreja a respeito de queixas de abuso de crianças. Os promotores intimaram Pilarczyk no fim de abril, mas ele não precisou testemunhar depois que a Igreja liberou as informações solicitadas. O promotor Michael K. Allen, um católico do condado de Hamilton, não disse a que as informações da Igreja se referiam, mas observou que iria manter aberta a convocação de Pilarczyk. Isso significava que, ele disse, o arcebispo poderia ter que enfrentar o grande júri mais tarde.

Em Washington, D.C., o Padre Percival D'Silva, pároco associado de uma igreja católica romana influente na capital da nação, olhou para o norte, na direção de Boston, e disse em seu púlpito: “O Cardeal Law não está acima da lei... Eu tenho que ser honesto... Ele deveria ter o bom senso e até mesmo a coragem e a honra de dizer, ‘Eu renuncio’. Ele tem que sair””. Suas palavras foram aplaudidas de pé pelos fiéis.

Em Detroit, autoridades da Igreja reconheceram que cerca de uma dúzia de padres na região metropolitana tinham sido removidos do

ministério ativo nos últimos 14 anos por causa de alegações confiáveis de abuso de menores. Dois padres deixaram suas paróquias na primavera de 2002. A arquidiocese foi criticada por ter deixado de entregar padres acusados aos promotores. O Cardeal Adam Maida pediu perdão à congregação.

Em Los Angeles, maior arquidiocese da nação, o Cardeal Roger Mahony admitiu que tinha cometido um erro ao transferir um padre acusado de agredir crianças para um posto de capelão no Centro Médico Cedars-Sinai, 14 anos antes, sem contar os detalhes das acusações contra ele aos administradores do hospital. O cardeal também pediu desculpas às crianças que haviam sido atacadas pelos padres e anunciou uma política de tolerância zero em casos de abuso sexual: nenhum padre que sofresse uma acusação confiável poderia voltar ao trabalho paroquial ou ter qualquer cargo na arquidiocese, ele prometeu. E demitiu oito padres, a maioria aposentada, que tinham sido acusados de abuso.

Para alguns, isso tudo foi muito pouco e veio tarde demais. Em 1998, o próprio Mahony esteve no centro de um surpreendente julgamento de abuso sexual cometido por clérigo envolvendo dois irmãos que moravam perto da cidade industrial de Stockton, no Vale Central da Califórnia. Eles disseram que foram molestados por um padre durante anos, até chegarem ao fim da adolescência. Os irmãos receberam 7,6 milhões de dólares em danos morais depois que o júri ouviu o testemunho de um psiquiatra que afirmou que Mahony, na época bispo de Stockton, mas não réu no processo, sabia que o padre acusado era pedófilo e representava um risco para as crianças. Mas Mahony apenas transferiu o padre para outra paróquia, onde ele abusou de mais crianças durante anos. No julgamento, Mahony sustentou que não tinha conhecimento das acusações contra o padre. No fim de abril, ele foi processado com base em uma lei federal de estelionato geralmente reservada para elementos do crime organizado, quando vítimas de duas famílias afirmaram que foram molestadas, quando crianças, por um padre da Arquidiocese de Los Angeles.

O escândalo também se espalhou pelo exterior.

No fim de março, um proeminente arcebispo polonês, com ligações com o Papa, renunciou. O Arcebispo Juliusz Paetz, de Poznan, foi acusado de fazer investidas sexuais contra clérigos jovens. Ele negou a acusação, mas disse que saía “pelo bem da Igreja”. Paetz, 67 anos, estudou em duas

prestigiosas faculdades de Roma e trabalhou próximo aos Papas Paulo VI, João Paulo I e João Paulo II. Ele era membro da equipe pessoal de João Paulo II até o pontífice o enviar de volta para a Polônia como bispo de Lomza, em 1982. Outros padres acusaram Paetz de fazer visitas noturnas aos alojamentos de seminaristas, acariciar jovens religiosos em público e usar um túnel subterrâneo para fazer visitas não anunciadas aos dormitórios deles. “Nem todo mundo compreende minha abertura e espontaneidade genuínas com outras pessoas”, disse Paetz. “Houve uma interpretação errada das minhas palavras e dos meus gestos.”

Então, no começo de abril, um antigo prelado da Irlanda renunciou. O Bispo Brendan Comiskey, de Ferns, no sudeste da Irlanda, tornou-se o primeiro membro da hierarquia católica romana, de que se tem notícia, a renunciar voluntariamente por causa da forma como lidou com um padre que havia abusado sexualmente de crianças. Comiskey estava sob ataque há anos devido ao modo como conduziu o caso de um padre pedófilo, Sean Fortune. Em 1999, Fortune se matou depois de ser acusado de molestar garotos, e a renúncia de Comiskey veio na véspera da transmissão, na Irlanda, de um documentário produzido pela BBC sobre algumas vítimas de Fortune. “Eu fiz o meu melhor”, anunciou Comiskey do lado de fora de seu escritório em Wexford, ao ler uma declaração que chocou uma nação em que mais de 90% dos 3,6 milhões de habitantes são católicos. “E ficou claro que o meu melhor não foi o bastante... Como bispo, eu deveria ser a força que mantém unidos os padres e as pessoas no ministério de Cristo. Eu esperava poder realizar a reconciliação entre a diocese e aqueles que foram molestados. Isso, eu acredito, pode fazer parte da cura. Hoje eu reconheço que não sou a melhor pessoa para atingir esses objetivos de unidade e reconciliação. Minha continuação no cargo poderia ser, na verdade, um obstáculo ao processo de cura.”

No México, cujos 90 milhões de católicos constituem a segunda maior congregação católica, atrás apenas do Brasil, o Cardeal Norberto Rivera, da Cidade do México, rejeitou a posição da conferência dos bispos do país, que sustentava que acusações de abuso sexual cometido por padres deveria ser administrada dentro da Igreja. O Bispo Sergio Obeso, de Japala, argumentou que padres abusadores não deveriam ser entregues à polícia, e disse: “Roupa suja se lava em casa”. Essa posição foi atacada na imprensa mexicana e ridicularizada pelas autoridades de justiça do país, que

afirmou que qualquer tentativa de abafar denúncias seria desastrosa e configuraria acobertamento. Rivera concordou. O cardeal disse que padres que abusam de crianças não merecem tratamento especial. “Eles devem ser denunciados às autoridades competentes e a justiça tem que ser feita”, anunciou Rivera em um sermão em rede nacional de televisão. “Ninguém deveria ter imunidade ou privilégios, nem estar acima da lei.”

Nos Estados Unidos, o impacto do escândalo e da luta da Igreja para lidar com isso foi enfatizado dramaticamente por uma série de e-mails confidenciais do Cardeal Mahony vazados para a estação de rádio KFI, de Los Angeles, que depois enviou cópias para o *Los Angeles Times*. O recurso emergencial que a arquidiocese apresentou ao tribunal, pedindo a proibição da publicação desses e-mails foi recusado por um juiz de um tribunal superior, que decidiu que a constituição dos EUA não lhe permitia manter a correspondência do cardeal fora das páginas de um dos maiores jornais do país.

Em um e-mail, datado de 27 de março, Mahony manifestava sua frustração com o fato de seus assessores não terem enviado à polícia os nomes de alguns padres que ele havia demitido. O cardeal usou o correio eletrônico para avisar que poderia ser intimado por um grande júri. O e-mail era intitulado “Nosso grande erro” e foi enviado às sete horas de uma manhã de quarta-feira para a Irmã Judith Murphy, advogada-geral da arquidiocese.

Mahony, o cardeal mais jovem da nação, escreveu:

Irmã Judy,

Enquanto os tambores continuam rufando à nossa volta, pressionando-nos a liberar os “nomes”, eu devo apontar aquele que considero nosso maior erro tático nas últimas semanas.

Se bem me lembro, dos oito padres envolvidos, cinco nomes já foram informados aos órgãos policiais locais. Restam três.

O e-mail de Mahony contava como Murphy tinha resistido à sugestão de Mahony para que ela consultasse a polícia quanto aos outros três padres. Ele disse que tinha ficado sem paciência e ordenava ação imediata.

O tom da conversa eletrônica enfatizava a gravidade da crise que, àquela altura, era o assunto de todo o país.

Se nós não “consultarmos” hoje o Det. quanto a esses três nomes, eu posso lhe garantir que serei levado diante de um Grande Júri, ocasião em que serei forçado a entregar todos os nomes, etc.

Devo insistir neste momento que isso não está mais aberto para discussão. Você deve falar com o Det. a respeito desses três casos.

Mahony tinha motivos para se preocupar. Dois dias antes, Bernard Parks, chefe de polícia de Los Angeles, tinha exigido saber esses nomes. Mahony se sentia frustrado com a falta de agilidade dos advogados da arquidiocese:

Não estou certo de que você tenha entendido a gravidade da situação e o rumo que isso está tomando – não apenas com a imprensa, mas com a polícia e o pessoal da justiça.

... Se não tomarmos atitudes imediatas e decisivas aqui, as consequências para a [arquidiocese] vão ser inacreditáveis: acusações de acobertamento, ocultação de criminosos, etc., etc.

POR FAVOR, faça desta tarefa sua maior prioridade esta manhã! Cheguei ao ponto em que, se não puder garantir que todos os oito sejam devidamente relatados, eu mesmo terei que telefonar para o Det. e fazer isso – hoje.

Não existe meio termo neste caso; nós estamos perdendo a batalha porque, de algum modo, estamos “escondendo” esses três. A melhor maneira é “consultar” o Det. a respeito deles e deixar que a polícia decida o que precisa ser feito em seguida.

Obrigado por me escutar. Essa pressão da imprensa não vai parar até anunciarmos que esses poucos padres foram todos denunciados às autoridades competentes ao longo dos anos.

+RMM

A arquidiocese acabou entregando os nomes dos padres para a polícia e Mahony se tornou uma liderança reformista entre os prelados americanos. Mas quando ele e outros cardeais dos Estados Unidos se reuniram com o Papa no Vaticano, eles não realizaram, como Mahony esperava, um debate sério a respeito do celibato dos sacerdotes. Os cardeais não conseguiram nem mesmo concordar quanto aos detalhes de uma política de tolerância zero, segundo a qual qualquer padre que abusasse sexualmente de uma criança seria exonerado imediatamente. Em vez disso, os príncipes da Igreja adotaram um conjunto de princípios bastante tradicional: padres e bispos deveriam ser mais dedicados a Deus. Sacerdotes deveriam repreender pessoas que espalham discórdia. Seminários deveriam selecionar os candidatos com mais cuidado.

No fim, tudo que os cardeais conseguiram estabelecer foi o simples reconhecimento da função dos bispos, dizendo em uma carta para os padres: “Nós lamentamos que a supervisão episcopal não foi capaz de resguardar a Igreja deste escândalo”.

Com a chegada do verão, o escândalo tornou-se violento e, em um caso, mortal.

Em meados de maio, em Baltimore, um homem atirou em um padre católico que ele acusava de ter abusado dele quase uma década antes. Foi a primeira vez, desde que o escândalo explodiu em janeiro, que uma vítima reagiu com tamanha violência. Dias depois, na mesma semana, um padre de Bridgeport, Connecticut, cometeu suicídio em um hospital psiquiátrico católico em Silver Spring, Maryland. Ele foi encontrado enforcado no Instituto St. Luke 17 dias depois de ser removido de sua paróquia, quando vários homens o acusaram de molestá-los duas décadas antes.

O declínio do respeito

Durante a infância de Daniel F. Conley, na região de Hyde Park em Boston, não era incomum que algumas das freiras batessem nas crianças que se comportavam mal. E quando batiam, as crianças não diziam nada quando chegavam em casa, porque temiam apanhar também dos pais. Se as freiras bateram em você, pensavam, é porque fez por merecer.

Era uma época diferente. Se a polícia abordasse um carro que estivesse na rua, e visse que o motorista estava de hábito, normalmente ou o policial levava o padre para casa ou o liberava com um aviso: “Cuidado, Padre”.

Mas isso era antes. Em março de 2002, Dan Conley, o promotor distrital do condado de Suffolk, Massachusetts, abriu um arquivo que estava sobre sua mesa e viu que o alvo de uma investigação criminal gerada por acusações de abuso sexual era o Monsenhor Frederick J. Ryan – seu professor de religião na Escola de Ensino Médio Memorial Católico, há cerca de 30 anos.

Conley, o principal promotor de Boston, é um católico devoto. Ele está aflito com o que está acontecendo em sua Igreja. Mas ao contrário de algumas gerações anteriores de agentes da lei, que fechavam os olhos aos crimes e contravenções da sua Igreja, a reação de Conley ao arquivo que tinha diante de si foi óbvia. Ele pegou o telefone e ligou para sua colega, Martha Coakley, promotora distrital do vizinho condado de Middlesex, para lhe pedir que ficasse com o caso a fim de evitar qualquer manifestação de conflito de interesse.

Dada a predominância de irlandeses católicos nas esferas da lei de Massachusetts, não é de se surpreender que tivesse havido pouca vontade de se processar padres por qualquer motivo, incluindo o abuso sexual de crianças. Até recentemente, a maioria dos policiais de Boston ainda tinha o mapa da Irlanda estampado no rosto. Mesmo quando Ralph G. Martin II,

o antecessor de Conley, tornou-se o primeiro afrodescendente a ocupar o posto de promotor distrital de Boston, em 1992, ele herdou uma equipe de advogados cujos nomes pareciam ter saído de uma lista telefônica de Dublin.

Acontecia o mesmo na política, onde os nomes que dominavam a prefeitura e a Assembleia Legislativa, e daqueles que representavam a cidade e o estado em Washington eram Curley, McCormack, O'Neill, Flynn e, o mais famoso, Kennedy. Quando John F. Kennedy se tornou o primeiro católico a ser eleito presidente, uma das primeiras pessoas que convidou para sua posse foi o cardeal de Boston, Richard J. Cushing. Três anos depois, Cushing voou de Boston a Washington para comandar o funeral do presidente assassinado.

O respeito que políticos, policiais e promotores mostravam pela Igreja Católica (à qual a maioria pertencia) espelhava o respeito demonstrado pela sociedade em geral. Mas a extensão do abuso sexual que transbordou depois do caso Geoghan, e principalmente os esforços da Igreja para comprar o silêncio das vítimas, abalou até mesmo os católicos mais devotos na aplicação da lei e da política. Uma cultura de respeito que levou mais de um século para evoluir pareceu erodir em questão de semanas. Em outras partes dos Estados Unidos, houve uma mudança semelhante na forma como o poder secular encarava as autoridades da Igreja. Em Long Island, Cincinnati, e na Filadélfia, os promotores distritais reuniram grandes júris para investigar o papel que as autoridades da Igreja podem ter desempenhado no escândalo.

Muitas pessoas comuns disseram que a recente disposição de alguns promotores em responsabilizar a Igreja até agora demonstrava respeito, porque a maioria deles ainda não parecia disposta a colocar padres e bispos diante de um grande júri para tentar montar casos criminais contra eles por abrigarem molestadores de crianças. Mas a maioria dos promotores disse que eles simplesmente não estavam amparados pela lei.

A mudança na atitude em relação à Igreja por parte das autoridades seculares aconteceu em todo o país, porém foi mais dramática em Boston. Os filhos, netos e bisnetos de imigrantes que nunca sonharam em contestar qualquer coisa que um padre fizesse, agora exigiam não apenas respostas dos líderes de sua Igreja, mas a responsabilização. Mesmo enquanto o Cardeal Law lutava para manter sob seu controle o poder dentro da Igreja,

as forças externas cresciam contra ele e outras autoridades que nunca antes tiveram que se preocupar com esse tipo de pressão. A Primeira Emenda, que garante a separação entre a Igreja e o Estado, tinha sempre servido como impedimento para que as autoridades seculares investigassem muito a fundo questões da Igreja. Os costumes locais faziam disso um tabu ainda maior para que os agentes da lei pudessem usar seu braço forte com a Igreja. O Cardeal Law podia dizer, com razão, que ao esconder do público os abusos sexuais cometidos por padres, não estava fazendo nada diferente do que seus antecessores fizeram. Mas isso não lhe dava mais vantagens com promotores e políticos, cuja sensação de ultraje frente à conduta da Igreja estava crescendo na mesma proporção em que seu respeito diminuía.

“Eu me lembro de ler as primeiras notícias da Equipe Spotlight e ficar furioso”, recorda o Promotor-Geral de Massachusetts, Thomas F. Reilly, principal promotor do estado. “Eu me pegava gritando alto, ‘Meu Deus, estamos falando de crianças!’.”

Os pais de Reilly tinham vindo da Irlanda e tinham profunda devoção pela Igreja. Como muitos imigrantes irlandeses que se estabeleceram em Springfield, a terceira maior cidade de Massachusetts, 160 quilômetros a oeste de Boston, a mãe dele vinha de Dingle, uma pitoresca cidade portuária no condado de Kerry. O pai de Reilly trabalhava no Departamento de Obras Públicas de Springfield, mas tinha crescido em um vilarejo no condado de Mayo, onde o padre era a pessoa mais importante. Os pais de Reilly impuseram um tom de devoção para os quatro filhos e as duas filhas. Mesmo quando já era um adolescente, Reilly devia estar de volta em casa às sete da noite. “Nós nos ajoelhávamos e rezávamos o rosário, em família, todas as noites”, lembrou o promotor-geral.

Reilly disse que sua experiência com as freiras que o educaram e com os padres que o aconselhavam sempre foi exclusivamente positiva. As Irmãs de São José, que foram suas professoras na Escola Catedral, tinham mais confiança nele do que ele próprio tinha. A mãe de Reilly conseguiu a colaboração de um pároco para fazê-lo entrar na Universidade São Francisco Xavier, na Nova Escócia.

Quando, ainda um jovem promotor, Reilly se viu montando um caso contra um padre que tinha abusado sexualmente de uma criança em um

subúrbio de Boston, ele encarou o caso como uma aberração. “Acho que pensei nisso no contexto de que fosse representativo de todos os segmentos da sociedade, no sentido de que você, ocasionalmente, encontraria alguém que se envolvesse com esse tipo de comportamento”, disse. Quando a extensão do abuso cometido por James Porter se tornou conhecida, em 1992, Reilly disse que ficou chocado, mas que “deu à Igreja o benefício da dúvida”. “O Cardeal Law disse que tinha criado uma nova política para que a Igreja pudesse lidar de forma mais agressiva em casos assim. Na época eu acreditei nele. Não tinha motivo para não acreditar.”

Martha Coakley, que sucedeu Reilly como promotora distrital no condado de Middlesex depois que ele foi eleito promotor-geral, era menos inclinada a dar o benefício da dúvida à Igreja. Desde jovem, ela percebia imoralidade na Igreja, principalmente no modo como ela tratava a metade dos fiéis que era composta de mulheres. Ela reparou, ainda nova, que não havia mulheres no altar. Também não havia esportes para garotas em sua escola católica.

Coakley cresceu em North Adams, uma antiga cidade industrial enfiada no canto noroeste de Massachusetts. Em North Adams, as paróquias eram organizadas de acordo com padrões étnicos: St. Joseph era a paróquia irlandesa, Notre Dame era francesa, St. Anthony era italiana. Coakley ia à missa na Igreja St. Joseph e frequentava a Escola St. Joseph. Seu pai comungava todos os dias e era um líder da Sociedade S. Vicente de Paulo, que ajudava os pobres. As duas irmãs de Coakley frequentaram faculdades católicas. Ela cantava no coral. “De modo geral, tenho boas lembrança de crescer na Igreja”, disse Coakley.

A ideia de padres cometendo abuso sexual com crianças não entrou na sua consciência até ela estar com mais de trinta anos. Nessa época, no início dos anos noventa, Coakley era promotora e foi transferida, contra sua vontade, para chefiar uma unidade contra abuso sexual infantil.

Coakley disse que a incredulidade com que o público recebia as evidências que sugeriam que a Igreja possuía um grande número de predadores sexuais em seu clero deriva da ignorância a respeito do abuso sexual. “As pessoas imaginam que o agressor é um indivíduo desequilibrado, que se esconde nas sombras vestindo um sobretudo. Mas quando eu comecei a trabalhar nesses casos, tornou-se óbvio que a maioria

dos abusadores são zelosos, pessoas respeitáveis que usam essa respeitabilidade como um disfarce para realizar seus abusos. Havia uma aura em torno dos padres que os protegia, e essa proteção se estendia aos agressores sexuais. O estilo de vida incrivelmente acanhado desses homens contribuía para o problema. São homens solteiros, que se mudam de paróquia em paróquia, sem família própria. Era a fórmula para um desastre.”

Como Reilly, Coakley, a princípio, ficou entusiasmada com a reação do Cardeal Law ao caso Porter, e em 1993, quando esse caso atraiu a atenção do país, ela começou a se preparar para seu primeiro grande julgamento de abuso sexual, que envolvia um padre chamado Paul Manning, e foi um caso muito complicado. A suposta vítima, um garoto porto-riquenho de 11 anos que mal falava inglês e cuja mãe era muito religiosa, retirou suas acusações e se recusou a testemunhar contra Manning. Mas outro padre, Paul Sughrue, apresentou-se, e o que tinha para contar era tão perturbador quanto incriminador. Sughrue afirmou que, uma noite, ao voltar para a casa paroquial na Igreja St. Charles, em Woburn, ao norte de Boston, ouviu “cinco gritos distintos” de uma criança. “Eram horripilantes”, Sughrue depois testemunhou. “Gritos carregados de dor. Eles exigiam atenção.”

Sughrue disse que subiu a escada e, ao espiar do patamar no segundo andar para o escritório de Manning no terceiro, viu dois pares de pernas nuas entrelaçadas. Uma criança estava sentada sobre Manning, movendo-se de modo ritmado, para cima e para baixo. Sughrue disse que ficou perturbado com o que viu, mas também ficou confuso sobre o que fazer. Por fim, entrou em contato com a chancelaria, cujas autoridades demoraram um mês para entrar em contato com a polícia e relatar essas alegações.

Como a vítima se recusou a testemunhar, Coakley sabia que seria difícil vencer o caso. Mas o testemunho de Sughrue foi convincente e, pelo menos na área de Boston, sem precedentes – um padre violando a hierarquia para denunciar outro padre.

Mas não foi só a vítima relutante que Coakley teve que enfrentar. Os paroquianos de Manning ficaram ao lado dele. Mais de cem compareceram ao indiciamento. Dezenas foram ao tribunal durante todo o julgamento. Eles diziam estar demonstrando sua fé em seu padre. Coakley

disse que eles estavam intimidando o júri, assim como a vítima tinha sido intimidada para retirar sua acusação.

Os paroquianos pareciam menos preocupados com o teor das acusações do que com o fato de que era o Padre Sughrue quem as fazia. Coakley disse que a defesa foi um estudo de caso sobre como explorar uma cultura que era, instintivamente, respeitosa à Igreja em geral e aos padres em particular. Um agente do FBI depôs a favor de Manning como testemunha de caráter. A advogada de Manning, Eileen Donoghue, também prefeita de Lowell, antiga cidade industrial ao norte de Boston, retratou Manning como um padre caridoso, dedicado, cuja fluência em espanhol o tornava amado especialmente entre hispânicos. Donoghue disse que Manning tinha assumido a proteção do garoto. Ela disse que não houve contato sexual entre o garoto e seu padre, apenas uma “brincadeira animada”. Se parecia estranho que um padre de cinquenta e três anos recebesse um menino de onze em seu escritório no terceiro andar à noite, Donoghue disse que o garoto passava muito tempo na casa paroquial “porque sua família é pobre”.

Depois de 15 horas de deliberações ao longo de 3 dias, o júri absolveu Manning, dizendo que os promotores não os tinham convencido da culpa do padre além da dúvida razoável. Apesar da absolvição, a arquidiocese o retirou do trabalho paroquial. Ainda que frustrada pela lealdade incondicional que os paroquianos demonstraram por Manning, Coakley ficou animada pela cooperação da arquidiocese com a promotoria e sua decisão de garantir que o padre não tivesse mais acesso a crianças. Sughrue depois foi promovido a pároco de outra paróquia.

As ações de Coakley não lhe proporcionaram os ganhos políticos que Manning a acusou de estar perseguindo com aquele julgamento. Muito ao contrário: as pessoas a acusaram de ser desrespeitosa com a Igreja. Um colunista do jornal *Lowell Sun* a censurou e, mais perto dela, a mãe de uma de suas melhores amigas disse ser ultrajante que ela processasse um padre. “Na opinião de muitas pessoas, eles ainda eram intocáveis”, disse Coakley.

Mas Coakley disse que as atitudes começaram a mudar conforme os casos foram se acumulando. Em 1994, o Padre John Hanlon foi condenado por estupro de coroinhas em Hingham, no sul de Boston. Um Hanlon impenitente foi sentenciado a três prisões perpétuas.

Coakley disse que as atitudes mudaram dramaticamente nos oito anos que se passaram desde que ela processou Manning sem sucesso. “De modo algum nós teríamos hoje o nível de intimidação que aconteceu naquele caso”, disse ela. “E eu acho que os júris atuais estão mais dispostos a condenar.”

Os juízes também estão mais dispostos a distribuir castigos mais severos. Quando um júri do condado de Middlesex, em fevereiro de 2002, condenou Geoghan por apertar as nádegas de um garoto de 10 anos em uma piscina pública, a acusação de atentado ao pudor dizia respeito a um dos atos menos escandalosos de abuso que ele tinha cometido ao longo dos anos. Mas a Juíza Sandra Hamlin deixou alguns observadores legais perplexos ao determinar uma sentença de dez anos, a maior permitida. Hamlin disse que agiu assim por acreditar que Geoghan sempre seria uma ameaça às crianças.

Hamlin condenar Geoghan à sentença máxima foi algo muito diferente do que aconteceu em 1984, quando o Juiz Walter Steele sentenciou o Eugene M. O’Sullivan, o primeiro padre de Massachusetts, a ser condenado por abuso sexual. O promotor, George Murphy, pediu de três a cinco anos depois de O’Sullivan admitir ter estuprado por via anal um coroinha de 13 anos. O Juiz Steele colocou o padre em liberdade com a condição de que ele não tivesse mais permissão para trabalhar com crianças. A Arquidiocese de Boston ignorou o juiz, e no ano seguinte o Cardeal Law enviou O’Sullivan para uma nova diocese em Nova Jersey, onde ele serviu em quatro paróquias ao longo dos sete anos seguintes.

Mesmo em 1991, quando promotores do oeste de Massachusetts requereram um mandato de busca para a casa do Padre Richard Lavigne, um predador em série que mais tarde se declararia culpado de molestar três garotos, um juiz se recusou a lhes dar o documento, dizendo que seria ultrajante a polícia dar busca na casa de um padre. Apesar de cometer uma série de abusos muito piores do que aqueles que causaram a condenação de Geoghan, Lavigne foi condenado a apenas dez anos de liberdade condicional quando foi sentenciado em 1992. “Eu acho que hoje ele teria recebido uma sentença muito mais longa”, comentou David Angier, o promotor que processou Lavigne.

Os juízes, na sua maioria católicos, foram cúmplices no sigilo que manteve a extensão do abuso oculto do público. Entre 1992 e 1996, por

exemplo, um grupo de juizes de Boston decidiu lacrar todos os registros de cinco processos envolvendo três padres que molestaram crianças, porque justificaram que, como disse um juiz, “os detalhes da controvérsia” não deveriam ser tornados públicos. Em um caso, um juiz lacrou todos os registros, ainda que a vítima tivesse declarado que só queria preservar sua identidade. Mas bem antes disso, a Igreja percebeu que seu tratamento especial corria perigo em todo o país: o relatório confidencial de 1985 sobre o abuso sexual por padres alertava: “Nossa dependência do passado em juizes e promotores católicos romanos protegerem a Diocese e os clérigos ACABOU.”

Em janeiro de 2002, a previsão daquele relatório se tornou realidade na pessoa da Juíza Constance M. Sweeney, do Tribunal Superior do Condado de Suffolk. Ela foi a juíza que ouviu os argumentos, em setembro de 2001, de uma moção do *Globe* para retirar a ordem que havia preservado do escrutínio público todos os registros prejudiciais dos processos contra Geoghan. Os advogados da Igreja confiavam que Sweeney não concordaria em tornar públicos os registros.

Aos 52 anos, Sweeney tinha 16 anos de magistratura – o mesmo número de anos que havia passado em escolas católicas na juventude. Depois de frequentar os ensinos fundamental e médio em sua cidade natal, Springfield, Sweeney foi estudar na Faculdade Newton do Sagrado Coração. Mas em novembro de 2001 Sweeney decidiu que o direito do público de saber se sobrepunha ao direito da Igreja de manter os documentos secretos. Os advogados do cardeal, estupefatos com a sentença, decidiram recorrer da sua decisão, mas ela foi mantida.

Conforme o prazo para liberação dos documentos chegava ao fim, os advogados trabalhavam febrilmente para finalizar os processos com acordos, acreditando que um acordo eliminaria a necessidade de tornar públicos os documentos. Mas durante uma audiência do tribunal em janeiro de 2002, Sweeney deixou claro para os advogados do cardeal que ela tinha a intenção de ver cumprida a sua decisão. O público, disse ela, tinha o direito de ver os documentos. Uma semana depois, cerca de dez mil páginas de documentos foram tornadas públicas.

Coakley se sentiu encorajada pelas mudanças de atitudes, mas também achou que era preciso prudência. “É claro que o pêndulo pode balançar demais para o outro lado, também”, ela disse. “Primeiro a atitude foi de

que nenhum padre podia fazer aquilo. Depois foi algo como, ‘bem, alguns podem fazer isso, mas não o da minha igreja’. Existe o perigo de que o cinismo se torne tão grande que muitas pessoas irão presumir que todos os padres são assim, e isso também não é justo. Minha crença, com relação aos padres é como minha crença com relação a policiais: a maioria é boa. Mas se existem os maus, eu irei atrás deles. E os poucos maus estão fazendo todo mundo parecer mau.”

Se muitas pessoas dão crédito aos promotores por endurecerem com a Igreja, muitas outras não conseguem entender por que líderes como o Cardeal Law não foram acusados de cumplicidade nos crimes de pedófilos como Geoghan, principalmente porque Law colocou Geoghan e outros em postos onde podiam molestar crianças, mesmo depois de ter sido avisado sobre a atração sexual deles por crianças.

Alguns analistas legais de destaque, incluindo Joseph di Genova, ex-procurador dos EUA em Washington, D.C., argumenta que promotores católicos na região de Boston continuam sendo muito respeitosos com a Igreja para indiciar criminalmente aqueles que colocam os padres pedófilos em cargos nos quais podem vitimar crianças. É uma acusação que faz muitos procuradores se indignarem. “Isso é conversa mole, e é um ultraje que digam isso sobre mim e qualquer um dos meus colegas”, disse Coakley. “Se nós tivéssemos as leis, processaríamos qualquer um, inclusive o cardeal. Mas as leis para isso não existem. Nós pesquisamos. O código civil fornece algumas possibilidades em relação a supervisão negligente. Mas em Massachusetts não existe amparo legal criminal nessa área.” E também existiam outras restrições. “Lembrem-se, essas pessoas não procuraram a aplicação da lei, e seus advogados também não. Elas escolheram fazer acordos cíveis e de confidencialidade. Eu acho que os advogados dos queixosos têm alguma responsabilidade nisso, mas essa é a rota que escolheram.”

Reilly também observou que leis de cumplicidade e formação de quadrilha não parecem se aplicar ao cardeal e a outros líderes da Igreja que transferiram predadores sexuais conhecidos, porque eles não compartilhavam da intenção criminosa dos predadores. Mas Reilly ainda não descartou acusar Law e outros líderes da Igreja, e disse que seu escritório está procurando determinar se as leis de direitos civis do estado, bastante abrangentes, são aplicáveis. E embora alguns advogados tenham

aberto processos cíveis, citando a lei federal de crime organizado, nenhum ainda teve sucesso. Outros têm incitado promotores federais a usar a lei de crime organizado para acusar quem transfere padres predadores pelos Estados Unidos, mas os promotores federais americanos têm se mantido distantes do assunto.

Alguns, incluindo di Genova, acusam os promotores de vacilarem e só irem atrás das autoridades da Igreja depois de verem que a opinião pública apoia totalmente essa ação. Outros, ainda, incluindo Stephen Gillers, um professor de ética legal na Universidade de Nova York, disse que Coakley se comprometeu ao assumir um posto voluntário na Comissão para Proteção das Crianças criada pelo Cardeal Law em resposta ao escândalo. “Ela está numa posição de conselheira das autoridades da Igreja ao mesmo tempo em que investiga membros do clero, entre os quais podem estar autoridades da Igreja, e esses dois papéis simplesmente não se misturam”, disse Gillers. Mas em maio de 2002, após o Padre Paul Shanley ser indiciado pelo escritório de Coakley, preso em San Diego e extraditado para enfrentar o julgamento em Massachusetts, Coakley deixou a comissão do cardeal.

Coakley não vê com bons olhos a proposta de lei que tornaria mais fácil acusar criminalmente alguém que transfira um predador sexual – tendo conhecimento disso – para um cargo com acesso a crianças. “Sou muito conservadora no que diz respeito a criar novas leis no meio de um período emotivo como este”, disse ela. Coakley acredita que as atitudes mudaram de maneira dramática, e os interesses da Igreja foram tão ameaçados pelo tipo de sigilo que ela empregava para acobertar casos de abuso sexual que é quase impossível que a situação se repita algum dia. “Nós não podemos deixar que a Igreja decida quem vai denunciar e quem não vai. Nós vamos estabelecer denúncia obrigatória para a Igreja, e é por isso que eu acredito que não iremos ver uma nova geração de vítimas.”

Kevin Burke, promotor distrital no condado de Essex, que abrange o litoral norte de Massachusetts, também desempenhou um papel chave em forçar a Arquidiocese de Boston a levar mais a sério a questão do abuso sexual por padres. E assim como os outros promotores que seguiram insistentemente o cardeal, Burke também foi criado em um lar católico devoto. Ele cresceu em Malden, cidade operária ao norte de Boston, e

depois se mudou para Beverly, no litoral norte, quando tinha 10 anos. Seus avós eram imigrantes irlandeses, e sua avó comungava todos os dias.

“Meu avô estava no velho IRA, e ele era antirreligioso porque a Igreja era contra os rebeldes, então embora eu venha de uma família católica irlandesa bastante típica, na qual havia grande respeito pela Igreja e pelos padres, a postura antirreligiosa do meu avô era algo constante para mim, enquanto eu crescia”, disse ele. Por exemplo, seu avô tirou um dos tios de Burke da escola paroquial depois que uma freira bateu com cinto no garoto. “Não se fazia isso antigamente, desafiar a autoridade da Igreja dessa forma. As freiras podiam bater em você com o cinto o quanto quisessem, e a grande maioria dos católicos não ousava dizer nada, mas meu avô ousou”, disse ele.

O pai de Burke fazia seus filhos assistirem à missa todos os dias durante a quaresma. Quando criança, Burke olhava para os padres “como se fossem diferentes de nós, como pessoas especiais, pessoas santas merecedoras do nosso respeito”. “Mas quando você fica mais velho, percebe que os padres têm todos os defeitos das outras pessoas. Eu não sei lhe dizer exatamente quando isso me ocorreu, mas a certa altura, ainda garoto, eu percebi que existiam padres cruéis, que humilhavam alguns garotos, e isso me mudou.”

Burke também se lembrou de ficar revoltado com a percepção crescente de injustiça. “Todas as freiras que eu conhecia eram pobres de dar dó. E eu via os padres dirigindo Cadillacs. Lembro-me de ler uma matéria sobre as freiras não terem seguro-saúde integral e de como essa desigualdade me enfureceu.”

Após ser eleito pela primeira vez para promotor distrital, em 1978, Burke se reuniu com um monsenhor da região para discutir um caso de abuso. “Ele era um homem agradável”, Burke lembrou. “Convidou-me para almoçar e a arrumação da casa paroquial era espantosa. Nós nos sentamos à mesa, com serviço de almoço completo; porcelana fina e toalha branca e engomada. Sempre que o monsenhor queria alguma coisa, ele badalava um sininho de prata e uma governanta idosa vinha bamboleando, como uma criada. Toda vez que eu tentava engatar alguma conversa séria com o monsenhor, ele pegava aquela sineta e badalava, e a velha senhora entrava para atender cada capricho dele. E então, estou sentado lá, não só estarecido com o nível, a posição na vida em que eles

se colocam, mas também com o fato de que a Igreja permita que façam isso, de ninguém estar dizendo: ‘Ei, isso está errado. Esses caras não podem viver desse jeito enquanto as freiras não têm seguro-saúde’. Mas o que percebi naquele dia, enquanto o monsenhor não parava de tocar aquela sineta, foi o quão distante, quão indiferente e isolada a burocracia da Igreja tinha se tornado. Eles viviam uma vida à parte, completamente desligada da vida dos leigos, e nós tínhamos permitido que isso acontecesse.”

O escritório de Burke começou, enfim, a negociar com a arquidiocese quando surgiram acusações contra os padres. Ele não estava impressionado. “A arquidiocese era, provavelmente, o grupo mais arrogante com que nosso escritório já lidou”, disse Burke. “Se você fosse católico, como sou e como são muitos dos meus assistentes, ficava implícito que você estaria de algum modo ameaçando ou sendo desrespeitoso com a fé por querer combater o abuso sexual.”

Quando, em 2000, o escritório de Burke apresentou acusações contra Christopher Reardon, um membro leigo da Igreja que acabou se declarando culpado de estuprar e molestar mais de vinte crianças, “a Igreja foi menos que receptiva, para dizer o mínimo”, disse Burke. “Mas o que realmente me impressionou foi que, em todos os contatos com a arquidiocese, eles nunca mostraram nenhuma preocupação com as vítimas. Não tiveram a menor empatia com aquelas crianças cujas vidas foram viradas de cabeça para baixo por causa do abuso. Olhando para trás, é impressionante e chocante que líderes da Igreja falharam em cumprir sua responsabilidade moral. Nós temos uma arquidiocese que hoje é cooperativa. Mas eles estavam sentindo os efeitos da opinião pública a respeito do que faziam. Não se lamentaram pelo que aconteceu com aquelas crianças. Mas sim porque foram pegos. Eu acho que o cardeal e o resto da hierarquia nunca se deram conta de que estavam lidando com crianças. E acho que nem hoje eles enxergam isso. Eles veem as vítimas como os adultos que fazem as denúncias agora, não como as crianças que eram quando sofreram essas coisas desprezíveis.”

O fracasso, ou a incompetência, da hierarquia da Igreja em sentir compaixão sincera pelas vítimas de abuso sexual foi uma prova para Burke de que os bispos – como aquele monsenhor que tocava a sineta – estavam completamente fora da realidade. O Promotor-Geral Reilly

chegou à mesma conclusão ao ler o texto bajulador da carta “Deus o abençoe, Jack” do Cardeal Law para Geoghan. “O cardeal não enviou cartas como essas para as vítimas”, disse Reilly com amargura.

De fato, Reilly disse que ficou profundamente abalado pelo modo como Law e a arquidiocese mimavam padres predadores enquanto tratavam as vítimas como um incômodo. “O que me ofendeu, na verdade, foi saber como a Igreja tinha sido intolerante e dura com pessoas que fizeram coisas que perdiam a importância em comparação com o abuso sexual. Veja como a Igreja trata os católicos divorciados como párias, sem permitir que se casem de novo na Igreja. Veja como eles são intolerantes e ríspidos com os gays.” Reilly lembrou de ter lido, dois anos antes, a respeito da Irmã Jeannette Normandin, uma freira de setenta e dois anos que foi expulsa do Centro Urbano Jesuíta da Igreja da Imaculada Conceição, na Zona Sul de Boston, porque batizou dois garotos. O direito canônico diz que apenas padres ou diáconos ordenados – sempre e unicamente homens – podem realizar batismos, e não houve uma segunda chance para a Irmã Normandin. “Essa foi uma freira que dedicou sua vida à Igreja”, disse Reilly. “E agora veja como eles trataram os padres que estupraram crianças. Nós usamos muito a palavra *abuso*, que é uma palavra tranquila, inofensiva. Mas em muitos desses casos, não foi abuso. Foi estupro. Eles estavam estuprando crianças. Onde está a indignação? Onde está o sentimento de ultraje moral? A intolerância e a hipocrisia da Igreja repousam no âmago de muitas dessas coisas. Tudo isso foi me deixando muito irritado. Acobertar aqueles que estupram crianças enquanto criticam tantos outros – a hipocrisia é de enlouquecer.”

Reilly fez mais do que ficar maluco. Ele efetuou disparos legais por sobre a proa da Igreja, forçando o cardeal e a arquidiocese a alterarem várias vezes o curso de maneira dramática. Após as primeiras matérias saírem no *Globe*, o cardeal deu uma entrevista coletiva televisionada na qual pediu desculpas por seus erros passados e prometeu repassar às autoridades quaisquer futuras acusações contra padres. Reilly e Burke balançaram a cabeça enquanto assistiam.

“De modo algum isso é o bastante”, Burke disse para si mesmo, e Reilly disse que a resposta do cardeal o lembrou do que ele já havia dito em 1992, com relação ao caso Porter. “Ele basicamente estava dizendo: ‘Confiem em nós, deem-nos o benefício da dúvida, nós vamos criar uma

comissão para garantir que isso não aconteça mais'. Bem, nós já tentamos isso e não funcionou. Minha atitude mudou por completo. Passou a ser, 'Agora chega. Vocês tiveram sua chance. Não fizeram o que falaram que iriam fazer. Vocês permitiram que predadores atacassem crianças'."

"Todo mundo estava alerta depois do Padre Porter. E eu confiei neles depois do Padre Manning. Mas não me sinto assim, agora. Eles têm que ser corrigidos, já que não conseguem corrigir a si próprios."

Uma semana depois de o cardeal insistir que não havia mais padres sexualmente abusivos, Reilly e Burke foram a público no *Globe*, dizendo que a política de tolerância zero do cardeal, posterior aos fatos, não era suficiente. Disseram que quem deve decidir a culpabilidade dos padres que cometem abusos sexuais não é o cardeal nem a Igreja, mas promotores eleitos pela população e prestando contas a ela. Disseram que o informe retroativo de abuso sexual deveria permitir que eles denunciassem criminalmente mais padres.

"No que diz respeito às evidências, eles deveriam nos informar sobre qualquer padre ou membro da Igreja. Deixem os promotores decidir se eles devem ser processados", disse Reilly. "Dado o que aconteceu aqui, a Igreja deveria errar por excesso, com total transparência na questão de abuso de menores. Não se pode deixar passar nada quando se trata de abuso sexual de crianças."

Em menos de uma semana, o Cardeal Law organizou uma segunda coletiva de imprensa e disse, à luz dos comentários de Reilly e Burke, que tinha mudado de ideia e que entregaria às autoridades os nomes de padres contra os quais fossem feitas acusações confiáveis de abuso sexual.

"Bem que eu gostaria de receber o crédito por criar um momento profundo, essencial, na responsabilização da Igreja, mas na verdade isso foi apenas uma reação causada pela experiência de vida e ultraje moral", disse Burke. "Já vi tantas crianças abusadas ao longo dos anos. Assisti vídeos de crianças que foram abusadas, e você consegue enxergar a dor, a angústia. O paradigma do abuso sexual de crianças mudou nos anos 1980. Não foi até vermos o vídeo de um policial abusando sexualmente da própria filha que as pessoas acreditaram que um policial podia fazer algo assim. O passo seguinte, o de acreditar que qualquer um é capaz de algo assim, foi com os padres."

“Os documentos do caso Geoghan formam o conjunto mais espantoso de documentos que eu já li, quando se trata de responsabilidade secundária. Eles mostram que se alguém tivesse cumprido com a sua responsabilidade moral, para não falar de sua responsabilidade legal, centenas de pessoas não estariam sofrendo hoje. Eu não diria que o fato de eu e Tom termos nos manifestado fez de nós exemplos de coragem, tanto quanto foi uma reflexão sobre respeito em uma sociedade que sofreu erosão.”

“Quase todo dia, alguém vem até mim e diz: ‘Continue fazendo o que você está fazendo’.”, disse Reilly. “Um dia eu estava na rua e um sujeito se aproximou de mim e perguntou se eu era o promotor-geral. Ele disse: ‘Tenho quase a mesma idade que você. Um padre abusou de mim e eu nunca contei para ninguém. Isso me corroeu por dentro todos esses anos. As coisas têm que mudar. Continue. Faça com que mudem’. Aquilo foi emocionante. Você se pergunta quantas vítimas há lá fora, e o que tem sido para elas esses anos todos, sofrendo em silêncio.”

Os documentos Geoghan também convenceram Reilly e outros promotores que não se podia confiar na Igreja quando o Cardeal Law, inicialmente, anunciou que, pelo que ele sabia, não havia padres na ativa contra os quais existissem acusações confiáveis. Na verdade, mais tarde, Law removeu onze padres devido a acusações de abuso sexual.

Agindo sob ordens do cardeal, os advogados da arquidiocese entregaram para promotores da região de Boston os nomes de todos os padres vivos acusados de abuso sexual. Mas assim que os promotores receberam os nomes, perceberam que os registros eram inúteis. Sem os nomes das vítimas e os arquivos completos dos casos, incluindo os depoimentos de testemunhas, os promotores não conseguiriam avaliar se algum dos padres deveria ser processado. Por quase um mês, contudo, a arquidiocese ignorou os pedidos da promotoria por mais informações.

Enfim, Reilly e os cinco promotores distritais cujas jurisdições abrangem a arquidiocese decidiram endurecer o jogo. Enviaram uma carta para o advogado da arquidiocese contendo uma ameaça velada de convocar líderes da Igreja diante de um grande júri se não entregassem voluntariamente as informações necessárias. A carta também aconselhava a arquidiocese a liberar as vítimas dos termos dos acordos de confidencialidade que a Igreja tinha usado como condição para fazer

pactos nas reivindicações particulares e nos processos civis contra os padres predadores.

Menos de 24 horas depois que o advogado de Law recebeu a carta, o cardeal autorizou a liberação dos nomes das vítimas e a renúncia aos acordos de confidencialidade. De todas as acusações feitas a centenas de padres vivos em todo o país, apenas um punhado delas era passível de ação judicial, porque muitos dos casos já estavam prescritos. Mas a impossibilidade de os promotores formalizarem as denúncias não foi uma vitória da Igreja.

Os promotores distritais William R. Keating, do condado de Norfolk, e Timothy Cruz, do condado de Plymouth, convocaram grandes júris para tentar extrair mais informação da Igreja. Foi um duro golpe. Keating ficou frustrado com o prazo de prescrição, que o impedia de processar muitos padres. Por causa do sigilo da Igreja, ele disse, “a vida de muitas vítimas inocentes foi arruinada, e pessoas que não são nada mais que criminosos comuns não podem ser levadas à justiça.”

* * *

Não foram só os promotores que decidiram que a velha ordem mundial tinha se tornado obsoleta. O respeito demonstrado à Igreja pelos políticos também tinha feito muito para criar um sistema no qual os predadores em série como Geoghan podiam estuprar dezenas de crianças com impunidade, protegidos por uma arquidiocese que tinha um forte incentivo e estava completamente dentro dos seus direitos legais para esconder o abuso do público.

Reilly disse que a recusa dos legisladores de Massachusetts – dos quais, aproximadamente, três quartos são católicos – em incluir o clero em um projeto (que se tornou lei em 1983) exigindo que policiais, professores, médicos, assistentes sociais e outros cuidadores denunciem suspeitas de abuso infantil foi um erro desastroso. Em agosto de 2001, a Conferência Católica de Massachusetts, braço político público da Arquidiocese de Boston, argumentou que qualquer lei que incluísse o clero como denunciante compulsório de abuso destruiria o relacionamento entre padres e paroquianos.

“Esse é um exemplo de condescendência criando um sistema que põe as crianças em risco”, disse Reilly. O legislativo, ele disse, simplesmente não queria comprar a briga para aprovar uma lei que sugeria que a Igreja Católica precisava ser ameaçada de sanções criminais para fazer a coisa certa quando enfrentasse acusações de abuso infantil.

“A política que a Igreja tinha, em termos de abafar as coisas, era completamente consistente com uma instituição secreta e autoritária. Quando algo era denunciado, tratavam disso em segredo. Eu acho que foi uma decisão muito consciente da Igreja lidar com as coisas do modo que fizeram. Não foi um descuido, um lapso de avaliação. Foi consistente com a instituição... Nós estamos falando de mudar uma cultura e isso nunca é fácil. Mas se tivéssemos incluído o clero nas denúncias compulsórias, isso teria salvado a Igreja do que ela está enfrentando agora”, acrescentou Reilly.

Em 3 de maio, a governadora interina Jane Swift, católica, sancionou a lei que obriga o clero a denunciar quaisquer casos suspeitos de abuso infantil.

“Esperamos que essa lei evite que essa tragédia aconteça com outras crianças. Nossa responsabilidade e lealdade são com as nossas crianças, acima de todo o resto”, declarou Swift no palácio do governo.

No mesmo dia, o Padre Paul Shanley foi extraditado da Califórnia para enfrentar acusações de estupro de criança em Massachusetts.

* * *

Marian Walsh era a legisladora favorita do Cardeal Law. Senadora estadual por West Roxbury – um enclave de maioria absoluta de classe média católica em Boston, com casas isoladas e gramados bem cuidados –, Walsh é o que chamam de “cortina de renda irlandesa” – aqueles que assimilaram a sociedade americana e foram bem-sucedidos.

A odisseia da família Walsh, da pobreza na Irlanda à abundância e realização na América, é o protótipo do Sonho Americano e para os Católicos Americanos. Os avós dela chegaram aos Estados Unidos com pouco mais que um baú. Dois anos após desembarcar do navio, seu avô paterno, John Kelly, estava lutando nas trincheiras da Primeira Guerra Mundial pelo exército dos EUA. Ele voltou para Boston e arrumou

emprego de policial, que perdeu quando participou da grande greve da polícia de Boston, em 1919. Foi trabalhar como carpinteiro no órgão de trânsito da cidade e criou nove filhos, todos batizados na Igreja do Sagrado Coração, no bairro Roslindale, em Boston. A Igreja era o ponto de encontro da comunidade. Educava as crianças. Estabelecia o tom moral. Ajudava a dar apoio aos recém-chegados no Novo Mundo.

Os avós paternos de Walsh também chegaram da Irlanda sem dinheiro. Mas a mãe dela, Delia O'Reilly, era uma mulher astuta de Galway, que lia o *Wall Street Journal* religiosamente. Ela não tinha educação formal, mas pegou o dinheiro que ganhou alugando quartos na casa da família e especulou na bolsa de valores. Os palpites dela eram impecáveis, como seu oportunismo: ela vendeu suas ações para pagar o primeiro semestre do filho Francis na Boston College em setembro de 1929, um mês antes da quebra da bolsa.

Francis Xavier Walsh, filho de um ferreiro, pegava o bonde todos os dias para ir à Boston College. Depois de se formar, ele entrou na Escola de Medicina Tufts e se tornou obstetra. Casou com Mary Elizabeth Kelly, uma professora que tinha obtido dois mestrados em universidades católicas. Assim como seus pais imigrantes, tiveram nove filhos. A Igreja Católica foi fundamental para tudo que a família fez e conquistou. “Meu pai foi educado por jesuítas e se comportava como um verdadeiro jesuíta”, lembrou Marian Walsh, sentada em seu escritório no Palácio do Governo de Massachusetts, em Beacon Hill, Boston. “Ele acreditava muito em justiça social”. Ele também comungava diariamente. “Era um católico integral”, disse ela. “A fé era importante para meus pais enquanto casal. Eles iam a retiros. Esforçavam-se para viver a vida de acordo com os dogmas básicos da Igreja, e os dois sacrificaram muita coisa pela Igreja.”

A tia de Walsh era freira, e a própria Walsh pensou seriamente em entrar para um convento. Mas em vez disso, depois de se formar na Faculdade Newton do Sagrado Coração, entrou na Faculdade de Teologia de Harvard. Pela primeira vez ela saía do casulo reconfortante que foi a Boston católica em que cresceu. “Isso foi bom para mim porque, pela primeira vez, eu era minoria”, ela disse. “A Teologia de Harvard tem um espírito protestante. Era esquisito, mas empolgante.”

Ainda assim, Walsh saiu de seus estudos mais comprometida do que nunca com seu catolicismo. Depois de decidir que não queria ser freira,

seus pais se consolaram com o fato de ela escolher uma profissão que, entre os irlandeses de Boston, era a segunda em *status* depois da vocação religiosa: a política.

Há muito tempo Walsh admirava o Cardeal Law, em especial pela sua oposição declarada ao aborto e por seu trabalho pelos pobres. Era uma admiração mútua. Law gostava dela, talvez porque nenhum outro legislador tivesse um registro de votações que acompanhava tão de perto as posições que o cardeal advogava. Embora alguns legisladores católicos se opusessem ao aborto, Walsh estava entre os poucos que também se alinhavam com o cardeal na oposição à pena de morte. “O cardeal e eu concordávamos em tudo com relação à legislação”, ela reconheceu.

Mas em janeiro de 2002 ficou furiosa quando leu o que chamou de desonestidade do Cardeal Law ao lidar com Geoghan e com outros padres que cometeram abusos sexuais. “Eu nunca pensei que a Igreja seria um dos principais facilitadores do abuso infantil, fornecendo as vítimas e escondendo os criminosos. Eu entendo porque os pedófilos fazem o que fazem. Eu ainda não consigo entender, não consigo sequer conceber, como a Igreja pôde fazer isso, sendo algo tão sofisticado e tão diabólico. E como o cardeal pôde comandar isso tudo.”

Walsh não ficou só nas palavras. Apresentou um projeto de lei que tornava crime transferir um abusador sexual conhecido de um emprego para outro. Após ter sido aliada legislativa do cardeal durante anos, Walsh estava liderando a iniciativa de criar uma lei que, se tivesse sido promulgada uma década antes, poderia ter colocado Law na cadeia.

Em abril, depois que os documentos do Padre Shanley foram divulgados, Walsh se tornou a primeira legisladora do estado a pedir abertamente a renúncia do cardeal. E quando Law culpou registros malfeitos por sua incapacidade de avaliar as perversões de Shanley, políticos de todas as tendências caíram em cima dele. Líderes da minoria republicana na Câmara e no Senado chamaram a declaração de Law de profundamente perturbadora e disseram que ele deveria renunciar. Diversos candidatos democratas a governador disseram que o cardeal deveria sair, mesmo não convictos ou sem se preocuparem com o que antes poderia parecer um golpe baixo e lhes custar votos. Houve uma mudança visível na cultura política de Massachusetts: estava aberta a temporada de caça ao cardeal. E cada vez mais, o mesmo acontecia com os

cardeais e bispos em outros lugares em que, como Boston, a Igreja tinha desfrutado de uma longa tradição de cortesia por parte das autoridades seculares.

Nova York era um desses lugares. As autoridades religiosas de lá tinham sido ainda menos sinceras do que as de Boston, e o Cardeal Edward M. Egan menos contrito do que o Cardeal Law. E enquanto Reilly e os cinco promotores distritais cujas jurisdições cobriam a Arquidiocese de Boston forçavam agressivamente a Igreja a cooperar com as investigações, alguns de seus correspondentes em Nova York foram, a princípio, mais respeitosos com os líderes da Igreja.

Entra em cena Jeanine Pirro, a promotora distrital do condado de Westchester. Agora em seu terceiro mandato, Pirro, de 50 anos, tinha estabelecido sua reputação de promotora por ir atrás de quem abusava sexualmente de crianças. Seu escritório foi o primeiro do país a ser proativo na perseguição a pedófilos que agiam na internet, com policiais se passando por crianças e marcando encontros com molestadores que as procuravam nas salas de bate-papo. Quando explodiu o caso de abuso sexual por clérigos, Pirro tomou como um fracasso pessoal o fato de não ter visto que isso poderia acontecer. “Quero dizer, isso é do que eu mais me orgulho: proteger crianças de abuso sexual. Eu não consigo pensar em algo mais importante que possamos fazer na aplicação da lei. Mas eu não fazia ideia. Ninguém nos ligou. Nenhuma vítima, nem seus advogados. E a Igreja fez um trabalho incrível acobertando isso”, disse ela.

Mas se Pirro deixou passar algo no passado, agora ela estava determinada a compensar isso, e não ligava para os calos em que teria que pisar nesse processo. Em abril de 2002 ela reuniu um grupo de sete outros promotores distritais cujas jurisdições cobriam a Arquidiocese de Nova York e convocou cinco advogados que representavam a arquidiocese para seu escritório no quinto andar em White Plains, Nova York. Pirro abriu a reunião dizendo que era uma católica devota, mas logo foi ao que interessava: a arquidiocese possuía informações que ela e os outros promotores precisavam ver para determinar se a Igreja estava protegendo predadores sexuais. O anúncio de Egan de que a arquidiocese iria entregar evidências aos promotores apenas se autoridades da Igreja concluíssem que havia causa provável não bastou. Ela não tinha a pretensão de ensinar

teologia à Igreja, e não esperava que a Igreja dissesse aos promotores como deviam fazer seu trabalho. Eles poderiam fazer isso do modo fácil, disse ela, ou do modo difícil. Se a Igreja não quisesse entregar os registros, Pirro afirmou, eles sempre podiam recorrer ao grande júri. Então ela encarou os advogados da Igreja como se dissesse: “Como é que vai ser, meninos, sim ou não?”.

Os advogados da Igreja se entreolharam. Um deles, amigo de Pirro, olhou para ela com algo parecido com incredulidade. Mas os advogados não pagaram para ver. Concordaram em entregar as informações e renunciar aos acordos de confidencialidade que obrigavam as vítimas ao silêncio.

A arquidiocese não ficou feliz com ela, mas Pirro disse que não dava a mínima para isso. “Eu fui criada na Igreja. Foi uma parte importante da vida da minha família e continua sendo”, disse ela. “Sou respeitosa até um certo ponto, mas eles passam do limite quando protegem criminosos. Com todo respeito, a Igreja e seus líderes não têm toda a experiência que eu e outros promotores temos. Talvez para eles as vítimas sejam desconhecidas e impessoais. Para mim, as vítimas são reais.”

Anos atrás, quando era uma promotora jovem, quando casos envolvendo crianças sexualmente abusadas eram distribuídos para as mulheres porque a maioria dos homens não queria lidar com isso, Jeanine Pirro abriu um arquivo sobre um casal de irmãos. Ele tinha cinco anos, ela seis. A babá das crianças e o namorado dela tinham estuprado e sodomizados repetidas vezes os pequenos. A babá e seu namorado punham facas na vagina da menina e no reto do garoto.

“Eu trabalhei com aquelas crianças durante um ano, para montar o caso”, ela lembrou. “Isso foi quando não se sabia muito sobre esse tipo de abuso sexual, nem como levar isso à justiça. As crianças não tinham vocabulário para dizer o que havia sido feito com elas. Eu falei com uns caras que conheço no sindicato [dos carpinteiros] para que me fizessem um boneco anatomicamente correto, e assim as crianças conseguiram contar ao júri o que tinha acontecido.” A babá testemunhou contra seu namorado, declarou-se culpada e foi sentenciada a liberdade condicional e tratamento psiquiátrico. Horrorizado pelas evidências, o juiz sentenciou o namorado a 75 anos de prisão, mas depois se deu conta que 30 anos era o máximo permitido pela lei.

Dez anos mais tarde, depois que Pirro tinha se tornado juíza, ela presidia uma sessão na vara da família quando o caso de “uma criança precisando de atenção” chegou até ela. Uma garota adolescente tinha tentado se matar e o estado estava tentando descobrir o que fazer com a menina problemática. Pirro olhou para a adolescente diante dela. Era a garotinha que ela pensou ter salvado uma década antes.

“Assim que eu olhei nos olhos dela, eu soube quem era, antes mesmo de ver o nome. Ela ainda tinha aquele rosto meigo e o cabelo loiro. E os olhos. Ela ainda tinha os mesmos olhos”, disse Pirro. Incomodada, Pirro decidiu descobrir o que tinha acontecido com o irmão da garota. Ele estava nas ruas, vendendo o corpo como prostituto.

“Agora lembre-se,” disse Pirro, “essas duas crianças foram acolhidas sob as asas estado, foram acreditadas, foram confortadas; elas foram capazes de ver que um júri lhes fez justiça, e que as pessoas que fizeram aquelas coisas horríveis com elas foram mandadas para a prisão por um tempo muito longo. Ainda assim, veja o que aconteceu com elas. Isso me fez perceber o impacto enorme que abuso sexual tem nas crianças, os efeitos duradouros, as ramificações de longo prazo. E me fez pensar: e quanto a todas as crianças em que ninguém acredita, que não são confortadas, que não veem aqueles que as machucaram serem punidos?”

“É aí que os líderes da Igreja estavam cegos. Eles não fizeram a conexão humana. Só queriam proteger a reputação da Igreja às custas das crianças.”

Pirro disse que ainda fica perturbada pelas histórias que continuam a aparecer, com o tamanho do esforço feito pelos líderes da Igreja para encobrir o abuso sexual contra crianças, mas não perdeu sua fé. “Eu criei meus filhos na fé católica, e vou continuar a educá-los na fé. Existem muitas coisas boas que a Igreja já fez, e continua a fazer, pelos pobres. Estou decidida a garantir que a Igreja aprenda com o que não fez para proteger as crianças. Eu vou fazê-los responder por isso.”

Pirro não gostou da ideia, proposta pela arquidiocese, de criar uma comissão para analisar casos de padres acusados de abuso sexual. O mesmo aconteceu com outros promotores que se encontraram com autoridades da arquidiocese no escritório dela. Depois que um advogado da Igreja enalteceu os membros em potencial da comissão, incluindo ex-

juízes e promotores, um promotor o interrompeu e disse: “Com todo respeito, não ligo se Jesus Cristo estiver na comissão”.

“Foi uma tirada ótima”, disse Pirro. “Eu gostaria de tê-la dito.”

Kevin Burke, promotor distrital do condado de Essex, acredita que a repentina queda no respeito mostrado pela Igreja por tantos membros da sociedade podia levar a uma “mini Reforma”. “Não temos nenhum Martinho Lutero aqui”, ele disse, “mas se o Vaticano prestar atenção, quem sabe?” Não seria fácil. “Nós estamos lidando com uma organização medieval, que representava autoridade para meus avós e para outros imigrantes. Foi uma organização respeitada porque os educou, deu-lhes um lugar no Novo Mundo, deu-lhes uma identidade. Mas com a assimilação, com o sucesso educacional e financeiro de sucessivas gerações, a necessidade que a média dos católicos tem da Igreja não é social nem política, mas moral e espiritual. E esse comportamento da Igreja está em desacordo com ser moral e espiritual. Os líderes da Igreja deveriam estar preocupados com muitas coisas, mas acima de tudo deveriam ter medo da falta de respeito que as pessoas agora estão mostrando a ela. Eles não deveriam acreditar que, quando este escândalo esfriar, as pessoas vão voltar correndo para eles. Eu sei que não vou.”

Vossa Eminência

Em 1984, quando assumiu como arcebispo do que era então a terceira maior diocese dos Estados Unidos, Bernard Law disse: “Depois de Boston, só existe o céu”.

Ele nunca teria imaginado que o período que deveria ser de seus anos dourados em Boston acabaria se tornando um inferno na terra.

A ascensão ambiciosa de Law na Igreja foi uma escalada rápida e contínua, passando de padre em uma paróquia no Sul dos EUA a bispo nas Montanhas Ozarks, onde os católicos são poucos e esparsos, a Boston, que, ao lado de Nova York, Chicago, Baltimore e Filadélfia, é uma das grandes Sés originais da Igreja Católica nos EUA.

Ele saiu da fivela do Cinturão Bíblico para presidir uma das joias da coroa da Igreja. Quando seu colega, o Cardeal John O’Connor, de Nova York, morreu em 2000, Law se tornou, sem sombra de dúvida, o prelado católico americano mais influente e, o que é mais importante, era visto assim no Vaticano. Ele fazia outros bispos e cardeais. Na Casa Branca, os presidentes atendiam seus telefonemas e valorizavam a sua opinião. Mas a forma como Law lidou com o escândalo de abuso sexual que explodiu em sua arquidiocese acabou com tudo isso. Agora, as conversas em torno do Cardeal Law eram todas para especular quanto tempo ele resistiria aos pedidos de sua renúncia.

Situada no bairro de Brighton, em Boston, a chancelaria é o quartel-general da arquidiocese. Por dezoito anos, a chancelaria e a residência adjacente do cardeal foram os lugares de onde Law presidiu uma operação de 50 milhões de dólares por ano, com outras centenas de milhões em imóveis, cuidando de todos os detalhes, atendendo telefones, às vezes dois ao mesmo tempo, persuadindo católicos ricos a investir dinheiro para pagar por escolas, hospitais e programas sociais da Igreja. Em janeiro de

2002, no meio do que seria o inverno de seu descontentamento, o quartel-general havia se tornado o santuário de Law – na verdade, um *bunker*. Poucos meses depois que a história apareceu na imprensa, Law se tornou um prisioneiro virtual, trabalhando o dia todo e raramente saindo à noite do esplendor de sua residência renascentista italiana.

No *Tonight Show*, Jay Leno usou o escândalo como material para seus monólogos, referindo-se ao arcebispo da antiga paróquia de sua família, St. Augustine, em Andover, no norte de Boston, como “Cardeal Acima da Lei”.¹ No lado de fora de suas janelas, Law podia ver os manifestantes carregando cartazes, exigindo a sua renúncia ou o seu indiciamento. Apresentadores de programas de rádio, desesperados por audiência, começaram a transmitir ao vivo da frente da chancelaria.

Buzine se você quer que o cardeal renuncie.

Não deveria ter acabado assim.

Bernard Francis Law nasceu em 1931 em Torreón, México, um lugar que, como outros, não era um lar, mas um ponto de parada em uma infância em que mudanças eram comuns. Seu pai foi um piloto militar e, durante algum tempo, piloto comercial – um emprego que fez a família se mudar seis vezes enquanto Law era garoto. O pai era católico. A mãe, Helen, de quem Law era devoto, era uma presbiteriana convertida ao catolicismo. Law frequentou o ensino médio em St. Thomas, nas Ilhas Virgens dos Estados Unidos. Algumas crianças podem ficar incomodadas com mudanças frequentes, mas Law disse se lembrar desses anos nômades como emocionantes e instrutivos. Seus pais, ele disse, adotavam com entusiasmo as culturas e ambientes diferentes. Law também era adaptável. Um dos poucos brancos na Escola Charlotte Amalie, em St. Thomas, ele foi eleito presidente da turma em seu último ano pela maioria negra de seus colegas.

Bom estudante, Law conquistou seu caminho até Harvard, onde dividiu o quarto com dois judeus e um batista sulista. Quando chegou ao último ano, tinha decidido que queria se tornar padre. Seus quatro anos de bacharelado em Harvard pareceriam fáceis, quando observados em perspectiva. Mais oito anos de estudo viriam na sequência – dois em um monastério beneditino na Louisiana e seis em uma faculdade pontifícia em Ohio. Apenas doze dos vinte seminaristas de sua classe se formaram.

Após a ordenação de Law, seu primeiro posto em uma paróquia o levou a Vicksburg, Mississippi, em 1961, quando o movimento dos direitos civis ganhava força e John F. Kennedy, o primeiro presidente católico, jurava enfrentar os racistas. Law assumiu como editor o jornal diocesano, usando suas colunas para defender a justiça racial. Alguns radicais da região não acharam graça no padre atrevido, e não demorou para que Law começasse a receber ameaças de morte. Mas ele não recuou.

Em seu vigésimo quinto ano de formatura em Harvard, Law rememorou sua temporada no Mississippi onde não tinha a sensação de estar no olho de um furacão, mas sim no cerne da história. “Ter sido parte daquele momento importante da nossa história é, por si só, uma graça, um presente”, ele escreveu.

Law era um padre ambicioso. Ele confidenciou a amigos no Mississippi que um de seus objetivos era se tornar o primeiro Papa americano. Como alguém que sempre esteve na companhia e à vontade com os negros, a posição de Law com relação aos direitos civis era natural. Mas ele também ansiava por se envolver com os esforços nascentes da Igreja em promover o ecumenismo. Em 1968 tornou-se diretor executivo do Comitê de Assuntos Ecumênicos e Inter-religiosos da Conferência Nacional dos Bispos Católicos e passou alguns anos em Washington, D.C.

Em 1973 foi nomeado bispo e designado para a Diocese de Springfield, na região das Ozarks do Missouri. “Ele é um líder estratégico, mais um Eisenhower do que um Patton”, disse Terry Meek, um proeminente empreendedor católico de Springfield. Mas Law continuava idealista. “Ele é um sonhador, um visionário e, às vezes, pouco prático”, disse o Padre Philip Bucher, que foi subordinado a Law na diocese do Missouri. “Tudo é muito difícil, a menos que ele tenha ao seu redor um bom grupo de pessoas que encarem sugestões como sendo mesmo apenas sugestões.”

Após dez anos no Missouri, onde foi o líder de 47 mil católicos, 90 padres e 63 paróquias, Law foi enviado a Boston para chefiar 2 milhões de católicos, 1.100 padres e 498 paróquias. Era como se tivesse saído da gerência de uma concessionária de carros para comandar a General Motors. A morte do Cardeal Medeiros, em Boston, e a confiança do Papa João Paulo II, em Roma, deram a Law não apenas a oportunidade de se tornar arcebispo de uma das maiores dioceses dos Estados Unidos, mas

uma verdadeira oportunidade para conquistas ainda maiores. Os três predecessores imediatos de Law – William O’Connell, Richard Cushing e Medeiros – tinham sido elevados a cardeais. Então, quando chegou a Boston em março de 1984, Law devia saber que para ele se tornar um príncipe da Igreja era só uma questão de tempo.

Ele recebeu uma acolhida calorosa e um grande cargo. Seus três antecessores tinham personalidades bastante diferentes. O’Connell era um homem excêntrico, vaidoso, apreciador da vida boa, que andava pela cidade, em meio à depressão, em uma limusine acompanhado de seus poodles. Ele também fez parte da “brigada dos pedreiros”, quando a Igreja Católica nos Estados Unidos construiu igrejas, escolas, conventos e casas paroquiais para abrigar uma congregação crescente. Cushing, um populista de fala franca, continuou a tradição segundo a qual o arcebispo de Boston age mais como CEO de uma empresa de construção civil do que como o líder espiritual de dois milhões de católicos.

Em seu livro *Bare Ruined Choirs* [Monastérios em ruínas], Garry Wills comenta que a obsessão da Igreja em criar escolas paroquiais para tornar a comunidade católica independente da educação secular pública, também criou uma escada para a carreira de padres, monsenhores e bispos que foram promovidos “em virtude de sua competência administrativa”. Wills argumenta que foi esse sistema que criou uma hierarquia da Igreja na América cujo objetivo não era ajudar os fiéis a conseguirem a salvação eterna, mas a conseguir um equilíbrio financeiro. “O padre tinha pouco tempo para teologia, ou qualquer tipo de estudo. Ele adotava a abordagem prática e sensata de um homem de negócios”, observa Wills. “O padre era horrível, mas não por sua teologia e seus laços transitórios, mas por sua falta de teologia e de espírito paroquial.”

Quando o Cardeal Cushing morreu, em 1970, o longo período de crescimento da Igreja Católica nos Estados Unidos estava chegando ao fim. Até aquele momento, a Igreja Católica americana tinha sido dominada pelos irlandeses. E por mais de dois séculos, desde que os peregrinos desembarcaram em Plymouth e rapidamente se estabeleceram em Boston, a capital da Nova Inglaterra foi uma cidade protestante para um povo protestante. Mas isso mudou em meados do século dezenove, quando a praga da batata na Irlanda, e a recusa da Inglaterra em ajudar sua colônia, enviou mais de um milhão de irlandeses aos navios de

emigrantes. Quase da noite para o dia, a demografia religiosa de Boston mudou, e por volta do fim do século, Boston elegia seu primeiro prefeito nascido na Irlanda. Os irlandeses usaram o poder político para tomar o controle de uma cidade onde no começo foram insultados e recebidos com cartazes que informavam: “Irlandeses não precisam se candidatar”.

Quando os italianos, os poloneses e outros europeus orientais seguiram os irlandeses, eles se tornaram parte de uma Igreja Católica americana que era, em essência, uma igreja irlandesa. Como observou Maureen Dezell, repórter do *Boston Globe*, em seu livro *Irish America: Coming into Clover* [América irlandesa: herdando a prosperidade], 90% dos homens matriculados em seminários americanos na segunda metade do século dezenove tinham nomes irlandeses, enquanto na virada do século, em 1900, três quartos da hierarquia católica nos EUA era irlandesa. (Mesmo na década de 1990, quando os latinos começaram a aparecer como maior grupo étnico na Igreja Católica americana, e os irlandeses somavam apenas 15% dos leigos, com um terço dos padres e metade dos bispos americanos de ascendência irlandesa.)

O substituto de Cushing, Medeiros, filho de um agricultor dos Açores, não poderia ter sido mais diferente dos dois arcebispos irlandeses que o antecederam. O’Connell e Cushing eram muito famosos, personagens épicos, que pareciam ter saído do romance *O Último Hurra*, de Edwin O’Connell, tão à vontade torcendo braços nos bastidores quanto nos confessionários distribuindo penitências. Medeiros, por outro lado, era tímido, retraído e pio, a antítese do “bispo como homem de negócios”.

Poucos anos depois de sua chegada, Medeiros conseguiu se indispor com o coração de sua arquidiocese, majoritariamente a classe trabalhadora irlandesa e italiana de Boston, ordenando que qualquer estudante que fosse suspeito de fazer parte da “fuga branca”, para evitar a dessegregação judicial das escolas públicas da cidade, não seria aceito nas escolas católicas. A diretiva de Medeiros foi amplamente ignorada. As escolas da arquidiocese aumentaram em número de estudantes, e muitos católicos de Boston ficaram ressentidos ao serem injustamente julgados por Medeiros como racistas, quando a maioria simplesmente queria evitar o caos da superlotação das escolas que ninguém nos subúrbios ricos tinha que enfrentar.

Thomas H. O'Connor, professor de história na Boston College e autor de *Boston Catholics* [Católicos de Boston], disse que Medeiros nunca foi totalmente aceito em Boston. Medeiros era um forasteiro. Era visivelmente um forasteiro. As pessoas diziam: “ele não é um de nós”, e Medeiros sabia disso. Ele comentava sorrindo o fato de que era difícil tomar o lugar do Cardeal Cushing, e que ele nem tentaria segui-lo. Até os maneirismos de Medeiros – o modo como entrelaçava as mãos, lançava os olhos para o céu, a religiosidade exagerada – não seriam um problema se ele estivesse em um país latino. Mas não combinavam com Boston. Ele nunca se encaixou de verdade.

Embora fosse de ascendência irlandesa, Law não representava tanto uma volta a O'Connell e Cushing quanto um distanciamento de Medeiros. Possuía o talento administrativo de O'Connell e a sabedoria política de Cushing, que com frequência se gabava de que ele e o velho Joe Kennedy tinham traçado a rota da campanha de JFK até a Casa Branca dentro da chancelaria de Boston. Law possuía a seriedade intelectual que faltava a seus predecessores. Cushing voltou antes da hora do concílio Vaticano II, reclamando que não conseguia entender todo aquele latim. E enquanto O'Connell parecia encarar o componente religioso de seu emprego como um incômodo, Law parecia quase tão devoto quanto Medeiros, porém muito mais acessível e prático.

“Boa parte da reação inicial a Law foi: ‘conseguimos um igual a nós’. Formado em Harvard, branco, de olhos azuis. Ele não tinha nascido na cidade, como Cushing e O'Connell, mas parecia irlandês. A reação em Boston era: ‘finalmente, Roma recobrou o bom-senso e nos enviou um dos nossos’. Mas eu acho que as avaliações iniciais estavam erradas. Quanto mais Law permanecia aqui, menos gente parecia pensar que ele era um de nós”, disse O'Connor. “Ele tinha uma personalidade pública e outra particular. Em público, ele era como O'Connell, pomposo no púlpito, esticando as vogais ao falar, com seriedade e peso em suas palavras. Mas nos círculos sociais, em grupos pequenos, ele sabia ser encantador, afável, sofisticado e bem-humorado. Mantinha sempre a consciência de sua posição hierárquica. Ele conseguia rir de si mesmo, mas ninguém mais podia fazer isso.”

Ao contrário de Cushing, Law não era um populista de dar tapinhas nas costas. Ele insistia na formalidade e esperava que sua equipe o chamasse

de “Vossa Eminência” durante as conversas, e era atendido. Eles também insistiam que os outros fizessem o mesmo. Um antigo porta-voz de Law uma vez repreendeu um repórter que se referiu ao cardeal apenas como “Law” durante uma conversa telefônica.

Ao entrevistar padres para seu livro, O’Connor lhes pediu que descrevessem os cardeais de Boston com uma palavra ou frase. Para O’Connell, foi *pomposo*. Para Cushing, foi *voz rascante*. Para Medeiros, foi *piedoso*. Mas Law os deixou confusos.

“Finalmente, um padre que conhecia Law muito bem me disse: *sem raiz*. Eu olhei para ele surpreso e perguntei ‘cruel?’ E ele disse, ‘não, sem raiz’. E eu entendi o que ele queria dizer. Law não tem um lugar para chamar de casa. Ele foi filho de militar. Ele realmente não tem raízes. Nesse aspecto, foi, provavelmente, o primeiro cardeal americano que tivemos em Boston. Ele era americano, não bostoniano.”

Talvez por não ser um bostoniano nativo, e não estar ligado às preocupações e aos rancores antigos da cidade, Law parecia ter uma afinidade especial por imigrantes – centro e sul-americanos, haitianos e vietnamitas – que eram os novos rostos da Igreja em mutação de Boston. Sua história de defesa da justiça racial e social e sua campanha incansável por moradia acessível para famílias de baixa renda, fizeram dele um herói entre os imigrantes. Os latinos adoravam um cardeal que conseguia conversar com eles em espanhol fluente. Quando as coisas ficaram feias para o cardeal, foram os grupos de imigrantes que atuaram como seus defensores mais fiéis.

Conforme os anos se passavam, era a velha guarda, não os recém-chegados, que questionavam o comando de Law. Os críticos o viam como condescendente, hipócrita e cada vez mais isolado. Em vez de sua influência crescer com a longevidade, ela minguou.

O primeiro padre a cumprimentar Law quando ele chegou a Boston, Bernard McLaughlin, então capelão no aeroporto Logan, disse que houve muita esperança quando Law se tornou arcebispo, mas que Law não cumpriu sua promessa porque era isolado demais, desligado do rebanho, vivendo em uma mansão palaciana, rodeado por conselheiros que lhe davam maus conselhos. “Boston é uma vila”, disse o Padre McLaughlin. “Eu acho que o cardeal nunca entendeu isso.”

O'Connor veio para compartilhar dessa opinião e disse que Law nunca avaliou a necessidade de que precisava sair mais, ser visto, ser uma parte maior da comunidade, fosse indo a um jogo de beisebol do Red Sox ou a um restaurante. O'Connor lembra de Law comentar com ele, casualmente, de ter devolvido uma permissão vitalícia para o Boston Athenæum, uma das bibliotecas particulares mais antigas e conceituadas dos Estados Unidos. “Minhas sobrancelhas se ergueram. Todo arcebispo tinha uma permissão dessas. São inestimáveis. O Bispo Cheverus, o primeiro de Boston, ajudou a fundar o Athenæum e deu a ele sua biblioteca pessoal. Quando perguntei a Law por que ele tinha devolvido o acesso, ele respondeu: ‘Eu nunca vou para aqueles lados.’ Ele achou que não precisava dele. Talvez isso seja uma pequena coisa para algumas pessoas, mas junte tudo, e perceberá que ele não compreendia Boston. Ele simplesmente não entendia.”

Em vez de se misturar com as massas, Law passava um tempo imenso no escritório, seu centro nervoso. Foi lá que O'Connor viu que Bernard Law era um workaholic e por demais controlador.

“Ele é um microadministrador compulsivo”, disse O'Connor. “Quando recebe bilhetes, ele corrige a gramática. Sente-se muito à vontade na era digital. Tem computadores e aparelhos de fax. Eu estava conversando com ele e, ao mesmo tempo ele ficava no telefone, falando com outra pessoa. Dá ordens para as pessoas com quem fala. ‘Encontre-o no trabalho. Encontre-o no campo de golfe.’ A energia furiosa do homem é fascinante. E vê-lo em ação me lembrou de algo que um padre uma vez me disse [a respeito de Law]. Ele disse: ‘Você tem que lembrar que Bernie foi filho único. Todos os brinquedos são dele. Ele nunca teve que dividir com ninguém’.”

O clima racial em Boston tinha esfriado bastante quando Law chegou. A paixão que Law dedicou ao movimento dos direitos civis, quando era um padre novo, passou a dedicar ao movimento contrário ao aborto, depois que se tornou parte da hierarquia. Em seu primeiro discurso como arcebispo de Boston, em março de 1984, Law descreveu o aborto como uma “desgraça nacional” e o “principal mal de nosso tempo”. Law e o Cardeal O'Connor, de Nova York, elevados juntos a cardeais em 1985, tornaram-se a tropa de choque americana da ortodoxia do Papa João Paulo II, pregando aos leigos que aborto, anticoncepcionais, homossexualismo e

divórcio eram pecados, embora as pesquisas mostrassem que a maioria dos católicos consideravam aquelas questões como matérias de consciência pessoal. Os dois cardeais se tornaram popularmente conhecidos como “Law and Order”, aplicando a lei do Papa e ordenando aos leigos que nem comesçassem a discutir a ideia de as mulheres se tornarem sacerdotes, ou padres se casando ou acabando com o celibato sacerdotal.

A posição agressiva de Law sobre o aborto afastou muitos católicos liberais de Boston. É tradição que o arcebispo de Boston discursasse para os formandos na Boston College todos os anos, e O’Connor disse que o primeiro discurso de Law, feito no começo de 1984, estabeleceu o tom para o que seria uma relação complicada entre Law e a principal universidade católica da Nova Inglaterra. Dois anos depois, ele disse a outra turma de formandos da Boston College que aquela escola jesuíta estava perdendo sua identidade católica. “Eu estava lá, na plateia, e lembro das pessoas ficando de boca aberta, enquanto ouviam seu arcebispo dizer que a Boston College tinha se afastado da tradição católica, que não era mais uma universidade católica, que mudanças precisavam ser feitas. Ele alienou muitos formandos da BC, ainda que um grupo de ex-alunos da BC fosse seu principal suporte financeiro”, disse O’Connor.

Pouco depois, ele disse a um grupo de empresários católicos que eles tinham “uma obrigação” de fazer mais do que apenas dizer que se opunham ao aborto. Um mês depois, Law fez uma aparição dramática e sem precedentes em uma manifestação contrária ao aborto na Assembleia Estadual no dia em que o legislativo de Massachusetts discutia uma emenda que restringiria ou proibiria o aborto. Alguns sugeriram que ele estava interferindo na separação constitucional entre Estado e Igreja. “Se um pregador não está interferindo, então ele não está pregando de verdade”, disse Law, falando como um dos sacerdotes pentecostais que ele tinha entre seus amigos quando foi padre no Sul.

Thomas P. O’Neill III, filho do falecido Presidente da Câmara dos EUA, Thomas P. “Tip” O’Neill Jr., lembrou que a intolerância demonstrada pelo Cardeal Law com relação aos pontos de vista liberais de muitos católicos de Boston irritou não só a sua geração, mas também a de seu pai. “É interessante comparar os dois”, disse O’Neill, que foi vice-governador de Massachusetts e depois fundou uma bem-sucedida empresa

de relações públicas. “O arcebispo que chegou a Boston tinha certa gravidade, principalmente na questão de direitos civis. Mas eu vi muita gente chegar ao poder e testemunhei como o poder os corrompe e isola. Meu pai tornou-se grande e poderoso, mas nunca perdeu contato com o dia a dia. Nunca se isolou das pessoas comuns, sempre soube o que elas pensavam. O cardeal chegou e nunca compreendeu a cidade, e essa incapacidade de compreendê-la acabou por deixá-lo isolado. É uma cidade que leva seu tribalismo muito a sério, e também seu catolicismo. Mas abre os braços para os desprivilegiados e despossuídos. E você ouvir, nesta cidade, que de algum modo é menos católico porque não concorda com a posição da Igreja sobre aborto ou anticoncepcionais é ofensivo.

“O Cardeal Law chegou aqui e julgou as pessoas e os políticos em função de uma única questão: o aborto. Foi como se o cardeal tivesse chegado e dito: ‘Boston, vocês tinham um jeito de fazer as coisas, mas agora há um novo Papa, há um novo cardeal, há um novo conservadorismo e nós estamos aqui. Vocês são progressistas demais, liberais demais. E isso vai mudar’.”

Em 30 de dezembro de 1994, um católico fanático chamado John Salvi entrou em uma clínica de aborto no subúrbio de Boston, na cidade de Brookline – onde John F. Kennedy nasceu –, e matou a recepcionista a tiros. Ele foi a uma segunda clínica e matou outra recepcionista. Pouco depois que Salvi realizou os disparos, Law atendeu o telefone na chancelaria. Barbara Thorp, diretora do Escritório Antiaborto da arquidiocese, estava do outro lado, chorando. Depois que Thorp terminou de explicar o que tinha acontecido, o cardeal desligou o telefone e foi para a sua capela particular, para rezar e escrever sua resposta aos assassinatos. Law pediu uma suspensão dos protestos do lado de fora das clínicas de aborto. Os ativistas antiaborto ficaram furiosos, dizendo que Law estava dando munição para quem afirmava que a Operação Resgate e outros manifestantes contra o aborto que levavam sua retórica inflamada para as clínicas eram responsáveis pelos atos criminosos de gente como John Salvi. A proibição de Law aos protestos durou pouco – ele a retirou cinco meses depois –, mas serviu para mostrar como os assassinatos o abalaram.

Até mesmo os ativistas pró-aborto deram crédito a Law pela mudança em sua retórica ao longo dos anos. “Se eu tivesse que fazer listas de linguagem incendiária, a lista do O’Connor seria dez vezes maior que a do

Cardeal Law”, disse Frances Kissling, presidente da Católicos pela Livre Escolha, um grupo de lobby em Washington.

Quando era padre no Sul, e depois bispo no Missouri, o compromisso de Law com o ecumenismo era tanto um ato de pragmatismo quanto uma necessidade teológica. Nos dois lugares os católicos eram enormemente superados em números pelos protestantes, alguns dos quais hostis. Esses eram lugares em que a Ku Klux Klan odiava os católicos quase tanto quanto odiava os negros. Em Jackson, a primeira diocese dele, os católicos eram menos de 3% da população. No Missouri, eles somavam menos de 5%. Mas em Boston os católicos eram a maioria. Em vez de ser a minoria tolerada, como em outras partes do país, os católicos detinham o poder em Boston, e às vezes o usavam para oprimir os outros.

Como fazia no Cinturão Bíblico, Law também estendeu a mão para os protestantes em Boston. Mas estendeu a mão principalmente para os judeus. Aquela era, afinal, a cidade em que crianças italianas e irlandesas aprendiam nas escolas católicas que os judeus tinham matado Jesus Cristo, lembrou Nat Hentoff em seu livro de memórias, *Boston Boy* [Garoto de Boston]. Esses ensinamentos encorajavam o antissemitismo. Gangues de garotos católicos queriam se vingar de garotos judeus. Assim como outros judeus, Hentoff apanhou dessas gangues. Quando um policial de Boston intervinha, era mais provável que ele repreendesse o garoto judeu por ter sido estúpido o bastante para ser pego, em vez de responsabilizar os agressores.

Foi contra esse cenário histórico que o Cardeal Law buscou atrair os judeus de Boston. A reação da comunidade judaica foi entusiástica. “Ele realmente se importa conosco, ele entende a situação”, disse Leonard Zakim, líder antigo da Liga Antidifamação da Nova Inglaterra. “O Cardeal Law entende o antissemitismo e a importância de a Igreja combatê-lo.”

Quando Zakim morreu de câncer aos quarenta e seis anos, Law pressionou o governador Paul Cellucci, a princípio relutante, a batizar a nova ponte sobre o Rio Charles em homenagem a Zakim. Cellucci acabou concordando dessa vez. Um ano antes, em 1999, Cellucci se recusou a curvar-se a duas exigências do cardeal quando Law pediu ao governador que reconsiderasse a nomeação de duas juízas. O cardeal sugeriu que as mulheres, Margaret Marshall e Judith Cowin, eram anticatólicas e tinham “atitude e mentalidade que eu considero preocupantes”.

O Cardeal Law desejava, em especial, impedir a promoção de Marshall a presidente do tribunal superior do estado. Marshall, como Law, tinha um antigo compromisso com a justiça racial. Ela se destacou em seu país nativo, a África do Sul, ao liderar alunos da faculdade que se opunham ao *apartheid*, e foi banida de seu próprio país por isso. Mas ela entrou em conflito com o cardeal em seu emprego antes de se tornar juíza, quando repreendeu uma das assessoras mais próximas do cardeal. Essa assessora, Mary Ann Glendon, professora na Faculdade de Direito de Harvard, recebeu uma ordem de Margaret Marshall, então principal advogada de Harvard, para parar de usar o papel timbrado da universidade em suas campanhas antiaborto.

* * *

Na sequência do escândalo do Padre Porter, o Cardeal Law anunciou que tinha indicado um conselho de nove membros, incluindo leigos, para que o aconselhassem sobre medidas a serem tomadas contra padres acusados do que ele chamou de “o pecado do abuso sexual”. O cardeal ainda continuava determinado a lavar a roupa suja da Igreja dentro de casa. Ignorou apelos para que instituísse uma política que obrigasse a arquidiocese a repassar as acusações contra os padres para autoridades civis, e imaginava devolver os agressores às paróquias, depois que fossem tratados.

Em maio de 1993, enquanto a arquidiocese tentava aprender como controlar seus padres abusadores, o cardeal convocou à sua residência um grupo de famosos especialistas no campo de abuso sexual infantil, uma dupla de casais que era conhecida em todo país por seu trabalho.

Foi um almoço de trabalho. Carolyn Newberger, uma psicóloga infantil, e seu marido, Eli, um pediatra, sentaram-se em uma das extremidades da grande mesa com Ted e Carol Nadelson, um casal de psiquiatras conceituados. Na outra extremidade sentaram-se o cardeal e dois padres, William F. Murphy e John B. McCormack, que eram seus principais homens na tentativa de resolver o problema dos padres que abusavam de menores. “A cena me deixou perplexa como algo que parecia ter saído da Idade Média”, lembrou Carolyn Newberger. “Nós tínhamos

todos aqueles padres paramentados de um lado, todos aqueles especialistas judeus seculares do outro e todas aquelas freiras nos servindo.”

Os médicos judeus respeitavam o cardeal, em parte devido à sua bem-documentada boa vontade para com a comunidade judaica. Ficaram lisonjeados quando Law explicou que os havia procurado porque eram reconhecidos em todo o país como especialistas no campo de pedofilia e abuso sexual de menores. Carol Nadelson foi a primeira mulher a presidir a Associação Americana de Psiquiatria. Mas os especialistas logo perceberam, antes mesmo que os aperitivos fossem retirados, que o cardeal não parecia muito receptivo ao que eles lhe diziam.

“Nós quatro estávamos falando a mesma língua”, disse Carolyn Newberger. “Nós dissemos aos religiosos que o modo como eles lidavam com aqueles casos era errado e punha as crianças em risco. Nós enfatizamos a importância de relatar esses casos para as autoridades civis. E dissemos, também, que não importava o que pensassem sobre os padres terem sido curados ou superado seus problemas. Havia uma forte probabilidade de que eles repetissem aquele comportamento.”

Para ilustrar o que dizia, Newberger comentou um caso acontecido no Arizona. Um garoto que sofreu abuso muito novo foi adotado por uma família, e estava indo muito bem até ser molestado outra vez por um padre. Outro padre tinha surpreendido o colega enquanto o abuso ocorria, mas saiu sem interferir.

“O garoto, depois, molestou seus próprios irmãos”, disse Newberger. “Eu usei o caso para enfatizar a natureza insidiosa do abuso, como é devastador não só para o indivíduo que o sofre, mas também para a família estendida. Eu tentei não me ater apenas aos fatos do caso, mas também engajar o cardeal e os outros padres para que sentissem empatia com a vítima.”

Mas nem Newberger nem seus colegas sentiram estar conseguindo se fazer entender em um nível humano. Enquanto os especialistas falavam do mundo real, os religiosos pareciam preocupados com um mundo mais elevado.

“O cardeal disse que a lei canônica tinha que ser considerada. Nós só olhamos uns para os outros. Tudo que nós tínhamos acabado de lhes dizer não parecia ter sido registrado”, disse Newberger. “A lei canônica era irrelevante para nós. Crianças estavam sofrendo abuso. Predadores sexuais

estavam sendo protegidos. A lei canônica não podia ter nada a ver com isso. Mas eles estavam determinados a manter aquele problema, e sua reação a ele, dentro de sua cultura.”

Ao fim do almoço, Newberger e os outros especialistas se ofereceram para ajudar o cardeal a formular uma nova política para eliminar, agressivamente, o abuso sexual de menores por padres. Newberger disse que o cardeal sorriu para eles e olhou no fundo de seus olhos enquanto apertava as mãos de todos, agradecendo-lhes. Porém nunca mais entrou em contato com nenhum deles.

“Não sou católica, mas me senti traída”, disse Carolyn Newberger. “Eu espero que líderes espirituais de todas as fés tenham moral. E a resposta da Igreja para esse problema foi imoral. Fiquei irritada que o cardeal tenha pedido nosso conselho e depois o ignorado.”

Em uma reviravolta irônica, Newberger foi procurada por outra pessoa: David Deakin, o promotor encarregado da unidade de abuso sexual no escritório do Promotor Distrital do condado de Suffolk, em Boston. Agora Newberger é consultora dos promotores de Boston. Aparentemente, a perda da arquidiocese foi um ganho para a promotoria.

* * *

Na próxima vez em que o cardeal convocou um grupo à sua residência para discutir como lidar com os padres sexualmente abusivos, ele esperava uma plateia mais simpática. De fato, muitas das pessoas chamadas naquela manhã de 19 de fevereiro de 2002 tinham estado com Law em Roma quando ele foi elevado a cardeal, 17 anos antes. Elas estavam entre aqueles que pacientes, esperaram por mais de duas horas na fila, em uma noite quente de primavera, para apertar a mão do novo cardeal.

Dessa vez, enquanto cumprimentavam Law novamente, essas pessoas ponderavam sobre o escândalo que ameaçava o futuro dele e a Igreja delas. A reunião tinha sido arranjada pelo Dr. Michael Collins, que chefiava o sistema hospitalar da arquidiocese, e por Jack Connors Jr., fundador da maior agência de publicidade de Boston e grande agitador dos meios filantrópicos católicos. Connors era confidente do cardeal desde que Law tinha desembarcado em Boston, e enquanto as nuvens de tempestade se

agitavam ao redor de Law, no rastro das revelações do caso Geoghan, Connors continuou a proteger e apoiar o cardeal.

Collins e Connors reuniram um grupo de profissionais astutos e bem-sucedidos – relações públicas, advogados e empresários – para aconselhar o cardeal sobre como se comportar em meio à explosiva crise. Era um “quem é quem” da elite católica de Boston: Tom O’Neill; James Brett, um ex-deputado estadual que chefiava um grupo de negócios chamado Conselho da Nova Inglaterra; R. Robert Popeo, advogado e um dos maiores litigantes e lobistas da cidade; William Bulger, reitor da Universidade de Massachusetts; John L. Harrington, antigo CEO dos Red Sox; John Hamill, CEO do Sovereign Bank na Nova Inglaterra; Padre William Leahy, reitor da Boston College; Paul La Camera, presidente e gerente-geral da WCVB-TV, afiliada da rede de televisão ABC em Boston; Jack Shaughnessy Sr., cujo sucesso no ramo de equipamento de construção o tinha tornado um dos benfeitores mais generosos da arquidiocese; John Drew, chefe do World Trade Center² de Boston. A única mulher à mesa, Donna Latson Gittens, chefe de uma das únicas empresas de marketing da região comandadas por negros, era também a única pessoa que não era branca. O único à mesa que não era católico se chamava Jeffrey Rudman, um advogado judeu da firma de advocacia das elites, a Hale and Dorr, que tinha oferecido seus serviços como cortesia em sinal de agradecimento à “oposição decidida ao antissemitismo” demonstrada por Law. Muitas dessas pessoas chamadas para o encontro eram ricas e tinham dado ou arrecadado milhões de dólares para a Igreja.

Contudo, se o cardeal pensava que a reunião seria uma festa, logo ficaria decepcionado. Havia, claro, algumas pessoas que estariam com ele, não importava o que acontecesse. Brett jamais abandonaria Law, ainda mais à luz da bondade que o cardeal tinha mostrado para com sua família, como quando os pais da sua esposa morreram. Shaughnessy era extremamente leal ao cardeal. Gittens também disse que nunca o abandonaria. Mas dentre as 14 pessoas convidadas naquele dia, ficou evidente que os apoiadores incondicionais de Law estavam em minoria.

Connors tentou quebrar o gelo, e a tensão, lembrando de uma velha piada do programa de televisão *I Love Lucy*.

“Bem, Vossa Eminência,” começou Connors, “como Ricky costumava dizer para Lucy, ‘certamente, você tem que se explicar’.”

A julgar pelos sorrisos ao redor da mesa, todo mundo achou graça. Todo mundo, quer dizer, exceto o cardeal. Ele continuou impassível. Aquele rosto mudou, contudo, conforme as pessoas reunidas ali tentavam lhe explicar o quão grave acreditavam ser a situação.

O'Neill disse que reparou como a linguagem corporal do cardeal mudou enquanto aquele grupo que Law considerava amistoso fazia uma crítica não muito simpática ao modo como ele administrava a crise. "Acho que ele pensava que nós iríamos dizer: 'Ei, estamos com você para o que der e vier, Vossa Eminência'. Não foi assim. Não mesmo."

Law falou primeiro, durante cerca de vinte minutos. O'Neill se lembra de que ele estava muito defensivo.

Quando o cardeal reconheceu que a maneira como lidou com a crise tinha sido "falha", Bulger, em uma atitude atípica, o interrompeu, fazendo objeção ao que ele considerava um grande eufemismo do problema. Para Bulger, um erudito com vocabulário formidável, que tinha sido presidente do senado de Massachusetts durante 17 anos antes de se voltar para o meio acadêmico, *falho* não era a palavra. "Foi desastroso", disse Bulger, e as cabeças ao redor da mesa assentiram.

A objeção aberta de Bulger a Law era uma censura de enorme significado simbólico, sugerindo que o respeito que os arcebispos de Boston tinham desfrutado por mais de um século estava sob ataque, não só externo, na medida em que a rebelião dos leigos e promotores convocavam grandes júris, mas também interno, de pessoas íntimas da Igreja reunidas ao redor de uma mesa imensa na residência do cardeal.

Connors deu voz às preocupações de muitos ali reunidos quando disse que a crise ameaçava os bons trabalhos da Igreja – as agências de serviço social custeadas pela Caridade Católica, os hospitais que atendiam os carentes, as escolas que cada vez mais aceitavam novos imigrantes. La Camera tocou com cuidado na perspectiva de renúncia, dizendo, "se você está pensando em renunciar..." Mas o cardeal não aceitou a sugestão. Law disse que o Papa talvez não aceitasse sua renúncia, mesmo que ele a oferecesse. "Nós dissemos que a renúncia precisava ser considerada, mas ele recusou de imediato", contou La Camera.

Hamill disse que, qualquer que fosse a reforma necessária, as mulheres tinham que desempenhar um papel maior na solução. A Igreja, ele disse, precisava ser mais inclusiva. O'Neill aproveitou o tema para dizer a Law

que “você tem que incluir as mulheres”. O’Neill, o executivo de relações públicas, disse ao cardeal que ele não podia tratar a crise como uma campanha de relações públicas. Tinha que haver uma reforma real; havia um sacerdócio disfuncional que precisava ser corrigido. Sugeriu que Law fosse como “Nixon na China”: se Nixon podia deixar de lado seu anticomunismo para fazer um acordo de paz com os chineses, argumentou O’Neill, com certeza o cardeal americano mais conservador conseguiria convencer o Papa da necessidade de uma reforma abrangente na Igreja.

Mas Gittens repreendeu O’Neill, dizendo que era presunçoso de sua parte querer falar pelas mulheres. O Dr. Collins disse que mais mulheres tinham sido convidadas, mas não puderam comparecer.

A reunião terminou sem uma conclusão, com o cardeal prometendo levar em consideração o que ouviu. Conforme as semanas e depois os meses se passavam, pessoas como O’Neill e Connors chegavam à conclusão de que o cardeal até buscava o conselho dos outros, mas só ouvia a si mesmo.

Um a um, os católicos influentes que alertaram o cardeal de que ele não estava reagindo à crise com fervor suficiente se afastaram dele. Começou em 3 de março, quando La Camera veiculou em sua estação de TV um editorial dizendo que Law tinha perdido sua autoridade moral para trabalhar por boas causas e devia pensar em renunciar. Duas semanas depois, o editor do *Boston Herald*, Patrick J. Purcell, um dos amigos mais influentes do cardeal na imprensa de Boston, autorizou pessoalmente um editorial incitando-o a renunciar.

O *Herald* vinha sendo um apoiador inabalável do Cardeal Law desde a sua posse, em 1984, mas Purcell ficou estarelecido com o que encarou como traição às crianças pelo cardeal, e também à sua própria família. A paróquia deles era St. Julia, em Weston, onde John Geoghan havia realizado o casamento da filha de Purcell. A mulher de Purcell, Maureen, ensinou educação religiosa na paróquia, sob supervisão de Geoghan. Quando Purcell e sua mulher fizeram campanha para que Geoghan se tornasse o pároco de St. Julia, o cardeal não informou ao seu amigo que ele estava promovendo um pedófilo.

Em março, um mês depois da grande reunião na chancelaria, Jack Connors contou ao *Globe* que ele não era mais conselheiro do cardeal. Por sua franqueza, Connors foi chamado à chancelaria e repreendido pelo

próprio Law. Era como se ele fosse um coroinha travesso levando uma bronca do padre por rir durante a missa. Mais tarde Connors diria a O'Neill, em uma meia piada: "Eu achei que tinha sido excomungado".

Alguns dos católicos mais ricos e influentes não abandonaram Law. Mas a maioria abandonou. A Caridade Católica, o maior fornecedor particular de serviços sociais de Massachusetts, levantou mais de 1,4 milhão de dólares em sua anual Festa do Jardim, na residência do Cardeal, em 2001. Mas pela primeira vez desde que foi estabelecida, 26 anos antes, a Festa do Jardim de 2002 foi cancelada porque os doadores ricos disseram que não dariam dinheiro se o cardeal estivesse envolvido. Muitos daqueles que estiveram em Roma com Law, no dia em que ele ganhou sua mitra vermelha, e esperaram horas para apertar sua mão, não estavam mais dispostos a passar pela rotina de fazer fila para tirar uma foto com ele antes de lhe entregar um cheque.

As universidades católicas que um ano antes cobiçavam Law como orador para a cerimônia de graduação, fizeram saber que a presença dele atrapalharia o evento festivo. Na Boston College, onde Law dava sua bênção de formatura quase todos os anos, ele não era mais bem-vindo.

Os dias de Law costumavam ser longos, e suas noites solitárias. O tédio era interrompido quando seu velho amigo Leonard Florence aparecia para o jogo costumeiro de pingue-pongue nas noites de sábado. Florence, de 70 anos, filho de judeus russos, tinha feito milhões no ramo da prataria. Ele admirava o apoio do cardeal aos judeus e dava dinheiro para as causas católicas. Na noite de sábado anterior à divulgação dos documentos do caso Shanley, Florence apareceu para o jogo semanal e reparou que o cardeal estava particularmente ansioso.

"Nosso jogo foi bom naquela noite", disse Florence. "Ele me derrotou e eu acho que isso ajudou."

Em 8 de abril, dia em que os documentos de Shanley saíram nos jornais, Law foi de carro rumo ao Norte, para o Maine, para officiar o funeral de um bispo. Exemplares do *Globe* e do *Herald* estavam sobre o banco do carro, ao seu lado, mas ele não os leu. Voltando a Boston, na noite seguinte, Law ficou sabendo do ultraje provocado pelo caso dos documentos Shanley. De acordo com um de seus principais assessores, Law queria, a princípio, soltar uma declaração criticando a cobertura que a imprensa fez do caso. Mas depois de uma conferência por telefone com

conselheiros de fora da Igreja, Law decidiu não se manifestar. Antes de desligar, o cardeal Ihes pediu que telefonassem no dia seguinte, dizendo se recomendavam ou não que ele renunciasse.

Quando se falaram novamente, os conselheiros disseram a Law que ele precisava sair, que ele havia perdido sua capacidade de liderar a arquidiocese. Um conselheiro tentou ser gentil, dizendo que sua renúncia era infeliz e talvez até injusta, mas, naquele momento, era o melhor modo de começar a restaurar a confiança na Igreja.

Mas Law queria uma segunda opinião. Disse que decidiria seu futuro no dia seguinte, depois de conferenciar com seu “colégio de consultores”, composto de seis bispos e um punhado de padres de sua confiança. Os membros do colégio ficam à disposição do cardeal, e, de fato, tinha sido pedido a eles que não apenas decidissem o futuro de Law, mas também o deles próprios. Não foi de surpreender, portanto, que tenham dito ao cardeal que ele deveria continuar e resistir. Law chamou seus conselheiros seculares e Ihes disse que iria consultar o núncio papal, o embaixador do Papa em Washington. O *Globe* noticiou que Law informou ao núncio papal que achava que deveria renunciar, mas que a resposta que recebeu foi que não deveria submeter a sua renúncia até que o Papa e seus principais assessores pudessem deliberar sobre como proceder.

No dia seguinte, 12 de abril, o Cardeal Law partiu de Boston em direção à Roma. Isso não era incomum. O cardeal fazia parte de vários comitês importantes do Vaticano e viajava para Roma quase mensalmente. Mas a rota escolhida por Law foi incomum. Em vez de ir para o Aeroporto Logan, a apenas 15 quilômetros e meia hora da chancelaria, Law dirigiu mais de 300 quilômetros e cinco horas até o Aeroporto Internacional de Newark. Ele não queria ser visto. Houve um clamor depois que os documentos de Shanley foram divulgados. A raiva do público estava crescendo. Os movimentos do cardeal eram cada vez mais furtivos. Ele evitava a imprensa e os manifestantes que o perseguiam com regularidade. Estava evitando praticamente todo mundo.

Em um comunicado, o cardeal depois reconheceu que tinha ido ver o Papa e outras autoridades do Vaticano, e acrescentou: “O foco das minhas reuniões foi o impacto do caso Shanley e de outros casos de abuso sexual na opinião pública em geral e, especificamente, nos membros da

arquidiocese. O fato de minha renúncia ter sido proposta como necessária fez parte da minha apresentação”.

Law foi vago quanto a ter oferecido sua renúncia, ou se o Papa se recusou a aceitá-la. Estudiosos do Vaticano acreditam que o Papa receava deixar que Law renunciasse, temendo que isso poderia estabelecer um precedente que seria aplicado a outros cardeais e bispos que foram cúmplices em manter as vítimas ao alcance de padres predadores. O medo de um efeito dominó era o que mantinha Law no cargo.

Mas houve indícios de que os colegas de Law, os outros 12 cardeais americanos, estavam ficando agitados. Em público, alguns deles ofereceram palavras de apoio. Em particular, contudo, parte deles parecia pensar que a renúncia de Law poderia reduzir a pressão sob a qual a Igreja se encontrava. Em 15 de abril, com Law ainda refugiado no Vaticano, o Papa chamou os cardeais americanos a Roma para uma reunião de dois dias referente ao abuso sexual de menores por padres.

Law retornou a Boston discretamente para se preparar para a reunião. Quando retornou a Roma, vários dias depois, para se juntar aos outros cardeais, ele viajou de classe econômica, ao passo que os outros cardeais tinham viajado de primeira classe. Embora os outros cardeais viajassem em comitivas, Law viajou com apenas um assessor, o Monsenhor Paul McInerny, diretor da Televisão Católica de Boston. Enquanto puxava sua mala pelo aeroporto de Roma, Bernard Law parecia mais um turista atrapalhado do que um príncipe da Igreja. Ele não conseguia encontrar uma saída. Essa era uma tarefa tornada ainda mais difícil pela horda de jornalistas que o rodeavam. Law pareceu assustado pelo número de repórteres e pelo fato de que estavam esperando por ele às sete horas da manhã. A certa altura, o cardeal cambaleou quando os repórteres se aproximaram. Ele parecia nervoso e exausto. “Meu Deus”, ele disse. “Meu Deus, vocês todos levantaram tão cedo.” Law não conseguia encontrar um caminho para sair do terminal, e andou para trás, procurando uma saída, seguido pela multidão. Um repórter ajudou Law a encontrar a saída, e quando ele a avistou, pareceu relaxar um pouco.

“Como foi o jogo do Red Sox ontem à noite?”, perguntou o cardeal. Foi uma volta momentânea aos bons e velhos dias, quando Law gracejava à vontade com a imprensa. Alguém lhe disse o placar do jogo. Mas não houve empatia no diálogo, e não era possível esconder a tensão.

O relacionamento entre o Cardeal Law e os outros cardeais americanos também havia mudado. Na véspera da reunião em Roma, o *Los Angeles Times* noticiou que um dos cardeais americanos tinha contado ao jornal que alguns cardeais planejavam pedir às autoridades do Vaticano que impelissessem o Papa a pedir a renúncia de Law. O jornal disse que um bispo confirmou o relato e acrescentou que a maioria dos bispos dos EUA pensava que Law deveria renunciar rapidamente. Muitos suspeitaram que o Cardeal Roger Mahony de Los Angeles era a fonte da matéria. Semanas antes, Mahony tinha desdenhado de uma oportunidade para demonstrar apoio a Law, e implicitamente criticou o colega de Boston, dizendo que ele acharia difícil entrar pela nave de uma igreja se fosse culpado de negligência. Depois que a história apareceu no *Times*, esse mesmo jornal citou os nomes de três outros cardeais que teriam dito que Law não deveria renunciar, mas Mahony não foi citado no jornal de sua própria cidade dizendo o que pensava.

Em Roma, Mahony manifestou desagrado com as insinuações de que teria apunhalado um colega cardeal pelas costas. Quando o repórter Charles Sennott, do *Globe*, pulou para dentro de um elevador com Mahony, em Roma, o cardeal negou que ele fosse a fonte da matéria condenatória.

Quando perguntado se acreditava que Law deveria sair, o Cardeal Mahony não foi nem um pouco eloquente. “Isso”, disse Mahony, “é assunto do Cardeal Law e do Santo Padre.”

A maioria dos cardeais americanos ficou na Pontifícia Universidade Norte-Americana e foi assediada constantemente pelos repórteres. Law ficou em um lugar ao qual a imprensa não tinha acesso: o Domus Sanctae Marthae, um hotel confortável para clérigos visitantes na Cidade do Vaticano, atrás de portões patrulhados por guardas suíços. Sempre desafiador, o Cardeal Egan, que perdia apenas para Law no quesito “alvo da imprensa”, ficou em um hotel cinco estrelas perto do Panteão. Enquanto os outros cardeais eram transportados juntos em um micro-ônibus para as reuniões no Palácio Apostólico, Law era conduzido sozinho.

Dentro do Palácio Apostólico, rodeado pelo Papa e outros bispos, Law era humilde e contrito. Ele também parecia muito solitário. “Em certo sentido, se eu não tivesse cometido os erros terríveis que cometi, nós não

estariamos aqui. Eu peço desculpas por isso”, disse Law, de acordo com diversos presentes.

Quando a reunião de dois dias acabou, disseram aos jornalistas que todos os cardeais apareceriam diante deles para responder às perguntas. Mas apenas o Cardeal Theodore McCarrick, de Washington, e o Cardeal Francis George, de Chicago, apareceram. Os repórteres queriam entrevistar Law, mas ele tinha fugido outra vez.

O pensamento de que seus colegas poderiam abandoná-lo deve ter sido devastador para Law, de acordo com O’Connor, o historiador da Boston College. “A única coisa que todos os padres que entrevistei concordaram foi que Law era muito compassivo e sensível quando visitava os clérigos doentes e moribundos no hospital. E essa compaixão se estendia a suas famílias. Durante um banquete, certa vez, alguém mencionou que a mãe de um padre tinha sofrido um derrame, e Law se virou para o Monsenhor McInerny e pediu que ele o levasse para o hospital. Era uma preocupação e cordialidade genuínas. Ele era o padre dos padres. É tão irônico que o Cardeal Law não tenha conseguido, ou se disposto, a manifestar a mesma compaixão pelas vítimas de abuso sexual, e que essa falha tenha sido a razão pela qual tantos padres se voltaram contra ele, e de que esse ponto cego tenha sido o motivo de sua queda. Eu acho inexplicável a sua falta de compaixão pelas vítimas, porque não o vejo como um homem a quem falte compaixão. É só um ponto cego dele, algo que ele não viu. Eu não sei. Ele me deixa confuso porque é um homem capaz de muito mais. Como pode um homem com tanto talento, tão sofisticado em tantas outras áreas, ser tão cego?”

* * *

Voltando de Roma, novamente no santuário de sua residência, o Cardeal Law voltou aos negócios. Sua humildade, tão evidente em Roma entre seus semelhantes, não foi demonstrada em nenhum momento enquanto ele enfrentava os leigos, cada vez mais bravos e fortes. Pediu ao seu principal assessor que enviasse uma carta para os padres, derrubando a proposta de uma associação de conselhos paroquiais. Segundo o ponto de vista de Law, a ideia de uma coalizão de leigos trabalhando juntos em problemas comuns enfrentados pela Igreja era “supérflua e potencialmente

divisionista”. Os leigos deveriam expressar seus desejos para mudar a Igreja “dentro da estrutura hierárquica da Igreja”. Em outras palavras, sente-se e fique quieto.

“É chocante, para mim, que a Igreja parece ter tanto medo de dialogar com seus próprios membros, pessoas que a amam e que dariam quase qualquer coisa para vê-la de volta aos trilhos”, disse David Zizik, líder de um conselho paroquial cuja ideia foi unir os conselhos em uma coalizão.

Se servia de consolo para os leigos como Zizik, Law também não estava facilitando para os padres que tentavam se unir para preencher o vácuo criado pela crise de abuso sexual, que tinha, praticamente, silenciado Law nas questões de justiça social e moralidade. Os bispos auxiliares de Law começaram a convocar os líderes de uma aliança nascente de padres em um esforço aparente de exercer algum controle sobre o grupo. A mensagem foi clara: o dissidente não seria tolerado.

De acordo com especialistas em direito canônico, o cardeal estava dentro do seu direito ao sufocar potenciais dissidentes. Mas o momento em que fez isso, logo depois de sua humilhação em Roma, pouco fazia para demonstrar que o homem, cuja arrogância era citada pelos críticos como a principal causa do problema que ele enfrentava, tinha de fato mudado.

E apesar de todos os pedidos de desculpas, apesar de todas as manifestações de profundo arrependimento para as vítimas de abuso sexual, Law parecia que ainda não tinha entendido que deveria levar em conta os sentimentos delas. Em sua primeira resposta às acusações de que Shanley tinha molestado um menino de 6 anos, a defesa de Law incluiu uma declaração de que o garoto e seus pais contribuíram para o abuso, sendo negligentes.

Carmen Durso, uma advogada de Boston que representa vítimas de padres, disse que o uso dessa linguagem insensível, embora fosse juridicamente correto, mostrava arrogância, ignorância ou as duas coisas. “Desde o início, a arquidiocese tem sido incrivelmente estúpida no modo como lidou com essa crise”, disse Durso. “E ainda que fosse uma proeza difícil de realizar, eles conseguiram piorar as coisas.”

Rodney Ford, cujo filho tinha 6 anos quando Shanley supostamente o estuprou pela primeira vez, quase não conseguiu falar, de tanta raiva. Duas semanas depois, a arquidiocese voltou atrás em seu acordo de pagar 86 das

vítimas de Geoghan. O advogado das vítimas, Mitchell Garabedian, chamou o cardeal de “um ser humano desprezível”.

A Juíza Constance Sweeney ordenou que se tomasse o depoimento de Law imediatamente, dizendo que o Vaticano poderia transferi-lo para Roma e assim evitar que fosse interrogado pelos advogados que representavam as vítimas de Geoghan. Em 8 de maio, Law se tornou o primeiro cardeal a ser interrogado sob juramento por ações realizadas enquanto era príncipe da Igreja. Foi um dos momentos mais humilhantes que ele enfrentou. Law foi levado escondido para o estacionamento subterrâneo do tribunal do condado de Suffolk em um carro com janelas escuras e usou um elevador de serviço para evitar a multidão de câmeras no saguão. Mas alguns fotógrafos conseguiram capturar Law enquanto ele se movia com rapidez do elevador para a sala de audiências, onde seria interrogado. Para todos os efeitos, ele andou como um criminoso. Durante o primeiro dia de interrogatório, Law disse que não conseguia se lembrar de nenhum dos eventos críticos envolvendo sua decisão de enviar Geoghan para St. Julia, em 1984, depois de removê-lo abruptamente de St. Brendan por molestar crianças. Ele disse que esperava que seus principais assessores lidassem com os detalhes relativos a um padre problemático como Geoghan.

Assim, enquanto as vítimas ferviam de raiva e os manifestantes se reuniam do lado de fora da residência do cardeal, Law resistia, raramente deixando seu palácio. Quando o fez, para rezar a missa na catedral, os manifestantes o seguiram.

Na TV, o garoto-local-em-rede-nacional, Jay Leno, continuava soltando suas piadas no *Tonight Show*. “Amanhã à noite, um episódio muito, muito especial de *E.R. – Plantão Médico*”, soltou Leno. “Médicos de Boston tentam desesperadamente remover os pés do Cardeal Law de sua boca.”

Caso estivesse assistindo, Sua Eminência provavelmente não achou graça.

¹ “Cardinal Above the Law”, no original: trocadilho com o nome do cardeal: Law = lei em inglês.

O sexo e a Igreja

Desde que Peter Isely tinha 7 anos ele sabia que seria a contribuição de sua família ao sacerdócio católico romano. Um de seis meninos de uma devota família católica na zona rural do condado de Fond du Lac, Wisconsin, via seu futuro em uma elevação isolada nas proximidades do Monte Calvário, um pequeno seminário fundado por uma dupla de frades capuchinhos em 1857.

O primeiro modelo que ele teve para a vida no sacerdócio foi o monsenhor de sua paróquia, uma figura intimidadora que anunciava no púlpito os nomes dos paroquianos cujas contribuições semanais julgava insuficientes. “Eu me lembro de estar no estacionamento da paróquia”, disse Isely. “O monsenhor vinha e com a mão nodosa pegava a minha – parecia uma figura de pedra – e me encarava. Era Deus olhando para mim. E Ele dizia, ‘Peter, você vai ser padre’.”

A mãe de Isely gostava da ideia; era implícito que o jovem Peter seria o seminarista da família Isely. E durante algum tempo, ele foi.

Com 13 anos, Isely subiu aquela colina rumo ao Seminário S. Lourenço, que preparava garotos adolescentes para os rigores do estudo do seminário em nível superior. Isely ainda consegue se lembrar de uma história de que gostava na infância sobre o santo patrono da escola. “A fama de São Lourenço vem de quando ele estava sendo martirizado – assado vivo – e lhe perguntaram quais eram suas últimas palavras. Ele respondeu: “Vire-me para assar do outro lado’.” Verdade ou não, era o tipo de história que os garotos gostavam. O Padre Gale Leifeld era gregário e alegre – o tipo de padre “legal” que sabia conversar com um garoto sem parecer condescendente. Ele ensinava história moderna, e os alunos se sentiam atraídos por ele. E Leifeld tinha uma afeição especial pelo jovem Peter Isely – especial demais, como se descobriu. Um dia, Leifeld chamou

Isely em seu escritório. A classe estava se preparando para seu primeiro exame oral e o padre disse que queria ter certeza que seu aluno favorito estava pronto. Leifeld se recostou na cadeira atrás da mesa, soprou seu cachimbo e pediu que Isely lhe dissesse a definição de nacionalismo, um conceito que o professor tinha pedido aos alunos que decorassem. “Eu dei a definição palavra por palavra, e ele se inclinou para frente e disse, ‘não’”, Isely lembrou em uma entrevista anos depois. “Eu era tão ingênuo e crédulo que fiquei totalmente confuso e desorientado. Eu congelei. Ele se levantou da cadeira, deu a volta e começou a massagear meus ombros. Eu não fazia ideia. A sensação era de que estavam bombeando gás no meu corpo e na minha cabeça. Parecia uma anestesia. Ele desceu pelo meu corpo, pôs a mão dentro da minha calça e começou a me acariciar. Então ele parou, como se nada tivesse acontecido.” Leifeld acariciou Isely várias outras vezes, contou Isely, antes que o estudante aprendesse a se manter longe do professor popular. Isely sofreu uma perda de peso dramática, distúrbios de sono e um declínio acentuado em suas notas. Leifeld, que depois foi enviado para um longo tratamento no centro Servos do Paraclete, no Novo México, nunca admitiu ter abusado de Isely, mas em um depoimento em 1994, ele reconheceu ter abusado de outros. Isely culpou a si mesmo pelo abuso. “Eu pensei que existisse algo em mim que era muito mau, e eu não sabia o que era que fazia com que ele agisse daquela forma”, disse ele.

Por que Leifeld abusava de seminaristas? Havia um aspecto de sua personalidade que o fazia desejar garotos adolescentes? Havia algo na cultura clerical que favorecia ou mesmo encorajava esse comportamento? Leifeld levou suas próprias teorias para o túmulo. E Isely, um psicoterapeuta que administrou um programa de tratamento para vítimas de abuso sexual por clérigos no Wisconsin, na década de 1990, não sabe ao certo. “O que ele estava fazendo, na cabeça dele, eu acho, era algum tipo de iniciação em alguma experiência especial de amor”, disse Isely. “Eu era um garoto que precisava de amor e isso era amor para ele. Mas para mim aquilo era coerção, força e terror.”

Muito tempo depois que os processos judiciais estiverem decididos, que as novas políticas forem impostas e nomes como Geoghan e Shanley tiverem caído nos recessos da memória, os estudiosos da Igreja e da psicologia humana continuarão debatendo o que aconteceu na segunda

metade do século vinte, quando, agora parece claro, mais de 1.500 padres abusaram sexualmente de milhares de menores que foram confiados aos seus cuidados. O debate é carregado de ideologia – os progressistas são rápidos em culpar o celibato e o clericalismo, enquanto os tradicionalistas estão ansiosos para atribuir o problema à permissividade sexual e à homossexualidade. E, como geralmente é verdade, pode-se defender que cada um desses fatores teve seu papel em alguns casos, com cada abusador tendo sua própria história, sem nenhuma explicação fácil à vista. “É uma grande questão, por que os padres atacam sexualmente menores, e a resposta é muito mais complexa do que dizer que se trata de um reflexo da sociedade de um modo geral”, disse A. W. Richard Sipe, o monge que virou psicoterapeuta. “As pessoas não gostam de lidar com realidades multifacetadas, mas esta é uma realidade desse tipo. Não se trata de apenas uma coisa. Você tem que entender que o sacerdócio é uma cultura poderosa, duradoura, linda, produtiva, que tem um lado muito, muito sombrio.”

A ciência social teve pouco a dizer a respeito do abuso de menores por padres – nem a própria Igreja nem os acadêmicos que estudam a saúde mental realizaram um estudo quantitativo rigoroso que pudesse jogar alguma luz na frequência ou natureza desse fenômeno estarrecedor. No rastro das revelações dos abusos sexuais cometidos por padres, até os defensores mais conservadores da Igreja abandonaram a tese de que o sacerdócio é diferente das outras profissões em que adultos trabalham com crianças. “No fim das contas, esse problema é maior do que algumas maçãs podres”, disse William Donohue, presidente da Liga Católica para Direitos Religiosos e Civis. “Isso é algo muito grande. Eu não acredito que esta seja a hora para os católicos ficarem na defensiva. Você pode amar a instituição e ao mesmo tempo entender a necessidade de esclarecer isso.” Mesmo na ausência de dados concretos, parece cada vez mais claro que, embora os clérigos de todas as denominações religiosas tenham violado crianças sexualmente, nenhuma grande denominação teve um problema na mesma escala deste que afligiu a Igreja Católica. “Não existe nada equivalente entre os protestantes”, disse Anson D. Shupe, professor de sociologia na Indiana University-Purdue University, em Fort Wayne, que pesquisa a má conduta dos clérigos. “Se eu conseguisse encontrar alguns

casos espetaculares, isso ajudaria minha carreira, mas não consegui. Não existem predadores em série, vorazes, e a instituição protestante não tolera isso do modo como a católica tolerou.”

As autoridades da Igreja Católica agora estão reconhecendo uma característica do abuso sexual por padres que o diferencia de outros tipos de abuso sexual infantil: a maioria das vítimas é adolescente, pós-pubescente e do sexo masculino. Alguns pesquisadores estão usando um novo termo, *efebolia*, para diferenciar esse fenômeno da pedofilia, a atração por crianças pré-pubescentes. “Quase todos os casos envolveram adolescentes e, portanto, não são casos verdadeiros de pedofilia”, declararam os cardeais americanos em um comunicado conjunto emitido depois de sua reunião em abril de 2002, no Vaticano.

Parte da explicação para a alta incidência de abuso sexual por padres parece estar na própria cultura do sacerdócio, uma profissão solitária que confere a seus membros prestígio e – pelo menos nos anos antes da explosão da crise atual – muito acesso a crianças novas, principalmente garotos novos. “Sempre foi uma satisfação para os pais quando viam um padre levando seu garoto para um jogo de beisebol, ou para caçar, pescar ou acampar – o padre serve como acompanhante e responsável –, o que não era visto com estranheza”, disse o Padre James J. Gill, jesuíta e médico que dirige o Instituto Cristão para Estudo da Sexualidade Humana na União Teológica Católica em Chicago. “Se um padre levar uma garota para caminhar, nadar ou qualquer uma dessas atividades sociais ou esportivas, vai haver certa desconfiança. Eu acho que os pais são um pouco mais céticos quanto a entregar sem reservas suas garotas para um padre por companhia.” E Sipe chamou o sacerdócio de “cultura homossocial”. “Todos os valores dentro da cultura são masculinos, e a razão para ter havido tal tolerância da atividade sexual de padres e bispos é que existe uma atmosfera de que tudo isso é ‘coisa de menino’. É um tipo de fraternidade espiritual – como uma fraternidade universitária, mas envolta em uma aura espiritual.” Como muitos que passaram algum tempo dentro da cultura clerical, um ex-seminarista de Boston, Edward Cardoza, aponta para fatores gêmeos: o poder e o acesso. “O sacerdócio é uma profissão na qual você pode se encontrar rodeado por um número inacreditável de crianças, muito depressa, e é uma profissão que imediatamente lhe concede certa quantidade de respeito e destaque na

comunidade. Se você tiver acesso a um grupo vulnerável como o de crianças, e for capaz de se apresentar como uma pessoa com poder, vai poder causar danos. É uma fórmula perigosa.”

As pessoas de dentro da Igreja, que até 2001 diriam que o abuso sexual cometido por clérigos não é diferente do abuso de um escoteiro por seu líder de tropa, ou de um aluno por seu professor, estão cada vez mais adotando um ponto de vista que reconhece alguns aspectos incomuns no clero católico. “Eu acho que existiam muitos fatores”, disse o Bispo Christopher J. Coyne, um instrutor no Seminário St. John, em Boston. “A resposta mais simplista é que isso aconteceu porque alguns homens não se entregam ao sacerdócio da forma como deveriam. Mas por que isso acontece? Se você olhar para os anos 1950, por exemplo, o número de homens aceitos nos seminários, sem uma seleção rigorosa, era muito alto, e quando você movimenta essa massa de homens pelo sistema, alguns vão ficar pelo caminho. Mas existia também um segundo aspecto: não havia o entendimento de que era necessário lidar com as questões de intimidade e sexualidade. Havia todo tipo de eufemismo. E se você entrava no seminário ainda adolescente, sem nunca ter tido a oportunidade de descobrir quem era do ponto de vista sexual, sem nunca ter tido um relacionamento saudável com outros jovens, então quando saía do seminário, com quem você iria se identificar? Adolescentes. E isso causava todo tipo de estrago.”

A distinção mais óbvia entre padres e outros homens é o voto de celibato, e muitos críticos são rápidos em denunciar que o celibato, bem como o desconforto geral da Igreja Católica para falar de sexo, contribui para uma cultura clerical em que alguns homens escolhem crianças como válvula de escape para seu desejo sexual. Mas as autoridades da Igreja lembram que a maioria dos casos de abuso sexual infantil ocorre nas mãos de homens casados, e não existem estudos sugerindo que o celibato de fato leve ao abuso sexual.

Na primavera de 2002, outro fator dominou o debate a respeito do que causa abuso sexual: a homossexualidade. O debate, de modo geral, trouxe mais confusão do que esclarecimento. Embora pareça claro que exista um número desproporcionalmente alto de gays entre os sacerdotes, e um número igualmente desproporcional de garotos adolescentes entre as vítimas, ninguém pode dizer que exista uma ligação causal entre os dois

fatores. A maioria dos padres homossexuais, assim como a maioria dos padres heterossexuais, não abusam de crianças. Alguns padres gays, da mesma forma que alguns padres héteros, se envolvem sexualmente com garotos adolescentes. Os estudiosos dizem que não existem evidências de como – ou se – o comportamento de padres gays com garotos adolescentes difere do comportamento da população masculina homossexual em geral. Nem gays e héteros adultos, dizem eles, também não parecem ter padrões diferentes de envolvimento com adolescentes ou crianças. “Não existe evidência de que um homossexual adulto tenha maior probabilidade de procurar um garoto para atividades sexuais do que um heterossexual adulto tem de procurar uma menina para atividades sexuais”, disse o Dr. Fred S. Berlin, fundador do Instituto Nacional para Estudo, Prevenção e Tratamento de Trauma Sexual, em Baltimore. Perguntado por que a imensa maioria das vítimas é de garotos, Berlin repetiu a observação de Gill: “As pessoas provavelmente pensavam que, se você colocar um homem adulto no meio de garotas adolescentes, é provável que seja necessário alguém para supervisionar, e isso, presumivelmente, deve diminuir o risco de que algo aconteça. Talvez exista uma suposição de que um garoto adolescente na presença de um padre não precise ser supervisionado. Mas nós não temos estatísticas sobre nenhuma dessas distúrbios... Nós não temos dados para consultar”.

Apesar da falta de informações, as autoridades da Igreja pareciam cada vez mais preocupadas com o papel da homossexualidade no sacerdócio. Conforme a crise na Igreja dilacerava as dioceses em todo o país, o Papa manteve, a princípio, o silêncio. Mas no começo de março, com o crescimento implacável do escândalo, o porta-voz do pontífice não conseguiu mais evitar a questão. E quando ele o fez, seus comentários arranharam o nervo mais sensível dessa crise de abuso sexual. “As pessoas com essas inclinações não podem ser ordenadas”, declarou ao *New York Times* o porta-voz, um psiquiatra espanhol chamado Dr. Joaquin Navarro-Valls, referindo-se a padres gays. “Isso não implica uma crítica às pessoas com homossexualidade. Mas não podem estar nesta área.”

Os comentários de Navarro-Valls foram rápida e previsivelmente condenados por muitos estudiosos e grupos de direitos dos homossexuais, que acusaram o Vaticano de tentar culpar os outros. “A reação cristã seria fazer reparações significativas às vítimas, cooperar com a lei para levar os

criminosos à justiça e aprender como evitar futuros abusos”, disse Mary Louise Cervone, presidente do Dignity/USA, o maior e mais antigo grupo de católicos gays. “Em vez disso, estão tentando transformar os padres gays em bodes expiatórios para décadas de abuso criminoso.” Alguns manifestaram uma preocupação de ordem mais prática, e argumentaram que se Roma realmente quisesse eliminar os homens gays dos seminários – uma proposta sob consideração no Vaticano – acabaria tendo que encarar casas paroquiais mais vazias e altares mais estéreis. Alguns especialistas católicos estimam que de 30% a 50% dos 45 mil padres americanos sejam gays. “Se fossem eliminar todos aqueles com orientação homossexual, o número seria tão chocante que seria como uma bomba atômica. O dano às operações da Igreja seria o mesmo”, disse Sipe. “E isso iria contra a tradição da Igreja. Muitos santos tinham uma orientação homossexual. E muitos Papas também. Discriminação contra a orientação não vai resolver o problema.”

Mas a questão agora estava sob análise. Na reunião no Vaticano, o Bispo Wilton D. Gregory, de Belleville, Illinois, presidente da Confederação dos Bispos Católicos dos EUA, disse aos repórteres que ele estava preocupado com o número crescente de gays no sacerdócio. “Uma das dificuldades que encaramos na vida no seminário ou no recrutamento, é quando realmente existe uma dinâmica ou atmosfera homossexual que leva os homens heterossexuais a pensarem duas vezes” quanto a ingressar no sacerdócio, por temor de que serão perseguidos. “É uma luta contínua. E o mais importante é que se trata de uma luta para garantir que o sacerdócio católico não seja dominado por homossexuais [e] que os candidatos que recebemos sejam saudáveis em todos os aspectos possíveis – psicológica, emocional, espiritual e intelectualmente.” O Cardeal Adam J. Maida, de Detroit, argumentou que o abuso sexual por clérigos “não é, realmente, um problema do tipo pedofilia, mas um problema do tipo homossexual... Nós temos que investigar esse elemento homossexual, uma vez que ele existe, para entendermos em que extensão ele é influente em nossos seminários e entre nossos sacerdotes, e para saber como lidar com isso”. Os bispos precisam “saber lidar” com a dimensão da presença homossexual nos seminários católicos, ele disse. O Cardeal Anthony J. Bevilacqua, de Filadélfia, disse que não deixaria gays se tornarem padres. “Nós sentimos que uma pessoa de orientação homossexual não é candidato

adequado ao sacerdócio, mesmo que nunca tenha cometido um ato homossexual”, disse ele.

Durante várias décadas, a principal atitude da Igreja Católica com relação a padres que abusavam sexualmente de crianças era mandá-los para tratamento em um dos centros psiquiátricos que têm laços com a Igreja.

O Padre Jay M. Mullin foi um deles. Ordenado em 1969, Mullin estava no ministério há 23 anos quando o Padre John B. McCormack, então principal assessor do Cardeal Law para questões relativas ao quadro de sacerdotes e hoje bispo de Manchester, New Hampshire, convocou-o à chancelaria. Mullin estava nervoso enquanto dirigia até o centro de Boston, e por bons motivos. Um homem tinha acusado Mullin de molestá-lo vinte anos antes, quando o acusador era adolescente e Mullin um padre novo em Allston, um bairro operário de Boston. Embora Mullin negasse a acusação, ele concordou em contribuir com 10 mil dólares para um acordo de gaveta proposto ao seu acusador, e a arquidiocese removeu Mullin de sua paróquia e lhe disse que não poderia retornar até passar algum tempo em um dos hospitais psiquiátricos nos quais a Igreja Católica tinha gasto milhões para tratar discretamente os sacerdotes acusados de serem predadores sexuais.

Assim, no fim de 1992, Mullin foi enviado para tratamento no Instituto St. Luke, um hospital psiquiátrico católico em Maryland. Batizada com o nome do santo patrono dos médicos, a instituição foi fundada pelo Padre Michael Peterson, um médico de Washington que era homossexual e morreu de AIDS em 1987. Durante vários dias ali, Mullin observou algumas das tentativas da Igreja em tratar de padres abusadores com terapia individual, grupos de apoio a dependentes de sexo e um dispositivo com um anel de mercúrio, chamado jocosamente de “medidor de bráulio”, que media o nível de excitação sexual do homem baseado na circunferência de seu pênis. “Você entra em uma sala com o médico, que é da Universidade Johns Hopkins e veste um avental azul. E ele quer que você se masturbe para poderem medir o tamanho do seu pênis”, Mullins lembrou. “E então, durante a hora seguinte, eles te mostram imagens pornográficas. Mostram imagens de mulher com homem. Mostram mulher com mulher. E homem com homem. Em várias idades, na faixa dos 20 e

dos 30 anos. Eu estou sozinho na sala. Eles estão me observando. E filmando. E eles têm os instrumentos. Eles finalizam com pornografia infantil – minha primeira introdução a toda a indústria pornográfica. Não foi uma diversão.”

Durante várias décadas antes de padres como Geoghan transformarem o abuso sexual por clérigos em uma crise, a Igreja Católica viu lugares como o Instituto St. Luke como uma de suas melhores defesas contra os estupradores recidivos. O instituto de Maryland, e outros parecidos, como os centros Servos do Paracleto, administrados por uma ordem religiosa em Jemez Springs e St. Louis; o Institute of Living, secular, em Hartford; e o Southdown Institute, católico, em Ontário, ocupavam espaço publicitário em jornais religiosos. Os bispos enviavam para esses lugares os seus padres mais problemáticos. Os psiquiatras avaliavam os sacerdotes, enviavam relatórios para os bispos supervisores estimando o risco de reincidência e então, os padres, com frequência, retornavam aos seus ministérios. O processo era caro – Sipe estimou que a Igreja tenha gasto 50 milhões de dólares ao longo de 25 anos. E havia também um custo humano – alguns padres, como Geoghan, reincidiram mesmo depois de múltiplas visitas a vários centros. Os críticos acusam a Igreja de tentar usar a psicologia como uma cortina de fumaça: os sacerdotes recebiam um tratamento de curta duração e eram devolvidos às paróquias, em alguns casos apesar de recomendações psicológicas de que não tivessem mais contato com crianças. As vítimas, em especial aquelas molestadas por padres que passaram por tratamento, perguntam-se, com amargura, por que a Igreja usava seus próprios centros de terapia.

“Nenhuma instituição pode policiar a si mesma”, disse David Clohessy, diretor nacional da Rede de Sobreviventes dos Abusados por Padres. “Se a Igreja quer restaurar a confiança, seus líderes devem ser mais transparentes quanto a essas instituições de tratamento. Se as empresas químicas dissessem: ‘Confiem em nós – enviem-nos suas dioxinas; nós cuidaremos delas’, o público ficaria desconfiado.”

Os centros de tratamento nasceram de um surto de compaixão cristã. Em uma noite fria, durante a pior fase da Depressão, o Padre Gerald Fitzgerald ouviu uma batida na porta dos fundos da sua casa paroquial, em Brighton, bairro de Boston. Ele deu comida e um casaco para um mendigo que, enquanto caminhava de volta à escuridão, virou-se para ele e disse

que também, uma vez, tinha sido padre. Esse foi o nascimento dos Servos do Paracleto, uma ordem religiosa cuja missão era cuidar de padres com problemas. Em 1947, Fitzgerald abriu o retiro em Jemez Springs para padres problemáticos ou dependentes de álcool; porém o mau comportamento sexual não era parte da missão, nessa época. Quando pediram a Fitzgerald que tratasse de molestadores de crianças, sua ideia foi comprar uma pequena ilha no Caribe e isolá-los ali, de acordo com o Padre Peter Lechner, servo-geral dos Servos do Paracleto. Em meados da década de 1960, contudo, o retiro do Paracleto começou a receber um número crescente de pedófilos e, com maior frequência, efebófilos.

Por toda a década de 1960, os distúrbios sexuais eram tratados com psicanálise em instituições seculares – uma abordagem hoje desacreditada – e os Paracletos ficaram para trás nesse aspecto. Foi somente na década de 1970 que Jemez Springs começou a se “aproximar dos padrões modernos”, disse Lechner. O centro adotou a terapia tradicional e empregou um psiquiatra em tempo integral. Em 1976, os Paracletos abriram o primeiro centro de tratamento do mundo para distúrbios psicosssexuais. Em 1995, o psiquiatra Jay Feierman já tinha atendido mil padres com distúrbios sexuais. “Eles sabiam mais a respeito do que qualquer um em todo o mundo”, disse Sylvia M. Demarest, advogada de Dallas que depois representaria vítimas de ex-pacientes de Jemez Springs. Um repórter do *Rocky Mountain News*, que passou uma semana no centro, em 1987, descreveu uma atmosfera que encorajava a descoberta emocional. Os padres faziam terapia de psicodrama e interpretação de papéis. Eles choravam juntos. Os terapeutas os encorajavam a não reprimir seus impulsos sexuais. O Dr. Feierman, psiquiatra chefe do programa, reclamou da mensagem da Igreja de que um padre “não tem permissão para demonstrar afeto, ele não tem permissão para se apaixonar, não tem permissão para ser um ente sexual”. Os funcionários do Servos de Paracleto tomavam a decisão final quanto ao padre estar pronto para retornar ao ministério – mas depois algumas dessas decisões pareceriam erros terríveis. Dos dois mil padres tratados em Jemez Springs de 1947 a 1968, Lechner disse que dez cometeram atos criminosos após saírem. Entre os “graduados” das décadas de 1960 e 1970 estavam homens acusados de uma longa lista de abusos, como James R. Porter, Jason Sigler, Rudy Kos e David Holley – alguns dos quais molestaram crianças

quando os Paracletos os enviaram nos fins de semana para rezar missas em paróquias da região. Em 1993, o centro Paracleto foi forçado a pagar 525 mil dólares e reservar 7,6 milhões de dólares de seguradoras para fazer acordos legais com 25 querelantes que diziam ter sido atacados por Porter. Eles também fizeram acordos com 17 querelantes que processavam Holley, que cumpre pena de 275 anos por molestar crianças. Bruce Pasternack, um advogado que defendeu supostas vítimas no caso Porter, disse que o centro de tratamento transformou o Novo México em um “aterro sanitário mundial para despejo de lixo eclesiástico”. Demarest, que representou as vítimas de Kos, ainda fala com desprezo do tratamento que Kos recebeu. “Eu posso lhe dizer como era o clima. Eles traziam peixe fresco, comidas especiais e saíam para caminhadas nas montanhas. Então eles eram soltos nas paróquias locais nos fins de semana, onde continuavam a abusar das crianças”, disse ela. “Não existe um único fiapo de evidência de que alguém tenha dado a mínima para as vítimas.” Os padres do Paracleto fecharam o centro para tratamento de distúrbios sexuais no Novo México em 1994. Eles não o reabriram.

Em 1981, um novo tipo de padre começou a construir um novo tipo de centro de tratamento na Costa Leste. Michael Peterson já era psiquiatra antes de se converter ao catolicismo e entrar para o sacerdócio. Um experiente conselheiro no tratamento de dependência de substâncias, fundou o Instituto St. Luke tendo em mente o tratamento de alcoolismo. Mas em meados da década de oitenta ele começou a receber, entre seus pacientes, um número crescente de padres acusados de mau comportamento sexual. Quando pacientes como Geoghan, Kos, Gilbert Gauthé e o Monsenhor Michael Harris se instalaram ali, foi dito aos seus vizinhos que eles estavam “em treinamento”, disse Nannie Presley, que morou do outro lado da rua durante 14 anos.

O relacionamento entre a Igreja e seus médicos foi abalado pelos escândalos de abusos por padres em meados da década de 1990. O psicólogo Gary R. Schoener, de Minneapolis, lembra-se de receber o telefonema de um abalado John R. Roach, então arcebispo de St. Paul-Minneapolis. Roach queria que Schoener avaliasse os registros que a arquidiocese tinha recebido dos centros que tinham tratado de padres: o Instituto St. Luke, a hoje extinta Casa da Afirmação e os Servos do Paracleto, no Novo México. “O arcebispo disse: ‘Pelo amor de Deus,

estamos recebendo um aconselhamento ruim?”, lembra-se Schoener. “Estão usando os testes errados? Estão interpretando mal os testes? Algum desses centros é melhor do que os outros?” Schoener apresentou seu relatório algumas semanas mais tarde. Ele tinha gostado dos relatórios psiquiátricos e disse que seriam aceitos em hospitais seculares. Mas disse que os centros falhavam ao aceitar as investigações da Igreja sem questionamento. Eles não entravam em contato com as vítimas. E deixavam com a diocese do padre a responsabilidade pelo acompanhamento. Resumindo, os psiquiatras viam a Igreja como um patrão. E, Schoener concluiu, eles queriam que o patrão gostasse deles. “O modo de pensar desses sujeitos era recolocar o padre, achando que de algum modo dava para consertá-lo”, disse Schoener. “Eles [os psiquiatras] são uma parte fundamental do erro. Não é que eu não culpe a Igreja. Eu culpo os dois lados.”

A advogada Demarest disse que as autoridades da Igreja usaram mal os centros de tratamento. “Não acho justo culpar a comunidade terapêutica pelos problemas”, disse ela. “A questão não era o que eles faziam, mas o que os bispos escutavam. Esse foi o problema. Eram os bispos que recolocavam esses padres em circulação.” E em março de 2002, os psiquiatras do Institute of Living, em Hartford, acusaram os líderes da Igreja de desprezar suas recomendações clínicas – às vezes com resultados desastrosos. O instituto, um hospital psiquiátrico secular situado em um terreno verdejante de 140 mil metros quadrados, tinha desenvolvido um programa especializado no tratamento de clérigos e recebia um punhado de padres todos os anos. O Cardeal Edward M. Egan indicou os relatórios psiquiátricos do instituto como justificativa para devolver os padres ao ministério; alguns deles reincidiram rapidamente. Os principais psiquiatras do instituto não demoraram para contra-atacar Egan. Disseram ao jornal *Hartford Courant* que os líderes da Igreja tinham usado as recomendações dos psiquiatras como desculpa para devolver padres potencialmente perigosos ao ministério. “Eu descobri que era raro eles seguirem nossas recomendações”, disse Leslie M. Lothstein, diretor de psicologia do instituto. “Eles devolviam [os padres] ao trabalho em posições em que ainda tinham acesso a populações vulneráveis.” Os comentários de Lothstein marcaram um novo capítulo – e uma ruptura – no relacionamento entre a Igreja e os psiquiatras.

No caso Mullin, os psicólogos foram incapazes de validar a acusação contra ele. Em seu relatório confidencial, escrito em novembro de 1992, os psicólogos escreveram que Mullin reconhecia ter emprestado seu carro para o acusador, “massageado suas costas enquanto lhe dava aulas, torcido seus mamilos durante brincadeiras, feito uma viagem com ele para Berkshires, dito que o amava, e o tornado beneficiário de seu seguro de vida por um período de tempo”. Mullin diz que seu comportamento pode ter sido imaturo, mas não foi sexual. “O Padre Mullin consistentemente negou tanto a atividade sexual com garotos quanto interesse sexual por eles”, dizia o relatório, que Mullin compartilhou voluntariamente com um repórter do *Globe* uma década depois do tratamento traumático. “Contudo, nós acreditamos que os comportamentos que ele admite, como torcer os mamilos do menino, são motivo para uma preocupação importante. Nós acreditamos que a maioria das pessoas descreveria tal comportamento entre um adulto e um garoto [como] no mínimo inadequado e de provável natureza sexual.” Após o tratamento, Mullin ficou no limbo por algum tempo, mas seis anos mais tarde ele seria realocado para uma igreja em Wayland, Massachusetts.

Em uma noite gelada em Cape Cod, em 2002, Mullin estava sentado na sala de estar de sua casa pequena e sossegada. Ele vestia um cardigã bem fechado devido ao frio do fim do inverno. Seu corpo grande que preenchia uma cadeira era banhado pela luz de uma lâmpada fraca, enquanto ele discutia calmamente os detalhes do desenvolvimento de sua carreira clerical. Ele via a existência de St. Luke como evidência da preocupação da Igreja, dizendo: “Eu não sabia que um lugar daqueles existia. Quando vi aquilo tudo, pensei que os bispos sabiam para onde estavam nos mandando. Eles sabiam a magnitude do problema”. Mas ele nunca viu seu próprio comportamento como parte do problema. “Foi apenas aquele tipo de brincadeira que adolescentes imaturos às vezes fazem... A coisa não tinha nenhum tipo de interesse sexual.”

Durante anos – talvez séculos – a Igreja simplesmente não conversava a respeito de sexo com seus futuros padres. Os seminaristas tinham que descobrir sozinhos o que significava viver uma vida de castidade permanente, e muitos se debatiam com essa noção. “Não havia nada”, lembrou o Padre Robert W. Bullock, que terminou seu treinamento no

Seminário St. John, em Boston, em 1956. “Nós não conversávamos a respeito. E então emergíamos desse ambiente masculino, altamente controlado, em um tipo muito diferente de mundo, e essa transição, para muita gente, era angustiante. Olhando para trás, eu gostaria que tivéssemos sido mais bem preparados.”

Alguns seminários ofereciam experiências que parecem reforçar a noção de uma Igreja sem nenhuma tranquilidade para falar de sexo. O escritor Paul Hendrickson frequentou um seminário no Alabama, onde durante cinco anos, dos 15 aos 20 anos de idade, ele visitava rotineiramente seu diretor espiritual para o que deveria ser uma orientação para lidar com o desejo sexual. “Eu fazia isso, de forma mais ou menos voluntária, em uma tentativa de dominar a tentação impura”, escreveu Hendrickson, autor de *Seminary: A Search* [Seminário: uma busca]. “A ideia, a prescrição, o roteiro, era tudo da cabeça dele. Às vezes acontecia uma vez por semana. Às vezes acontecia no meio da noite. Às vezes acontecia pouco antes do período de estudos, ou depois do colóquio noturno, ou quando eu acabava de sair do ginásio. Eu entrava, sentava em uma poltrona verde ao lado da escrivaninha dele, abria minhas calças, pegava um crucifixo (que era chamado de Cruz do Missionário, e tinha um crânio com ossos esverdeados na base dos pés cravados do salvador) e começava a ter deliciosos pensamentos impuros, e então, quando estivesse com a ereção plena, começava a recitar todos os motivos pelos quais eu desejava dominar meus anseios mais baixos. ‘Padre, estou pronto agora’, eu dizia. Tendo me levado, sob as ordens dele, à beira de um pecado mortal, eu começava a recuar, rezando furiosamente com o poder do Cristo crucificado na mão esquerda. Meu diretor estava sempre ali, orientando-me, rezando comigo.”

Mas em 1992 aconteceram dois eventos, um oficial e outro não oficial, que transformaram dramaticamente o modo como a Igreja Católica pensava sobre o treinamento dos futuros padres. O primeiro evento foi uma ordem do Papa para alterar a educação nos seminários de modo a incluir discussões francas de sexualidade e celibato. O segundo foi o caso do Padre Porter, no qual a intensa cobertura dos meios de comunicação sobre o pedófilo em série da Diocese de Fall River, Massachusetts, tornou-se um importante tópico de discussão entre os padres.

Em março daquele ano, o Papa João Paulo II emitiu uma exortação apostólica, *Pastores Dabo Vobis*, instruindo os bispos do mundo a alterar os programas de seus seminários à luz “das circunstâncias dos dias atuais”. Essas circunstâncias incluíam a persistente falta de candidatos ao sacerdócio e o aumento concomitante do esgotamento físico e mental dos clérigos. “Os padres que estiveram envolvidos ativamente no ministério por um período de tempo mais ou menos extenso parecem estar sofrendo, hoje, de uma perda de energia excessiva em suas atividades pastorais cada vez maiores”, escreveu o Papa. “Do mesmo modo, confrontados com as dificuldades da cultura e da sociedade contemporâneas, eles se sentem compelidos a reexaminar seu modo de vida e suas prioridades pastorais, e têm cada vez mais consciência de sua necessidade de formação continuada.”

“Formação” é um código da Igreja para educação, treinamento e desenvolvimento de caráter, e o Papa insistia que os seminários fossem reestruturados para se concentrar em quatro áreas da formação dos novos padres: humana, intelectual, pastoral e espiritual. O Papa colocou uma ênfase especial na formação humana, que ele chamou de “base de toda a formação sacerdotal”. E um componente essencial dessa formação de um padre como pessoa era, sem dúvida, uma compreensão clara da própria sexualidade. “De especial importância é sua capacidade de se relacionar com os outros”, escreveu o Papa. “Nesse contexto, maturidade afetiva, que é o resultado de uma educação em amor verdadeiro e responsável, é um fator importante e decisivo na formação de candidatos ao sacerdócio.” E o Papa declarou que, em uma era em que a sexualidade “foi reduzida a nada mais que um bem de consumo”, os seminários devem estar particularmente atentos. “Uma educação para a sexualidade se torna mais difícil, mas também mais urgente”, afirmou o Papa. “Ela deve ser integral e verdadeiramente pessoal, e portanto deve apresentar a castidade de um modo que mostre valorização e amor por essa qualidade.”

Enquanto os seminários colocavam as ordens do Papa em ação, o caso Porter começou a chamar muita atenção para a questão do abuso sexual por clérigos, especialmente em Massachusetts. Os seminários começaram a aumentar as exigências para admissão e a vigiar os seminaristas mais de perto.

“Em 1992, quando o caso Porter atingiu os seminários, não sabiam o que fazer, mas sabiam que, não importava que atitude tomassem, tinham que enfrentar essas questões”, lembrou Edward Cardoza, ex-seminarista em St. John, em Boston, durante boa parte dos anos 1990, e que decidiu não se ordenar. “Eu me lembro de uma conferência em que o diretor espiritual levantou e disse: ‘Por mais terrível que isto seja para a Igreja, poderá se transformar em um momento consagrador’”. Os seminaristas frequentavam reuniões mensais para discutir a formação humana, conversavam sobre suas vidas pessoais com os diretores espirituais e faziam um curso de sexualidade humana dado por uma freira. “Nós aprendíamos que mesmo quando o carisma do celibato e da castidade é adotado e está presente, as atrações, os impulsos e os desejos também estarão presentes. Então, a primeira coisa que você precisa fazer é ter consciência de que é um ser humano, e não importa o quão santo e virtuoso você seja, nunca conseguirá se livrar dessas paixões. Mas a ideia era fazer escolhas prudentes. Você simplesmente se afasta. O celibato é uma opção radical, e você toma a decisão de não agir de acordo com seus desejos.”

Hoje os seminários afirmam selecionar seus candidatos com rigor. Em Boston, por exemplo, um jovem deve começar as conversas com o diretor vocacional um ano antes de se candidatar ao ingresso, e então o processo dura pelo menos quatro meses. A maioria dos seminários exige que os candidatos permaneçam celibatários por até cinco anos antes de começar o programa, só para testar a prática, e espera-se que os alunos permaneçam celibatários durante todo o seminário, enquanto continuam a avaliar se estão aptos a levar a vida sem sexo de um padre ordenado. Alguns seminários vetam os candidatos que se dizem sexualmente atraídos por outros homens, mas a maioria não, argumentando que não existe evidência ligando a orientação sexual de alguém à sua capacidade de levar uma vida celibatária. Os seminários tentam eliminar potenciais abusadores de crianças fazendo o levantamento de históricos criminais federais e locais, mas não existe, no momento, nenhum teste psicológico que possa prever com precisão se um homem, que nunca abusou de uma criança, tem probabilidade de fazer isso no futuro. Então, os responsáveis pelos seminários dizem que no processo de seleção e durante todo o treinamento no seminário, ficam alertas para qualquer sinal de que um homem não

esteja formando relacionamentos normais com adultos ou pareça ter um interesse anormal em crianças. Muitos candidatos em potencial são recusados nos seminários, e todos os anos alguns alunos são eliminados. “Só porque existe uma carência, isso não significa que devemos rebaixar nossos padrões”, disse o Bispo Edward J. Burns, diretor-executivo do Secretariado para Vocações e Formação Sacerdotal da Conferência dos Bispos Católicos dos EUA. “Um homem é estudado de muitas maneiras quando ele se candidata a um seminário. Existem testes psicológicos para avaliar a maturidade psicosssexual do indivíduo, porque é importante que eles tenham um entendimento real da sua própria identidade. Aplicamos testes para todos os tipos de psicose e desequilíbrio mental. Nós fazemos exames de sangue. E não são apenas testes. No seminário nós vivemos com eles, e assim se consegue uma indicação clara de como cada homem vive a sua vida. Você pode ter certeza de que nos mantemos alertas para qualquer indício de problemas.”

Muitos funcionários de seminários em atividade reconhecem o que agora parece óbvio: os padrões de seleção do passado eram inadequados. “Todo mundo se lembra dos dias de glória, quando os seminários ficavam lotados, mas eu me pergunto quantas dessas pessoas nunca deveriam ter sido padres”, disse o Padre James King, diretor vocacional da província de Indiana da Congregação da Santa Cruz, a ordem religiosa que fundou a Universidade de Notre Dame. “Era um caminho popular a se seguir, ou a coisa desejável, para a satisfação da família. Nós estamos falando de pessoas que estavam lá quando não se tinha qualquer consciência de que havia necessidade de se fazer uma seleção. Nós tínhamos pessoas psicologicamente imaturas em uma era na qual os seminários não sabiam o que era seleção psicológica.” King disse que hoje, enquanto observa o candidato a padre do outro lado da mesa, não está procurando alguém com as melhores notas, o currículo mais impressionante ou a maior coleção de prêmios e realizações. Ele está à procura de honestidade. Alguém que seja genuíno e sincero. E faz questão de deixar claro que a exigência sacerdotal de celibato – uma vida sem atividade sexual de qualquer tipo, incluindo masturbação – não é algo secundário nessa atividade. “A mensagem é que o celibato é uma exigência absoluta”, disse King. “Todo mundo tem impulsos. Pessoas casadas têm, basicamente, a mesma luta. Elas podem fazer sexo, mas não com qualquer um, pois têm que ser fiéis ao seu

compromisso. Não existe pessoa viva que não seja um ser humano sexual. Mas nós temos que administrar isso de formas saudáveis. De muitas maneiras, as pessoas casadas enfrentam essa luta tanto quanto nós. Celibato é um dom, mas não é algo que sirva para a maioria das pessoas.”

Não existe truque de mágica para viver uma vida celibatária. Os instrutores de seminário reconhecem que os padres terão impulsos sexuais, mas eles os aconselham a não se colocar em situações que amplifiquem esses impulsos. Aconselham os padres a rezar por força. E com frequência fazem comparações com pessoas casadas, que a Igreja espera que não façam sexo com outros que não o cônjuge, e solteiras, que, a Igreja ensina, não deveriam fazer sexo com ninguém.

“Eu nunca vou me esquecer de quando era diretor vocacional e um aluno de faculdade me perguntou: ‘O que você faz quando sente desejo?’, como se ninguém mais, além dos padres, tivessem que controlar isso”, disse Burns. “Todo mundo tem sua santidade testada, especialmente em sua vida sexual. Como nós controlamos os nossos desejos sexuais? Sendo pessoas íntegras, com respeito pela sexualidade dos outros e pela nossa própria. O celibato é uma dádiva que damos para vivermos uma vida de serviço pelos outros. É um chamado de Deus. Nós devemos ser homens celibatários, trabalhando para construir um Reino, aqui e agora.”

Hoje os seminaristas são, em geral, mais velhos do que costumavam ser, e os diretores dos seminários esperam que também sejam mais maduros. Sobraram apenas nove seminários de ensino médio no país, e muitos homens entram apenas depois de completarem a faculdade. Muitos já namoraram; alguns foram casados. E as dioceses oferecem agora uma formação continuada, um tipo de educação contínua para os padres, para ajudar os sacerdotes recém-ordenados a se ajustar aos desafios de viver em uma paróquia.

É claro que a obediência não é universal. Alguns seminaristas, e muitos padres, violam seu voto de celibato, assim como muitas pessoas casadas violam seu voto de monogamia.

O Padre Len Plazewski, diretor vocacional da Diocese de St. Petersburg, Flórida, tem uma receita para um sacerdócio disciplinado e saudável, que ele compartilha com os seminaristas que supervisiona. É uma receita aparentemente simples. Tenha amigos dentro e fora do sacerdócio, colegas que não sintam a necessidade de sempre se dirigir a

você como “Padre”. Tire tempo para relaxar. Deus é importante, mas artes, esportes e viagens à praia também são. Tenha atividades de lazer ou outras distrações que não tornem o estilo de vida celibatário mais difícil de seguir. “É óbvio que se meus passatempos consistissem em ir a boates de striptease e procurar pornografia na internet, essas coisas não me ajudariam a viver como celibatário. Mas não existe uma pílula mágica... Em certo sentido, eu me dei conta de que o amor de uma única mulher não era suficiente para mim; que minha vocação para o amor não estava centralizada em uma só pessoa ou uma única família. Sim, eu sou celibatário. Não, não faço sexo. Mas eu amo. Amor é uma parte importante da vida.”

As autoridades da Igreja costumam apontar o fato de que surgiram relativamente poucos casos envolvendo padres ordenados durante os anos 1990 como evidência de que seu novo processo de seleção e os novos procedimentos de treinamento estão dando resultado. Mas os críticos são céticos, e argumentam que os padres abusadores apenas serão mais cuidadosos, no futuro, para não chamar atenção. “Eu não vejo como essa liderança pode ter capacidade moral ou humana para conseguir lidar com essa crise”, disse Demarest. E casos recentes têm aparecido: em janeiro de 2002, a polícia de Haverhill, Massachusetts, prendeu o Padre Kelvin E. Iguabita, de 33 anos, ordenado em 1999, sob a acusação de estuprar duas vezes uma garota de 15 anos na casa paroquial. Apesar de tudo, Plazewski é um dos otimistas, aqueles que acreditam que a Igreja agora está pagando o preço pelos erros do passado, mas que as coisas melhoraram. “A boa notícia é que esses casos [de abuso] com que lidamos agora vêm de uma época em que o sistema dos seminários não era como é hoje”, ele disse. “Um grande esforço foi feito, e esse esforço vai dar frutos.”

A luta pela mudança

Os 12 cardeais dos EUA que se reuniram na Sala Bologna do Vaticano, na primavera de 2002, eram um grupo com características inusitadas – homens celibatários, com idade média de 72 anos, dois dos quais estavam eles mesmos sob o fogo por causa do seu fracasso em exonerar padres acusados de abusar sexualmente de menores. Mas eles eram os príncipes da Igreja, homens cuja lealdade à instituição e sua fé lhes tinha valido as mitras vermelhas que simbolizavam sua condição e influência; homens que agora recebiam a missão de corrigir o curso de uma religião torturada por um escândalo tão grande que até o Cardeal Law, o homem no olho do furacão, disse aos fiéis que estava “abalando a missão da Igreja Católica”.

No mesmo dia, no final de abril, em que os cardeais chegaram à Cidade do Vaticano para um jantar pré-cúpula, outra reunião acontecia a seis mil quilômetros de distância, em Wellesley, subúrbio nobre de Boston. Ali, também, um grupo de católicos cuja vida tinha sido abalada pela crise do abuso sexual se reunia para falar do que poderiam fazer para ajudar a resolver o problema. Mas em vez de se reunirem nos salões luxuosos do Palácio Apostólico no Vaticano, esses católicos se reuniam no subsolo de uma escola da igreja, onde, toda noite de segunda-feira, eles afastavam as mesas do refeitório para abrir espaço para um grupo cada vez maior de leigos decepcionados. Esses fiéis do subúrbio, muitos dos quais eram egressos de escolas e faculdades católicas, tinham permanecido com o catolicismo por toda sua vida, apesar de discordarem de uma variedade de ensinamentos, colocando seu dinheiro nas cestas de doação, dando seu tempo aos comitês da paróquia e matriculando seus filhos nas escolas da igreja. Mas agora estavam sentados em cadeiras dobráveis sobre o chão de linóleo da Escola S. João Evangelista, ao lado de uma parede de concreto com letras de papel que formavam seu lema. De um lado da grande cruz,

as letras formavam as palavras MANTENHA A FÉ. Do outro lado da cruz, as letras diziam MUDE A IGREJA.

Nunca, desde os dias incertos do início da década de 1960, quando o Papa João XXIII convocou os bispos do mundo a Roma para o Concílio Vaticano II, o futuro do catolicismo pareceu mais incerto.

A crise que começou com a história de um padre pedófilo abriu uma Caixa de Pandora de mágoas acalentadas por católicos há décadas: homossexualismo, o papel das mulheres, a natureza da autoridade. Debates que há muito ocorriam às margens da vida na Igreja de repente tomavam o centro do palco. Homens casados, ou mulheres, deveriam ser ordenados sacerdotes? Os leigos deveriam desempenhar um papel maior na hierarquia da Igreja, incluindo a seleção de bispos e a indicação de padres? Os católicos americanos se debatiam para entender o que, em sua Igreja, tinha possibilitado que mais de mil e quinhentos padres molestassem menores e feito com que numerosos bispos transferissem padres problemáticos de paróquia em paróquia em vez de exonerá-los ou entregá-los aos promotores.

Alguns católicos começaram a prever uma onda de mudanças semelhante à que foi iniciada pela Reforma Protestante do século dezesseis, quando a incapacidade da Igreja em controlar a corrupção do clero criou uma abertura para Martinho Lutero lançar uma grande crítica teológica que acabou dividindo o cristianismo ocidental em catolicismo e protestantismo. Outros especulavam sobre algum tipo de cisma geográfico, no qual os católicos dos EUA se separariam de Roma. Nenhuma dessas possibilidades recebia muito crédito dos teólogos, mas até o Papa João Paulo II reconhecia que o catolicismo poderia ser mudado para sempre pelos eventos de 2002. “Nós devemos ter confiança que esta época de prova trará a purificação de toda a comunidade católica”, disse ele aos cardeais americanos que o visitavam em sua suntuosa biblioteca particular. “Uma purificação que é urgentemente necessária, se a Igreja quer pregar com maior eficácia o Evangelho de Jesus Cristo com toda sua força libertadora.”

A primeira grande chamada às armas foi feita por Mary Jo Bane, professor de políticas públicas na Escola de Administração Pública John F. Kennedy da Universidade de Harvard e membro do conselho paroquial em

sua igreja local, St. William, em Dorchester, bairro de Boston. Bane sabia o que era se manifestar – ela tinha atraído a atenção de todo país ao se demitir de seu emprego como funcionária de alto escalão no governo Clinton para protestar contra o apoio do presidente a uma reforma na previdência social que ela via como injusta com os pobres. Mas antes disso ela se baseou em seus princípios sociais católicos para impulsionar sua extensa carreira como defensora e administradora do serviço social; agora ela se baseava nas lições aprendidas na arena secular para conseguir questionar sua própria Igreja. “Eu não vou mais dar dinheiro para a arquidiocese até que sejam tomadas medidas para reparar defeitos estruturais e culturais que criaram a crise atual”, declarou Bane em um artigo. “Eu encorajo meus companheiros católicos a fazerem o mesmo. Talvez assim o cardeal prestará atenção naqueles de nós que amam a Igreja, que lamentam pelo que aconteceu com ela, mas que têm esperança no que ela pode se tornar.”

Para muitos católicos, a aparente complacência para com os padres que tinham molestado menores contrastava extremamente com o modo como eles próprios foram tratados quando crianças, ameaçados com danação eterna por quaisquer pecadinhos. “Eu me lembro de como era nos anos 1950, quando você podia queimar no inferno por pecados como comer carne na sexta-feira, não usar chapéu ou véu na igreja ou tomar café da manhã antes da comunhão”, disse um leigo católico, Victor Conlogue. “Como ninguém diz que Geoghan vai para o inferno?”

Pior ainda, muitos enxergavam evidências de uma hipocrisia assombrosa. A Igreja que continuava pagando os salários dos padres que estupravam crianças era a mesma que cortava os benefícios de padres que casassem com mulheres adultas. Uma Igreja que em muitos casos não conseguia expulsar padres que tocavam os genitais de garotinhos, violando seus corpos e suas almas, mas que em 2000 exonerou e despejou Jeannette Normandin, a freira batizante de 72 anos que tocou com água a fronte de um bebê. “Eu não consigo imaginar o que passa na cabeça de um cardeal que deixa padres que transformam vinho e pão na Eucaristia, usarem essas mesmas mãos para molestar crianças”, disse uma leiga de 67 anos, Mary Leveck, de San Antonio. “É pecaminoso que cardeais e bispos tenham tentado abafar tudo isso.”

Para muitos, o escândalo de abuso sexual por clérigos foi a gota d'água em sua relação com a hierarquia da Igreja, uma relação que vinha se deteriorando há várias gerações, enquanto os católicos dos EUA lutavam para equilibrar seus valores americanos de democracia e igualdade com sua compreensão católica de autoridade e clericalismo. Milhares tinham simplesmente abandonado a Igreja – em alguns casos buscando outras denominações; e muitas vezes procurando uma vida espiritual exilada, ainda culturalmente católica, mas sem disposição ou capacidade para participarem da vida de uma Igreja cuja política abominavam. Aqueles que formaram organizações para pedir mudanças foram categorizados pelos líderes da Igreja como periféricos, não convencionais e até não católicos. Em Boston, por exemplo, Law proibiu a Igreja das Mulheres de Massachusetts, um grupo que defendia a ordenação de mulheres, de se reunir em propriedades da Igreja – apesar do fato de que as pesquisas mostram, consistentemente, que uma maioria considerável dos católicos dos EUA apoia a ordenação de mulheres e o fim do celibato obrigatório para padres.

Muitos eruditos defendem que a autoridade moral da Igreja começou a ser abalada seriamente em 1968, quando o Papa Paulo VI, na encíclica *Humanae Vitae*, reafirmou a oposição da Igreja ao uso de métodos anticoncepcionais artificiais. Esse ensinamento tem sido amplamente ignorado, e alguns defendem que isso abriu a porta para que os católicos rejeitem outros ensinamentos da Igreja, especialmente em questões sexuais, sem abandonarem sua fé. A erosão da autoridade católica foi auxiliada também por fatores sociológicos; muitos americanos, independente da fé, dispensavam menos respeito a instituições e estavam, cada vez mais, dispostos a definir seus próprios valores sexuais. Em pesquisa após pesquisa, a maioria dos católicos reconhece que simplesmente não pode concordar com a Igreja em questões como controle de natalidade, divórcio, sexo antes do casamento e homossexualidade, e muitos dizem que também não concordam com relação ao aborto. Essas discordâncias levam a um tipo de dissonância cognitiva religiosa, pela qual os católicos rejeitam e ignoram os ensinamentos da Igreja em questões de ética sexual enquanto adotam a articulação básica da fé cristã católica e suas ricas práticas litúrgicas.

Os católicos americanos, é claro, fazem parte da sociedade americana mais ampla, que prospera na divergência, na qual os críticos de corporações exigem mudanças através dos acionistas e da pressão pública, e os críticos do governo forçam mudanças através do voto. Nesse contexto, a metáfora de bispos como pastores e as pessoas como ovelhas torna-se cada vez mais sem sentido. E o momento não poderia ter sido melhor para uma transformação liderada pelos leigos. Os católicos, que já foram em grande parte um grupo de imigrantes nos Estados Unidos, têm agora uma educação mais aprimorada e são mais ricos do que nunca; como resultado, eles têm cada vez mais confiança em sua capacidade de exigir na sua Igreja os mesmos papéis responsáveis que detêm em outras instituições cívicas. O Vaticano II, uma reunião dos bispos de todo o mundo de 1962 a 1965, lançou uma era de reformas na Igreja, notoriamente simbolizada pelas decisões de permitir o culto nas línguas nacionais em vez do latim e que os padres pudessem olhar para os fiéis durante a oração, em vez de terem que encarar o altar na parede dos fundos do santuário. Ao longo das várias décadas seguintes, conforme o número de padres e freiras diminuía, os leigos assumiram papéis cada vez mais importantes na Igreja, com frequência supervisionando e administrando escolas paroquiais, escolas católicas e programas sociais, além de comporem corpos docentes de teologia. Um sinal da crescente importância dos leigos na Igreja veio em 2001, quando a Universidade Georgetown, a universidade católica mais antiga dos EUA, escolheu John J. DeGioia como seu quadragésimo-oitavo presidente, o primeiro leigo a comandar a venerável escola fundada em 1789 por um arcebispo católico, John Carroll.

Não apenas as conquistas educacionais católicas vêm crescendo, como uma minoria crescente de católicos leigos está cada vez mais conhecedora dos fundamentos de sua própria fé. Em Boston, o Seminário St. John usa salas de aulas, feitas para padres, para ensinar teologia e ministério a leigos. Muitos tiveram esperança na promessa do Vaticano II de que o *sensus fidelium*, o juízo dos fiéis, deveria ser ouvido. “O santo povo de Deus também compartilha do ofício profético de Cristo”, declara a *Lumen Gentium*, a constituição dogmática da Igreja. “... O inteiro corpo de fiéis, ungidos como são por Nosso Senhor, não pode errar em questões de fé.” Isso pareceu claro para os católicos nas igrejas, embora não para os cardeais reunidos no Vaticano.

Qualquer dúvida de que o clamor por reformas tinha encontrado ressonância entre os leigos foi apagada em 9 de março de 2002, o dia da convocação anual do Cardeal Law, a reunião de milhares de líderes leigos de toda a arquidiocese no World Trade Center², no Porto de Boston.

Muitos católicos estavam céticos quanto ao encontro, realizado sob forte esquema de segurança, porque os participantes tinham sido escolhidos a dedo pelos padres das paróquias. “A convocação do Cardeal Law para 9 de março vai ser um encontro para ele escutar, como apregoado, ou será uma manifestação de apoio ao cardeal?”, perguntava-se uma leiga, Helene O’Brien, de Acton, subúrbio de Boston. Mas em uma mostra de como o abuso sexual de menores por padres tinha mexido com os católicos locais, muitos dos principais líderes leigos da Igreja disseram para Law, diretamente, que queriam reformas profundas na estrutura da Igreja. A arquidiocese não permitiu que jornalistas participassem das seis sessões de “escuta”, mas aqueles que participaram depois disseram que Law parecia abismado com a raiva que foi direcionada a ele – em comentários posteriores, o cardeal reconheceu pela primeira vez que muitos católicos se sentiam traídos por ele. Alguns leigos usavam fitas cor de lavanda para mostrar sua dor pelo sofrimento vivido pelas vítimas dos abusos sexuais. Outros usaram bótons brancos com a frase “Solidariedade ao nosso Padre”, em um esforço para demonstrar a preocupação disseminada entre os paroquianos quanto ao impacto psicológico do escândalo de abuso sexual em padres que não eram abusadores. Um grupo de mulheres de Wellesley estava vestido de vermelho, que diziam representar a penitência que faziam pela conduta de sua Igreja. “Temos um rebanho bastante revoltado hoje, aqui”, disse nesse dia Paul A. Baier, de Wellesley. “E este é o núcleo da Igreja. Estes são três mil fiéis de verdade, que estão dispostos a abrir mão de um sábado, e se cerca de 50% a 80% deles estão furiosos, nós temos um problema.”

De repente, membros dos conselhos paroquiais e professores de educação religiosa estavam dando voz a preocupações antes associadas apenas a grupos ativistas, como o Call to Action, FutureChurch e a Associação para os Direitos dos Católicos na Igreja. “Nós precisamos mudar toda a estrutura de poder da Igreja”, disse Bonnie Ciambotti, ministra eucarística e professora de educação religiosa de Newton, um

subúrbio nobre a oeste de Boston. “Nós precisamos de mais mulheres. O poder e a dominância masculina e o sigilo estão na origem dessa coisa toda.”

“De uma maneira estranha, essa situação toda de fato fortaleceu o povo católico e os padres ao nível paroquial”, disse Patricia Casey, membro do conselho paroquial de sua igreja, St. Ignatius Loyola, em Newton. “Eu acho que de certa forma nós ultrapassamos uma linha, e não acredito que iremos recuar. As pessoas vão perguntar quando nos reunirmos no ano que vem: ‘O que mudou na Igreja por causa disto?’ Essa é a pergunta hoje.” Outra participante, Jane Audrey-Neuhauser, disse: “O que é significativo nesse clamor por renovação e reforma é que ele não vem de um grupo dissidente, de fora da instituição católica; ele vem dos líderes, trabalhadores e padres de dentro das paróquias da arquidiocese”.

Entre as propostas mais radicais que emergiram nas sessões estavam os pedidos de um Concílio Vaticano III e a sugestão de que um bispo cooperador fosse indicado para Boston, para administrar a arquidiocese enquanto Law deveria se dedicar em tempo integral a proteger as crianças. Um orador disse que a Igreja precisava realizar mudanças importantes para evitar outra Reforma. “O que ficou claro é que este é um grupo de pessoas muito articulado, bem instruído e profundamente emocionado que veio para dizer a verdade”, disse o Padre Robert J. Bowers, pároco de St. Catherine of Siena, em Charlestown, bairro de Boston. “Você está vendo lealdade em sua melhor forma. Essas pessoas vão transformar a Igreja, através do amor, em outra coisa, em um novo nascimento.”

Law disse ter recebido a mensagem. “Eu os ouvi pedir, com paixão e oração, uma maior abertura na Igreja... [e] eu ouvi o clamor por um envolvimento maior e mais significativo dos leigos na vida da Igreja, e especificamente de mulheres na vida da Igreja”, disse ele. “Eu não tenho hoje as respostas para todas as coisas que ouvi aqui... Eu ouvi muito. E eu preciso, e quero... realmente assimilar de fato o que vocês propuseram.” Mas um mês depois, enquanto traçava seus objetivos para a reunião em Roma, Law não mencionou a palavra *mulheres*, e assim que a reunião terminou, ele ordenou a repressão à organização leiga mais convencional que surgiu da crise, a proposta de uma associação de conselhos paroquiais, que Law receava que podia ser divisionista.

O Dr. James E. Muller ainda conseguia lembrar dos cantos gregorianos ecoando atrás das cortinas pretas no monastério carmelita de sua infância em Indiana, quando atuava como coroinha nas missas que seu tio rezava. Em sua mente, podia ver o tio Paul, padre de uma grande paróquia de Indianapolis, e sua tia Lea, uma irmã de caridade que atuava como vice-presidente da Faculdade Monte São José, em Ohio. Ele podia ouvir seus professores católicos na escola fundamental Joana d'Arc e na Escola Catedral, de ensino médio, em Indianapolis; na Universidade de Notre Dame, que ele, seus irmãos, pai e tios frequentaram, e para onde mais tarde ele enviaria seu filho; e a Universidade Georgetown, onde fez a pós-graduação. Sabia citar *Pacem in Terris*, a encíclica de 1963 sobre paz, do Papa João XXIII, e os escritos de Thomas Merton, que juntos, inspiraram Muller a ser um dos fundadores da organização Médicos para Prevenção da Guerra Nuclear, em 1980, pela qual dividiu um Prêmio Nobel da Paz que recebeu em 1985. E ele podia lembrar da vergonha repentina que sentiu de sua fé em janeiro de 2002; de como queria destruir a placa de vidro que tinha ganhado por celebrar os valores católicos; de como pela primeira vez que se lembravam, ele e a mulher tinham faltado deliberadamente à missa, enquanto se perguntavam se algum dia conseguiriam voltar. Ele considerou abandonar a Igreja. Mas decidiu ficar e lutar a partir de dentro dela.

Agora, no subsolo daquela escola paroquial em S. João Evangelista, Muller, com 59 anos, um cardiologista renomado no corpo docente da Escola de Medicina de Harvard e na equipe clínica do Hospital Geral de Massachusetts, liderava um movimento que parecia estar se espalhando como um incêndio. As reuniões da Voz do Fiel ficavam lotadas com centenas de católicos tradicionais, e seu site hospedava ferozes debates em fóruns empolgados e recebia visitas de todos os lugares do planeta, inclusive da Cidade do Vaticano. Em apenas três meses de existência o grupo atraiu o apoio de 6.800 pessoas de toda a Arquidiocese de Boston e de 22 países em todo o mundo.

Em seus momentos mais grandiosos, Muller sonhou com mudanças sem precedentes. “Estamos testemunhando uma conflagração da hierarquia da Igreja Católica em nível mundial”, disse ele. “Uma floresta densa e envelhecida, com sombras escuras e muitas árvores moribundas está nos estágios finais do incêndio. Das cinzas, em poucos meses, nova

vida surgirá, verde e frágil sobre o cinza. Um pouco mais tarde irá surgir uma paisagem plena, calorosa e viva – uma Igreja Católica enriquecida pela Voz do Fiel, uma Igreja peregrina que avançará de novo, após séculos de escuridão.” O sonho dele parecia inimaginável, de tão ambicioso: ele queria recrutar metade dos católicos do mundo, 500 milhões de pessoas, em um congresso internacional de leigos, com divisões em todas as paróquias, que debateria políticas e então representaria as posições dos fiéis quanto ao formato de sua futura Igreja. Muller buscou inspiração na existência de instituições semelhantes, embora menores, em denominações protestantes e judaicas, e insistiu que existiam paralelos no movimento pela paz. “Em 1980, os governos falavam sobre vencer uma guerra nuclear, e as pessoas não tinham voz, então nós tentamos encontrar a voz das pessoas contra as armas nucleares, e eu acredito que isso mudou o clima de confrontação”, ele disse. “Agora nós temos um bilhão de leigos católicos que não têm voz contra essa burocracia, então estamos tentando criar uma estrutura em que um quinto da humanidade possa ter uma voz.”

O progresso foi cuidadoso. O grupo passou três semanas tentando criar uma declaração de missão. Eles buscaram encontrar um consenso para uma declaração pedindo a renúncia de Law, mas desistiram quando nove pessoas se opuseram. Em cada reunião, um punhado de participantes se opunha a todas as ações. E cada vez que alguém propunha uma ação secular, como algum tipo de boicote financeiro aos fundos da Igreja, outra pessoa se levantava e propunha que rezassem o rosário ou fizessem um dia de jejum. Muller estava esperançoso, mas também era realista. “O cenário que me causa pesadelos é a Igreja encobrir o problema do abuso sexual pelos clérigos e deixar intacta uma estrutura de poder que favoreça o abuso”, disse ele. “É por isso que estamos nos movendo com tanta rapidez, que agora estejamos nos reunindo quatro vezes por semana. Porque sabemos que temos que aproveitar o momento.”

* * *

Enquanto os leigos acordavam de um sono longo e agitado, o mesmo acontecia com os padres. A princípio, muitos ficaram chocados, envergonhados, receosos e furiosos. Robert J. Carr, vigário paroquial da Catedral da Santa Cruz em Boston, onde Law rezava a missa sempre que

estava na cidade, relatou ouvir assobios de pedreiros enquanto caminhava de volta para sua casa paroquial após celebrar a missa para os prisioneiros na Cadeia da Rua Nashua. O Padre Robert Bowers, de Charlestown, lembrou-se de uma festa de Halloween em que alguém apareceu fantasiado de padre pedófilo. “Agora, quando você olha para o público, passa pela sua cabeça: ‘O que eles pensam de mim?’”, disse o Monsenhor Peter V. Conley, pároco da Igreja St. Jude em Norfolk, subúrbio a sudoeste de Boston. “Eu conheço um padre que estava do lado de fora de sua casa paroquial quando um carro diminuiu a marcha e um sujeito gritou: ‘Ei, pedófilo!’”. Ele ficou mal por dias.”

Mas não demorou para que alguns padres começassem a perceber uma sensação nova de poder. Na medida em que o Cardeal Law perdia influência, eles ganhavam. Pesquisas feitas em fevereiro e abril mostravam que mesmo que a popularidade de Law estivesse despencando, a dos padres das paróquias estava nas alturas – e muitos padres responderam à altura, demonstrando muito mais simpatia por seus paroquianos do que por seu próprio bispo. Diversos padres perceberam que Law, conhecido por remover sumariamente de suas paróquias padres que tivessem cometido o menor erro, não podia mais ser tão autoritário. O próprio cardeal começou a resmungar algo a respeito de tentar melhorar as relações com seus “irmãos padres”.

E os padres começaram a se organizar. Alguns deles já tinham começado um pequeno grupo de apoio para falar de esgotamento e solidão, e esse grupo seria a semente de uma organização muito maior, depois chamada de Fórum dos Padres, que prometia fornecer voz aos padres que se sentiam esquecidos por seus líderes. Eles trouxeram os principais pensadores sobre o estado do sacerdócio, incluindo o Padre Richard P. McBrien, um teólogo da Universidade de Notre Dame, e o Padre Donald B. Cozzens, autor do livro *A Face Mutante do Sacerdócio*. Eles antecipavam a discussão de temas espinhosos: talvez sugerir que Law parasse de viajar tanto para se concentrar nas necessidades de Boston, ou encorajá-lo a desistir da prática de transferir padres cuja pregação ou estilo tivessem ofendido os conservadores da Igreja. Alguns queriam ir até mais longe e falar de celibato. “Nós precisamos conversar sobre tudo isso e discutir as ramificações teológicas”, disse Padre Paul E. Kilroy, da igreja St. Bernard, em Newton. “Nós não estamos tentando fazer um carnaval

com cada questão, mas precisamos encontrar um modo de criar um ministério em que o esgotamento não seja o prato do dia.”

Mas assim como nas organizações de leigos, conseguir o consenso em qualquer coisa se mostrou difícil. Alguns padres queriam que seu grupo pedisse a renúncia de Law, mas outros apresentavam argumentos contrários, citando a obrigação dos padres de serem fiéis ao seu bispo. “Nós queremos que o fórum tenha um início positivo, com o máximo de padres que conseguirmos”, explicou um dos líderes do grupo, Padre Walter H. Cuenin, da Nossa Senhora Auxiliadora dos Cristãos, em Newton. Apesar de tudo, os funcionários da chancelaria estavam ficando evidentemente nervosos. Em meados de abril, os bispos auxiliares de Law começaram a convocar os oito líderes do Fórum dos Padres para conversas que alguns descreveram como advertências. Alguns padres esperavam que Law acabasse tentando banir o grupo; outros começaram a falar em se sindicalizar. “As coisas nunca mais vão ser como eram”, disse o Padre Robert W. Bullock, de 72 anos, da Igreja Nossa Senhora das Dores, enquanto estava sentado na sala de estar da casa paroquial em frente à igreja de tábuas brancas em Sharon, Massachusetts, ao sul de Boston. “Nós vamos passar por um mar de mudanças.”

Uma mudança parecia certa como resultado da crise de abuso sexual pelo clero: nunca mais a Igreja Católica nos Estados Unidos permitiria, de forma consciente, que um padre criminoso sexual tivesse acesso a crianças. Por todo o país, os bispos enxotavam das igrejas os padres que já tivessem sido acusados de má conduta. Numerosos bispos, incluindo o Cardeal Law, começaram, voluntariamente, a entregar aos promotores os nomes de dezenas de padres acusados de abuso. Em muitos estados essa medida já era obrigatória; em outros, incluindo Massachusetts e Colorado, estava para se tornar. A Conferência dos Bispos Católicos dos EUA concordou em dedicar sua reunião de junho de 2002, em Dallas, à questão do abuso sexual pelo clero e estava pronta, pela primeira vez, para aprovar regras obrigatórias para todas as 194 dioceses dos Estados Unidos, uma medida que a conferência dos bispos hesitava em tomar há quase duas décadas. As novas exigências provavelmente insistiriam que os padres que abusam sexualmente de menores sejam removidos do ministério e reportados aos promotores, que as dioceses atendam as vítimas, e que os

trabalhadores da Igreja sejam treinados para reconhecer e relatar indícios de que uma criança pudesse ter sido agredida.

Mas os reformistas queriam muito mais. Muitos argumentavam que a forma como a hierarquia lidou com os padres abusadores revelou problemas sistêmicos na sua Igreja. “Não é só o cardeal; é o modo como operamos”, disse Bullock. “Existem problemas estruturais. O que fez com que nós, padres, sejamos tão fracos, tão indispostos a assumir riscos? A falar quando algo terrível está acontecendo, sem tentar encobrir? A chamar as coisas pelo devido nome? A liderança não protegeu as crianças, e nós não protegemos as crianças.”

Para alguns, a resposta parecia óbvia: o sacerdócio, exclusivamente masculino e celibatário, atrai, cria ou dá poder a homens que não se sentem à vontade com sua própria sexualidade, e uma fração desses homens manifestou seu mau desenvolvimento sexual de maneiras inadequadas. Muitos começaram a perguntar, se existissem mulheres sacerdotes, elas não teriam agido com mais rapidez para proteger as crianças? Tais perguntas fervilhavam na superfície há anos, mas agora os leigos se sentiam à vontade para participar do debate. Muitos lembravam que o celibato, embora valorizado desde os primeiros dias do cristianismo, e tornado obrigatório no século quatro, só foi imposto em larga escala a partir do século doze. Os defensores do celibato o descrevem como uma dádiva, um carisma, um testemunho à santidade. Mas os críticos observam que o celibato foi criado para evitar o problema de as propriedades da Igreja serem passadas do padre para seus filhos. Eles também apontam que, hoje, homens casados podem ser ordenados como sacerdotes católicos orientais, e que até mesmo existe um punhado de homens casados servindo como padres católicos romanos – aqueles que foram ordenados padres pela Igreja Anglicana, mas depois escolheram entrar para a Igreja Católica.

“A questão no centro de tudo isso é a reforma do sacerdócio”, disse Tom O’Neill. “Se o cardeal está querendo um papel no futuro, ele deveria ir até Sua Santidade e assumir a liderança na reforma do sacerdócio. Se ele não fornecer o tipo de liderança necessária, nunca mais reconquistará o apoio dos fiéis e não será perdoado por seus erros.”

Numerosos estudiosos já argumentaram que o celibato é o principal motivo para a queda no número de padres nos Estados Unidos, embora existam também, é claro, fatores sociológicos. Nas décadas posteriores ao

Concílio Vaticano II, milhares de homens abandonaram o sacerdócio, a maior parte para casar com mulheres. O número de padres nos Estados Unidos caiu 23%, de 58.632, em 1965, para 45.191, em 2001, de acordo com o Centro para Pesquisa Aplicada do Apostolado, da Universidade Georgetown. Esse centro de pesquisas encontrou outros sinais de problema: o número de paróquias sem padre disparou, de 549 para 3.151 no mesmo período, e a média de idade dos padres estava subindo, de modo que a idade média de um padre era de 59, em 1999, e 24% de todos os sacerdotes diocesanos tinham mais de 70. O sociólogo Dean Hoge, da Universidade Católica da América, que estudou extensamente o sacerdócio, descobriu que a insatisfação com o celibato era a principal razão pela qual os padres desistiam durante seus primeiros cinco anos, e previu que o número de seminaristas quadruplicaria se o celibato fosse tornado opcional.

Alguns líderes da Igreja começaram a questionar abertamente o celibato obrigatório. Embora a Igreja insista que a ordenação de mulheres seja teologicamente impossível, porque Jesus não chamou nenhuma mulher como discípula, a proibição de padres católicos romanos casados não é doutrinal e poderia ser mudada se um Papa estivesse disposto. “Não tenho problemas com o fim do celibato”, disse o Arcebispo Keith O’Brien, presidente da Conferência dos Bispos Escoceses. “Não existe problema teológico com seu fim. A perda do celibato daria liberdade aos padres para que exercessem o dom divino do amor e sexo, em vez de sentirem que devem ser celibatários por toda a vida.” Quando questionado em uma coletiva de imprensa sobre a discussão do celibato sacerdotal, o Cardeal Roger M. Mahony, de Los Angeles, disse: “Eu penso que todas essas questões estão abertas”. E o Bispo William S. Skylstad, de Spokane, o vice-presidente da Conferência dos Bispos Católicos dos EUA, disse que celibato “não é uma questão doutrinal, é disciplina”. “Eu acredito que tem um grande mérito, mas não é uma questão encerrada.”

Mas depois que o Cardeal J. Francis Stafford, presidente do Conselho Pontifício do Vaticano para os Leigos, disse ao *The New York Times* que esperava discutir o celibato na reunião de cardeais americanos em Roma, o Papa rapidamente derrubou essa possibilidade. “O valor do celibato como uma dádiva completa da pessoa ao Senhor e à sua Igreja deve ser

cuidadosamente preservado”, disse a um grupo de bispos nigerianos em visita.

O próprio Papa João Paulo II era um proponente declarado do papel importante dos leigos na mudança da Igreja. “A renovação da Igreja na América não será possível sem uma presença ativa dos leigos”, disse ele na exortação apostólica *Ecclesia in America*, de 1999. “Portanto, eles são amplamente responsáveis pelo futuro da Igreja.” Apesar disso, os obstáculos à mudança na Igreja Católica são imensos.

Com a mesma rapidez com que os progressistas e os centristas exigem mudança profunda, os tradicionalistas exigem um retorno à ortodoxia. Onde os progressistas pedem reforma – a ordenação de mulheres e de homens casados, um aumento no papel dos leigos em decisões como a seleção dos bispos –, os conservadores pedem restauração: uma ênfase renovada no celibato, a proibição de homens gays nos seminários e mais ensinamentos tradicionais na formação dos padres. “As pessoas na extrema esquerda e na extrema direita recebem as más notícias para a Igreja como boas notícias para elas, porque a esquerda pode sorrir e dizer: ‘Eu lhe disse – vocês não fizeram reformas suficientes’, enquanto a direita pode dizer: ‘Nós fizemos reformas demais, vamos voltar para o tempo pré-Vaticano II’”, disse William Donohue, da Liga Católica para Direitos Religiosos e Civis. “As pessoas da esquerda têm uma coceira por reformas com relação à totalidade dos ensinamentos de ética sexual da Igreja e vão aproveitar este momento. E à direita, muita gente tem argumentado, há muito tempo, que a Igreja amoleceu e não tem coragem de defender suas convicções.”

Alguns católicos tentam desacreditar as vozes divergentes. Reclamam quando clérigos progressistas, como o Padre Richard McBrien, são citados na televisão ou nos jornais; contestam os resultados de pesquisas que incluem opiniões de pessoas que vão à missa menos de uma vez por semana, embora a própria igreja considere essas pessoas como católicas. Alguns católicos tradicionalistas questionaram líderes da Voz do Fiel quanto à sua posição em assuntos como controle de natalidade, dizendo que esses líderes só poderiam ser católicos se concordassem com todos os ensinamentos da Igreja; outros publicaram mensagens em fóruns eletrônicos sugerindo que os fiéis descontentes deveriam simplesmente se

tornar protestantes. Comentaristas católicos como William J. Bennett, William F. Buckley Jr e Patrick J. Buchanan articularam as preocupações dos conservadores em colunas de jornais. “O que a Igreja precisa, para restaurar sua autoridade moral, é se posicionar contra a confusão moral da modernidade, e não a adotá-la”, escreveu Buchanan. “Pois a confusão é o caminho da ruína total.” O conselho editorial do *The Wall Street Journal*, famoso por seu conservadorismo, alertou que “não vamos nos juntar àqueles cuja verdadeira missão é esmagar e humilhar a Igreja”. E Ronald P. McArthur, presidente emérito da Faculdade Tomás de Aquino, uma instituição católica conservadora na Califórnia, argumentou que “tem havido uma tentativa dos chamados teólogos, liturgistas e líderes dentro da Igreja de literalmente parir outra religião, e isso tem tido repercussões nos seminários e na vida geral da Igreja. O que está acontecendo agora, ainda que não previsível, é no mínimo compatível com a fuga da ortodoxia.”

Então, é claro, há o perigo da apatia. Ainda que o escândalo de abuso sexual pelo clero tenha provocado uma inundação de e-mails furiosos e um surto de participação na Voz do Fiel, manifestações de rua e abaixo-assinados em Boston conseguiram, no máximo, algumas poucas centenas de participantes, um número minúsculo em uma arquidiocese com mais de dois milhões de católicos. Muitos estudiosos e ativistas sugeriram que, talvez, a única forma de os leigos exercerem seu poder seria retendo suas contribuições, mas um consenso sobre algum tipo de boicote financeiro pareceu difícil de se conseguir, porque muitos se mostraram preocupados em prejudicar os pobres que se beneficiam dos ministérios da Igreja. “Os americanos têm uma memória curta – eles ficam bravos com uma coisa ou outra, mas assim que a poeira baixa, eles seguem em frente”, disse Lisa Sowle Cahill, teóloga da Boston College. “Será que as estruturas mais básicas da Igreja vão conseguir manter o ímpeto, mesmo com um novo arcebispo ou cardeal? Essa é a verdadeira questão.”

Apesar de todos os tipos de mudanças que ocorreram na sociedade e na Igreja ao longo as últimas décadas, a Igreja Católica continua a ser a mais hierárquica das principais tradições religiosas do mundo, e o Papa João Paulo II, ao longo dos seus 24 anos de pontificado, indicou centenas de bispos e cardeais que compartilham seus pontos de vista tradicionalistas – às vezes chamados de restauradores. Não é de surpreender que o Vaticano

não tenha manifestado interesse em uma reforma ampla como resposta à crise do abuso sexual por clérigos. “Roma não pode estar aberta à mudança da fé”, disse o Cardeal Stafford ao *The New York Times*. “Essa é uma dádiva de Deus, e Roma não tem poder para fazer mudanças nisso. O poder do Papa ou dos bispos é muito restrito. Temos que ser humildes para admitir isso.”

O Vaticano também estava muito consciente de que a energia americana para mudanças não era universal. Os mais de 60 milhões de católicos nos Estados Unidos constituem um segmento vibrante e rico da igreja, mas são apenas 6% dos católicos em todo o mundo, e muitas autoridades da Cúria acreditavam que o desejo de mudança era mais um reflexo do americanismo do que do catolicismo. Embora os incidentes do abuso sexual por clérigos tenham sido noticiados em todo mundo, o escândalo foi, evidentemente, mais intenso nos Estados Unidos; no mundo em desenvolvimento, onde a Igreja enxerga seu futuro, muitos católicos estavam mais preocupados com questões de sobrevivência no dia a dia. Na primeira coletiva de imprensa sobre abuso sexual por clérigos do Vaticano, um cardeal da Cúria, Darío Castrillón Hoyos, da Colômbia, notou o fato de que a maioria das perguntas era feita em inglês, e chamou isso de “um raio-x do problema”.

Mesmo nos Estados Unidos, alguns bispos, embora declarando interesse em transparência, voltaram às origens. Em Dallas, onde a diocese foi aclamada como um modelo de proteção às crianças, o Bispo Charles V. Grahmann proibiu os padres de falar com a imprensa sem a permissão dele. Em Boston, o Cardeal Law declarou que “nós agora percebemos, tanto dentro da Igreja quanto na sociedade em geral, que sigilo com frequência inibe a conciliação e coloca os outros em risco”, mas sua porta-voz, Donna M. Morrissey, parou de retornar os telefonemas de jornalistas e se contentou em deixar que as novas notícias aparecessem sem comentários da arquidiocese. Law também afirmou, repetidas vezes, sua preocupação com as vítimas, mas depois permitiu que seus advogados apresentassem um documento legal afirmando que a negligência de um menino de 6 anos e dos pais dele contribuíram para o abuso do garoto pelo Padre Paul R. Shanley.

E, em uma medida que enfureceu muita gente em Boston, na noite em que terminou a reunião dos cardeais em Roma, Law telefonou para seu

vigário-geral, o Bispo Walter J. Edyvean, e lhe ordenou que enviasse um fax a todos os padres proibindo-os de auxiliar a criação de uma associação de conselhos paroquiais, declarando aos clérigos: “Vocês não devem participar, encorajar ou promover essa iniciativa”.

“Embora todos os fiéis cristãos possuam ‘uma verdadeira igualdade com relação a dignidade e ação... de acordo com a condição e função de cada um’”, escreveu Edyvean, citando a lei canônica, “essa igualdade é vivida dentro da estrutura hierárquica da Igreja. Nessa estrutura, bispos, padres e diáconos desempenham um papel especial nas funções de ensinar, santificar e governar.”

Quando a crise do abuso sexual por clérigos forçou o Papa João Paulo II a convocar todos os cardeais americanos a Roma em abril, o pontífice outrora vigoroso era um homem frágil, aproximando-se do seu aniversário de 82 anos. Ele tinha sobrevivido a uma tentativa de assassinato em 1981 e a problemas crônicos nas articulações após a cirurgia de quadril em 1994, mas agora estava fisicamente desgastado e com a fala arrastada, resultado da doença de Parkinson.

Esse Papa, o sexto de mais longa atuação dentre todos, era amado como líder espiritual e símbolo de santidade, famoso por seu firme anticomunismo e seus esforços sem precedentes nas relações inter-religiosas e ecumênicas. Mas suas posições quanto às questões internas da Igreja eram muito mais polêmicas, porque ele era visto como fechado para o debate sobre muitos aspectos. Em 1986, sua administração articulou a renúncia do Arcebispo Raymond G. Hunthausen, de Seattle, que era visto como liberal demais, e a saída do Padre Charles Curran do corpo docente da Universidade Católica da América, por ensinamentos considerados fora de alinhamento com a teologia católica. Em 1999, o Vaticano ordenou que uma freira, a Irmã Jeannine Gramick, e um pároco, o Padre Robert Nugent, parassem seu ministério por gays e lésbicas porque eles se recusavam a condenar a atividade homossexual. E, em 2001, em meio ao que parecia ser uma onda de repressão aos teólogos progressistas, e enquanto a Igreja colocava em vigor uma exigência de que os teólogos católicos americanos tivessem a aprovação dos seus bispos locais para lecionar em faculdades e universidades católicas, o Vaticano proibiu um teólogo de Massachusetts de continuar lecionando, o Padre Roger Haight, da Escola Jesuíta Weston

de Teologia, em Cambridge, enquanto o Vaticano investigava se um livro que ele havia escrito sobre a salvação poderia ter contrariado o magistério. “Para o mundo ele tem sido um Papa maravilhoso, mas para a Igreja seu legado vai ser mais problemático, porque agora existe uma grande divisão dentro da comunidade católica”, disse Thomas H. Groome, teólogo da Boston College. O comunicado emitido pelos cardeais que se reuniram com o Papa em Roma para discutir a questão do abuso sexual reforçou a noção de que a hierarquia não tinha interesse em um debate irrestrito. “É evidente que os sacerdotes da Igreja precisam promover o ensinamento da moral correta da Igreja, e repreender publicamente os indivíduos que disseminam divergência”, dizia o comunicado.

Enquanto o Papa João Paulo II continuasse no poder, a organização fundamental da Igreja não mudaria, e a restrição do sacerdócio para homens celibatários não seria retirada. O Papa, como outros membros da liderança do Vaticano, via o abuso sexual pelo clero como parte de um amplo problema social, não como reflexo de problemas estruturais dentro da Igreja. “O abuso dos jovens é um sintoma grave de uma crise que afeta não apenas a Igreja, mas a sociedade como um todo”, disse ele aos cardeais dos EUA. “Trata-se de uma crise profunda de moralidade sexual, até mesmo de relacionamentos humanos, e suas principais vítimas são a família e os jovens. Ao falar do problema de abuso com clareza e determinação, a Igreja irá ajudar a sociedade a compreender a crise e lidar com ela em seu meio.”

Mas muitos teólogos já tinham começado a pensar na Igreja depois de João Paulo II. Embora poucas pessoas falassem abertamente do falecimento do pontífice, era uma realidade aceita de que o Papa estava muito doente – duas vezes, durante a Semana Santa de 2002, ele não conseguiu terminar a missa –, e tinha começado a especulação sobre quem seria o próximo a se sentar na cátedra de São Pedro. A sabedoria popular dizia que o próximo Papa seria alguém igualmente conservador, porque ao longo de seu extenso papado, João Paulo II tinha indicado a imensa maioria do Colégio de Cardeais. Mas a sabedoria popular frequentemente está errada. “Comentaristas da imprensa muitas vezes usam frases como ‘preparou o baralho’ para expressar a ideia de que João Paulo II influenciou a escolha do Papa seguinte ao criar cardeais à sua própria imagem e semelhança”, escreveu John L. Allen Jr., correspondente no

Vaticano para o *National Catholic Reporter*. “A história, contudo, sugere uma visão diferente. Conclaves cheios de cardeais indicados pelo Papa falecido não elegem fotocópias do homem que os nomeou. Com maior frequência, o oposto é verdadeiro: eles elegem Papas que seguem políticas diferentes.”

Poucas pessoas esperavam que os cardeais escolhessem um homem que apoiaria um Concílio Vaticano III, no qual as questões da reforma seriam ventiladas integralmente. Mas algumas esperavam um novo Santo Padre que demonstrasse mais simpatia pelos leigos e apresentasse propostas de mudança. E os *vaticanistas*, jornalistas e outros profissionais que ganham a vida observando a Santa Sé, viam a possibilidade de que o papado seguinte seria curto – que os cardeais escolheriam um de seus colegas mais velhos como próximo Papa para aumentar a possibilidade de que ele não vivesse tempo demais. Isso porque papados longos tendem a concentrar o poder em Roma e, depois do longo reinado de João Paulo II, muitos bispos esperavam ver um pouco de poder ser devolvido pela Cúria para suas próprias dioceses ao redor do mundo.

Em Wellesley, as multidões da Voz do Fiel continuaram a crescer ao longo da primavera de 2002. As reuniões se transformaram em encontros no estilo da renovação carismática, com uma mestra de cerimônia envolvente, Mary Scanlon Calcaterra, inclinada a gritar coisas como “louvado seja” depois que um novato dava seu depoimento pessoal explicando o motivo de ter ingressado no grupo.

“Eu tenho 61 anos e me beneficieei de 17 anos de educação católica, sempre estive envolvida em algum tipo de ministério na Igreja, fiz um ano de serviço missionário no Alaska, trabalhei em uma chancelaria, lecionei educação religiosa durante anos, fiz parte de um conselho pastoral e de um ministério eucarístico e trabalhei em uma série de treze episódios para a TV católica de Boston”, disse uma participante, Mary Ann Keyes. “O que eu sou, principalmente, é alguém que ama sua Igreja, e minha esperança é que dessa dor enorme possa emergir um novo caminho para nossa Igreja seguir em frente.” Outra participante, Donna Salacuse, declarou: “A Voz do Fiel me trouxe esperança de que os leigos assumirão o papel que lhes foi dado pelo Vaticano II e ficarão ao lado do clero na Igreja. Os leigos representam um vasto recurso de talento e energia. Nós procuramos nosso

lugar de direito na Igreja, para que juntos possamos lidar com os desafios que encaramos. Nós nunca mais devemos ser pessoas mudas nos bancos das igrejas.”

Alguns dos leigos foram bastante claros quanto ao que tinham para oferecer, estimulados pelo Dr. Muller, que gostava de lembrar às plateias de que foram necessários leigos, liderados por Galileu, para convencer as autoridades da Igreja de que o sistema planetário era heliocêntrico. “Nós estamos tentando salvar a hierarquia dela mesma, de seu isolamento, sua tendência ao sigilo, seu próprio medievalismo, trazendo os leigos e nossas ideias para a mesa”, disse Luise Cahill Dittrich, uma das líderes do grupo. “Eles precisam de nós. Eles não sabem como se policiar; eles não sabem nada de sexualidade humana, de processo democrático ou da igualdade das mulheres. E eles estão tão ocupados se defendendo, que lhes falta compaixão e amor, e é disso que Jesus é feito.”

Graças, em parte, à natureza global da internet, apoiadores começaram a aparecer em todo o país e em todo o mundo – em um fim de semana de abril, 1.200 pessoas se inscreveram como membros do grupo. Eles começaram a planejar uma convenção, levantando dinheiro para contratar uma equipe, pesquisando como criar uma organização internacional, reunindo-se com sobreviventes e estabelecendo um fundo para católicos que não estivessem mais dispostos a fazer contribuições caridosas através do cardeal. “Eu me considero um católico e cristão comprometido, e sinto que o clero, principalmente nossos bispos, precisam começar a ouvir aqueles de nós que chamam de leigos”, disse Richard W. Rohrbacher, de San Joaquin, Califórnia.

Os teólogos viram algo admirável acontecendo – a crise do abuso sexual por clérigos tinha energizado os católicos que permaneceram muito tempo em silêncio. “Sempre existiram pessoas ativistas querendo mudar a Igreja, seja à esquerda ou à direita, pessoas que não obtiveram muito impacto, mas essa crise tocou o centro da Igreja, as pessoas que estavam satisfeitas e eram complacentes”, disse Stephen J. Pope, presidente do Departamento de Teologia da Boston College. “Existem muitos católicos tradicionais, de centro, que se sentem chamados para serem ativos de um novo modo na Igreja, e esse é um dos elementos importantes dessa crise.”

Mas nenhum deles pareceu muito certo da direção para onde estavam indo. “Eu não sei o que vai acontecer no final, mas este é um momento

muito importante”, disse Gisela Morales-Barreto, psicóloga na Comissão de Saúde Pública de Boston e paroquiana da Nossa Senhora Auxiliadora dos Cristãos, em Newton. “Essas vítimas de abuso sexual sofreram trauma e dor horríveis, e o que está acontecendo de bom em decorrência disso é que as pessoas estão se unindo para apoiar as vítimas, e buscando mudanças na Igreja enquanto mantêm a fé viva. Como sempre acontece, do mal vem o bem.”

Posfácio à edição de 2015

Após uma explosão de desculpas em janeiro e fevereiro de 2002, o Cardeal Law refletiu sobre como poderia domar a tempestade.

Ele convocou uma reunião de líderes católicos leigos, a nata dos empresários, políticos, médicos e advogados de Boston – como Jack Connors, um dos fundadores da principal agência de propaganda da cidade, e William Bulger, então presidente da Universidade de Massachusetts, que também havia sido presidente do senado do estado. As pessoas presentes naquela sala apoiavam Law há muito tempo, mas agora exigiam que ele se explicasse.

“Bem, Vossa Eminência”, Connors disse a Law, “como Ricky costumava dizer para Lucy, ‘você tem que se explicar’”.

Quando Law começou a dizer que o modo como lidou com a crise tinha sido “falho”, Bulger o cortou bruscamente: “Foi desastroso”.

A maioria dos católicos mais ricos e poderosos de Boston começou a abandonar o cardeal. As Caridades Católicas, maior fornecedora de serviço social de Massachusetts, cancelou, pela primeira vez, seu evento anual para levantar fundos na residência do cardeal, porque os doadores disseram que não contribuiriam se Law estivesse envolvido.

No começo de abril, outra avalanche de más notícias causada pela liberação de documentos comprometedores – relativos aos ataques de um padre abusador, Paul Shanley – fez com que o círculo íntimo de conselheiros do Cardeal Law o aconselhasse a renunciar. O cardeal pediu uma segunda opinião ao seu “colégio de consultores”, seis bispos e um grupo de padres de confiança. Não foi surpresa que esse grupo, que servia em cargos de confiança de Law, tenha lhe dito para resistir.

O cardeal então embarcou em uma viagem secreta a Roma – partindo de Newark, para evitar ser visto no Aeroporto Logan, de Boston – para

consultar o Papa e outros líderes do Vaticano quanto à forma como ele conduziu a crise de abusos. Em 15 de abril, com Law ainda em discussões secretas no Vaticano, o Papa João Paulo II convocou os cardeais americanos a Roma para discutir o assunto durante uma reunião de dois dias.

Ao se encontrar com o Papa e seus pares, Law foi contrito. “Se eu não tivesse cometido os erros terríveis que cometi, nós não estaríamos aqui”, ele disse, de acordo com diversas pessoas que estavam na sala. “Eu peço desculpas por isso.”

Retornando a Boston depois de conseguir no mínimo um prazo maior do Papa, Law tentou ser discreto. Ele cancelou seus discursos de formatura programados para 2002 e recusou um título honorário, sabendo que sua presença em ocasiões festivas causaria um grande constrangimento.

Mas então, depois de meses escondido, ele tentou se reapresentar em público, um homem humilhado que agora compreendia a incorrigibilidade dos abusadores e a importância de proteger as crianças. Na reunião de primavera dos bispos dos EUA em Dallas, em junho, Law se reuniu por cinco minutos com cada um dos correspondentes dos jornais e TVs de Boston, testando o clima para voltar ao olhar do público. Ele tinha feito acordos em oitenta e quatro processos do caso Geoghan, pela quantia relativamente módica de 10 milhões de dólares – muito menos do que o esperado a princípio. E em um esforço para resolver os apuros financeiros cada vez maiores da arquidiocese, Law conseguiu um empréstimo de até 38 milhões de dólares dos Cavaleiros de Colombo.

O ressurgimento do cardeal pareceu acelerar no princípio de outubro, quando ele apareceu na inauguração da ponte Leonard P. Zakim Bunker Hill, sobre o Rio Charles, em Boston, ficando sentado pacientemente enquanto Bruce Springsteen contava sua história de como encontrou o Papa. Quatro dias depois da inauguração da ponte, Law celebrou uma missa especial na Catedral da Santa Cruz para os zeladores de Boston, que estavam em greve. Tal evento não teria sido estranho um ano antes, mas a voz de Law, que já tinha tido peso em política civil, praticamente desapareceu. Adquiria um novo significado sua interferência em uma disputa trabalhista.

Quando chegou a hora da reunião de novembro dos bispos em Washington, Law estava praticamente pronto para voltar ao normal. Ele

atravessava os salões, cumprimentava seus irmãos bispos, e até recebeu uma salva de palmas por seus três anos de serviço como presidente do comitê de política internacional dos bispos. O mais incrível é que, após meses sendo citado como exemplo de torpeza moral, ele liderou os bispos em dois dias de debate quanto à urgente questão moral do momento – se os Estados Unidos tinham justificativa para invadir o Iraque – e então apareceu em duas entrevistas coletivas para discutir a possibilidade de ação militar.

Law mudou sua abordagem para com sacerdotes e leigos, encontrando-se com grandes grupos de clérigos arquidiocesanos, bem como com a liderança da Voz do Fiel, um grupo leigo católico formado para pressionar a Igreja a fazer mais com relação à crise de abuso sexual. A organização tinha atraído quatro mil pessoas para um encontro em Boston no verão.

Foi mais dramática a forma como Law mudou sua relação com as vítimas e lançou o que se traduzia como uma turnê do perdão.

“Pedir desculpas parece algo fraco, mas eu não sei por onde mais começar”, ele disse a um grupo de 75 pessoas reunidas em uma noite de outono em Dracut, uma pequena cidade no nordeste de Massachusetts. Todas as 75 tinham sido abusadas sexualmente por um padre Joseph E. Birmingham. “Eu peço perdão a vocês, e compreendo que isso pode ser uma coisa muito difícil de dar, porque a mágoa é tão profunda, a lembrança tão revoltante e a ferida tão dolorosa.”

Então, a pedido das vítimas de Dracut, Law fez uma retratação pública na catedral, em outubro, parecendo aceitar pela primeira vez uma responsabilidade pessoal por gerir mal os abusadores de crianças.

“Eu realmente nomeei padres que tinham cometido abuso sexual”, ele disse, engasgando às vezes. “O amor clemente de Deus me dá coragem para implorar o perdão daqueles que sofreram por causa do que eu fiz. Mais uma vez, eu quero reconhecer publicamente minha responsabilidade pelas decisões que, eu vejo agora, estavam claramente erradas.”

Mas as palavras soaram ocas. Aquilo era pouco e vinha tarde demais. Um ano de revelações tinha causado danos extraordinários à reputação do homem que certa vez foi mencionado como um possível futuro Papa. A história que começou com o Padre Geoghan veio a incluir tantos personagens que pouca gente conseguia se lembrar de todos. Mais de cem padres de Boston foram acusados de abuso sexual por cerca de quinhentas

pessoas, em processos contra a arquidiocese que poderiam acabar custando 100 milhões de dólares.

Devido à pressão do público ou aos processos judiciais, os arquivos pessoais dos padres acusados foram divulgados em diversas dioceses ao redor do país, incluindo as de Boston, Los Angeles e Chicago. Histórias sinistras foram reveladas nesse processo, como a do Padre William J. Coutier, em Chicago, que supostamente estuprou um garoto de 13 anos em sua casa de verão, e depois mostrou uma arma e ameaçou matar o menino se ele contasse para alguém o acontecido.

Em Boston, o fluxo contínuo de revelações nos arquivos pessoais era demais para o estômago dos católicos da cidade. Quando chegou dezembro de 2002, os documentos mostravam alegações de que um padre tinha aterrorizado e espancado sua empregada, outro trocou cocaína por sexo, e um terceiro tinha seduzido garotas afirmando ser “a segunda vinda de Cristo”. O clamor exigindo a renúncia de Law havia alcançado um ponto sem volta em toda a arquidiocese. Mas as vozes mais altas vieram do local mais inesperado: cinquenta e oito dos próprios padres do cardeal assinaram uma carta dizendo que estava na hora de Law sair.

Com a intensificação do furor, Law viajou a Washington para uma reunião com o núncio apostólico do Papa, Arcebispo Gabriel Montalvo, que era o principal emissário do Vaticano nos Estados Unidos. Law falou para Montalvo que tinha decidido se demitir.

De Washington, o cardeal voou para Roma, e em 13 de dezembro se encontrou com o Papa João Paulo II, a quem disse que estava pronto para renunciar. Uma carreira de 18 anos como arcebispo de Boston então terminou com um anúncio conciso do Vaticano que não fazia nenhuma referência a padres, crianças ou à crise na Igreja. Na lista de atividades rotineiras do Papa nesse dia, a Santa Sé anunciou que Sua Santidade “aceitou a renúncia do cuidado pastoral da Arquidiocese de Boston, EUA, apresentada pelo Cardeal Bernard Francis Law, de acordo com o Cânone 401, parágrafo 2, do Código de Direito Canônico”.

Autoridades da Igreja tentaram mostrar a renúncia sob uma luz positiva, sugerindo que, afinal, a instituição podia seguir em frente.

O Cardeal William H. Keeler, de Baltimore, declarou: “Eu me junto ao Cardeal Law em oração na esperança de que este seja um ato de purificação da nossa Igreja, que nos permita começar a cicatrização e a

reconciliação. Muitas pessoas sofreram. A confiança foi traída. Ainda assim, não é o momento de nos afastarmos. É o momento de nos juntarmos para responder ao escândalo com fé e serviço”.

Mas as vítimas não ficaram satisfeitas, e disseram que queriam ver outros bispos exonerados e levados aos tribunais. Dois dias depois da renúncia de Law, manifestantes apareceram na Catedral da Santa Cruz, em Boston. “Law renunciou – a luta não parou”, dizia um cartaz. “Caíam os dominós”, dizia outro. Um citava Winston Churchill: “Este não é o fim. Não é nem o começo do fim. Mas é, talvez, o fim do começo”.

Um Cardeal Law sombrio fez uma aparição final em 2002, falando por cerca de três minutos para um grupo de jornalistas convocados às pressas para uma biblioteca da igreja perto da residência dele. Enquanto o rugido do obturador das câmeras acompanhava todas as suas expressões, Law disse que nunca poderia ter imaginado uma história terminando daquele modo.

Oito meses mais tarde, em um epílogo chocante para a saga do padre cujo surto de abusos o Cardeal Law em parte facilitou, John Geoghan foi assassinado em uma prisão de Massachusetts, onde cumpria uma pena de nove a dez anos por acariciar um garoto em uma piscina pública dez anos antes. Geoghan, 68 anos, foi estrangulado por um detento com passado de ativismo racista.

No ano seguinte, um Law em desgraça recebeu um agrado do Papa João Paulo II quando este anunciou que nomeava o cardeal arcebispo da Basílica de Santa Maria Maior, uma elegante igreja do Vaticano no coração de Roma. A agradável sinecura afrontou as vítimas, que disseram que isso era sal em suas feridas e prova da indiferença fundamental da Igreja ao seu sofrimento. Law deixou o emprego na basílica em 2011 e está agora aposentado e vivendo em Roma. Ele conta 83 anos no momento em que este posfácio é escrito.

Em Boston, continuou uma discussão mais ampla, com alcance maior, a respeito do futuro da Igreja – incluindo os papéis de mulheres e gays, celibato sacerdotal, autoridade da hierarquia e outras questões que os bispos, de modo geral, não abordam. A Boston College, eminente universidade católica na Arquidiocese de Boston, lançou um esforço plurianual para investigar as questões que desafiam a Igreja e atraiu milhares de pessoas ao evento inaugural. A Regis College, faculdade

católica para mulheres, em Weston, Massachusetts, organizou um evento inflamado de dois dias para discutir o papel das mulheres na Igreja. Até a Universidade Tufts, que não é católica, lançou uma nova disciplina chamada Catolicismo em Crise.

O escândalo de abuso se desenrolou em uma Igreja já envolta em problemas. Nos Estados Unidos, apenas um em cada quatro dos 67 milhões de católicos vai à missa todas as semanas, de acordo com o Centro de Pesquisa Aplicada da Universidade Georgetown. Em 2015, o número de padres americanos, 3.8275, está em 64% do que era em seu ponto máximo, em 1967. As ordenações de novos padres, 545 em 2015, embora tenham melhorado um pouco em relação ao ano anterior, continuam sendo apenas 60% do que eram cinquenta anos antes.

Em 2002, os próprios bispos colocaram em movimento uma iniciativa leiga com resultados imprevisíveis: eles escolheram o governador do Oklahoma, Frank Keating, antigo agente do FBI, promotor, legislador estadual, promotor federal e alto funcionário nas administrações Reagan e Bush, para liderar um conselho nacional leigo encarregado de produzir uma série de relatórios examinando o que deu errado na Igreja.

Os maiores pensadores da Igreja, seus teólogos, pediram uma discussão ampla sobre a instituição. O presidente da Sociedade de Teologia Católica da América pediu a três teólogos de destaque que preparassem um documento para discussão, e o consenso deles foi claro: “Os escândalos que a Igreja enfrenta hoje nos levaram a concluir que uma reforma meticulosa é tanto legítima quanto necessária”.

Ao longo de um ano que Law descreveu como um “pesadelo”, a crise chegou aos bancos das igrejas e ao papado, forçando a Igreja a repensar toda sua abordagem com relação a padres abusivos, em um esforço para proteger as crianças e aplacar um público furioso. O clero e os leigos se debateram para lidar com as consequências. Quando a intensidade da crise diminuiu, a Igreja acordou de ressaca: menos gente nas missas e menos dinheiro na cesta de doações.

A crise penetrou fundo na cultura popular americana, transformando o modo como o catolicismo é visto e tratado. Piadas de padres católicos se tornaram obrigatórias nos programas noturnos de TV e eram recontadas até mesmo em eventos sociais católicos. Fantasias de padre abusador e coroinha abusado apareceram nas festas de Halloween. Em um jogo de

futebol americano no outono de 2002 entre Columbia e Fordham, o locutor da Columbia provocou seus rivais de educação jesuítica com uma piada grosseira sobre o abuso sexual. Em novembro, uma série de TV aberta, *O Desafio*, apresentou em um de seus episódios um personagem que abandona a Igreja Católica por causa da crise. O filme mais popular no México foi *O Crime do Padre Amaro*, um melodrama exagerado sobre um padre atraente que tem um caso com sua empregada e a filha dela. E apesar de objeções do Vaticano, o principal prêmio do Festival de Cinema de Veneza foi para um filme escocês, *Em Nome de Deus*, a respeito de freiras abusivas na Irlanda.

Embora incidentes de abuso por padres tenham sido relatados em todo o mundo católico, o escândalo ressoou mais forte nos países de língua inglesa, como Estados Unidos, Canadá, Reino Unido, Irlanda e Austrália. Na Irlanda, um dos países mais católicos da Europa, a tentativa da Igreja de se autorreformular e minimizar o escândalo com uma comissão chapa-branca escolhida a dedo foi sobrepujada pela indignada reação popular, principalmente depois que um documentário na TV estatal mostrou a extensão do problema e seu acobertamento pela Igreja em Dublin. O governo irlandês, que tinha concedido uma “posição especial” à Igreja Católica na constituição de 1937, decidiu que a Igreja era incapaz de policiar a si própria e determinou a abertura de investigações pelas autoridades laicas.

Na primavera de 2002, em um encontro em Dallas, os bispos americanos adotaram uma política exigindo que qualquer alegação de abuso sexual infantil contra um clérigo fosse levada à polícia para investigação, e que todo padre culpado de ter abusado sexualmente de crianças fosse destituído. Mas o Vaticano tinha receio de que no esforço de retirar os padres ruins da Igreja as boas ações desses clérigos fossem esquecidas. Portanto, no outono daquele ano, os bispos dos Estados Unidos atenuaram a política que haviam adotado na primavera, não sendo mais obrigatório reportar à polícia as acusações de abuso sexual contra padres.

O Papa João Paulo II, embora uma figura amada, foi criticado por fazer pouco para lidar com o abuso sexual cometido por padres, e muitos dos crimes conhecidos aconteceram durante seu mandato de 27 anos, de 1978 até sua morte em 2005. Em 2001, ele se desculpou pela primeira vez por causa dos padres abusadores em um e-mail enviado a igrejas católicas

em todo o mundo. Em 2002, o Papa autorizou o uso de tribunais eclesiásticos para julgar padres abusadores, mas como os julgamentos foram secretos, a Igreja se expôs a críticas de que estava escondendo a má conduta. E a amizade de longa data de João Paulo com o Padre Marcial Maciel Degollado – um abusador sexual em série, fundador da Legionários de Cristo, uma poderosa ordem religiosa – contribuiu para a percepção de que ele não era muito atento no enfrentamento do problema de abuso.

João Paulo escolheu Joseph Ratzinger, um cardeal alemão, como encarregado de adjudicar casos de abuso para o Vaticano em seu escritório na Congregação para a Doutrina da Fé. Quando era arcebispo, Ratzinger foi tocado pelo escândalo pela forma como lidou com um padre abusador em sua diocese, em um caso que lembrou o modo como o Cardeal Law lidou com o Padre Geoghan. Depois que o sacerdote alemão foi acusado de molestar garotos e fez terapia, recebeu permissão para retomar suas atividades, apesar de seu psiquiatra alertar a diocese de que ele não tinha condições de trabalhar com crianças. O padre depois foi condenado, em 1986, por molestar outros garotos. Embora um subordinado tenha assumido a responsabilidade por deixar o padre retomar suas atividades, autoridades da Igreja reconheceram que Ratzinger sabia da transferência do padre acusado.

Quando João Paulo morreu, Ratzinger foi eleito para substituí-lo, se tornou o Papa Bento XVI, e ficou basicamente na defensiva ao lidar com a questão de abuso enquanto enfrentava um bombardeio constante de notícias detalhando novos escândalos de pedofilia em todo o mundo. Embora Bento, em uma atitude notável, tenha removido de seu ministério o Padre Maciel – o clérigo comprometido da ordem Legionários de Cristo –, ele basicamente usava de pedidos de perdão para lidar com o problema de abuso. “Nós, também, insistentemente imploramos perdão de Deus e das pessoas envolvidas, enquanto prometemos fazer todo o possível para garantir que esse abuso nunca mais ocorra”, Bento disse aos padres na Praça de S. Pedro em 2010.

Em 2011, o Vaticano emitiu orientações para que as autoridades da Igreja relatassem acusações de abuso sexual cometido por padres para a polícia onde a lei assim o exigisse. Bispos na Ásia, América Latina e África resistiram, afirmando que tinham pouca experiência com o problema de abuso.

Mas as autoridades na América se tornaram mais assertivas, e começaram a dedicar atenção a uma área em que a hierarquia da Igreja tinha sido criticada por ignorar: a negligência das autoridades religiosas em proteger os paroquianos dos padres perversos que deveriam supervisionar.

Em 2012, o Monsenhor William J. Lynn, secretário para o clero na Diocese de Filadélfia, tornou-se o primeiro clérigo a enfrentar julgamento por acusações de que tinha acobertado padres abusadores e, portanto, colocado em risco o bem-estar de crianças. Lynn foi condenado e sentenciado a uma pena de três a seis anos de detenção. No mesmo ano, o Bispo Robert W. Finn, chefe da Diocese de Kansas City-St. Joseph, tornou-se o primeiro bispo implicado criminalmente por proteger um padre acusado. Ele foi condenado por não denunciar o clérigo, que havia tirado fotos pornográficas de garotas. Finn renunciou em 2015.

Dois meses depois da renúncia de Finn, dois bispos da Diocese de Minneapolis e St. Paul renunciaram no rastro de reclamações sobre o modo como eles conduziram casos de abuso envolvendo padres subordinados. Desde 1978, dezessete bispos americanos renunciaram na sequência de alegações de que teriam conduzido mal casos de abusos cometidos por padres subordinados, de acordo com BishopAccountability.org, um grupo de pesquisa com base em Waltham, Massachusetts.

O Papa Francisco, que assumiu o papado em 2013 depois que Bento renunciou, tem sido mais proativo que seu antecessor. Em seu primeiro ano, Francisco emendou a lei do Vaticano para tornar o abuso sexual das crianças um crime, e indicou uma comissão para aconselhá-lo nessa questão.

Em 2014, Francisco se encontrou com seis vítimas de abuso sexual da Irlanda, da Alemanha e do Reino Unido e, em seus comentários mais fortes a respeito do escândalo, comparou os padres abusadores a “um culto sacrílego”. Em sua homilia às seis vítimas, Francisco disse: “Diante de Deus e de Seu povo, expresso minha tristeza pelos pecados e graves crimes de abuso sexual cometidos contra vocês por clérigos. E humildemente peço perdão. Eu imploro o seu perdão, também, pelos pecados de omissão por parte dos líderes da Igreja, que não reagiram de

forma adequada aos relatos de abuso feitos por familiares, bem como pelas próprias vítimas de abuso”.

Um mês antes do encontro de Francisco com as seis vítimas, o Vaticano destituiu do sacerdócio seu antigo embaixador na República Dominicana, o Arcebispo Józef Wesolowski, depois que ele foi acusado de abusar de garotos enquanto estava no país, entre 2008 e 2013. Promotores do Vaticano depois o colocaram em prisão domiciliar em Roma. Wesolowski foi encontrado morto por causas naturais em agosto de 2015, enquanto esperava julgamento. Ele poderia ter recebido uma sentença de prisão de até oito anos, e teria sido o primeiro prelado de alto nível a enfrentar um tribunal do Vaticano.

Apesar das iniciativas de Francisco, o Vaticano se viu sob ataque das Nações Unidas em 2014 por continuar atrasado na questão de abuso sexual. Em fevereiro desse ano, o relatório de um comitê da ONU criticou duramente a Igreja por não aceitar um compromisso internacional para proteger crianças, e completou dizendo que suas políticas continuavam a permitir que padres perversos atacassem vítimas jovens. O Vaticano rejeitou fortemente o relatório do Comitê de Direitos da Criança da ONU, argumentando que, embora tivesse ratificado a Convenção sobre os Direitos da Criança, era responsável apenas por aplicá-la dentro da cidade do Vaticano, não em suas paróquias por todo o mundo. Em maio, outro quadro da ONU, o Comitê contra Tortura, criticou de novo o Vaticano – por não denunciar os padres acusados à polícia, e por não garantir compensação para as vítimas. O comitê, monitorando o cumprimento por parte do Vaticano de um tratado internacional proibindo a tortura, entendeu que o abuso sexual cometido por padres era o mesmo que tortura. Ele fez elogios às orientações adotadas pela Igreja em 2011, que instruíam sua hierarquia a cooperar com as autoridades civis, mas disse estar preocupado que o Vaticano continuasse a “resistir ao princípio da denúncia obrigatória”.

Em 2014, o Vaticano disse ter destituído do sacerdócio 848 padres em todo o mundo por abusos sexuais entre 2004 e 2013, e que 2.572 clérigos tinham sido disciplinados por violações relativas a abusos.

Mas em junho de 2015, Francisco, talvez movido pelas críticas da ONU, aprovou a criação de um tribunal do Vaticano para julgar bispos acusados de acobertar ou permitir abuso sexual feito por padres sob sua

supervisão, uma medida há muito exigida pelos defensores dos direitos das vítimas. Embora Roma tivesse destituído do sacerdócio centenas de padres acusados de abuso sexual e penalizado outros milhares, pouca ou nenhuma ação foi tomada contra os bispos, e essa foi a primeira vez que um mecanismo foi criado para disciplinar os chamados príncipes da Igreja.

Hoje é difícil definir com precisão a abrangência da crise. Apenas nos Estados Unidos, 17.259 pessoas afirmaram ter sofrido abuso de 6.247 padres entre 1950 e 2013, de acordo com informações da Conferência de Bispos Católicos dos EUA, braço oficial da Igreja na América. Mas esses números estão incompletos. Eles incluem apenas as queixas que a conferência julga “não implausíveis” ou “confiáveis”, e não apresentam nenhuma denúncia em 2003, ano seguinte à explosão do escândalo em Boston e em todo o país. Em Boston, durante o mesmo período, 249 padres foram acusados de abuso sexual por 1.476 pessoas, de acordo com BishopAccountability.org.

Acordos financeiros com as vítimas de abuso têm colocado um peso cada vez maior nas finanças da Igreja. Em todos os EUA, a Igreja pagou mais de 3 bilhões de dólares para resolver queixas de abuso entre 1950 e 2015. Em Boston, a arquidiocese pagou 154 milhões para fazer acordos com 1.230 vítimas entre 2002 e 30 de junho de 2014, de acordo com os números mais recentes disponíveis. Entre 2004 e 2015, doze dioceses de todo o país entraram com pedido de proteção contra falência.

Enquanto os custos, financeiros e psicológicos, da maior crise enfrentada pela Igreja continuam a reverberar, um lado positivo tem sido o fortalecimento das vítimas que, juntas, encontraram uma voz.

Em 1988, Peter Pollard escreveu ao Cardeal Law uma carta contando ter sido abusado sexualmente por um padre quando era adolescente. Ele pediu que Law colocasse o padre em tratamento, garantisse que ele nunca mais ficasse sozinho com uma criança e começasse um programa de apoio a outras vítimas. Mas Pollard contou que um dos assessores de Law lhe disse que, após uma avaliação de cinco dias, a Igreja concluiu que o padre não representava um perigo para crianças. Ele sugeriu que a atividade sexual tivesse sido apenas uma demonstração de afeto.

Hoje pai e assistente social, trabalhando com crianças vítimas de negligência e abuso, Pollard se sente encorajado pelo recente

fortalecimento de outras vítimas, que ele chama de sobreviventes. Embora endosse o conceito cristão de prestar testemunho, ele gosta menos de outro princípio dos ensinamentos da Igreja.

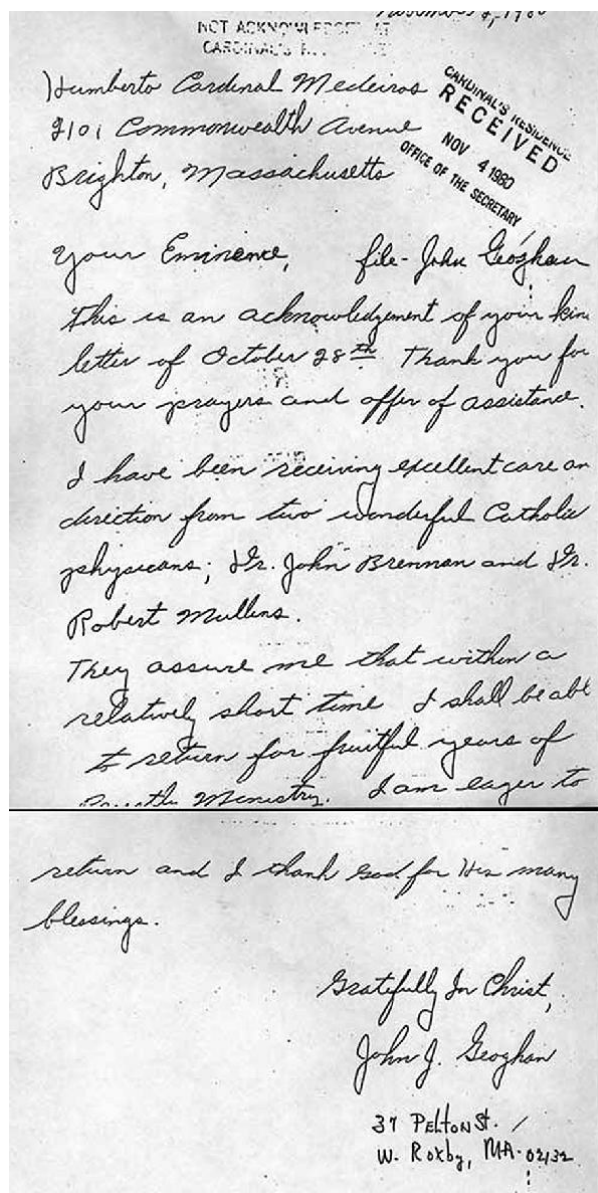
“Para aqueles que pedem que nós perdoemos e esqueçamos, por favor compreendam”, escreveu Pollard em um artigo para o *Globe*. “Nós sobreviventes, cada um à sua maneira, passamos a vida tentando seguir em frente, sempre considerando essas duas opções. Para alguns de nós, suicídio, dependência ou violência encerraram a luta mais cedo.

“Em diversos níveis, aqueles de nós que sobreviveram começam a cicatrizar suas feridas. Nós reivindicamos sonhos, conquistamos títulos, formamos famílias, fomos trabalhar, até buscamos consolo em práticas espirituais. Mas não conseguimos fugir dos efeitos das traições cometidas contra nós em nome de Deus. Elas estão entranhadas inexoravelmente nos organismos em que nos tornamos.

“Essa traição talvez não seja um crime que possa ser levado a um tribunal de justiça. Mas o impacto desse crime nunca prescreve. E esquecer deveria estar fora de questão.”

Ben Bradlee Jr. e Michael Paulson
8 de setembro de 2015

Apêndice: Os documentos



2 de novembro de 1980. O Padre John J. Geoghan, respondendo a um bilhete do falecido Cardeal Humberto S. Medeiros que prorrogava sua licença médica, diz que está recebendo um tratamento excelente de dois médicos e que espera voltar ao serviço em breve.

BOSTON CLINICAL ASSOCIATES, INC.
JOHN H. BRENNAN, M. D.
17 HENSHAW STREET
BRIGHTON, MASSACHUSETTS 02135
TELEPHONE: 767-3916

January 13, 1981

Most Reverend Bishop Thomas V. Daley
Archdiocese of Boston
One Lake Street
Brighton, Massachusetts 02135

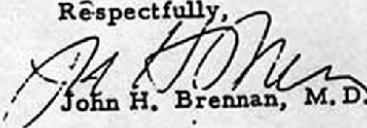
Re: Reverend John J. Geoghan
37 Pelton Street
West Roxbury, Massachusetts 02032

Your Excellency:

I met with Father Geoghan in my office on the 12th of January and it was mutually agreed that he was now able to resume his priestly duties.

If you would like to have me talk with you or to write to you about this matter, Father Geoghan has given me permission to do so.

Respectfully,


John H. Brennan, M. D.

JHB:eg

13 de janeiro de 1981. O psiquiatra John H. Brennan informa ao Bispo Thomas V. Daily que Geoghan agora "está apto a retomar seus deveres sacerdotais".

TRADUÇÃO:

Sua Excelência,

Me reuni com o Padre Geoghan no meu consultório em 12 de janeiro e foi mutuamente acordado que agora ele está apto a retomar seus deveres sacerdotais.

Se você desejar conversar comigo ou que eu escreva para você sobre esse assunto, o Padre Geoghan me deu permissão para que isso seja feito.

CHANCERY
ARCHDIOCESE OF BOSTON
2181 COMMONWEALTH AVENUE
BRIGHTON, MASSACHUSETTS 02135

OFFICE OF THE CHANCELLOR

for John J. Geoghan

January 26, 1981

John H. Brennan, M.D.
Boston Clinical Associates, Inc.
17 Henshaw Street
Brighton, MA 02135

Dear Doctor Brennan:

I write to thank you for your letter of January 13, 1981 regarding the Rev. John J. Geoghan of 37 Pelton Street, West Roxbury, Massachusetts 02032 and am happy to note that in your opinion Father Geoghan is able to resume his priestly duties. Thank you so much for this recommendation and I shall certainly make a note to His Eminence, the Cardinal and look forward to the assignment of Father Geoghan very soon.

With best personal regards, I am

Sincerely in Christ,

Thomas V. Daily
Most Rev. Thomas V. Daily
Auxiliary Bishop of Boston
Chancellor

TVD/mbg

26 de janeiro de 1981. O Bispo Daily agradece ao Dr. Brennan por sua opinião de que Geoghan está apto a voltar ao trabalho.

TRADUÇÃO:

Caro Doutor Brennan,

Escrevo para agradecer pela sua carta de 13 de janeiro de 1981 referente ao Padre J. Geoghan [...] e estou feliz por notar que em sua opinião o Padre Geoghan está apto para reassumir suas atividades sacerdotais. Muito obrigado por essa recomendação e eu, certamente, enviarei um bilhete para Sua Eminência, o Cardeal, e aguardo ansiosamente pela designação do Padre Geoghan em breve.

"EXHIBIT E"
AUG 16 1982

OFFICE OF THE SECRETARY

RECEIVED
AUG 17 1982
OFFICE OF THE CHANCELLOR

Dear Monsignor,

As you know, our family had a conference with Bishop Daly over two weeks ago.

Since that priest is still in his parish, it appears that no action has been taken. Am I to assume now that we were patronized?

Our family is deeply rooted in the Catholic Church, our great-grandparents and parents suffered hardship and persecution for love of the Church. Our desire is to protect the dignity of Holy Orders, even in the midst of our tears and agony over the 7 boys in our family who have been violated. We cannot under that, but we are obligated to protect others from this abuse to the Mystical Body of Jesus Christ.

It was suggested that we keep silent to protect the boys - that is absurd since minors are protected under law, and I do not wish to hear that remark again, since it is insulting to our intelligence.

I have a tremendous love and respect for you Cardinal, and regret now for not writing to

humility and holiness, but I am very angry with you now, and do not understand this.

While it is true that a layman in the same situation would only be confined for observation for a limited time - he would also be opposed - Parents would know then not to allow children near this type person. In this case, not only do they not know, but by virtue of his office, he gains access quite easily, while compromising our responsibility! His actions are not only destructive to the emotional well being of the children, but hit the very core of our being in our love for the church - he would not gain access to homes of fallen away Catholics.

Regardless of what he says, on the face of it, who trusted him, I do not believe he is cured, his actions strongly suggest that he is not, and there is no guarantee that persons with these obsessions are ever cured.

Truly, my heart aches for him and I pray for him, because I know this must tear him apart too, but I cannot allow my compassion for him cloud my judgement on acting for the people of God, and the children in the Church.

My own children were not disturbed.

I am not sure I am ...

sensitive to my nephews and grandnephews who were involved; I am far enough removed to be slightly more objective. I have not told my sister or my niece that that priest is still functioning - I fear the consequences of telling them. I have told my brother, and he and I will take this case to the Holy Father if need be.

We did not question the Authority of the Church two years ago, but left it entirely in your hands - Now, we will not settle for this, but must insist on knowing what action is taken - where he is sent - etc - I will not allow this Temple of God to be overshadowed by a sin of omission. We, our family and all of us who look to the Authority of the Church - are the Church - and have the right to expect service from the Ordained

My two sisters and my niece never as much as received an apology from the Church, much less any offer for

connecting for the boys - It embarrasses me
that the Church is so negligent -

Father Damien the Lepers went after a child
molester once and beat him up. His cause
was held up because of it -- Now the cause
of Damien is in the Vatican. I am praying
to him now to bring this cause to Jesus
Christ. Father Damien would not sit
off his family - he would act.

My heart is broken over this whole
mess - and to add to my Cardinale in
this manner has taken its toll on me
too. May Almighty God. Father,
Son and Holy Spirit have mercy on
all of us.

Margaret Gallant

Agosto de 1982. Margaret Gallant se queixa, em uma carta manuscrita de quatro páginas ao Cardeal Medeiros, que suas reclamações de que Geoghan molestou sete garotos em sua extensa família foram ignoradas. Ela exige que Geoghan seja exonerado e condena a sugestão de que ela deveria manter silêncio.

TRADUÇÃO:

Vossa Eminência,

Como sabe, nossa família teve uma reunião com o Bispo Daily há mais de duas semanas. Uma vez que aquele padre continua na paróquia, parece que nenhuma atitude foi tomada. Devo deduzir que fomos ignorados?

Nossa família é profundamente enraizada na Igreja Católica, nossos bisavós e pais sofreram provações e perseguições por nosso amor à Igreja. Nosso desejo é proteger a dignidade da Ordem Sagrada, ainda que em meio às nossas lágrimas e agonia por causa de sete garotos da nossa

família que foram violados. Não podemos desfazer isso, mas somos obrigados a proteger outros desse abuso ao Corpo Místico de Jesus Cristo.

Foi sugerido que ficássemos em silêncio para proteger os garotos – isso é absurdo, já que os menores são protegidos pela lei, e eu não quero ouvir isso outra vez, pois é um insulto à nossa inteligência.

Eu tenho tremendo amor e respeito pelo senhor, cardeal, e lamento agora não ter escrito a [o texto está truncado neste ponto da carta] humildade e santidade, mas estou muito brava com o senhor agora, e não entendo isso.

Embora seja verdade que um leigo na mesma situação apenas ficaria confinado para observação por um tempo limitado – ele também seria exposto [a palavra “exposto” está sublinhada duas vezes]. Os pais saberiam, assim, que não deveriam deixar crianças perto dessa pessoa. Nesse caso, não apenas eles não sabem, mas em virtude de seu cargo, ele tem acesso fácil às crianças, o que aumenta nossa responsabilidade! As ações dele não são destrutivas apenas ao bem-estar emocional das crianças, mas também ferem a base do nosso amor pela Igreja – pois ele não teria acesso às casas de católicos afastados.

Apesar do que ele diz, ou do que dizem os médicos que trataram dele, eu não acredito que ele esteja curado; suas ações sugerem fortemente que não está, e não existe garantia de que pessoas com essas obsessões consigam se curar.

Na verdade, meu coração sofre por ele e eu rezo por ele, porque eu sei que isso deve lhe fazer mal também; mas não posso permitir que minha compaixão anuvie minha decisão de agir pelo povo de Deus e pelas crianças na Igreja.

Meus próprios filhos não foram diretamente [o texto está truncado neste ponto da carta] sensibilizada pelos meus sobrinhos e sobrinhos-netos que foram envolvidos; eu estou afastada o suficiente para conseguir ser mais objetiva. Eu não contei para minha irmã ou sobrinha que esse padre continua na ativa – eu temo as consequências de contar para elas. Eu falei para o meu irmão, e nós dois iremos levar este caso até o Santo Padre, se for necessário.

Nós não questionamos a autoridade da Igreja dois anos atrás, apenas deixamos o caso inteiramente em suas mãos. Agora nós não vamos nos conformar, eu insisto em saber que ação foi tomada – para onde ele foi

enviado, etc. Não vou permitir que esse Templo de Deus seja obscurecido por um pecado de omissão. Nós, nossa família e todos os que respeitam a autoridade da Igreja – [palavra ilegível] a Igreja – e temos o direito de esperar um bom serviço dos ordenados.

Minhas duas irmãs e minha sobrinha nunca receberam sequer um pedido de desculpas da Igreja, muito menos qualquer oferta de acompanhamento psicológico para os meninos. Constrange-me que a Igreja seja tão negligente.

O Padre Damien uma vez foi atrás de um molestandor de criança e lhe deu uma surra. Ele foi suspenso por causa disso. Agora a tormenta de Damien está no Vaticano. Eu rezo pendindo que ele leve esta causa a Jesus Cristo. Padre Damien não ficaria sentado – ele agiria.

Meu coração está partido com toda essa confusão – e me dirigir ao meu cardeal dessa forma também me desgastou. Que Deus Todo-Poderoso, o Pai, o Filho e o Espírito Santo tenham piedade de todos nós.

Margaret Gallant

August 20, 1982

Mrs. Margaret Gallant
346 Walnut Street
Stoughton
Massachusetts 02072

Dear Mrs. Gallant:

Thank you for your letter of August 10, 1982 and your candid expression of opinion concerning the priest of the Archdiocese of Boston who has caused hardship to your family and most especially to several of the boys.

While I am and must be very sensitive to a very delicate situation and one that has caused great scandal, I must at the same time invoke the mercy of God and share in that mercy in the knowledge that God forgives sins and that sinners indeed can be forgiven. To be sure, we cannot accept sin, but we know well that we must love the sinner and pray for him. I take great comfort in noting these thoughts in your letter to me and at your compassion for Father. Please be assured that I am speaking to the priest in order to find the most Christian way to deal with the problem with him and at the same time remove any source of scandal for the sake of the faithful.

With every good wish, I am

Devotedly yours in Our Lord,

Edmund Cardinal Medeiros

Archbishop of Boston

20 de agosto de 1982. O Cardeal Medeiros responde à carta de Margaret Gallant sugerindo que “os pecadores podem, sim, ser perdoados”. Ele diz que está conversando com Geoghan para decidir qual é o modo mais cristão de lidar com o problema.

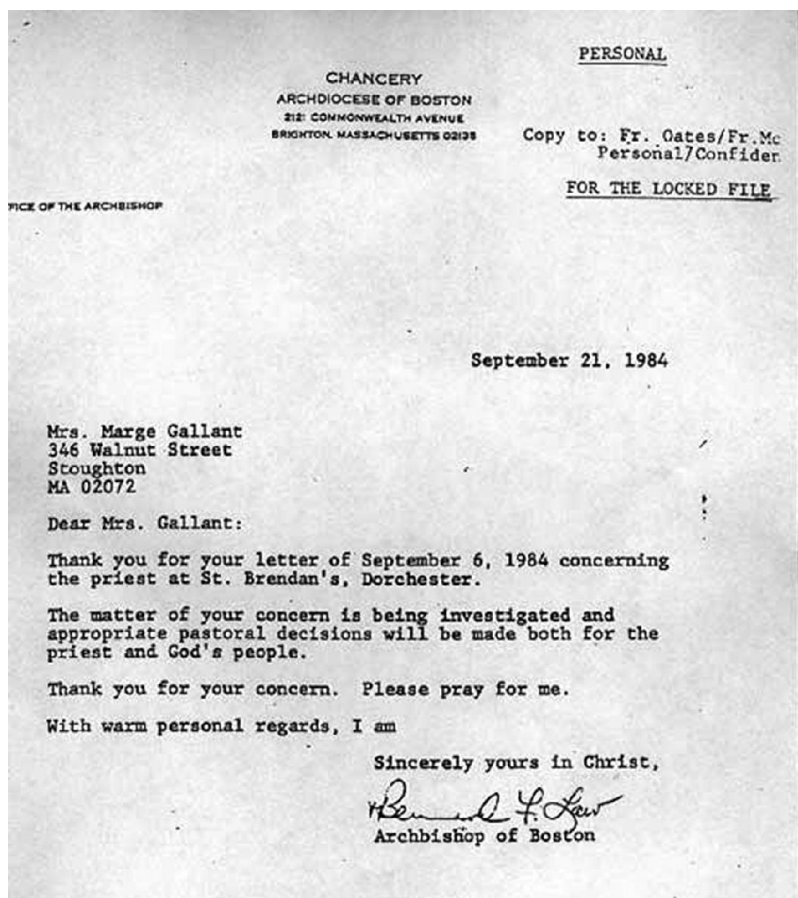
TRADUÇÃO:

Cara Sra. Gallant,

Muito obrigado por sua carta de 10 de agosto de 1982 e sua franca expressão de opinião a respeito do padre da Arquidiocese de Boston que causou sofrimentos à sua família e especialmente a vários dos meninos.

Apesar de ser e dever ser muito sensível com essa situação muito delicada e que causou um grande escândalo, devo, ao mesmo tempo, evocar a piedade divina e compartilhar a misericórdia no conhecimento de que Deus perdoa os pecados e que os pecadores podem, sim, ser perdoados. Certamente, não podemos aceitar o pecado, mas sabemos bem que devemos amar o pecador e rezar por ele. Sinto grande conforto em perceber esses pensamentos em sua carta para mim e em sua compaixão

pelo padre. Por favor esteja certa de que estou conversando com o padre a fim de encontrar o modo mais cristão de lidar com o problema com ele e, ao mesmo tempo, evitar qualquer fonte de escândalo por amor aos fiéis.



21 de setembro de 1984. Bernard F. Law, então arcebispo de Boston, diz a Margaret Gallant que está investigando a queixa dela, segundo a qual Geoghan teria molestado sexualmente sete garotos de sua extensa família. O arcebispo diz que “decisões pastorais adequadas serão tomadas tanto em relação ao padre quanto ao povo de Deus”.

TRADUÇÃO:

Cara Sra. Gallant,

Muito obrigado por sua carta de 6 de setembro de 1984 a respeito do padre de St. Brendan, Dorchester.

O motivo de sua preocupação está sendo investigado e as decisões pastorais adequadas serão tomadas tanto em relação ao padre quanto ao povo de Deus.

Obrigado por sua preocupação. Por favor reze por mim.

ROBERT W. MULLINS, M.D.
77 COREY STREET
WEST ROXBURY, MA. 02132
TELEPHONE 323-6110

Dear Rev. Oates,

Rev. John Geoghan, a long-time friend and patient of mine, has recently terminated his ministry at St. Brendan's Parish, due to a rather unfortunate traumatic experience. Following a brief, but beneficial, respite from his duties, Father Geoghan has adjusted remarkably well.

In my opinion, he is now able to resume full Pastoral activities, without any need for specific restrictions.

Respectfully yours,
Robert W. Mullins M.D.

RECEIVED

20 de outubro de 1984. O Dr. Robert W. Mullins, médico da família Geoghan, escreve que John Geoghan, apesar de uma “experiência particularmente infeliz e traumática” em outra paróquia, está pronto para retomar seu ministério.

TRADUÇÃO:

Caro Padre Oates,

O Padre John Geoghan, há muito tempo meu amigo e paciente, interrompeu recentemente seu ministério na Paróquia de St. Brendan devido à uma experiência particularmente infeliz e traumática. Depois de uma breve mas benéfica pausa dos seus deveres, o Padre Geoghan se adaptou muito bem.

Na minha opinião, ele agora está apto a reassumir plenamente suas atividades sacerdotais, sem qualquer necessidade de restrições específicas.

MOST REVEREND JOHN M. D'ARCY
AUXILIARY BISHOP OF BOSTON
OFFICE OF THE REGIONAL BISHOP

December 7, 1984

Most Reverend Bernard F. Law
Archbishop of Boston
Archbishop's Residence
2121 Commonwealth Avenue
Brighton, Massachusetts 02135

Dear Archbishop Law:

Just a word on the recent assignment in this region of Fr. John Geoghan as an associate at St. Julia's in Weston. There are two things that give me concern.

1) Fr. Geoghan has a history of homosexual involvement with young boys. I understand his recent abrupt departure from St. Brendan's, Dorchester may be related to this problem.

2) St. Julia's for some time has been a divided and troubled parish. There is great animosity on the part of many parishioners towards Monsignor Rossiter. It is difficult to deal with the situation because Monsignor is a good priest - he is always there, he is concerned, he does the traditional things very well, but there are many complaints from good people and there have been since I have come here to this region and, indeed, long before that.

A large number of parishioners go elsewhere. Many attend Mass at Pope John Seminary or they go to St. John's, Wellesley or other parishes. At the same time, there is a core of parishioners, mostly older, who are loyal to Monsignor Rossiter. The complaints center around his style and manner that is perceived by many to be overbearing and authoritarian. There is no question he, himself, has experienced a great deal of pain in this situation. I believe he might even be willing to be moved to another parish now and perhaps this can be considered, although that might present other problems. His Sunday collection, in this parish which is probably the most affluent in the Archdiocese, is only \$900.00. At the request of about fifteen or twenty parishioners, we recently have initiated the Spiritual Development Program and Monsignor has been most cooperative, but we know there will be difficulties.

70 LAWRENCE STREET, LOWELL, MASSACHUSETTS 01852

7 de dezembro de 1984. O Bispo John M. D'Arcy protesta com o Arcebispo Bernard F. Law quando Geoghan é transferido para a Igreja St. Julia, em Weston, Massachusetts. Geoghan, escreve D'Arcy, "tem um histórico de envolvimento homossexual com garotos novos".

TRADUÇÃO:

Caro Arcebispo Law,

Apenas uma observação quanto à recente transferência do Padre John Geoghan para o posto de padre associado da St. Julia em Weston. Há duas coisas que me preocupam.

1) O Padre Geoghan tem um histórico de envolvimento homossexual com garotos jovens. Eu imagino que sua recente partida abrupta de St.

Brendan, Dorchester, esteja relacionada a esse problema.

2) St. Julia, por algum tempo, tem sido uma paróquia dividida e problemática. Há uma grande animosidade da parte de muitos paroquianos dirigida ao Monsenhor Rossiter. É difícil lidar com a situação, porque o Monsenhor é um bom padre – está sempre lá, preocupa-se, realiza as coisas tradicionais muito bem; mas há muitas reclamações de pessoas boas e tem havido desde que vim para essa região e, na verdade, muito tempo antes disso.

Um grande número de paroquianos vai para outras partes. Muitos frequentam a missa no Seminário Pope John, ou vão ao St. John, em Wellesley, ou a outras paróquias. Ao mesmo tempo, há um núcleo de paroquianos mais velhos, que são leais ao Monsenhor Rossiter. As reclamações giram em torno de seu estilo e modos, e ele é considerado por muitos como dominador e autoritário. Não há nenhuma dúvida de que ele próprio tenha sentido uma grande quantidade de dor nesta situação. Acredito que ele agora pode até estar querendo ser transferido para outra paróquia e talvez isso possa ser considerado, embora possa apresentar outros problemas. A sua coleta de domingo, nessa paróquia que é provavelmente a mais influente da Arquidiocese, é de somente 900 dólares. A pedido de cerca de 15 ou 20 paroquianos, recentemente iniciamos o Programa de Desenvolvimento Espiritual, e o Monsenhor foi muito cooperativo, mas nós sabemos que haverá dificuldades.

[REDACTED]

I am afraid that this assignment has complicated a difficult situation. If something happens, the parishioners already angry and divided, will be convinced that the Archdiocese has no concern for their welfare and simply sends them priests with problems. On the other hand, if Fr. Geoghan is now removed, parishioners will quickly claim that once again Monsignor Rossiter cannot live with other priests.

I have had helpful and constructive conversations on this with both Fr. Banks and Fr. Oates. Both are keenly aware of the problem and, as you well know, they are hoping to set up some kind of structure so that we can handle this in a better way in the future. I am concerned about further scandal in this parish and further division and more misunderstanding by this assignment. I am anxious to help you in any way I can to relieve the difficult pastoral situation there and it is my obligation to keep you fully informed at this time so you would not be "blindsided" later on. While no parish can handle these shocking situations that we have witnessed recently, this parish is most vulnerable. I wonder if Fr. Geoghan should not be reduced to just weekend work while receiving some kind of therapy.

You know how grateful I am to you for your constant concern about this region and the constructive steps you have already taken in several parishes here. Many thanks.

Sincerely yours in Our Lord,



Most Reverend John M. D'Arcy

copies: Rev. Robert J. Banks
Rev. Thomas Oates

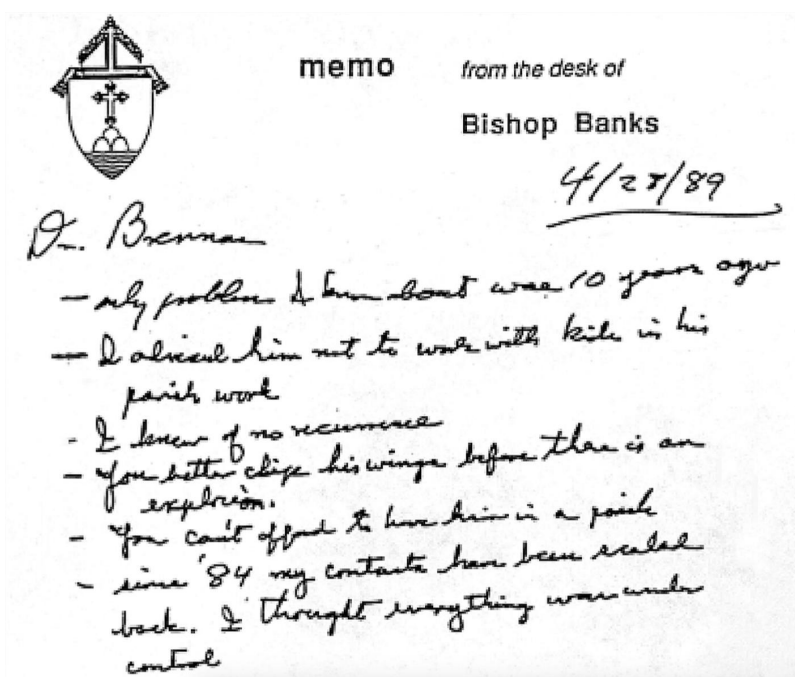
7 de dezembro de 1984. O Bispo John M. D'Arcy escreve ao Arcebispo Law dizendo que a nomeação de Geoghan complicou uma situação difícil. Ele diz: "Apesar de nenhuma paróquia poder lidar com essa chocante situação que temos testemunhado recentemente, essa é mais vulnerável". Ele sugere que a atuação do Padre Geoghan seja limitada ao trabalho nos fins de semana enquanto faz algum tipo de tratamento.

TRADUÇÃO:

Tenho medo que essa transferência tenha complicado uma situação difícil. Se alguma coisa acontecer, os paroquianos que já estão zangados e divididos ficarão convencidos de que a Arquidiocese não está preocupada com seu bem-estar e simplesmente envia para eles padres com problemas. Por outro lado, se o Padre Geoghan for transferido agora, os paroquianos irão rapidamente reclamar que mais uma vez o Monsenhor Rossiter não pode conviver com outros padres.

Eu tenho tido conversas úteis e construtivas sobre isso com ambos, o Padre Banks e o Padre Gates. Ambos estão cientes do problema e, como você bem sabe, eles estão procurando estabelecer algum tipo de estrutura para que possamos lidar com isso no futuro de um modo melhor. Estou preocupado com outro escândalo nessa paróquia, com uma nova divisão e mais mal-entendidos devido a essa transferência. Estou ansioso por ajudá-lo de qualquer modo que eu possa para aliviar a difícil situação pastoral ali, e é minha obrigação mantê-lo totalmente informado agora, de modo que você não seja “pego de surpresa” mais tarde. Apesar de nenhuma paróquia poder lidar com essa chocante situação que temos testemunhado recentemente, essa é mais vulnerável. Eu me pergunto se o Padre Geoghan não poderia ser limitado apenas ao trabalho de fim de semana enquanto recebe algum tipo de terapia.

Você sabe como lhe sou grato por sua constante preocupação com essa região e pelos passos construtivos que você já tomou em várias paróquias daqui. Muito obrigado.



28 de abril de 1989. Uma anotação do Bispo Robert J. Banks, aparentemente feita durante uma conversa com o Dr. Brennan, fala de Geoghan: “É melhor você cortar as asas dele antes que haja uma explosão”.

TRADUÇÃO:

Dr. Brennan

- Único problema de que ouvi falar foi há dez anos.
- Eu o aconselhei a não trabalhar com crianças no serviço de sua paróquia.
- Eu não sei de nenhuma recorrência.
- É melhor você cortar as asas dele antes que haja uma explosão.
- Você não pode arriscar tê-lo numa paróquia.
- Desde 1984 meu contato foi reduzido. Eu achava que tudo estava sob controle.

ST. JULIA'S RECTORY
374 BOSTON POST ROAD
WESTON, MASSACHUSETTS
02193

June 29, 1990

His Eminence Bernard Cardinal Law
2101 Commonwealth Avenue
Brighton, Massachusetts 02135

Your Eminence:

Monsignor Rossiter has told me that he will be submitting his letter of resignation. I respectfully request that I be appointed his successor.

At the Emmaus Program it was stated that there would be a "stampede" for St. Julia Parish. I feel that I am qualified. I have been six years in Weston. I know the people, the parish and its problems. I am confident that I can build a vibrant Faith Community.

During my twenty-eight years in parish ministry, I have been the following:

- Deacon Supervisor, St. John's Seminary;
- Instructor in Catechetics, St. John's Seminary;
- President of an Ecumenical Association;
- Member of Board of Directors, Catholic Charities of Lynn.

I have been faithful to continuing education:

1. Master of Divinity, Master of Theology degrees, B.T.I. and Weston School of Theology;
2. Institute for C.T.E., the North American College, Rome;
3. Lectures and Workshops on Canon Law at the Gregorian University;
4. Lectures and Workshops on Liturgy at San. Anselmo University;
5. Biblical Institute and Pilgrimage, Jerusalem.

Assuring you of my filial obedience, Your Eminence,

Respectfully,
John Joseph Geoghan
Rev. John J. Geoghan
Parochial Vicar

29 de junho de 1990. Geoghan, em carta ao Cardeal Law, pede para ser nomeado padre de St. Julia, citando seu longo serviço à paróquia.

TRADUÇÃO:

Sua Eminência Cardeal Law

O Monsenhor Rossiter me disse que ele vai apresentar sua carta de demissão. Respeitosamente solicito que eu seja indicado seu sucessor.

No Programa Emmaus foi declarado que haveria uma “fuga” para a Paróquia de St. Julia. Acho que sou qualificado. Estive seis anos em Weston. Conheço as pessoas, a paróquia e seus problemas. Tenho confiança de que consigo construir uma vibrante Comunidade de Fé.

Durante meus 28 anos no ministério da paróquia, ocupei os seguintes cargos: – Diácono Supervisor, no Seminário St. John – Instrutor em Catequese, no Seminário St. John – Presidente de uma Associação Ecumênica – Membro do Conselho de Diretores, na Catholic Charities de Lynn.

Dediquei-me a continuar minha educação: 1. Graus de Mestre de Divindade, Mestre de Teologia, B.T.I. e Escola Weston de Teologia; 2. Instituto de C.T.E., Universidade da América do Norte, Roma; 3. Palestras e Seminários sobre Lei Canônica na Universidade Gregoriana; 4. Palestras e Seminários sobre Liturgia na Universidade San. Anselmo; 5. Instituto Bíblico e Peregrinação, Jerusalém.

The Most Reverend Robert J. Banks D.D.
2121 Commonwealth Avenue
Brighton, Massachusetts 02135

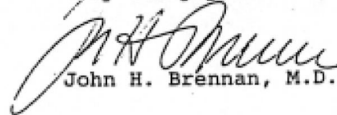
Re: Fr. John Geoghan

Dear Bishop Banks,

I have known Father Geoghan since February 1980.

There is no psychiatric contraindication to
Fr. Geoghan's pastoral work at this time.

Very truly yours



John H. Brennan, M.D.

JHB/mk

cc: Fr. John Geoghan

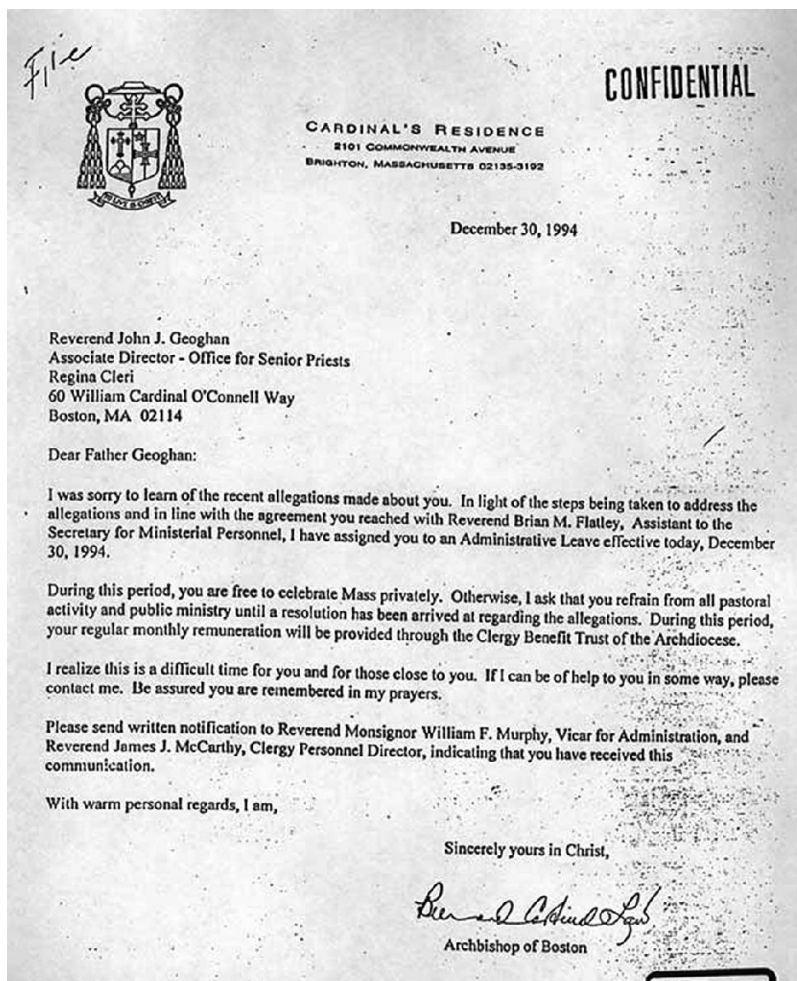
7 de dezembro de 1990. Dr. Brennan observa que não existe “contraindicação psiquiátrica” para que o padre retorne ao trabalho.

TRADUÇÃO:

Caro Bispo Banks,

Conheço o Padre Geoghan desde fevereiro de 1980.

Nesse momento, não há nenhuma contraindicação psiquiátrica para o trabalho pastoral do Padre Geoghan.



30 de dezembro de 1994. O Cardeal Law, dizendo que “ter conhecimento das recentes alegações feitas a seu respeito”, põe Geoghan em licença administrativa.

TRADUÇÃO:

Caro Padre Geoghan,

Lamentei ter conhecimento das recentes alegações feitas a seu respeito. Em função dos passos tomados para resolver as alegações e alinhado com o acordo que você alcançou com o Padre Brian M. Flatley, Assistente do Secretário para o Pessoal Ministerial, eu o designei para uma licença administrativa efetiva a partir de hoje, 30 de dezembro de 1984.

Durante esse período, você está livre para celebrar missa em particular. Por outro lado, peço a você para se privar de toda a atividade pastoral e do ministério público até que uma resolução tenha sido alcançada no que diz

respeito às alegações. Durante esse período, sua remuneração mensal regular será fornecida pelo Fundo de Auxílio do Clero da arquidiocese.

Imagino que essa seja uma época difícil para você e para aqueles que lhe são próximos. Se eu puder ajudar você de alguma maneira, por favor me contate. Tenha certeza de que você é lembrado em minhas orações.

Por favor envie uma notificação escrita para o Monsenhor William F. Murphy, Vigário da Administração, e para o Padre James J. McCarthy, Diretor Pessoal do Clero, indicando que você recebeu essa comunicação.

ARCHDIOCESE OF BOSTON
OFFICE FOR SENIOR PRIESTS
60 WILLIAM CARDINAL O'CONNELL WAY
BOSTON, MASSACHUSETTS 02114
TEL. (617) 523-1861

REV. JOHN J. GEOGHAN

Nov. 17, 1995

Dear Monsignor Murphy,

I know it is not the end of the world but for me with the many burdens I am bearing, it feels like it !

I will be happy to meet with Cardinal Law any time he wishes to with me. At this time it would be inappropriate for me to resign from the position of associate director of this office. I believe it would be a terrible injustice to remove me from this office.

I have been falsely accused and feel alienated from my ministry and fellowship with my brother priests.

I cannot believe that one would be considered guilty on an accusation or based on speculation but I have experienced this. Where is there justice or due process?

It is not any consolation to be told I am in the company of many priests, bishops and cardinals. What hurts the most is being told by non-professionals "your in denial" therefore not credible.

I will do all within my power to maintain my innocence. Please have patience. I must.

Respectfully
John J. Geoghan
John J. Geoghan

17 de novembro de 1995. Geoghan, em carta ao Monsenhor William F. Murphy, nega, irritado, as acusações de abuso e se recusa a renunciar ao cargo de diretor-associado do Escritório de Padres Seniores, onde foi colocado depois de sua licença administrativa.

TRADUÇÃO:

Caro Monsenhor Murphy,

Eu sei que não é o fim do mundo, mas para mim, com as muitas dificuldades que estou passando, parece que é! Ficarei feliz em me encontrar com o Cardeal Law a qualquer momento que ele queira me encontrar. Agora seria inapropriado para mim renunciar à minha posição de diretor associado desse escritório. Acredito que seria uma terrível injustiça me retirarem desse escritório.

Tenho sido falsamente acusado e me sinto alienado do meu ministério e da companhia dos meus irmãos padres.

Não posso acreditar que alguém possa ser considerado culpado de uma acusação baseada em especulação, mas tenho experimentado isso. Onde está a justiça ou o devido processo?

Não serve de nenhum consolo me dizerem que estou na companhia de muitos padres, bispos ou cardeais. O que machuca mais é ouvir de não profissionais “você está em negação” e, conseqüentemente, não é confiável.

Farei tudo o que estiver ao meu alcance para manter minha inocência. Por favor tenha paciência. Eu preciso.



CARDINAL'S RESIDENCE
2101 COMMONWEALTH AVENUE
BRIGHTON, MASSACHUSETTS 02135-3192

August 4, 1996

Reverend John J. Geoghan
64 Oceanside Drive
Scituate, MA 02066

Dear Father Geoghan:

It is my understanding that after significant conversation with Reverend Brian M. Flatley, Assistant to the Secretary of Ministerial Personnel, you have accepted the recommendation recently made to you for professional assistance. I am encouraged by your positive response in that regard.

In that light, I am writing to advise you that I have granted you Sick Leave status. I have made the effective date retroactive to July 28, 1996.

Since December 30, 1994 you have been on Administrative Leave and I have indicated that you should refrain from all pastoral activity and public ministry. It is important that you understand that during your period of Sick Leave the same conditions would apply with regard to pastoral activity and public ministry.

Please send written notification to Most Reverend William F. Murphy, Moderator of the Curia, and Reverend James J. McCarthy, Clergy Personnel Director, indicating that you have received this communication.

I know that the time ahead has the potential to be an opportunity for much personal insight and growth and response to God's care and love in the various ways it may be made manifest to you. Be assured of frequent remembrance in my prayers.

With warmest personal regards and my appreciation for your cooperation and your efforts, I remain,

Sincerely yours in Christ,

Archbishop of Boston

4 de agosto de 1996. O Cardeal Law põe Geoghan em licença médica, observando que “o tempo adiante tem o potencial de ser uma oportunidade para discernimento e crescimento”.

TRADUÇÃO:

Caro Padre Geoghan,

É do meu entendimento que depois da significativa conversa com o Padre Brian M. Flatley, Assistente do Secretário de Pessoal Ministerial, você aceitou as recomendações recentemente feitas de assistência profissional. Fui encorajado por sua resposta positiva a esse respeito.

Nesse sentido, estou escrevendo para lhe informar que eu lhe concedi uma licença médica. Adotei a efetiva data retroativa de 28 de julho de 1996.

Desde 30 de dezembro de 1994 você tem estado sob licença administrativa e eu indiquei que você deve se privar de toda a atividade pastoral e do ministério público. É importante que você compreenda que

durante esse período de licença médica as mesmas condições seriam aplicadas no que diz respeito à atividade pastoral e ao ministério público.

Por favor envie uma notificação escrita para o Padre William F. Murphy, Moderador da Cúria, e para o Padre James J. McCarthy, Diretor Pessoal do Clero, indicando que você recebeu essa comunicação.

Eu sei que o tempo adiante tem o potencial de ser uma oportunidade para discernimento e crescimento e resposta ao cuidado e amor de Deus nas várias maneiras que Ele pode ter se manifestado a você. Tenha certeza da frequente lembrança em minhas preces.

REGINA CLERI, INC.
60 WILLIAM CARDINAL O'CONNELL WAY
BOSTON, MASSACHUSETTS 02114

October 19, 1996

Dear Cardinal Law,
I request that I be granted Senior
Priest Retirement status, for reasons
of health.
I feel privileged that I have served in
the active ministry for these thirty-
four years. God has been and
continues to be good to me.

Sincerely,
Rev. John J. Geoghan

19 de outubro de 1996. Geoghan solicita sua aposentadoria.

TRADUÇÃO:

Caro Cardeal Law,

Solicito que me seja concedido o status de Padre Sênior Aposentado, por razões de saúde.

Me sinto privilegiado de termos partilhado o ativo ministério nesses últimos 34 anos. Deus tem sido e continua sendo bom para mim.



CARDINAL'S RESIDENCE
2101 COMMONWEALTH AVENUE
BRIGHTON, MASSACHUSETTS 02125-3192

December 12, 1996

Reverend John J. Geoghan
Southdown
1335 Saint John's Sideroad East
R.R. #2
Aurora, Ontario L4G 3G8
CANADA

Dear Father Geoghan,

I am writing in response to your request, made October 19, 1996, for Senior Priest Retirement status. I am granting your request. I am also assigning you to full time residence at Regina Cleri in Boston. The effective dates of these actions is January 3, 1997.

As you know, it is unusual for a man of your age to be granted this status. However, your particular situation makes it advisable. In regards to your situation, I feel it prudent to remind you that your ministry within the Archdiocese is restricted to the celebration of private Mass. This allows for you to be the principal celebrant at the community Mass at Regina Cleri. Any other ministry must be specifically requested through the Office of Delegate of the Archbishop.

Please send written notification to Most Reverend William Murphy, Moderator of the Curia, and Reverend James J. McCarthy, Director of Clergy Personnel, indicating you have received this letter.

Yours has been an effective life of ministry, sadly impaired by illness. On behalf of those you have served well, and in my own name, I would like to thank you. I understand yours is a painful situation. The Passion we share can indeed seem unbearable and unrelenting. We are our best selves when we respond in honesty and trust. God bless you, Jack.

Please stay in close touch with Reverend William F. Murphy, Delegate of the Archbishop. I have asked him to be in contact with you on an informal but regular basis.

Asking God's blessings on you and those you love, I am,

Sincerely yours in Christ,

Archbishop of Boston

12 de dezembro de 1996. O Cardeal Law concede a Geoghan a condição de Padre Senior Aposentado. Dezesete meses depois, Geoghan seria destituído.

TRADUÇÃO:

Caro Padre Geoghan,

Escrevo em resposta à sua solicitação, feita em 19 de outubro de 1996, para o status de Padre Sênior Aposentado. Estou concedendo a sua solicitação. Também o estou nomeando para uma residência em tempo integral em Regina Cleri, em Boston. A data de efetivação dessas ações é 3 de janeiro de 1997.

Como você sabe, é incomum se conceder esse status a um homem com sua idade. No entanto, sua situação particular torna isso aconselhável. Com referência à sua situação, acho prudente lembrá-lo de que o seu ministério na arquidiocese está restrito à celebração de missas particulares. Isso permite que você seja o principal celebrante na missa comunitária em Regina Cleri. Qualquer outro ministério deve ser especificamente requerido por meio do Escritório do Delegado do Arcebispado.

Por favor envie notificação escrita para o Padre William F. Murphy, Moderador da Cúria, e para o Padre James J. McCarthy, Diretor de Pessoal do Clero, indicando que você recebeu esta carta.

A sua vida de ministério tem sido efetiva, infelizmente interrompida pela doença. Em nome daqueles a quem você serviu bem, e em meu próprio nome, gostaria de agradecê-lo. Eu compreendo que você está numa situação dolorosa. A Paixão que compartilhamos pode de fato parecer insuportável e implacável. Nós somos o melhor de nós quando respondemos com honestidade e confiança. Deus o abençoe, Jack.

Por favor mantenha contato próximo com o Padre William F. Murphy, Delegado do Arcebispado. Pedi a ele que mantivesse contato com você informalmente, porém com regularidade.



ARCHDIOCESE OF BOSTON
2121 COMMONWEALTH AVENUE
BRIGHTON, MASSACHUSETTS 02135-3193
(617) 254-0100 FAX (617) 783-2947

May 8, 1998

PERSONAL & CONFIDENTIAL

M E M O R A N D U M

TO: Reverend James McCarthy
FROM: Monsignor Richard Lennon *RGL*
RE: John J. Geoghan

For your records John J. Geoghan was dismissed from the Priesthood on February 17, 1998. He was informed of this action on April 27, 1998 (CDWDS 372/98).

RGL:dh

8 de maio de 1998. O memorando informa que Geoghan tinha sido oficialmente destituído do sacerdócio em 17 de fevereiro de 1998.

COMMONWEALTH OF MASSACHUSETTS	
MIDDLESEX, SS.	SUPERIOR COURT DEPARTMENT DOCKET NO.
COMMONWEALTH	
V.	
JOHN J. GEOGHAN	
STATEMENT OF THE CASE	
Now comes the Commonwealth and offers the following statement of the facts of this case. This statement does not constitute a bill of particulars nor does it recite all facts known to the Commonwealth.	
During the late 1980's and early 1990's, John J. Geoghan was a priest at St. Julia's Parish in Weston, Massachusetts. Father Geoghan often would spend time at the Boy's & Girls Club at 20 Exchange Street in Waltham, Massachusetts. He spent most of his time in the pool and shower area.	
Father Geoghan befriended many young boys who lived in the Prospect Hill area in Waltham, which is an area of low income housing. Father Geoghan encouraged these boys to attend the Boys & Girls Club and to become involved in activities there, telling the parents of these children that this was the best way to keep the children off the streets and not involved with "bad kids." Often Father Geoghan would attempt to recruit these young children to serve as altar boys with him at St. Julia's Church.	

12/9/99
Filed
in
Court

4

9 de dezembro de 1999. A instrução do caso Estado contra John J. Geoghan, protocolizada no Tribunal Superior de Middlesex.

TRADUÇÃO:

ESTADO CONTRA JOHN J. GEOGHAN

Nesse momento o Estado oferece os fatos da instrução do caso em questão. Esse depoimento não consiste em relato detalhado feito a pedido do réu e não apresenta todos os fatos que são de conhecimento do Estado.

Durante o fim dos anos 1980 e início da década de 1990, John J. Geoghan foi um padre na Paróquia St. Julia, em Weston, Massachusetts. Padre Geoghan frequentava o Clube de Meninos & Meninas, na rua Exchange n. 20, em Waltham, Massachusetts. Ele passava a maior parte do tempo na piscina e na área dos chuveiros. Padre Geoghan fez amizade com

vários garotos que moravam na região de Prospect Hill, em Waltham, uma área residencial de baixa renda.

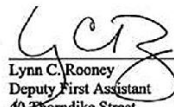
O padre encorajou esses garotos a frequentarem o Clube de Meninos & Meninas e a se envolverem com as atividades do local, dizendo aos pais dessas crianças que essa era a melhor maneira de manter seus filhos fora das ruas e longe de “más influências”. Com frequência o Padre Geoghan tentava recrutar essas crianças para servirem como seus coroinhas na Igreja St. Julia.

When [REDACTED] was 11 years old, he was living in the Prospect Hill area in Waltham. He spent time at the Boys & Girls Club, having been encouraged to do so by his mother. One day, when [REDACTED] was at the pool with his mother and younger sister for a family swim, an incident occurred with Father Geoghan. [REDACTED] was in the deeper end of the pool, practicing his diving. Father Geoghan approached [REDACTED] and was assisting him in his efforts. At one point, Father Geoghan reached his hand inside [REDACTED] swim trunks and grabbed [REDACTED] buttocks. [REDACTED] cried out, squirmed out of Father Geoghan's reach, swam down to his mother and climbed out of the pool. He insisted that the family leave the Boys & Girls Club immediately. [REDACTED] pulled his pants on over his wet swim trunks and left the building. On the way home, [REDACTED] told his mother what had happened and told her he never wanted to return to the Boys & Girls Club.

Respectfully Submitted
For the Commonwealth,

MARTHA COAKLEY
DISTRICT ATTORNEY

By:


Lynn C. Rooney
Deputy First Assistant
40 Thorndike Street
Cambridge, MA 02141
617-494-4060
BBO No. 555399

Dated: November 22, 1999

22 de novembro de 1999. A promotora distrital Martha Coakley descreve a situação que acabou levando o Padre Geoghan à condenação por colocar a mão dentro do calção de um garoto de 11 anos e lhe apalpar as nádegas em uma piscina pública.

TRADUÇÃO:

Quando --- tinha 11 anos, ele morava na área de Prospect Hill, em Waltham. Ele frequentava o Clube de Meninos & Meninas, tendo sido encorajado a fazer isso por sua mãe. Um dia, quando --- estava na piscina com a mãe e sua irmã mais nova para nadar em família, ocorreu um incidente com o Padre Geoghan. --- estava na parte mais funda da piscina, praticando seu mergulho. O Padre Geoghan se aproximou de --- e estava assistindo os seus esforços. Em determinado momento, Padre Geoghan colocou sua mão dentro do calção e agarrou suas nádegas. --- gritou, se contorceu para longe do alcance do Padre Geoghan, nadou em direção à sua mãe e saiu da piscina. Ele insistiu para que a família saísse imediatamente do Clube de Meninos & Meninas, vestiu suas calças sobre sua roupa de banho e saiu do prédio. A caminho de casa, --- disse a sua mãe o que havia acontecido e disse a ela que nunca mais queria voltar ao Clube de Meninos & Meninas.

*Report of Rev. Paul Shanley's talk
to Dignity-Integrity 9-23-77
St. Luke's Episcopal Church, Rochester, N.Y.*

Oct. 4, 1977

Dear Jean,

In regard to Fr. Paul Shanley, the following are some of his statements per your request.

Homosexual acts are not sinful, sick, a crime, nor are they immoral.

What has been done to gays by the straight community calls out for vengeance from heaven. Gay persons aren't angry enough, they should become more angry at society.

He has been following Lewis Crew, who is an advocate for gay teachers and gay curriculum in schools, and he (Fr. Shanley) agrees with Crew, that gay children should have gay teachers and gay curriculum.

Most first homosexual encounters are with straights. It is straights who seduce youngsters.

Further, "straight people cannot tell the truth about sex".

Straights spend time worrying about the bedsores of gays in regard to their sexual activity. (This brought a big laugh).

He doesn't advocate as some clergy do that gays form gay unions (2 forming a pr.), because in his experience counseling those in gay unions, he finds that gay unions invariably fall apart. (He laughed) and said just as heterosexual unions are falling apart, but in gay unions no children are involved.

He stated celibacy is impossible, therefore, the only alternative is for gays to have sex with different persons whenever they want to.

He spoke of pedophilia (which is a non coerced sexual manipulation of sex organs including oral-genital sex between an adult and child). He stated that the adult is not the seducer--the "kid" is the seducer and further the kid is not traumatized by the act per se, the kid is traumatized when the police and authorities "drag" the kid in for questioning.

He stated that he can think of no sexual act that causes psychic damage--"not even incest or bestiality".

He stated that clergy donot work with gays because they are fearful of losing their reputation--that they may be thought to be gay. He said this is an indictment of the clergy. He said it would be a good idea, if people thought the clergy was gay because

4 de outubro de 1977. Uma mulher chocada escreve sobre os tópicos de uma palestra dada pelo Padre Paul R. Shanley, que incluía assuntos como "atos homossexuais não são pecaminosos" e "celibato é impossível".

TRADUÇÃO:

Caro Jean,

Em relação ao Padre Paul Shanley, o que vem a seguir por sua solicitação são algumas de suas colocações.

Atos homossexuais não são pecaminosos, doença, crime e nem são imorais.

O que foi feito aos gays pela comunidade heterossexual exige vingança dos céus. Não existe raiva o bastante nos gays, eles deveriam ficar mais zangados com a sociedade.

Ele estava seguindo Lewis Crew, que é um advogado para os professores gays e currículo gay nas escolas, e ele (Padre Shanley) concorda com Crew, que crianças gays deveriam ter professores gays e currículo gay.

A maioria da primeira experiências de homossexuais é com héteros. São os heterossexuais que seduzem os jovens.

Além disso “pessoas heterossexuais não podem dizer a verdade sobre sexo”.

Os heterossexuais passam o tempo se preocupando com as assaduras dos gays em relação à sua atividade sexual. (Isso provocou uma grande gargalhada).

Ele não defende como alguns clérigos fazem que os gays formem uniões gay (2 formando um par), porque, na sua experiência de aconselhamento de uniões homossexuais, ele acha que elas, invariavelmente, desmoronam. (Ele riu) e disse, exatamente como as uniões heterossexuais estão desmoronando, mas em uniões homossexuais crianças não estão envolvidas.

He stated celibacy is impossible, therefore, the only alternative is for gays to have sex with different persons whenever they want to.

He spoke of pedophilia (which is a non coerced sexual manipulation of sex organs including oral-genital sex between an adult and child). He stated that the adult is not the seducer--the "kid" is the seducer and further the kid is not traumatized by the act per se, the kid is traumatized when the police and authorities "drag" the kid in for questioning.

He stated that he can think of no sexual act that causes psychic damage--"not even incest or bestiality".

He stated that clergy donot work with gays because they are fearful of losing their reputation--that they may be thought to be gay. He said this is an indictment of the clergy. He said it would be a good idea, if people thought the clergy was gay because

it would have a radicalizing effect. Fr. Shanley described himself as an ultra liberal.

To top off his speech he said, "Homosexuality is a gift from God and should be celebrated".

I have a clipping which states that Fr. Paul Shanley, of the Archdiocese of Boston represents "sexual minorities" on the Young Adult Ministry Board of USCC. Also a Fr. Patrick O'Neill OSA is the USCC's representative for young adult ministry.

Fr. Shanley said he was appointed to his position by a Cardinal Maderis (my spelling of the cardinal's name may be incorrect).

Fr. Shanley also stated that he had spoken to several clergy the afternoon of the evening meeting of Dignity/Integrity, Sept. 23, 1977, St. Luke's Episcopal Church, 8.P.M. Fr. Shanley was wearing full Roman garb.

Sorry I didn't get this off to you sooner, but have been very busy. Hope it helps.

Spiritually,

Deloris Stevens

Ele afirmou que celibato é impossível, portanto, a única alternativa é que os gays façam sexo com pessoas diferentes sempre que quiserem.

Ele falou de pedofilia (que é uma manipulação sexual não coagida dos órgãos sexuais, incluindo sexo oral-genital entre um adulto e uma criança). Ele afirmou que o adulto não é o sedutor – o garoto é o sedutor, e, além disso, o garoto não fica traumatizado pelo ato em si, mas quando a polícia e as autoridades o “arrastam” para interrogatório.

Ele afirmou que não pode pensar em nenhum ato sexual que cause dano psíquico – “nem mesmo o incesto ou bestialidade”.

Ele afirmou que o clero não trabalha com gays porque eles têm medo de perder a sua reputação – que podem pensar que eles são gays. Ele disse que esta é uma acusação do clero. Disse que seria uma boa ideia se as pessoas pensassem que o clero era gay porque isso teria um efeito radicalizante. O Padre Shanley descreveu a si mesmo como um ultraliberal.

Para coroar seu discurso, ele disse: “A homossexualidade é um dom de Deus e deve ser comemorada”.

Eu tenho um recorte que afirma que o Padre Paul Shanley, da Arquidiocese de Boston, representa “minorias sexuais” no Conselho do Ministério do Jovem Adulto da USCC. Também um Padre Patrick O’Neill OSA é o representante da USCC para o ministério do jovem adulto. Padre Shanley disse que foi nomeado para seu cargo por um Cardeal Maderis (minha grafia do nome do cardeal pode estar incorreta).

Padre Shanley também afirmou ter falado com vários clérigos na tarde anterior à reunião da noite sobre dignidade/integridade.

23 de setembro de 1977, Igreja Episcopal de St. Luke. 20h.

Padre Shanley estava vestindo trajes romanos completos. Desculpe-me por eu não relatar isso mais cedo, mas tenho estado muito ocupado. Espero que ajude.

150 people turned up for the day-long series of panels discussing issue of man-boy love; organizer Tom Reeves expected several d

MEN & BOYS

THE BOSTON CONFERENCE

February 12 1979 GAY WEEK

Father Paul Shanley, representative of Boston's Cardinal Madeiros for outreach to sexual minorities, told the story of a boy who was rejected by family and society, but helped by a boy-lover. When his parents found out about the relationship, however, the man was arrested, convicted, and sent to prison. "And there began the psychic demise of that kid," Shanley commented. "He had loved that man . . . It was only a brief and passing thing as far as the sex was concerned, but the love was deep and the gratitude to the man was deep, and when he realized that the indiscretion in the eyes of society and the law had cost this man perhaps 20 years . . . the boy began to fall apart." Shanley concluded: "We have our convictions upside down if we are truly concerned with boys . . . the 'cure' does far more damage."

Rev. Robert Wheatley, from the national office of the Unitarian Universalist Church, described being propositioned by a 15-year-old boy recently. "If you don't think that was rather a shot in the arm for one who is 50, well, you're mistaken," Wheatley observed.

by the age of four, five, and six, boys know that good is playing with their penis, and this is a discovery which I to share with their friends." Pillard then criticized adult ing sexuality by investing it with fear and guilt and for institutions and schools where they are regimented as enter into mindless competition which I see as a way from having the time and the opportunity to explore tender feelings toward one another." Pillard concluded boys who love each other are engaging in a social ex

Lois Johnson, President of Boston's Daughters of B change in her attitude from "outrage" at boy-lovers violation of the civil rights of both the men and of the be Revere cases. She said she started questioning things v came out in favor of the hotline—I said, "Good God!" feared that the hotline, for complaints to the police would form the basis of a witchhunt. The hotline id squelched.

Johnson asserted, "It is difficult for women to come boy love, simply because of the fact that women, a sexuality is concerned, are conditioned in such a way t expressive of it as men are, even in a heterosexual se

But a big uproar erupted when Jon Schaller, a found tion of Ann Arbor, raised from the audience a questio differences between the parties in a man-boy love rel who now runs *Carver Pigeon*, a Boston-based distrib feminist publications, said that issue had not been conference. "At this point we still live in a society whic

The conference was also an occasion for many to come out as boy-lovers. David Thorstad, spokesperson for New York City's Coalition for Lesbian and Gay Rights, said he was retracting his earlier statement (in *Gay Community News*) that he was not a pederast. "I am very happy to say that over the summer that has changed, and it wasn't due to my own initiative either, but just as it is with many men, I was seduced and picked up by a boy and I'm very glad he did it."

Fevereiro de 1979. Shanley é citado como tendo falado positivamente do amor homem-menino em uma conferência sobre o assunto em Boston.



CARDINAL'S RESIDENCE
2101 COMMONWEALTH AVENUE
BRIGHTON, MASSACHUSETTS 02135

Protocol Number: 173/74

February 12, 1979

His Eminence
Franjo Cardinal Seper
Sacred Congregation for the Doctrine of the Faith
Il Piazza del S. Uffizio
Roma, 00193 (Vatican City)

Your Eminence:

I wish to acknowledge your letter of November 14, 1978 concerning the matter of Reverend Paul Shanley and his tapes in which he presents doctrine directly opposed to the teaching of the Church. Because this matter involves a serious pastoral problem which confronts the Church in the United States at this time, I have decided to reply at some length and after some serious reflection on my part and to present my reply in person at the Sacred Congregation.

I wish to place my answer to your questions in its fullest pastoral context and also to give to the Holy See the fullest awareness of how I, as a pastor, see this problem and how I have tried to face it. At the beginning of this letter, I will explain my general overall response to this serious problem and then I will answer your questions more directly.

I. General Context of Homosexuality as a Pastoral, Spiritual and Moral Problem in Large Urban Areas of the United States

The following points confront me as a pastor:

There is a widespread homosexual culture especially, although not exclusive among young people. But there is a relatively new element present. This new element is found in the fact that homosexuals band together to assert: (1) the open fact of their homosexuality, (2) the fact that this is of no consequence to anyone except themselves - thus to be a homosexual differs from having a heterosexual orientation as being right handed differs from being left handed, and (3) the strong efforts to secure their civil rights and human rights.

12 de fevereiro de 1979. O Cardeal Medeiros conta para o Vaticano que Shanley “é um padre problemático”. Medeiros também expõe seu ponto de vista sobre a homossexualidade como “um problema pastoral, espiritual e moral”.

From the Church, some of these are asking: (1) that they be ministered to as a group and (2) that they be admitted to seminaries and novitiates. It is often asserted that in the past the Church has condemned the condition of homosexuality as in itself sinful. Implicit and sometimes explicit is the assertion that homosexual acts and behaviour constitute a morally acceptable way of life. It is my belief that the very fact of banding together in such groups for social and religious purposes usually includes the recognition and even the fostering of homosexual activity. All of these elements which are widespread throughout the United States are intensified in the Archdiocese of Boston because of two factors: (1) We are largely urbanized and (2) We have the largest concentration of young people in the world due to the great number of colleges and universities flourishing here.

There is one final, significant factor which though not widespread is especially ominous for the life of the Church. Affected by the above elements a few priests are beginning to proclaim their own homosexuality and an even larger number is beginning to foster the assertions and claims outlined above. In addition, some priests are said to assert that homosexual acts under certain conditions are not sinful.

II. General Response

I have felt an obligation to respond to the root of this problem without, however, neglecting to respond to its symptoms as well. First, may I indicate my efforts to get at the root of the problem.

Priestly Formation

Since our seminaries reflect the local American culture, the problem of homosexuality has surfaced there in a manner which is widespread and quite deep. It has even been asserted by some seminary faculty members that the Church does not have the right to inquire into the lives of candidates for the priesthood in a penetrating way. Such a philosophy, which is an illicit expansion of American political philosophy, would paralyze the Church in its mission of calling only true vocations to the priesthood. In response to this:

- (1) I have worked with seminary priests towards a complete transformation of our admission process to the college seminary and to the theologate.

Na segunda página de sua carta ao Vaticano, Medeiros diz que “uma vez que nossos seminários refletem a cultura americana local, o problema da homossexualidade tem emergido de maneira difundida e consideravelmente profunda”.

(2) I have also worked to strengthen the evaluation process by which men are voted on towards the priesthood.

(3) I have encouraged the spiritual directors of our seminary to work in the internal forum - always respecting proper confidentiality - to exercise their influence to remove from the path to the priesthood young men who are homosexuals.

(4) I have also sent at regular intervals outstanding priests to be prepared for the delicate work of spiritual direction.

The danger in seminaries, Your Eminence, is obvious. Where large numbers of homosexuals are present in a seminary, other homosexuals are quickly attracted. Other healthier young men tend to be repelled. As a result of the efforts in our seminary, a large number of candidates have been dropped. Yet some of these, who are from other dioceses, have been transferred by their bishops to other seminaries despite complete disclosures from our seminary.

As a result of my actions and the cooperation of some of our faculty, the numbers to be ordained in our Archdiocese for the next several years will be small. Had we not taken these actions, a large number of active homosexual men would have been ordained. In this, as you know, I have only been following the requirements of the Holy See in its teaching on priestly formation. We have a seminary which has now - within a five-year period - become almost fully transformed into a community of healthy, well-balanced young men. Our numbers are much smaller but now we will attract more young men who will be the right kind of candidates.

Naturally, there has been criticism for our actions. But I am convinced that these actions were correct. I am also convinced that there are other seminaries where this problem has not begun to be faced. In order to attack this problem at its root, I am now working with some bishops in our Region to compose a letter to all seminaries in the United States and Europe where the bishops of New England send young men to prepare for the priesthood. While there are several foundational areas treated in this letter, the following are especially pertinent to your inquiry and to the issues as outlined above:

(1) The teaching of moral theology in the seminary especially as it relates to the Magisterium. We are trying to strengthen the place given to Magisterial teaching by theology professors, especially by teachers of moral theology.

O Cardeal Medeiros explica, na terceira página, o que está fazendo para enfrentar o “problema”, pois “o perigo nos seminários é óbvio”. Ele diz que tornou o processo de avaliação de candidatos mais rigoroso e encorajou os diretores espirituais a “remover do caminho do sacerdócio homens jovens que são homossexuais”.

(2) In this letter, we are trying to strengthen the admissions procedures in several ways. We are saying quite explicitly that homosexuals should not be admitted to the seminary.

(3) We are trying to strengthen the core of trained spiritual directors as I have found this necessary for many reasons - but especially helpful in weeding out overt or latent homosexuals.

(4) We are strengthening the means and also the criteria through which seminarians are evaluated each year.

I believe this letter which is based on and draws heavily from the teaching of the Holy See can have an enormous effect over the next generation of priests formed in New England. We believe it will bring about more orthodox moral teaching, less priests who are inclined to foster and encourage the rising homosexual culture (at least where its demands contradict Church teaching) and that we can turn back the number of homosexuals who, for many reasons, are being drawn towards the sacred priesthood.

I hope that this document which is also addressed to vocation directors will also be helpful to our National Conference as it draws up new five-year guidelines for seminary formation within the next few years.

I also took one other significant step within the last year which I believe is related to this matter. I was approached by one of our priests who has been on a Leave of Absence for about seven years asking if he could return to active ministry. I made an investigation which indicated to me that this priest has been living in a homosexual relationship with another man for a large part of those years. He proclaimed that this was over and that, through a Charismatic Prayer Group, he had experienced a conversion. I felt that to receive him back could create scandal and would undermine the slow but steady reform I was trying to lead in the seminary. So, despite pressure, I refused to receive him back until he had sought spiritual direction and counselling over a five-year period under my direction. He refused to do this. He was refused permission by some other dioceses but - unfortunate I believe - was accepted by a neighboring diocese.

May I say that I always try to be compassionate and helpful to a priest who finds himself to be a homosexual but who wishes to live a life of chastity and who struggles to do good priestly work.

Medeiros diz que sempre tentou “ser misericordioso e solícito a um padre que percebe ser homossexual mas que deseja viver uma vida casta e que luta para realizar um bom trabalho sacerdotal”.

III. Efforts Made in the Archdiocese of Boston to Insure Proper Pastoral Action on Questions of Sexual Ethics

(1) In 1975, the Bishops' Committee on Pastoral Research and Practices released a paper entitled, Principles to Guide Confessors in Questions of Homosexuality. I found this paper to be sound and helpful. I immediately mailed it to all the priests of the Archdiocese of Boston. Working with two theologians and a priest psychiatrist, I also prepared a letter to all our priests in which I tried to set down some further principles on this urgent question. I have enclosed a copy of my letter dated June 10, 1975 and also a copy of the document from the National Conference of Catholic Bishops.

(2) In 1977, the Holy See issued "Humana Persona", a document which gave the authentic Church teaching on a broad range of questions concerned with sexual ethics. The document asked individual ordinaries to prepare further teaching which would apply the principles in "Humana Persona" to their local situation. In response to this request, I immediately set about to write a Pastoral Letter entitled, Growing Together in Holiness. I consulted several theologians during the writing of this letter as I always do on such matters. A copy of my Pastoral Letter is enclosed.

(3) In general, my Pastoral Letter along with the Document from your Congregation, was well received in this Archdiocese. I did, however, receive some sharp criticism because I was not lenient enough. I have enclosed an exchange of correspondence which I received from one Franciscan priest which will point out to Your Eminence the unfortunate thinking which I find among some priests and which indicates that they base their position more on the currents of our culture than on revelation and Church teaching.

(4) I am sure that you are familiar with the recent study of the Catholic Theological Society of America on sexual ethics. As you know, this study treats questions of sexual ethics in a manner which is opposed to Catholic teaching. In order to counteract its approach as quickly as possible, I took the following two steps:

a) I asked Bishop Thomas J. Riley (now deceased) to write a theological critique for our Archdiocesan newspaper. Bishop Riley was a respected moral theologian who taught in our seminary for many years and later served as rector. A copy of this article from The Pilot, July 1, 1977, is enclosed.

b) I, myself, wrote a Pastoral Letter concerning this study in which I tried to attack its basic foundation. This letter also addressed another question which was receiving a great deal of publicity at that time. A copy is enclosed. It also appeared in the enclosed pamphlet entitled, Questions and Answers for Our Times.

Continuando sua longa carta, Medeiros relata nesta página os "esforços feitos na Arquidiocese de Boston para garantir uma ação pastoral adequada sobre questões de ética sexual".

Having now given to your Sacred Congregation for the Doctrine of the Faith my basic efforts on the broad and difficult question of homosexuality as a pastoral, moral and spiritual problem, I am happy to respond to your questions in a direct way.

IV. Efforts Made by me to Confront Directly the Work of Reverend Paul Shanley

When I assumed the office of Archbishop of Boston in 1970, Father Paul Shanley came to see me. He had been working with young people who were so-called "runaways" with the permission of the late Cardinal Cushing. I did not remove him from this work. Neither did I at anytime assign him in any direct way to work with homosexuals or with the so-called "homosexual community". There are no letters in our files to this effect nor did I ever write any such letter.

When reports reached me that he was teaching in ways that seemed contradictory to the teaching of the Church, I immediately summoned him. I have met with him privately at least five times. I have told him what the allegations were and he has denied them. He has told me that he does not teach against what the Church teaches. I have been very specific in my questions and he has responded quite directly. On one occasion, I have called in to our meeting three other priests - one a moral theologian, one a spiritual theologian who is a respected and very orthodox spiritual director at our seminary, and one who is a widely-known and respected priest-psychiatrist. All four of us, working as a panel, addressed Father Shanley with direct questions. Many other questions were concerned with the morality of homosexual acts. He assured us that he spoke only according to Church teaching and that he did not violate it or encourage others to violate it.

V. What Will be Done in the Future Concerning Father Shanley

I trust that the above presentation answers the first part of your question - namely, What has been done in the past to deal with Father Shanley as well as positions which he allegedly espouses?

Now, however, I have been apprised by your letter that the Holy See has found him to be still teaching in a way that is directly opposed to the Holy See. So I feel obliged to answer your second question - namely, What do I plan to do in the future on this matter?

It is my intention to send a letter to all our priests relative to this question. I will re-state in a brief manner the teachings of the Church on matters of homosexuality and refer the priests to recent documents of the Holy See, the National Conference of Catholic Bishops, and my own office. More to the

O Cardeal Medeiros detalha "o que será feito no futuro em relação ao Padre Shanley" após ter sido informado pela Santa Sé que o clérigo continua ministrando ensinamentos opostos aos da Igreja.

point, I will indicate that no priest is assigned by me to work specifically or only with homosexuals. I will indicate that whatever confusion may have arisen on it in the past, no priest in the future will have the right to make that claim. I will urge all our priests to minister to any homosexual person with kindness but will teach again that the best way of affirming that person is to lead him or her to the following of Christ and the avoidance of homosexual acts or the so-called "homosexual culture".

Recently, an organization called "Dignity" mailed to all our priests a piece of literature which would be destructive if followed and which supports the activity of the gay liberation movement and tries to enlist priests in behalf of that movement - a movement which, as I indicated above, holds positions which could be destructive of Church life and which are held under a veneer of seeking full rights within the Church and also within civil society. A copy is enclosed entitled, An Introductory Letter to Religious and Clerics by Brother William Roberts. Also enclosed is a copy of an editorial which appeared on page 1 of Dignity's Cross Currents, Vol. 1, No. 2. This letter from the organization called "Dignity" will give me a good occasion to write a brief letter indicating my position and the position of the Church and mention the fact that no one priest is assigned to this apostolate.

Now, I wish to tell you about my recent meeting with Father Paul Shanley. I called Father Shanley to my office and met with him in early January of 1979. I told him that he was to take a regular parish assignment, that he was not to work with homosexuals, and that his teaching was confusing people and giving them ideas contrary to Church teaching. Father Shanley, as always, said that he was not teaching against what the Church teaches. However, what I want to indicate most of all is that shortly after our meeting, Father Shanley went to the press. He had an extended interview with the Boston Globe and I have enclosed a copy of that report. Father Shanley was also interviewed at length on a WEEI local radio station program. His loudest protest was that homosexuality as an orientation was not a sin and that he would continue to proclaim that to the rooftops. Of course, the Church has never said that it was sinful but that homosexual acts are sinful. It is on this subject of homosexual acts that Father Shanley presents confusing and distorted teaching.

I believe that Father Shanley is a troubled priest and I have tried to be understanding and patient with him while continuously affirming - both privately to him and publicly to my people - the Church teaching on sexual ethics. Finally, in an effort to cooperate with your findings, I have taken these difficult but necessary steps. I hope and pray that you will find them appropriate and wise.

Medeiros informa que chamou o Padre Shanley para conversar e lhe dizer que seus ensinamentos estavam confundindo as pessoas e dando a elas ideias contrárias ao que a Igreja pregava. "Shanley, como sempre, disse que ele não estava lecionando contra os ensinamentos da Igreja." O cardeal conta, em seguida, que, logo depois da reunião, Shanley deu entrevista ao *Globe* e a uma emissora de rádio, reafirmando que homossexualidade como orientação não é pecado. Medeiros concorda, mas lembra que atos homossexuais são pecaminosos.

February 12, 1979

I trust, Your Eminence, that I have given you a complete picture of this delicate matter. When I have completed my letter to priests in another month or two, I will forward a copy to you.

Please pray for Father Shanley and for all our young people whose souls are attacked constantly by voices which distort and scandalize. Also, I ask your prayers above all for our seminaries and for me. I shall, as always, be pleased to receive your response to this matter as well as your good counsel and advice.

With sentiments of esteem and my prayerful best wishes, I remain

Devotedly yours in Our Lord,

Humberto Cardinal Medeiros

Humberto Cardinal Medeiros
ARCHBISHOP OF BOSTON

Enclosures

Medeiros termina a carta fazendo um pedido para o Cardeal Franjo Seper: “Por favor reze pelo Padre Shanley e por todos os jovens cujas almas são atacadas constantemente por vozes que distorcem e escandalizam. Também peço suas orações acima de tudo por nossos seminários e por mim”.

TRADUÇÃO:

Sua Eminência,

Eu gostaria de confirmar sua carta de 14 de novembro de 1978 referente à matéria do Padre Paul Shanley e suas fitas nas quais ele apresenta a doutrina diretamente oposta ao ensinamento da Igreja. Porque essa matéria envolve um sério problema pastoral, que a Igreja nos Estados Unidos enfrenta atualmente, decidi responder com alguma demora e, depois de séria reflexão da minha parte, apresentar minha resposta pessoalmente na Sagrada Congregação.

Gostaria de situar minha resposta às suas questões em seu máximo contexto pastoral e também de dar à Santa Sé a máxima consciência de

como eu, sendo um sacerdote, vejo esse problema e como eu tentei encará-lo. No começo dessa carta vou explicar minha resposta completa a esse sério problema e depois responderei suas perguntas mais diretamente.

I. Contexto Geral da Homossexualidade como um Problema Pastoral, Espiritual e Moral nas Grandes Áreas Urbanas dos Estados Unidos

Como sacerdote, confronto-me com os seguintes pontos:

Há uma cultura homossexual amplamente difundida, embora não exclusiva, entre as pessoas jovens. Mas há um elemento relativamente novo presente. Esse novo elemento se encontra no fato de que os homossexuais se unem para expressar: (1) o fato aberto de sua homossexualidade, (2) o fato de que isso não tem consequências para ninguém exceto eles próprios – logo ser homossexual difere de ter uma orientação heterossexual como ser destro difere de ser canhoto, e (3) os fortes esforços para garantir seus direitos civis e direitos humanos.

Da Igreja, alguns desses estão reivindicando: (1) que eles devem ser atendidos como um grupo e (2) que eles sejam admitidos nos seminários e noviciados. É frequentemente afirmado que no passado a Igreja condenou a condição de homossexualidade como pecaminosa em si mesma. Implícita e às vezes explícita é a afirmação de que os atos e o comportamento homossexuais constituem um modo de vida moralmente aceitável. Acredito que o próprio fato de se juntarem em tais grupos para propósitos sociais e religiosos normalmente inclui o reconhecimento e até mesmo o encorajamento da atividade homossexual. Todos esses elementos que estão espalhados por todo os Estados Unidos são intensificados na Arquidiocese de Boston por causa de dois fatores: (1) nós somos amplamente urbanizados e (2) nós temos a maior concentração de jovens do mundo devido ao grande número de faculdades e universidades que aqui florescem.

Há um fator final significativo que, apesar de não alastrado, é especialmente ameaçador para a vida da Igreja. Afetados pelos elementos acima, alguns padres estão começando a proclamar sua própria homossexualidade, e um número ainda maior está começando a encorajar as declarações e reivindicações esboçadas acima. Além disso, diz-se que alguns padres afirmam que os atos homossexuais sob certas condições não são pecaminosos.

II. Resposta Geral

Senti uma obrigação de responder à raiz desse problema sem, no entanto, deixar de responder também aos seus sintomas. Primeiramente, quero indicar meus esforços para chegar à raiz do problema.

Formação Sacerdotal

Uma vez que nossos seminários refletem a cultura americana local, o problema da homossexualidade tem emergido ali de maneira difundida e consideravelmente profunda. Até tem sido afirmado por alguns membros do corpo docente do seminário que a Igreja não tem o direito de investigar as vidas dos candidatos ao sacerdócio de maneira invasiva. Tal filosofia, que é uma expansão ilícita da filosofia política americana, paralisaria a Igreja em sua missão de convocar apenas pessoas com verdadeiras vocações para o sacerdócio. Em resposta a isso:

(1) Tenho trabalhado com padres seminaristas em direção a uma completa transformação de nosso processo de admissão para a faculdade do seminário e para o teologado.

(2) Também tenho trabalhado para reforçar o processo de avaliação pelo qual homens são escolhidos para o sacerdócio.

(3) Encorajei os diretores espirituais de nosso seminário a trabalhar no fórum interno – sempre respeitando a confidencialidade – para exercer sua influência e remover do caminho do sacerdócio homens jovens que são homossexuais.

(4) Também enviei em intervalos regulares excelentes padres para serem preparados para o delicado trabalho de direção espiritual.

O perigo nos seminários, Sua Eminência, é óbvio. Quando grandes números de homossexuais estão presentes num seminário, outros homossexuais são rapidamente atraídos. E outros jovens saudáveis tendem a ser repelidos. Como resultado dos esforços em nosso seminário, um grande número de candidatos desistiu. Todavia alguns deles, que são de outras dioceses, foram transferidos por seus bispos para outros seminários, apesar dos relatos completos de nosso seminário.

Como resultado de minhas ações e da cooperação de alguns dos nossos membros do corpo docente, o número de ordenados na nossa Arquidiocese para os próximos vários anos será pequeno. Se não tivéssemos tomado essas ações, um grande número de homens homossexuais ativos teriam sido ordenados. Sobre isso, como você sabe, tenho apenas seguido as exigências da Santa Sé no seu ensinamento sobre a formação sacerdotal.

Nós temos um seminário que agora – dentro de um período de cinco anos – se torna quase totalmente transformado em uma comunidade de jovens saudáveis e equilibrados. Nossos números são muito menores, mas agora atrairemos mais jovens que serão o tipo certo de candidato.

Naturalmente, tem havido críticas às nossas ações. Mas estou convencido de que foram corretas. Também acredito de que há outros seminários onde esse problema não começou a ser enfrentado. A fim de atacar esse problema pela raiz, estou agora trabalhando com alguns bispos de nossa região para compor uma carta para todos os seminários nos Estados Unidos e na Europa, onde os bispos da Nova Inglaterra enviam jovens para se preparar para o sacerdócio. Apesar de haver várias áreas fundamentais tratadas nesta carta, as seguintes são especificamente pertinentes à sua indagação e aos problemas que foram apresentados acima:

(1) O ensino de Teologia Moral no seminário, especialmente se ela está relacionada com o Magistério. Estamos tentando reforçar o ensino Magistral por professores de Teologia, especialmente por professores de Teologia Moral.

(2) Nesta carta, estamos tentando fortalecer os procedimentos de admissão de várias maneiras. Estamos afirmando muito explicitamente que os homossexuais não deveriam ser admitidos no seminário.

(3) Estamos tentando reforçar a base dos diretores espirituais, uma vez que achei isso necessário por muitas razões – mas especialmente útil no desbastamento de homossexuais visíveis ou latentes.

(4) Estamos reforçando os meios e também os critérios através dos quais os seminaristas são avaliados a cada ano.

Acredito que esta carta, que é baseada e elaborada severamente a partir do ensinamento da Santa Sé, possa ter um enorme efeito sobre a próxima geração de padres formados na Nova Inglaterra. Acreditamos que ela produzirá mais ensinamento moral ortodoxo, menos padres que estão inclinados a encorajar o aumento da cultura homossexual (pelo menos onde suas demandas contradizem o ensinamento da Igreja) e que nós possamos diminuir o número de homossexuais que, por muitas razões, estão sendo atraídos para o sagrado sacerdócio.

Espero que esse documento, que também é dirigido aos diretores de vocações, também seja útil para a nossa Conferência Nacional,

considerando que elabora novos cinco anos de procedimentos para a formação do seminário nos próximos poucos anos.

Também dei mais um passo significativo dentro do ano passado que acredito estar relacionado com essa matéria. Fui abordado por um de nossos padres, que está afastado por cerca de sete anos, perguntando se ele podia retornar ao ministério ativo. Fiz uma investigação que me indicou que esse padre tem vivido um relacionamento homossexual com outro homem por uma grande parte desses anos. Ele afirmou que o relacionamento estava terminado e que, por meio de um Grupo Carismático de Oração, ele tinha sido convertido. Senti que recebê-lo de volta poderia criar um escândalo e minar a lenta mas sólida reforma que eu tentava liderar no seminário. Então, apesar da pressão, recusei-me a recebê-lo de volta até que ele tivesse procurado um diretor espiritual e fizesse aconselhamento por um período de cinco anos sob minha direção. Ele se recusou a fazer isso. A permissão foi negada por outras dioceses, mas – infelizmente, na minha opinião – foi aceito por uma diocese vizinha.

Posso dizer que sempre tentei ser misericordioso e solícito a um padre que percebe ser homossexual mas que deseja viver uma vida casta e que luta para realizar um bom trabalho sacerdotal.

III. Esforços feitos na Arquidiocese de Boston para Garantir uma Ação Pastoral Adequada sobre Questões de Ética Sexual

(1) Em 1975, o Comitê de Pesquisa e Prática Pastoral dos Bispos liberou um comunicado intitulado *Princípios para Orientar Confessores nas Questões de Homossexualidade*. Achei esse documento profundo e útil. Imediatamente o enviei para todos os padres da Arquidiocese de Boston. Trabalhando com dois teólogos e um padre psiquiatra, também preparei uma carta para todos os nossos padres, na qual tentei estabelecer alguns outros princípios sobre essa questão urgente. Incluí uma cópia de minha carta datada de 10 de junho de 1975 e também uma cópia do documento da Conferência Nacional dos Bispos Católicos.

(2) Em 1977, a Santa Sé lançou a “Humana Persona”, um documento que forneceu o autêntico ensinamento da Igreja sobre uma ampla gama de questões relacionadas com a ética sexual. O documento pedia aos padres que preparassem individualmente ensinamentos adicionais que aplicariam os princípios em “Humana Persona” para sua situação local. Em resposta a

essa solicitação, imediatamente tomei providências para escrever uma Carta Pastoral intitulada *Crescendo Juntos na Santidade*. Consultei vários teólogos durante a preparação dessa carta, como sempre faço nesses assuntos. Uma cópia da minha Carta Pastoral está incluída aqui.

(3) Em geral, minha Carta Pastoral, juntamente com o documento de sua congregação, foi bem recebida nessa arquidiocese. Eu realmente recebi algumas críticas afiadas porque não fui flexível o bastante. Inclui uma troca de correspondência que recebi de um padre franciscano que irá mostrar à Sua Eminência o infeliz pensamento que encontrei entre alguns padres e que indica que eles baseiam sua posição mais nas correntes de nossa cultura do que na revelação e no ensinamento da Igreja.

(4) Tenho certeza de que você está familiarizado com o recente estudo da Sociedade Católica de Teologia da América sobre ética sexual. Como você sabe, esse estudo trata de questões de ética sexual de uma maneira que é oposta ao ensinamento católico. A fim de neutralizar sua abordagem tão rápido quanto possível, tomei as seguintes atitudes:

a) Pedi ao Bispo Thomas J. Riley (agora falecido) para escrever uma crítica teológica para o jornal de nossa arquidiocese. O Bispo Riley era um respeitado teólogo moral que lecionou em nosso seminário por muitos anos e depois assumiu o posto de reitor. Uma cópia desse artigo do *The Pilot*, de 1 de julho de 1977, está aqui incluída.

b) Eu mesmo escrevi uma Carta Pastoral a respeito desse estudo na qual tentei atacar seus fundamentos básicos. Essa carta também abordou outra questão que estava recebendo muita atenção na época. Uma cópia está incluída aqui. A carta também apareceu no panfleto incluso intitulado *Perguntas e Respostas para o Nosso Tempo*.

Tendo dado agora para a sua Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé meus esforços básicos sobre a ampla e difícil questão da homossexualidade como um problema pastoral, moral e espiritual, fico feliz em responder as suas questões de modo direto.

IV. Esforços Feitos por mim para Confrontar Diretamente o Trabalho do Padre Paul Shanley

Quando assumi o escritório da Arquidiocese de Boston em 1970, o Padre Paul Shanley veio me ver. Ele vinha trabalhando com jovens que eram chamados de “fugitivos” com a permissão do falecido Cardeal Cushing. Eu não o removi de seu trabalho. Nem, em tempo algum, o

designei de maneira direta para trabalhar com homossexuais ou com a chamada “comunidade homossexual”. Não há cartas em nossos arquivos com esse efeito e eu nunca escrevi quaisquer cartas como essas.

Quando fui informado por relatórios que ele estava lecionando de maneiras que pareciam contraditórias aos ensinamentos da Igreja, imediatamente o intimei. Havia encontrado com ele em particular pelo menos cinco vezes. Disse a ele o que eram as alegações e ele as negou. Ele me disse que não leciona contra o que a Igreja ensina. Fui muito específico em minhas perguntas e ele me respondeu de maneira bastante direta. Em uma ocasião chamei para o nosso encontro três outros padres – um teólogo moral, um teólogo espiritual – que é respeitado e um diretor espiritual muito ortodoxo em nosso seminário – e um padre psiquiatra – que é muito conhecido e respeitado. Nós quatro, trabalhando como uma equipe, dirigimos ao Padre Shanley questões diretas. Muitas outras questões diziam respeito à moralidade dos atos sexuais. Ele nos garantiu de que falava apenas de acordo com o ensinamento da Igreja e que não o violou e não encorajou outros a o violarem.

V. O Que Será Feito no Futuro em Relação ao Padre Shanley

Tenho confiança de que a apresentação acima responde a primeira parte de sua questão – quer dizer, “o que foi feito no passado para lidar com o Padre Shanley bem como as posições que ele supostamente apoiou?”.

Agora, no entanto, fui informado por sua carta de que a Santa Sé descobriu que ele ainda está lecionando de uma maneira que é diretamente oposta à Santa Sé. Então me sinto obrigado a responder a sua segunda questão – quer dizer, “o que planejo fazer no futuro a esse respeito?”.

É minha intenção enviar uma carta a todos os nossos padres relativa a essa questão. Vou expor novamente, de maneira breve, o ensinamento da Igreja sobre questões de homossexualidade e remeter aos padres os recentes documentos da Santa Sé, da Conferência Nacional dos Bispos Católicos e de meu gabinete. Mais pontualmente, indicarei que nenhum padre está designado por mim para trabalhar especificamente ou somente com homossexuais. Vou assinalar que independente de qualquer confusão que possa ter surgido sobre isso no passado, nenhum padre no futuro terá o direito de reclamar. Vou encorajar todos os nossos padres a exercerem o ministério com qualquer pessoa homossexual com gentileza, mas

ensinarei novamente que a melhor maneira de aceitar essa pessoa é levá-la ou levá-lo aos ensinamentos de Cristo e à fuga dos atos homossexuais ou a assim chamada “cultura homossexual”.

Recentemente, uma organização chamada “Dignidade” enviou a todos os nossos padres um livro que seria destrutivo se fosse seguido e que apoia a atividade do movimento da liberação gay e tenta alistar padres a favor do movimento – um movimento que, como indiquei acima, mantém posições que poderiam ser destrutivas para a Igreja e também dentro da sociedade civil. Uma cópia segue anexa com o título *Uma Carta Introdutória aos Religiosos e Clérigos pelo Irmão William Roberts*. Também está anexa uma cópia de um editorial que aparece na página 1 da *Corrente da Cruz da Dignidade*, v. 1, n. 2. Essa carta da organização chamada “Dignidade” me dará uma boa oportunidade de escrever uma breve carta indicando minha posição e a posição da Igreja e mencionando o fato de que nenhum padre está designado para esse apostolado.

Agora quero lhe falar sobre o meu recente encontro com o Padre Shanley. Chamei o Padre Shanley ao meu escritório e nos reunimos no começo de janeiro de 1979. Disse que ele estava prestes a conseguir uma designação para uma paróquia regular, que ele não deveria trabalhar com homossexuais, e que esse ensinamento estava confundindo as pessoas e lhes dando ideias contrárias ao ensinamento da Igreja. O Padre Shanley, como sempre, disse que ele não estava lecionando contra os ensinamentos da Igreja. No entanto, o que eu queria indicar mais do que tudo é que, pouco depois do nosso encontro, o Padre Shanley foi à imprensa. Ele teve uma longa entrevista com o *Boston Globe* e eu anexei uma cópia daquele relato. O Padre Shanley também foi minuciosamente entrevistado por um programa de uma estação de rádio local, WEEI. Seu mais alto protesto foi que a homossexualidade como uma orientação não era um pecado e que ele continuaria a proclamar isso do topo dos telhados. É claro, a Igreja nunca disse que isso era pecaminoso, mas que os atos sexuais são pecaminosos. É sobre esse assunto dos atos homossexuais que o Padre Shanley apresenta um confuso e distorcido ensinamento.

Acredito que o Padre Shanley é um padre problemático e tentei ser compreensivo e paciente com ele enquanto continuamente afirmava – tanto particularmente para ele quanto publicamente para meu povo – o ensinamento da Igreja sobre ética sexual. Finalmente, num esforço de

cooperar com suas descobertas, encarei esses passos difíceis mas necessários. Espero e rezo para que você os ache apropriados e sábios. Confio, Sua Eminência, que eu tenha dado a você um quadro completo desse delicado assunto. Quando terminar minha carta aos padres dentro de um mês ou dois, enviarei uma cópia para você.

Por favor reze pelo Padre Shanley e por todos os jovens cujas almas são atacadas constantemente por vozes que distorcem e escandalizam. Também peço suas orações acima de tudo por nossos seminários e por mim. Terei prazer, como sempre, de receber sua resposta a essa matéria, bem como o seu bom conselho e recomendação.

April 12, 1979

Reverend Paul R. Shanley
49 Milton Street
Milton, Massachusetts 02186

Dear Father Shanley:

I am writing to inform you that I am ending your appointment to the Ministry to Alienated Youth and am appointing you as Associate Pastor at Saint John the Evangelist Parish in Newton. The effective date of these actions is April 15, 1979. The special ministry you had undertaken to homosexuals was ended when you last visited me.

It is understood that your ministry at Saint John Parish and elsewhere in this Archdiocese of Boston will be exercised in full conformity with the clear teachings of the Church as expressed in papal documents and other pronouncements of the Holy See especially those regarding sexual ethics. The pastoral ministry of priests can hardly be effective apart from the healing and saving truth of Christ proclaimed by His Church, even when "the saying may be hard."

I am confident that as an obedient priest you will render fine priestly service to the People of God at Saint John Parish.

Please notify Most Reverend Thomas V. Daily, Chancellor, and Reverend Joseph P. Smyth, Personnel Director, that you have received this letter.

I take this occasion, Father Paul, to ask for a remembrance in your Masses and prayers that I may be a worthy instrument of Our Lord as Archbishop of Boston.

Invoking the blessing of Christ, the Eternal High Priest, on our mutual priestly endeavors, I am

Devotedly yours in Our Lord,

Humberto Cardinal Medeiros
Archbishop of Boston

RCAB 00352

12 de abril de 1979. A carta do Cardeal Medeiros encerra a atuação de Shanley no Ministério da Juventude Alienada e o nomeia padre associado na paróquia de S. João Evangelista. A carta também ordena que Shanley cumpra seus deveres em "total conformidade" com os ensinamentos da Igreja.

TRADUÇÃO:

Caro Padre Shanley,

Estou escrevendo para informá-lo de que estou concluindo a sua nomeação para o Ministério para Allanted [sic] Youth e numa nomeação sua como Padre Associado da Paróquia de São João Evangelista, em Newton. A data efetiva dessas ações é 15 de abril de 1979. O ministério especial para homossexuais que você se ocupou terminou quando você me visitou pela última vez. E do meu entendimento que o seu ministério na Paróquia de São João e em qualquer lugar da arquidiocese será exercido em plena conformidade com o claro ensinamento da Igreja, como expresso em documentos papais e outros pronunciamentos da Santa Sé, especialmente aqueles que dizem respeito aos atos sexuais. O ministério pastoral dificilmente pode ser efetivo se estiver afastado da cura e da verdade da salvação que Cristo proclamou em sua Igreja, mesmo quando “a salvação possa ser difícil”.

Estou confiante de que como um padre obediente você prestará um excelente serviço sacerdotal para o Povo de Deus na Paróquia de São João.

Por favor informe o Padre Thomas V. Daily, Chanceler, e o Padre Joseph P. Seyth, Diretor de Pessoal, que você recebeu essa carta.

Aproveito essa ocasião, Padre Paul, para lhe pedir por uma lembrança em suas missas e orações a fim de que eu possa ser um digno instrumento de Nosso Deus como Arcebispo de Boston.

January 16, 1990

The Very Reverend Philip A. Behan
Diocese of San Bernadino
1450 North D Street
San Bernadino, California 92405

Dear Father Behan:

Reverend Paul R. Shanley, a priest in good standing and of the Archdiocese of Boston, was recently granted a medical leave for one year by His Eminence, Cardinal Law. He plans to live in the area of Palm Springs, California, during this time and, if possible, in a religious house or parish rectory. Afterwards he plans to return to the Archdiocese for an assignment.

The purpose of my letter is to inform you of this and to express my hope that this would be agreeable to you. I expect that Father Shanley will make these arrangements on his own. However, he may call upon you for assistance. It is my understanding that he would be willing to provide a minimum of ministry such as a celebration of Mass in lieu of room and board. If his assistance is not needed, the Archdiocese would be pleased to reimburse the parish or institution for the room and board provided him.

His Eminence, Cardinal Law, will appreciate whatever assistance can be given to Father Shanley. If you have any questions about this matter, I will be happy to answer them. I can assure you that Father Shanley has no problem that would be a concern to your diocese. He has resigned from his parish on his own, and we shall place him in parish ministry when he returns.

With warm regards, I am

Sincerely yours in Christ,

RJB:mo'1
1297M

Most Reverend Robert J. Banks
Vicar for Administration

RCAB 00656

16 de janeiro de 1990. Carta do Padre Robert J. Banks ao Padre Philip A. Behan, de San Bernardino, recomenda hospedagem e alimentação fornecida pela Igreja a Shanley enquanto ele estiver em licença médica da Arquidiocese de Boston. A carta se refere a Shanley como "um padre com boa reputação".

TRADUÇÃO:

Caro Padre Behan,

O Padre Paul R. Shanley, em boa posição e pertencente à Arquidiocese de Boston, foi recentemente agraciado por Sua Eminência, o Cardeal Law, com uma licença médica de um ano. Ele planeja morar na área de Palm Springs, Califórnia, durante essa época, se possível, em uma casa religiosa da paróquia da reitoria. Mais tarde planeja voltar para a Arquidiocese para uma designação.

O propósito de minha carta é informá-lo disso e expressar minha esperança de que isso seja aceitável para você. Espero que o Padre Shanley faça ele mesmo esses arranjos. No entanto, ele pode procurar você para

assistência. É meu entendimento que ele está desejoso de conseguir um mínimo no ministério, tal como a celebração de missa em troca de alojamento e alimentação. Se sua assistência não for necessária, a arquidiocese terá prazer em reembolsar a paróquia ou instituição pelo alojamento e alimentação fornecidos a ele.

Sua Eminência, o Cardeal Law, apreciará qualquer assistência que possa ser dada ao Padre Shanley. Se você tiver qualquer pergunta sobre esse assunto, ficarei feliz em respondê-la. Posso garantir a você que o Padre Shanley não tem nenhum problema que possa representar uma preocupação para essa diocese. Ele pediu demissão de sua paróquia por sua própria vontade, e devemos colocá-lo em um ministério paroquial quando ele voltar.

MEMORANDUM

CEIVED
DEC 9 1991
FOR CONSIDERATION

TO: Bishop Hughes

FROM: Father McCormack *JBM*

DATE: December 9, 1991

RE: Reverend Paul Shanley

Attached to this memo are copies of letters I have received from:

- a. Dr. James W. Shaner - the doctor for Paul Shanley in California
- b. A letter I sent to Dr. Cassem regarding Dr. Shaner's letter.
- c. Dr. Cassem's response to my letter.

It is clear to me that Paul Shanley is a sick person. I really question the advisability of asking Fr. Shanley to return to Boston for a psychiatric consultation with the view that he would be able to return to active ministry. I think Paul would be terribly threatened by this and would be uncooperative with the effort.

From what I can gather, Paul is free-lancing in California - that is, helping out in the parish where he lives once in a while or in other parishes but nothing more than that.

Based on Dr. Shaner's and Dr. Cassem's observations, my recommendation would be to place him on disability. What I am not sure about is whether it should be full or partial. If we keep him on partial disability, we maintain a regular contact with him which is something he would like to avoid. If we make it permanent, we have no contact with him or, at best, minimal contact. We would have no idea what he is doing.

I am going to talk to Dr. Cassem about this. Do you have any insights or observations before I approach him?

Many thanks.

JBM:mo*1
3908M
Attachments

Fr McCormack 12/10
John:
"I would be inclined to favor
partial disability
2) I think that we need to keep contact
even if reluctant"

RCAB 00660

9 de dezembro de 1991. John B. McCormack, agora bispo em New Hampshire, diz para o Bispo Alfred C. Hughes que Shanley "é uma pessoa doente".

TRADUÇÃO:

Anexas a essa carta estão cópias das cartas que recebi de: a. Dr. James W. Shaner – o médico de Paul Dhanley na Califórnia; b. Uma carta que enviei ao Dr. Cassem a respeito da carta do Dr. Shaner; c. a resposta do Dr. Cassem à minha carta. Está claro para mim que Paul Shanley é uma pessoa doente. Eu realmente questiono a conveniência de pedir que o Padre Shanley volte a Boston para uma consulta psiquiátrica para verificar se ele seria capaz de voltar ao ministério ativo. Acho que Paul ficaria amedrontado e seria pouco cooperativo com seu esforço.

Pelo que eu posso perceber, Paul é um trabalhador autônomo na Califórnia – ou seja, ele ajuda na paróquia onde mora de vez em quando ou em outras paróquias, mas nada mais que isso.

Com base nas observações do Dr. Shaner e do Dr. Cassem, minha recomendação seria reconhecê-lo como incapaz. O que eu não tenho certeza é se isso deveria ser total ou parcial. Se nós o mantemos na incapacidade parcial, mantemos um contato regular com ele, o que é algo que eu gostaria de evitar. Se tornamos isso permanente, não temos nenhum contato com ele, ou, na melhor das hipóteses, um contato mínimo. Não teremos nenhuma ideia do que ele está fazendo. Vou falar com o Dr. Cassem sobre isso. Você tem algumas percepções ou observações antes que eu o aborde?



CARDINAL'S RESIDENCE
2101 COMMONWEALTH AVENUE
BRIGHTON, MASSACHUSETTS 02135-3192

February 29, 1996

Reverend Paul R. Shanley
The Leo House
332 W. 23rd Street
New York, New York 10011

Dear Father Shanley:

Let me extend my apologies for being a little bit tardy in my response to your letter under date of January 16, 1996 in which you indicate that after consultation with Father Brian Flatley and having reached the age of sixty-five on January 25, 1996 you are requesting Senior Pries/Retirement status.

I write now to advise you formally that in line with your request I am ending your Sick Leave status and I am granting you Senior Pries/Retirement status. The effective date of this action is March 1, 1996.

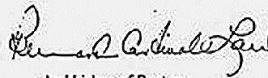
Please send written notification to Most Reverend William F. Murphy, Vicar for Administration, and Reverend James J. McCarthy, Director of Clergy Personnel, indicating that you have received this communication.

This letter provides me with an opportunity to thank you in my name and in the name of the people of the Archdiocese for the ministry which you offered both in parishes and in a specialized way over the years from your ordination in 1960 until your Sick Leave began in 1990. For thirty years in assigned ministry you brought God's Word and His Love to His people and I know that that continues to be your goal despite some difficult limitations. That is an impressive record and all of us are truly grateful for your priestly care and ministry to all whom you have served during those years. Without doubt over all of these years of generous and zealous care, the lives and hearts of many people have been touched by your sharing of the Lord's Spirit. You are truly appreciated for all that you have done.

I am aware that there are some specific considerations which call for attention at this time in order to be sure that we have a mutual understanding with regard to this new status. Thus I have asked Father Flatley to follow-up on this communication. I am certain that you will hear from him very shortly.

With grateful remembrance and with my blessing and promise of prayer, I remain,

Sincerely yours in Christ,


Archbishop of Boston

cc: Reverend Brian M. Flatley

RCAB 00737

29 de fevereiro de 1996. O Cardeal Law concede status de Padre Sênior Aposentado a Shanley.

TRADUÇÃO:

Caro Padre Shanley,

Permita que eu me desculpe por estar um pouco atrasado em responder sua carta datada de 16 de janeiro de 1996, na qual você indica que depois de consultar o Padre Brian Flatley e ter alcançado a idade de 65 anos em 25 de janeiro de 1996, está solicitando o status de Padre Sênior Aposentado.

Escrevo agora para informá-lo formalmente que de acordo com sua solicitação estou encerrando seu status de Licença para Tratamento de Saúde e estou lhe concedendo o status de Padre Sênior Aposentado. A data efetiva para essa ação é 1 de março de 1996.

Por favor envie notificação escrita para o Padre William F. Murphy, Vigário para Administração, e para o Padre James J. McCarthy, Diretor

Pessoal do Clero, indicando que você recebeu esta comunicação.

Esta carta me dá a oportunidade de agradecer a você em meu nome e em nome das pessoas da Arquidiocese pelo ministério que você ofereceu tanto nas paróquias quanto de forma especial durante os anos desde a sua ordenação em 1960 até a sua Licença para Tratamento de Saúde começar em 1990. Por 30 anos na designação de ministério você trouxe a Palavra de Deus e Seu amor por Seu Povo, e eu sei que isso continua a ser seu objetivo, apesar de algumas difíceis limitações. Esse é um registro impressionante, e todos nós somos gratos por seu cuidado sacerdotal e pelo ministério para todos a quem você serviu durante esses anos. Sem dúvida, ao longo de todos esses anos de cuidado generoso e zeloso, as vidas e os corações de muitas pessoas foram tocados pelo seu compartilhamento do Espírito do Senhor. Você é verdadeiramente apreciado por tudo aquilo que você fez.

Estou ciente de que há algumas considerações específicas que precisam de atenção nesse momento para termos certeza de que possuímos um mútuo entendimento com relação a esse novo status. Assim, pedi ao Padre Flatley para acompanhar essa comunicação. Tenho certeza de que ele o procurará muito em breve.



CARDINAL'S RESIDENCE
2101 COMMONWEALTH AVENUE
BRIGHTON, MASSACHUSETTS 02135-3192

June 12, 1997

SHANLEY

His Eminence John Cardinal O'Connor
1011 First Avenue
New York, NY 10022

Your Eminence:

I am writing regarding a proposed change in the staffing of Leo House, the Catholic Hotel for Travelers on W. 23rd Street. Reverend Paul R. Shanley, a retired priest of the Archdiocese of Boston, has been serving as Assistant Director of the facility since the Spring of 1995. On June 3, 1997, the Board of Directors asked Father Shanley to consider the position of Executive Director.

Father Shanley has done good work at Leo House and is well regarded by the staff, but, as you know, some controversy from his past has followed him to New York.

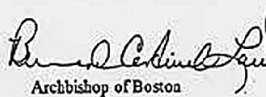
Two conflicting issues arise in considering Father Shanley for the post. The first is that he has done good work and is surrounded by a competent staff which is aware of his situation. Opposing this is the likelihood that the role of Executive Director will bring with it a greater notoriety. That could draw publicity to him, to Leo House and to the Church.

I am aware that you will be discussing this with Monsignor Edward O'Donnell. It is my understanding that he has the most complete information of anyone. If you do decide to allow Father Shanley to accept this position, I would not object.

I look forward to seeing you in the near future.

Asking God's blessings on you and those you serve so well, I am,

Sincerely yours in Christ


Archbishop of Boston

12 de junho de 1997. O Cardeal Law, em carta aparentemente não enviada ao cardeal de Nova York, John O'Connor, escreve que não se oporia caso Shanley fosse nomeado diretor executivo da Leo House.

TRADUÇÃO:

Sua Eminência,

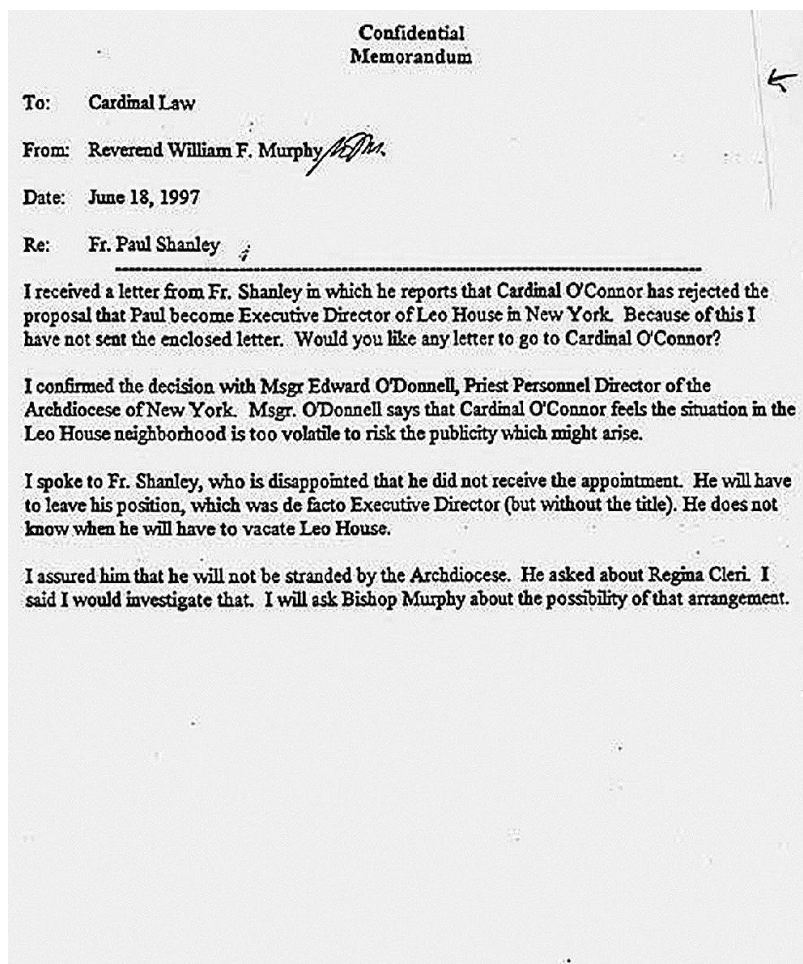
Estou escrevendo a respeito de uma mudança proposta na equipe da Leo House, o Hotel Católico para Viajantes na W. 23rd Street. O Padre Paul R. Shanley, aposentado da Arquidiocese de Boston, tem servido como Diretor Assistente do estabelecimento desde o verão de 1995. Em 3 de junho de 1997, o Conselho de Diretores pediu ao Padre Shanley para considerar a posição de Diretor Executivo.

O Padre Shanley tem feito um bom trabalho na Leo House e é muito bem respeitado pela equipe, mas, como você sabe, algumas controvérsias sobre seu passado o seguiram até Nova York.

Surgiram duas questões conflitantes na consideração do Padre Shanley para o cargo. A primeira é que ele tem feito um bom trabalho e está cercado por uma equipe competente que está ciente de sua situação. Em oposição a essa, está a possibilidade de que o papel de Diretor Executivo trará com ele uma maior notoriedade. Isso pode atrair publicidade para ele, para a Leo House e para a Igreja.

Estou certo de que vocês discutirão isso com o Monsenhor Edward O'Donnell. É do meu entendimento que ele tem a mais completa informação entre todos. Se vocês realmente decidirem permitir que o Padre Shanley aceite esse cargo, não vou objetar.

Aguardo ansiosamente encontrar você num futuro próximo.



18 de junho de 1997. O Padre William F. Murphy conta para o Cardeal Law que a candidatura de Shanley a diretor da Leo House na cidade de Nova York foi rejeitada porque o Cardeal O'Connor

sente que “a situação nas vizinhanças da Leo House é muito volátil para arriscar a publicidade que poderia surgir”.

TRADUÇÃO:

Recebi uma carta do Padre Shanley na qual ele reporta que o Cardeal O'Connor rejeitou a proposta de que Paul se torne Diretor Executivo da Leo House em Nova York. Por conta disso eu não enviei a carta anexa. Você gostaria que qualquer carta vá para o Cardeal O'Connor?

Confirmo a decisão com o Monsenhor O'Donnell, padre diretor do pessoal da Arquidiocese de Nova York. O Monsenhor O'Donnell diz que o Cardeal O'Connor sente que a situação na vizinhança da Leo House é muito volátil para se arriscar a publicidade que poderia surgir.

Falei com o Padre Shanley, que está desapontado por não ter recebido a nomeação. Ele precisará deixar seu cargo, que era de fato Diretor Executivo (mas sem o título). Ele não sabe quando terá que deixar a Leo House.

Eu garanti a ele que ele não será abandonado pela Arquidiocese. Ele perguntou sobre a Regina Cleri. Eu disse que iria investigar isso. Vou perguntar ao Bispo Murphy sobre a possibilidade desse arranjo.



ARCHDIOCESE OF BOSTON
2121 COMMONWEALTH AVENUE
BRIGHTON, MASSACHUSETTS 02135-3193
(617) 254-0100
September 6, 1997

Shanley
COPY

SECRETARY REVEREND PAUL R. SHANLEY
332 West 23rd Street
New York, NY 10011

Dear Paul,

I have spent considerable time reviewing your file. Among the many letters you received from Brian Flatley and John McCormack I have been able to piece together the restrictions of not doing any ministry, living without a roommate and not living in a rectory. Together with the Cardinal's acceptance of the Review Board recommendations (of October, 1994), I can safely explain to you what your current restrictions must be.

GT
Redaction

All that is written in stone is that you are not allowed to engage in any parish ministry. The restrictions against living with a roommate and not living near children or known homosexuals were prudent while you were under such close scrutiny by [redacted] but I feel comfortable in lifting those now. You may have a roommate and you may live wherever you choose.

If you are able to engage in any ministry outside of a parish or a setting which regularly involves children, you may do this. Before beginning such a ministry, I would ask you to carefully review it with me so that the Cardinal and I will be fully informed. If residence in a rectory or a religious house is an option made available to you, I would ask that you let me know the details so that we can discuss them before you accept.

I understand that you will be leaving New York within the next six weeks. Please inform me of the exact date you will be departing. I would like to restate my offer to have your air travel to the West coast paid by the Archdiocese. That is only fitting.

I have submitted your request to the Clergy Fund Advisory Board. The Board meets on Thursday, September 11. It is important to know that currently none of the 182 senior priests receives a housing allowance. I hope that your circumstances will make you the exception.

Have you contacted Monsignor Dillabough in San Diego yet? I hope you are well. I enjoyed meeting with you last month. I trust that you will continue to live your limited priesthood in the manner in which we met: with dignity and a genuine concern for those in need.

Sincerely,

Reverend William F. Murphy
Delegate of the Archbishop

6 de setembro de 1997. Murphy informa a Shanley que algumas restrições impostas a ele tinham sido retiradas. "Tudo que está escrito em pedra é que não lhe é permitido se engajar em qualquer ministério paroquial."

TRADUÇÃO:

Caro Paul,

Passei um tempo considerável revendo o seu arquivo. Entre as muitas cartas que você recebeu de Brian Flatley e John McCormack, fui capaz de reunir as restrições de não fazer nenhum ministério, não morar sem um companheiro de quarto e não morar numa residência paroquial. Juntamente com a aceitação do Cardeal da recomendação do Conselho de Revisão (de outubro de 1994), posso explicar com segurança a você quais devem ser as suas atuais restrições.

Tudo o que está escrito em pedra é que não lhe é permitido se engajar em qualquer ministério paroquial. As restrições contra viver com um

companheiro de quarto e não morar perto de crianças ou de conhecidos homossexuais estiveram pendentes enquanto você esteve sob tal estreita segurança, mas me sinto confortável em suspender isso agora. Você pode ter um companheiro de quarto e pode viver aonde escolher.

Se você for capaz de se engajar em qualquer ministério fora de uma paróquia ou ambiente que regularmente envolva crianças, você pode fazer isso. Antes de iniciar tal ministério, eu pediria a você que o revisse cuidadosamente comigo, de modo que o Cardeal e eu estaremos plenamente informados. Se a residência num presbitério ou numa casa religiosa for uma opção disponível para você, eu pediria a você que me informasse sobre os detalhes para que possamos discuti-los antes que você aceite.

Deduzo que você deixará Nova York dentro das próximas seis semanas. Por favor me informe sobre a data exata em que você partirá. Eu gostaria de reafirmar minha oferta para que sua viagem aérea para a Costa Oeste seja paga pela arquidiocese. Isso é justo.

Submeti sua solicitação ao Conselho Consultivo do Fundo do Clero. O Conselho se reúne na quinta, 11 de setembro. É importante saber que atualmente nenhum dos 182 padres seniores recebem um subsídio de habitação. Espero que suas circunstâncias façam de você uma exceção.

Você já contatou o Monsenhor Dillabough em San Diego? Espero que você esteja bem. Gostei de encontrá-lo no mês passado. Tenho confiança de que você continuará a viver o seu limitado sacerdócio da forma em que nos encontramos: com dignidade e preocupação genuína por aqueles que precisam.

Notas

Este livro é baseado principalmente em reportagens originais feitas pela equipe do *Boston Globe*, incluindo centenas de entrevistas com vítimas e clérigos autores de abuso sexual; numerosos funcionários da Igreja, incluindo bispos, padres, freiras, seminaristas, líderes leigos e equipe leiga; funcionários do governo, incluindo promotores e autoridades eleitas; acadêmicos, incluindo sociólogos e teólogos; grupos representando vítimas, padres e leigos católicos; e advogados. Nós também utilizamos um grande número de documentos da Igreja anexados a casos criminais e cíveis, declarações e outros documentos publicados pela Igreja e por grupos de defesa, a cobertura passada e atual do abuso sexual por clérigos feita pelo *Globe* e por outras organizações, o trabalho acadêmico feito por pesquisadores e por outros autores, pesquisas de opinião conduzidas pelo *Globe* e por outras organizações, e declarações públicas de líderes da Igreja em coletivas de imprensa e no púlpito. Nestas notas nós reconhecemos as pessoas que entrevistamos e as publicações que citamos neste livro.

Capítulo 1: Padre Geoghan

Entrevista citada: Frank Leary.

Fontes citadas: Uma quantidade considerável de material para este capítulo foi retirada das dez mil páginas de documentos judiciais obtidos pelo *Globe* por meio de uma ordem judicial. Os documentos, de 84 processos cíveis abertos contra o ex-padre John J. Geoghan e 17 funcionários da Igreja, incluem depoimentos, correspondências e avaliações psiquiátricas.

A carta do Cardeal Law a Geoghan, concluída por “Deus o abençoe, Jack”, é datada de 12 de dezembro de 1996 e é parte do processo judicial

de Geoghan.

A carta do Monsenhor John J. Murray, reitor do Seminário Cardeal O'Connell, ao Bispo Thomas J. Riley, reitor do Seminário St. John, é datada de 31 de julho de 1954 e é parte do processo judicial.

As lembranças de Geoghan sobre seu pai, sua dificuldade em lidar com a morte dele e suas reflexões sobre sua infância foram tiradas de um relatório confidencial de 1989 preparado pelo Instituto St. Luke em Maryland. Esse relatório é parte do processo judicial.

Detalhes dos primeiros dias de sacerdócio de Geoghan foram tirados de uma série de cartas entre seu tio, Monsenhor Mark H. Keohane, e o Bispo Thomas J. Riley, datada de julho de 1955.

As observações que Geoghan fez aos terapeutas sobre seus primeiros sentimentos sexuais foram tiradas do relatório de 1989 do St. Luke.

O reconhecimento da excitação sexual de Geoghan na companhia de garotos é notada na página 55 do depoimento do Dr. Edward Messner, psiquiatra do Hospital Geral de Massachusetts, tomado em 27 de dezembro de 2001.

A afirmação de Geoghan de que apenas “em raras ocasiões” ele tocou em um garoto de 7 anos e que tomou “cuidado para nunca tocar” a única filha de uma família foi encontrada na página 19 do relatório de sentença de 15 de fevereiro de 2002, preparado pelo estado de Massachusetts.

A citação de Geoghan a respeito de seu desejo de que tivesse procurado aconselhamento sobre “como lidar com filhos de famílias disfuncionais” é de uma análise feita por ele a um relatório de 1995 do Instituto St. Luke. Está contida no relatório de sentença, página 22.

A citação de Geoghan dizendo que “as crianças eram tão afetuosas” foi tirada de uma avaliação dele conduzida em junho de 1996 pelo Dr. Mark Blais, do Hospital Geral de Massachusetts. Os comentários de Blais aparecem na página 26 do relatório de sentença.

A declaração do Bispo Thomas W. Moriarty de que “alguma coisa não está certa” com Geoghan foi tirada do depoimento de Moriarty de 23 de fevereiro de 2001.

O relato de Joanne Mueller sobre o ataque de Geoghan a seu filho foi tirado de seu depoimento de 17 de agosto de 2000.

A descrição feita por Maryetta Dussourd do abuso de um de seus filhos por Geoghan é de seu depoimento de 24 de agosto de 2001.

A declaração do Padre William C. Francis de que “houve uma conversa de que ele [Geoghan] estaria se divertindo com garotos” foi tirada do depoimento de Francis de 30 de março de 2001.

A lembrança de Leonard Muzzi sobre Geoghan em sua casa em Hingham, Massachusetts, é de um depoimento jurado contido no processo judicial de Geoghan.

A descrição de Geoghan acariciando um garoto novo na véspera da Primeira Comunhão do menino está contida na página 6 do relatório de sentença do Estado.

A acusação de que Geoghan acariciou um menino na arquibancada de Fenway Park está detalhada na página 8 do relatório de sentença.

A citação de Geoghan dizendo “muitos dos jovens com que me envolvi eram de lares problemáticos” foi tirada de sua análise ao relatório do St. Luke a seu respeito. Ela aparece também na página 24 do relatório de sentença.

O comentário do Padre Francis H. Delaney sobre a afirmação de uma empregada que disse que Geoghan levava crianças para o andar superior da casa paroquial foi tirado do depoimento de Delaney de 27 de abril de 2001.

A citação do Cardeal Medeiros informando Geoghan que ele “receberá uma bolsa de 2 mil dólares para ajudá-lo com suas despesas” é de uma carta do cardeal para o padre datada de 26 de agosto de 1982, e está contida no processo judicial de Geoghan.

Os comentários de Catherine Geoghan sobre seu irmão estar se sentindo “preocupado” com as acusações contra ele e sobre as vítimas aparecerem na casa da família em Scituate, Massachusetts, foram tirados do depoimento dela de 8 de setembro de 2000.

A avaliação de Geoghan como um “pedófilo, mentiroso e manipulador”, feita pelo Padre Brian M. Flatley, aparece na página 53 do depoimento de Messner de 28 de dezembro de 2001.

A admissão de Geoghan de que teve “atividade sexual imprópria com meninos impúberes no início da década de 1960” está contida na página 18 do relatório de sentença do Estado.

O relato feito por Catherine Geoghan sobre a decisão de colocar as propriedades da família apenas em seu nome está em seu depoimento de 8 de setembro de 2000.

A descrição das emoções e ações de Geoghan em meados de 1990 foi tirada principalmente do depoimento de Messner.

A resistência de Geoghan em comparecer às reuniões do Dependentes de Amor e Sexo Anônimos e sua declaração sobre estar “no corredor da morte” são do depoimento de Messner.

A decisão de custear a aposentadoria de Geoghan com o fundo médico clerical é discutida em um memorado arquidiocesano de 4 de dezembro de 1996.

Capítulo 2: Dissimulação

Entrevistas citadas: Thomas P. Doyle, capelão da Força Aérea; Mitchell Garabedian, advogado; Roderick MacLeish Jr., advogado; Raymond Sinibaldi, suposta vítima de abuso sexual pelo clero.

Outras entrevistas: Jeffrey R. Anderson, advogado; Robert Anderton, suposta vítima; Jason Berry, escritor; Sylvia Demarest, advogada; Maryetta Dussourd, mãe de supostas vítimas; David Finkelhor, diretor do Centro de Pesquisas de Crimes Contra Crianças na Universidade de New Hampshire; William H. Gordon, advogado; Mark Keane, suposta vítima; Donna M. Morrissey, porta-voz da Arquidiocese de Boston; Matthew J. McNamara, advogado; Patrick McSorley, suposta vítima; Dr. Robert W. Mullins, médico; Jeffrey A. Newman, advogado; Jean Palermo, suposta vítima; Monsenhor Thomas E. Reidy, vigário-geral da Diocese de Springfield-Cape Girardeau; Philip J. Saviano, diretor da Rede de Sobreviventes dos Abusados por Padres, Nova Inglaterra; A. W. Richard Sipe, escritor e psicoterapeuta.

Fontes citadas: Muito do material usado neste capítulo foi tirado dos documentos do processo judicial de Geoghan.

A carta de Margaret Gallant ao Cardeal Bernard F. Law é datada de 6 de setembro de 1984; a resposta de Law é de 21 de setembro de 1984.

Em um documento judicial público protocolizado em 4 de junho de 2001, Law admitiu consultar o Bispo Thomas V. Daily e colocar Geoghan na categoria “entre nomeações”.

O contato do Padre James H. Lane com Geoghan foi descrito em entrevistas confidenciais.

Em uma cronologia confidencial da Igreja sobre a carreira de Geoghan, datada de 22 de agosto de 1994, está atestado que o Monsenhor Francis S. Rossiter tinha conhecimento das alegações contra Geoghan. A negação por Rossiter de que ele foi informado do passado problemático de Geoghan está registrada nas páginas 75-81 do seu depoimento, tomado em 11 de abril de 2001.

A chegada do Cardeal Bernard F. Law a Boston em 1984 foi coberta pelo repórter de religião do *Boston Globe*, James L. Franklin, em várias matérias do jornal.

A comparação feita por John Logue entre o Cardeal Law e o falecido presidente John F. Kennedy foi tirada de uma história do *Globe* datada de 30 de março de 1984.

A comparação feita pelo Padre Paul A. White entre Law e o falecido Cardeal Richard Cushing foi publicada no *Globe* em 30 de março de 1984.

A carta do Bispo John M. D'Arcy para Law é datada de 7 de dezembro de 1984.

As atividades de Geoghan no Clube de Meninos & Meninas em Waltham estão detalhadas nos processos cíveis do condado de Suffolk e na queixa criminal do condado de Middlesex, datada de 22 de novembro de 1999. Em 18 de janeiro de 2002, Geoghan foi sentenciado a uma pena de nove a dez anos de detenção por tocar de modo indecente um garoto de 10 anos na piscina do clube.

A avaliação de Geoghan feita pelo Instituto St. Luke como um “pedófilo homossexual de tipo não exclusivo” e sua caracterização como de “alto risco” são datadas de 26 de abril de 1989.

O Bispo John J. Banks disse a Geoghan que ele teria que deixar o ministério em 28 de abril de 1989, de acordo com uma cronologia da carreira de Geoghan preparada por um funcionário da Igreja.

As declarações do Cardeal Law sobre a falta de conhecimento sobre abuso sexual infantil pela Igreja foram noticiadas na edição de *The Pilot* de 27 de julho de 2001.

A estimativa de que Geoghan molestou pelo menos trinta crianças depois que Law o transferiu para a Igreja St. Julia, em 13 de novembro de 1984, foi feita após o exame de alegações em processos cíveis e queixas criminais.

A remoção, em 1981, do Padre Leonard R. Chambers de uma paróquia no Missouri foi confirmada em entrevista com o Monsenhor Thomas E. Reidy, vigário-geral da Diocese de Springfield-Cape Girardeau.

A história do Padre Gilbert Gauthé foi tirada do livro de Jason Berry, *Lead Us Not into Temptation: Catholic Priests and the Sexual Abuse of Children* (Urbana, Chicago: University of Illinois Press, 2000), páginas 7, 11, 18, 156, e de entrevistas com o autor.

O relato da Casa da Afirmação e do Padre Thomas Kane foi tirado de uma matéria do *Boston Globe* datada de 24 de abril de 1993, e de uma matéria no *New York Times* datada de 19 de abril de 2002.

O apoio de Law para a redação do relatório confidencial de 1985, “O Problema do Abuso Sexual pelo Clero Católico Romano”, foi descrito em uma entrevista com o Capelão Thomas P. Doyle, um dos autores do relatório. Todas as citações foram tiradas de uma cópia do documento original.

Os comentários de Mark Chopko em nome da Conferência Nacional dos Bispos Católicos foram feitos em 1992 para Franklin, repórter de religião do *Globe*. Franklin também noticiou que Doyle perdeu sua posição na embaixada do Vaticano em Washington e não conseguiu renovar seu contrato de professor.

As declarações do Bispo James A. Quinn foram tiradas de uma transcrição de seu discurso na Sociedade de Direito Canônico do Meio-Oeste em abril de 1990, de uma cópia de seu depoimento tomado em 26 de maio de 1995, em um processo de abuso sexual pelo clero contra a Diocese de Cleveland, e de uma matéria do *New York Times* datada de 14 de abril de 2002.

A história do processo de Gregory J. Riedle contra o Padre Thomas Adamson e a Arquidiocese de St. Paul e Minneapolis foi tirada de uma entrevista com o advogado Jeffrey R. Anderson e de uma notícia de 23 de maio de 1992 no *Minneapolis Star-Tribune*.

O relato do escândalo sexual do clero no Novo México está embasado em diversas matérias de jornais, entre os quais o *Santa Fe New Mexican* de 8 de março de 1998; o *Albuquerque Tribune* de 20 de março de 1998; o *USA Today* de 26 de março de 2002; e o *Palm Beach Post* de 26 de junho de 1998.

O processo judicial e as acusações criminais contra o Padre Rudolph Kos, da Diocese de Dallas, foram tirados de uma entrevista com a advogada Sylvia Demarest e de notícias de jornal publicadas no *Dallas Morning News* em 25 de julho de 1997, 29 de março de 1998, 11 de julho de 1998 e 30 de setembro de 2000.

O caso do Padre James R. Porter foi objeto de muitas matérias do *Globe* em relatos escritos por Don Aucoin, Linda Matchan e outros jornalistas. O relato da história de Porter também é embasado em entrevistas com os advogados Roderick MacLeish e Matthew J. McNamara, fontes confidenciais e supostas vítimas de Porter.

A história do suposto abuso sofrido por Raymond Sinibaldi e Robert Anderton foi tirada de entrevistas com eles e seus advogados.

O relato da luta da Igreja contra a legislação estadual que exigia que o clero reportasse alegações de abuso sexual infantil foi tirado de matérias no *Boston Globe*.

Relatos da política de Law, de 1993, a respeito de abuso sexual pelo clero vêm de notícias do *Globe* e entrevistas com o cardeal publicadas em 1992 e 1993. O compromisso assumido por Law de “reportar tais incidentes às autoridades civis de acordo com a lei” foi tirado de uma notícia do *Globe* datada de 15 de janeiro de 1993.

A caracterização de uma aliança espúria entre Igreja, vítimas e seus advogados foi tirada de numerosas entrevistas com advogados e vítimas.

A estratégia legal empregada pelo advogado Mitchell Garabedian foi tirada de documentos judiciais e entrevistas com Garabedian e seu sócio, William H. Gordon.

A história do Padre David A. Holley foi tirada de um artigo de 31 de agosto de 1997 no *Dallas Morning News* e de uma entrevista com uma das vítimas de Holley, Philip J. Saviano.

A declaração de Wilson D. Rogers sobre a avaliação médica de padres acusados de mau comportamento sexual foi publicada na edição do *The Pilot* de 27 de julho de 2001.

A história dos médicos de Geoghan – John H. Brennan e Robert W. Mullins – e suas credenciais duvidosas foi tirada de documentos judiciais públicos, arquivos médicos estaduais e entrevistas, bem como de correspondências e registros do tratamento psiquiátrico de Geoghan que foram liberados pelo tribunal.

A carta de Brennan dizendo que havia se encontrado com Geoghan e que os dois tinham “concordância mútua” que ele poderia reassumir seus deveres sacerdotais é datada de 13 de janeiro de 1981.

A avaliação de Mullins descrevendo a “infeliz experiência traumática” de Geoghan foi recebida pela Igreja em 22 de outubro de 1984.

A descrição da terapia de Geoghan como “conversas amigáveis, paternas” vem de uma avaliação do Institute of Living datada de 4 de novembro de 1989.

Informações sobre a indicação de clientes para Brennan feita pelo falecido Frade Fulgence Buonanno vêm de entrevistas confidenciais.

As notas do Bispo Banks sobre sua conversa com Brennan, na qual ele sugere que Banks “corte as asas” de Geoghan, são datadas de 28 de abril de 1989.

A avaliação feita pelo Institute of Living de que Geoghan seria um indivíduo “disposto a correr altos riscos” é datada de 4 de novembro de 1989. Banks escreveu que estava “decepcionado e incomodado” com o relatório em carta datada de 30 de novembro de 1989.

A carta do Institute of Living para Banks, declarando que era muito segura a volta de Geoghan ao ministério ativo, é datada de 13 de dezembro de 1989.

O relato dos últimos anos de Geoghan como padre e sua destituição do sacerdócio por Law foi tirado de matérias jornalísticas do *Globe*.

A declaração do Cardeal Law de que não tinha “o poder de encarcerar” foi tirada de uma matéria do *Globe* datada de 7 de junho de 1998.

Capítulo 3: Os Predadores

Entrevistas citadas: Jean Bellow, ex-funcionária do Departamento de Serviços da Juventude de Massachusetts; Lynne M. Cadigan, advogada de Tucson; Cornelius Coco, psicólogo ex-funcionário do Alpha Omega; John Isaacson, ex-comissário assistente do Departamento de Serviços da Juventude de Massachusetts; Howard McCabe, pai de suposta vítima; Michael McCabe, suposta vítima; Andrew Menchaca, suposta vítima; A. W. Richard Sipe, psicoterapeuta e autor; Frank Taylor, pai de suposta vítima; Peter Taylor, suposta vítima.

Outras entrevistas: Robert Abraham, suposta vítima; Arthur Austin, suposta vítima; Robert P. Bartlett, suposta vítima; Thomas Blanchette, suposta vítima; Paul Busa, suposta vítima; James M. Carroll, padre de Massachusetts; Paul Cultrera, suposta vítima; Kathryn D'Agostino, ex-paroquiana, São João Evangelista, Newton, Massachusetts; Carmen Durso, advogada; John J. Facella, pai de suposta vítima; Gregory Ford, suposta vítima; Paula Ford, mãe de suposta vítima; Rodney Ford, pai de suposta vítima; Harold F. Francis, pai de suposta vítima; Sheila Francis, mãe de suposta vítima; Mitchell Garabedian, advogado; Jacqueline M. Gauvreau, ex-paroquiana, São João Evangelista, Newton, Massachusetts; Frederic Halstrom, advogado de Boston; Laurence A. Hardoon, advogado de Boston; James Hogan, suposta vítima; Olan Horne, suposta vítima; Bernard Lane, padre de Massachusetts; David Lyko, suposta vítima; Roderick MacLeish Jr., advogado; Marjorie Mahoney, irmã de suposta vítima; Mary McGee, mãe de suposta vítima; Patrick McGee, porta-voz do Bispo John B. McCormack de Manchester, New Hampshire; Raymond P. McKeon, chefe de polícia aposentado de Chelmsford, Massachusetts; Jeffrey A. Newman, advogado de Boston; Kevin O'Toole, irmão de suposta vítima; Ronald H. Paquin, ex-padre de Massachusetts; William E. Rayno, ex-chefe da unidade de abuso sexual, departamento de polícia de Methuen, Massachusetts; Robert A. Sherman, advogado de Boston; John J. White, padre de Massachusetts. Numerosas supostas vítimas e membros de suas famílias falaram com o *Globe* sob condição de anonimato, e embora algumas de suas histórias apareçam neste livro, seus nomes estão protegidos. Muitos outros falaram com o *Globe*, mas restrições de espaço não permitiram que seus relatos fossem incluídos.

Fontes citadas: Excertos de cartas escritas por Paul R. Shanley e pelo Cardeal Bernard F. Law vêm de 1.600 páginas antes confidenciais e que foram liberadas pela Arquidiocese de Boston em abril de 2002.

As declarações de Shanley a um repórter em 1969 foram noticiadas pelo *Boston Globe* em 24 de novembro de 1969.

Outras fontes: Jason Berry, *Lead Us Not into Temptation: Catholic Priests and the Sexual Abuse of Children* (Urbana, Chicago: University of Illinois Press, 2000).

Informações sobre casos de abuso sexual pelo clero no Arizona vêm de numerosas histórias que apareceram em *Arizona Daily Star*, *Los Angeles*

Times e *Tucson Citizen* em 2002.

Algumas informações sobre alegações feitas contra vários padres foram recolhidas de processos civis abertos pelas supostas vítimas e suas famílias.

Capítulo 4: As Vítimas

Entrevistas citadas: Vítimas ou familiares das vítimas: Thomas Blanchette, Patricia Dolan, Frank Doherty, Michael Doherty, Virginia Doherty, Christopher T. Fulchino, Thomas P. Fulchino, Timothy Lambert, Armand Landry, Bryan MacDonald, Kenneth A. MacDonald, Patrick McSorley, Courtney Doherty Oland e Peter Pollard.

O Bispo Christopher J. Coyne, porta-voz da Arquidiocese de Boston, confirmou em entrevista que a arquidiocese tinha consciência de que o Padre Peter R. Frost tinha abusado de menores.

Capítulo 5: Explosão

Entrevistas citadas: Christopher Dixon; William Donohue, presidente da Liga Católica para Direitos Religiosos e Cívicos; Bispo William S. Skylstad, vice-presidente da Conferência dos Bispos Católicos dos EUA.

Fontes citadas: Relatos tirados de outros jornais, principalmente do *St. Louis Post-Dispatch* e do *Hartford Courant* são atribuídos diretamente a eles, a menos que indicado aqui.

As observações do Bispo Anthony J. O’Connell, durante sua posse sobre sua “responsabilidade impressionante” são do *Palm Beach Post* de 15 de janeiro de 1999.

Os comentários do Bispo Thomas V. Daily que começam com “Eu sou um pastor” são de seu depoimento em 15 de setembro de 2002 e fazem parte dos arquivos judiciais de Geoghan.

A observação do porta-voz do Bispo Daily de que “é difícil ver isso acontecer” com ele foi tirada do *New York Times* de 26 de janeiro de 2002.

A carta do advogado do Padre Timothy J. Lambert, que descreve “a situação perfeita para um predador”, e outros detalhes de suas alegações foram noticiados primeiro pelo *Globe* em 14 de março de 2002.

A citação de Daily sobre seu plano inicial de manter os padrões da diocese em casos de abuso e que “alguns desses homens estão mortos” é

do *Newsday* de 29 de março de 2002.

A citação do promotor distrital do Brooklyn que começa com “se existirem quaisquer alegações” é do *Newsday* de 23 de março de 2002.

Detalhes sobre o alerta do Padre John McVernon a Daily sobre festas na casa paroquial do Queens são do *Newsday* de 9 de abril de 2002.

O compromisso de Daily em cooperar com os promotores em qualquer investigação é de um comunicado à imprensa diocesana de 10 de abril de 2002.

A carta do Cardeal Law ao *The Tablet*, jornal oficial da diocese do Brooklyn, foi noticiada na edição do *New York Times* de 26 de janeiro de 2002.

As citações do Cardeal Egan sobre a volta de padres ao ministério após uma avaliação “se as conclusões fossem favoráveis” são de uma carta de Egan de 23 de março de 2002, colocada à disposição das paróquias da Arquidiocese de Nova York.

O memorando de 1990 sobre o “desenvolvimento de um padrão de acusações” contra o Padre Charles Carr está contido em registros judiciais obtidos pelo *Hartford Courant*, o primeiro a noticiá-lo.

As observações do Promotor Distrital de Manhattan Robert M. Morgenthau sobre “autoridades responsáveis em todas as instituições religiosas” foram tiradas do *Hartford Courant* de 20 de março de 2002.

O compromisso do Cardeal Egan de fazer todo o possível para que “o abuso cometido por religiosos nunca mais aconteça” é de uma carta dele que foi lida em igrejas da arquidiocese em 21 de abril de 2002.

O comentário do Bispo Sergio Obeso de que “roupa suja se lava em casa” é da edição de 17 de abril de 2002 do *Washington Post*.

Capítulo 6: O Declínio do Respeito

Entrevistas citadas: David A. Angier, primeiro assistente de promotor, condados de Franklin e Hampshire; Kevin M. Burke, promotor distrital, condado de Essex; Martha Coakley, promotora distrital, condado de Middlesex; Daniel F. Conley, promotor distrital, condado de Suffolk; William R. Keating, promotor distrital, condado de Norfolk; Jeanine Pirro, promotora distrital, condado de Westchester, Nova York; Thomas F. Reilly,

promotor geral, estado de Massachusetts; Marian Walsh, Senadora Estadual de Massachusetts.

Capítulo 7: Vossa Eminência

Entrevistas citadas: Jack Connors Jr., fundador da Hill, Holliday, Connors, Cosmopulos, Inc.; Leonard Florence, amigo do Cardeal Law; Paul A. La Camera, presidente e gerente-geral da WCVB-TV; Carolyn M. Newberger, psicóloga infantil; Thomas H. O'Connor, professor de História da Boston College; Thomas P. O'Neill III, ex-vice-governador de Massachusetts e CEO da FH-GPC, Inc.; Patrick J. Purcell, editor do *Boston Herald*; David W. Zizik, vice-presidente do conselho paroquial da Igreja St. Theresa, Sherborn, Massachusetts.

Outras entrevistas: James T. Brett, presidente e CEO do Conselho da Nova Inglaterra; William M. Bulger, presidente da Universidade de Massachusetts; Dr. Michael F. Collins, presidente e CEO do Sistema de Saúde Caritas Christi; David F. D'Allesandro, presidente e CEO do John Hancock Financial Services, Inc.; Neal F. Finnegan, presidente do Citizens Bank of Massachusetts; Donna Latson Gittens, presidente e CEO da Causemedia, Inc.; Kevin C. Phelan, vice-presidente executivo da Meredith & Grew, Inc.; R. Robert Popeo, presidente da Mintz, Levin, Cohn, Ferris, Glovsky and Popeo, PC; Jeffrey B. Rudman, sócio sênior da Hale and Dorr, LLP; Jack Shaughnessy Sr., presidente da Shaughnessy & Ahern Co.

Fontes citadas: O etos de administração da Igreja é examinado em Garry Wills, *Bare Ruined Choirs* (Nova York: Doubleday, 1972), página 24.

A descrição detalhada do domínio irlandês na Igreja Católica americana é de Maureen Dezell, *Irish America: Coming into Clover* (Nova York: Anchor Books, 2000), páginas 169 e 184.

Outras fontes: Jack Beatty, *The Rascal King: The Life and Times of James Michael Curley, 1874-1958* (Reading, Mass.: Addison-Wesley, 1992).

Nat Hentoff, *Boston Boy* (Nova York: Knopf, 1986).

Eugene Cullen Kennedy, "Fall from Grace", *National Catholic Reporter*, 8 de março de 2002.

J. Anthony Lukas, *Common Ground: A Turbulent Decade in the Lives of Three American Families* (Nova York: Knopf, 1985).

Charles R. Morris, *American Catholic: The Saints and Sinners Who Built America's Most Powerful Church* (Nova York: Times Books, 1997).

Thomas H. O'Connor, *The Boston Irish: A Political History* (Boston: Northeastern University Press, 1995) e *Boston Catholics* (Boston: Northeastern University Press, 1998).

James M. O'Toole, *Militant and Triumphant: William Henry O'Connell and the Catholic Church in Boston, 1859–1944* (South Bend, Ind.: Notre Dame University Press, 1992).

Capítulo 8: Sexo e a Igreja

Entrevistas citadas: Dr. Fred S. Berlin do Instituto Nacional para Estudo, Prevenção e Tratamento de Trauma Sexual; Robert W. Bullock, padre da Igreja Nossa Senhora das Dores, em Sharon, Massachusetts; Bispo Edward J. Burns, diretor executivo do Secretariado para Vocações e Formação Sacerdotal da Conferência dos Bispos Católicos dos EUA; Edward Cardoza, ex-seminarista; David Clohessy, diretor nacional da Rede de Sobreviventes dos Abusados por Padres; Bispo Christopher J. Coyne, professor no Seminário St. John, em Boston; Padre Donald B. Cozzens, ex-reitor do Seminário de St. Mary, em Cleveland; Sylvia M. Demarest, advogada; William Donohue, presidente da Liga Católica para Direitos Religiosos e Civis; Padre Dr. James J. Gill, fundador e diretor do Instituto Cristão para Estudo da Sexualidade Humana na União Teológica Católica, em Chicago; Peter Isely, ex-seminarista e psicoterapeuta; Padre James King, diretor vocacional da província de Indiana da Congregação da Santa Cruz; Padre Jay M. Mullin; Padre Len Plazewski, diretor vocacional da Diocese de St. Petersburg; Anson D. Shupe, professor de sociologia na Universidade de Indiana-Universidade Purdue; e A. W. Richard Sipe, autor de *Sex, Priests and Power: Anatomy of a Crisis* (Nova York: Brunner/Mazel, 1995).

Outras entrevistas: Diversos escritores que passaram um tempo considerável estudando o comportamento sexual dos padres foram especialmente prestativos, incluindo Jason Berry, autor de *Lead Us Not into Temptation: Catholic Priests and the Sexual Abuse of Children*

(Urbana, Chicago: University of Illinois Press, 2000); e Eugene Kennedy, autor de *The Unhealed Wound: The Church and Human Sexuality* (Nova York: St. Martin Press, 2001). Outros pesquisadores que compartilharam suas reflexões: Dr. David Fassler, professor de psiquiatria na Universidade de Vermont e presidente do Conselho sobre Crianças, Adolescentes e Suas Famílias da Associação Psiquiátrica Americana; David Finkelhor, diretor do Centro de Pesquisas de Crimes Contra Crianças na Universidade de New Hampshire. Vários livros foram úteis, incluindo *The Changing Face of the Priesthood*, do Padre Donald B. Cozzens (Collegeville, Minnesota: The Liturgical Press, 2000).

Fontes citadas: os comentários de Joaquin Navarro-Valls sobre o escândalo de abuso sexual pelo clero foram feitos em entrevista publicada pelo *New York Times* em 3 de março de 2002.

Os comentários de Mary Louise Cervone sobre padres gays foram feitos em um comunicado à imprensa de 4 de março de 2002.

A discussão a respeito dos centros de tratamento usados pela Igreja ao longo dos anos foi tirada, principalmente, de uma matéria do *Globe* de 13 de abril de 2002, escrita por Ellen Barry.

As recordações de Paul Hendrickson de suas experiências no seminário do Alabama foram publicadas pelo *New York Times* em 28 de abril de 2002.

A exortação apostólica do Papa João Paulo II relativa à formação sacerdotal, *Pastores Dabo Vobis*, foi apresentada em Roma em 25 de março de 1992.

A declaração do Papa Paulo VI reafirmando a oposição da Igreja à ordenação de mulheres, *Inter Insignores*, foi apresentada em Roma em 15 de outubro de 1976.

Capítulo 9: A Luta Pela Mudança

Entrevistas citadas: Paul A. Baier, manifestante; Mary Jo Bane, professora de Políticas Públicas na Escola de Administração Pública John F. Kennedy da Universidade de Harvard; Robert J. Bowers, padre da Igreja St. Catherine of Siena, em Charlestown, Massachusetts; Robert W. Bullock, padre da Igreja Nossa Senhora das Dores, em Sharon, Massachusetts; Lisa Sowle Cahill, professora de teologia na Boston

College; Robert J. Carr, vigário paroquial na Catedral da Santa Cruz, em Boston; Patricia Casey, manifestante; Bonnie Ciambotti, manifestante; Walter H. Cuenin, padre da Igreja Nossa Senhora Auxiliadora dos Cristãos, em Newton, Massachusetts; Luise Cahill Dittrich, membro da Voz do Fiel; William Donohue, presidente da Liga Católica para Direitos Religiosos e Civis; Thomas H. Groome, professor de Teologia na Boston College; Paul E. Kilroy, padre da Igreja St. Bernard, em Newton, Massachusetts; Ronald P. McArthur, presidente emérito da Faculdade Tomás de Aquino; Gisela Morales-Barreto, membro da Voz do Fiel; Dr. James E. Muller, presidente da Voz do Fiel; Thomas P. O'Neill III, ex-vice-governador de Massachusetts e CEO da FH-GPC, Inc.; Stephen J. Pope, chefe do departamento de Teologia da Boston College; e Bispo William S. Skylstad, vice-presidente da Conferência dos Bispos Católicos dos EUA.

Outras entrevistas: R. Scott Appleby, diretor do Centro Cushwa para o Estudo do Catolicismo Americano na Universidade Notre Dame; Padre James Coriden, professor de Estudos Pastorais na Washington Theological Union; Ernest J. Corrigan, membro da Voz do Fiel; Padre Donald B. Cozzens, ex-presidente-reitor do Seminário St. Mary e da Graduate School of Theology, em Cleveland; William V. D'Antonio, professor adjunto de Sociologia na Universidade Católica da América; Thomas P. Doyle, capelão da Força Aérea; Chester L. Gillis, professor associado de Teologia na Universidade Georgetown; Bispo Wilton D. Gregory, presidente da Conferência dos Bispos Católicos dos EUA; Padre James F. Keenan, professor de Teologia Moral na Escola Jesuíta Weston de Teologia; Padre Richard P. McBrien, professor de Teologia na Universidade Notre Dame; Padre C. John McCloskey III, diretor do Centro de Informação Católica em Washington, D.C.; David J. O'Brien, diretor do Centro de Religião, Ética e Cultura na Faculdade da Santa Cruz; Padre Thomas J. Reese, editor da revista *America*; Richard J. Santagati, presidente da Merrimack College; e David W. Zizik, vice-presidente do conselho paroquial na Igreja St. Theresa, em Sherborn, Massachusetts. Numerosos outros leigos, padres, membros e funcionários da Igreja conversaram com jornalistas do *Globe* por telefone ou e-mail sobre a luta por mudança.

Fontes citadas: O comentário do Cardeal Law sobre o escândalo que estava “abalando a missão da Igreja Católica” foi tirado de observações que ele fez no púlpito antes de começar a missa de 21 de abril de 2002.

O comentário do Papa João Paulo II sobre “a purificação de toda a comunidade católica” foi tirado do discurso do pontífice aos cardeais dos Estados Unidos em 23 de abril de 2002.

O artigo opinativo de Mary Jo Bane foi publicado no *Globe* em 3 de janeiro de 2002.

Victor Conlogue se correspondeu com o *Globe* por e-mail.

Mary Leveck se correspondeu com o *Globe* por e-mail.

Pesquisas sobre atitudes católicas com relação aos ensinamentos da Igreja foram conduzidas pelo *Boston Globe* e pela WBZ-TV em 4-6 de fevereiro de 2002. O *New York Times* e o CBS News fizeram pesquisas entre 28 de abril e 1º de maio de 2002. Essas atitudes foram também descritas por William V. D’Antonio *et al.*, em *American Catholics: Gender, Generation and Commitment* (Lanham, Md.: AltaMira Press, 2001).

O progresso socioeconômico dos católicos americanos é descrito por Bryan T. Froehle e Mary L. Gautier em *Catholicism USA: A Portrait of the Catholic Church in the United States* (Nova York: Orbis Books, 2000), páginas 14–16.

Lumen Gentium, a constituição dogmática da Igreja, foi um documento do Vaticano II promulgado em Roma pelo Papa Paulo VI em 21 de novembro de 1964.

Helen O’Brien se correspondeu com o *Globe* por e-mail.

O Cardeal Law reconheceu que os católicos se sentiram traídos por ele em sua resposta a líderes leigos na Convocação 2002, em 9 de março de 2002.

Jane Audrey-Neuhauser se correspondeu com o *Globe* por e-mail.

O comentário do Cardeal Law “Eu os ouvi pedir, com paixão e oração, maior abertura na Igreja” foi parte das observações finais que ele fez na convocação de 9 de março de 2002.

O Cardeal Law delineou no púlpito seus objetivos para a reunião de cardeais americanos no Vaticano, em 21 de abril de 2002.

A oposição de Law à proposta da associação de conselhos paroquiais foi descrita em uma carta do vigário-geral da arquidiocese, Bispo Walter J. Edyvean, enviada por fax aos padres em 25 de abril de 2002.

O *Globe* e a WBZ-TV fizeram pesquisa com católicos de Boston sobre o que sentiam em relação ao Cardeal Law e aos padres das paróquias em

4-6 de fevereiro e de novo em 12-15 de abril de 2002.

Estatísticas sobre a mudança no número de padres nos Estados Unidos são do Centro para Pesquisa Aplicada do Apostolado, da Universidade Georgetown.

A pesquisa do sociólogo Dean Hoge foi noticiada no *Washington Post* de 27 de abril de 2002.

Os comentários sobre celibato do Arcebispo Keith O'Brien foram noticiados no *Sunday Herald* de Glasgow, Escócia, em 21 de abril de 2002.

Os comentários sobre celibato do Cardeal Roger M. Mahony foram noticiados no *Los Angeles Times* de 26 de março de 2002.

Os comentários sobre celibato do Cardeal J. Francis Stafford foram noticiados no *New York Times* de 19 de abril de 2002.

Os comentários sobre celibato do Papa João Paulo II foram feitos em discurso a bispos nigerianos visitantes em 20 de abril de 2002.

Ecclesia in America foi uma exortação apostólica apresentada pelo Papa João Paulo II na Cidade do México em 22 de janeiro de 1999.

William J. Bennett escreveu sobre o escândalo do abuso sexual pelo clero no *Wall Street Journal* de 18 de março de 2002.

William F. Buckley escreveu sobre a crise do abuso sexual pelo clero em uma coluna distribuída pelo Universal Press Syndicate em 13 de fevereiro de 2002.

Patrick J. Buchanan escreveu sobre a crise do abuso sexual por clérigos na coluna distribuída pelo Creators Syndicate, Inc. em 20 de março de 2002.

O editorial do *Wall Street Journal* sobre a Igreja e seus críticos foi publicado em 26 de abril de 2002.

Os comentários do Cardeal J. Francis Stafford sobre a “mudança da fé” foram noticiados no *New York Times* em 19 de abril de 2002.

A coletiva de imprensa do Cardeal Darió Castrillón Hoyos sobre o abuso sexual por clérigos foi feita no Vaticano em 21 de março de 2002.

A exigência do Bispo Charles V. Grahmann de que os padres obtivessem permissão antes de falar com jornalistas foi noticiada pelo *Dallas Morning News* em 27 de abril de 2002.

A declaração do Cardeal Law sobre sigilo surgiu em uma carta aos padres em 12 de abril de 2002.

A afirmação do Cardeal Law de que a negligência de Gregory Ford e de seus pais contribuiu para o abuso sofrido por Gregory apareceu em um documento legal em abril de 2002.

A descrição do Papa João Paulo II de “uma crise profunda de moralidade sexual” surgiu em um discurso aos cardeais dos Estados Unidos em 23 de abril de 2002.

Os comentários de John L. Allen Jr. sobre o próximo Papa estão em seu livro *Conclave: a política, as personalidades e o processo da próxima eleição papal* (Rio de Janeiro: Record, 2003).

Mary Ann Keyes se correspondeu com o *Globe* por e-mail.

Richard W. Rohrbacher se correspondeu com o *Globe* por e-mail.

Outras fontes: William V. D’Antonio *et al.*, *Laity, American and Catholic: Transforming the Church* (Kansas City, Mo.: Sheed & Ward, 1996).

Richard P. McBrien, editor, *The HarperCollins Encyclopedia of Catholicism* (Nova York: HarperCollins, 1995).

Thomas J. Reese, *O Vaticano por dentro: a política e a organização da Igreja Católica* (Bauru: EDUSC, 1999).

George Weigel, *Witness to Hope: The Biography of Pope John Paul II* (Nova York: HarperCollins, 1999).

Agradecimentos

Nós gostaríamos de agradecer a todos que contribuíram generosamente com seu tempo sentando-se conosco para entrevistas, que atenderam nossas ligações telefônicas ou que indicaram a próxima virada de uma história que parece que ainda se desenrolará por algum tempo. Algumas dessas pessoas foram vítimas; outras são seus pais. Outras eram padres, promotores, policiais, advogados, médicos, professores – gente demais para citarmos pelo nome. Vocês nos deram seu tempo, sua experiência e seu conhecimento, e nós lhes somos gratos por isso.

Praticamente não existe editor, repórter ou pesquisador no *Globe* que não tenha contribuído para a cobertura que o jornal fez desta história, mas nós seríamos omissos se não mencionássemos o nome de pelo menos alguns: Ellen Barry, Kathleen Burge, Diego Ribadeneira, Tatsha Robertson, Charles M. Sennott, Farah Stockman e Jack Thomas. Seus incríveis esforços tornaram nosso trabalho mais fácil.

Os muitos e talentosos fotógrafos, artistas gráficos e designers do *Globe* ajudaram nossos leitores a compreender melhor esta história complexa. Teresa M. Hanafin e sua equipe competente no Boston.com aumentaram dramaticamente o impacto do nosso trabalho tornando-o disponível para milhões de usuários da internet em todo o mundo. Lisa Tuite, sua equipe na biblioteca do *Globe* e a pesquisadora Kathleen Hennrikus nos ajudaram a organizar uma montanha de informações.

Os advogados do *Globe*, Jonathan M. Albano e Anthony E. Fuller da Bingham Dana, com esforço hercúleo e argumentos legais bem-fundamentados, ajudaram a convencer três juízes de tribunais superiores e um juiz do tribunal estadual de apelações de que o público tem direito de conhecer os documentos que outros juízes tinham lacrado a pedido da Arquidiocese de Boston.

Nós somos imensamente gratos às pessoas para quem fazemos esse trabalho: os leitores do *Boston Globe*. A resposta deles a esta história foi imediata e intensa. Em milhares de telefonemas, cartas e e-mails, eles nos elogiaram com frequência e às vezes nos criticaram; eles nos fizeram saber de sua dor e raiva, sua mágoa e suas histórias; eles nos ofereceram dicas, ideias e fontes, e nos lembraram do nosso dever de sermos ao mesmo tempo justos e agressivos.

Outros jornalistas abordaram esta questão antes de nós, colocando-a no mapa. O primeiro e principal é Jason Berry, que pôs a questão do abuso sexual infantil sob os holofotes da nação, primeiro em 1985, ao escrever a respeito para os jornais, incluindo o *National Catholic Reporter*, e depois em 1992, ao escrever um grande livro sobre esse assunto, *Lead Us No tinto Temptation: Catholic Priests and the Sexual Abuse of Children*. James L. Franklin, ex-repórter de religião do *Globe*, escreveu muitas histórias sobre o abuso sexual de menores por clérigos ao longo dos anos, e Linda Matchan e Don Aucoin, repórteres do *Globe*, fizeram importantes contribuições à cobertura do jornal do caso de James R. Porter, começando em 1992. Em 2001, Kristen Lombardi, do *Boston Phoenix*, escreveu diversos artigos que levantavam questões preocupantes sobre o caso de John J. Geoghan que a Arquidiocese de Boston se recusava a enfrentar.

Nossos editores na Little, Brown and Company, Geoff Shandler e Ryan Harbage, ajudaram-nos a focar e melhorar nosso trabalho. A gerente de edição de texto, Peggy Freudenthal, e sua equipe demonstraram elegância sob pressão, e nos ajudaram a afiar nossa linguagem e verificar nossos fatos.

Martin Baron, editor do *Globe*, disparou esta investigação ao exigir saber, durante sua primeira semana no emprego, por que os documentos judiciais do caso Geoghan estavam lacrados. Ele insistiu em reportagens meticulosas, texto rigoroso e altos padrões de edição.

Este livro não teria sido possível sem a direção de nosso chefe no *Globe*, Ben Bradlee Jr., gerente editorial de projetos. Ele supervisionou as reportagens do *Globe* e ajudou a conceber o projeto do livro, dirigindo-o com entusiasmo durante as fases de redação e edição.

Por fim, desejamos agradecer às vítimas do abuso sexual pelos clérigos, por sua dignidade e coragem, e por nos permitir contar suas histórias.

Matt Carroll, Kevin Cullen, Thomas Farragher, Stephen Kurkjian,
Michael Paulson, Sacha Pfeiffer, Michael Rezendes e Walter V. Robinson

Copyright © 2002 The Boston Globe
Copyright de introdução e posfácio © 2015 The Boston Globe
Copyright de prefácio © 2015 Tom McCarthy e Josh Singer
Copyright da tradução © 2016 Editora Nemo/Vestígio

Título original: *Betrayal – The Crisis in the Catholic Church*

Edição publicada em acordo com a Little, Brown, and Company, Nova York, NY, Estados Unidos. Todos os direitos reservados.

Todos os direitos reservados pela Editora Nemo. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

GERENTES EDITORIAIS

Arnaud Vin

Silvia Tocci Masini

EDITOR ASSISTENTE

Eduardo Soares

PREPARAÇÃO

Cristina Antunes

Nilce Xavier

REVISÃO

Carla Neves

Maria Theresa Tavares

ADAPTAÇÃO DA CAPA
Diogo Droschi

DIAGRAMAÇÃO
Carol Oliveira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil

Spotlight : segredos revelados / pela equipe investigativa do jornal The Boston Globe ; tradução de Antonio Carlos Vilela – 1. ed. – São Paulo : Vestígio, 2016.

Título original: Betrayal – The Crisis in the Catholic Church
Vários autores.
ISBN 978-85-8286-300-8

1. Literatura norte-americana 2. Igreja Católica – Clero 3. Igreja Católica – Disciplina 4. Reportagens Investigativas

16-01180

CDD-070.43

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura norte-americana : Jornalismo investigativo

A **vestígio** é uma editora do **Grupo Autêntica**



São Paulo

Av. Paulista, 2.073,
Conjunto Nacional, Horsa I
23º andar . Conj. 2301 .
Cerqueira César . 01311-940
São Paulo . SP
Tel.: (55 11) 3034 4468

Belo Horizonte

Rua Carlos Turner, 420 Silveira . 31140-520
Belo Horizonte . MG
Tel.: (55 31) 3465 4500

Rio de Janeiro

Rua Debret, 23, sala 401
Centro . 20030-080
Rio de Janeiro . RJ
Tel.: (55 21) 3179 1975

www.grupoautentica.com.br